

MEMORIALIDADES



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

Conselho Editorial

ALDA BRITO DA MOTTA (UFBA, BA)
BENEDITA EDINA DA SILVA LIMA CABRAL (UFMG, PB)
CARMEM MARIA ANDRADE (FAMES, RS)
ELIZABETE SALGADO DE SOUZA (UESC, BA)
EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS (UESC, BA)
GLORIA QUINAYAS MEDINA (UNIVERSIDAD DEL VALLE, COLOMBIA)
HORTÊNCIA MACIEL GAGO ARAUJO (UFMA, MA)
JESÚS BLAS VICENS VICH, UNIVERSIDAD BARCELONA, ESPAÑA)
JUAN MUELA RIBERA (UNIVERSIDAD A. DE BARCELONA, ESPAÑA)
JOELMA TEBALDI PINTO (UESC, BA)
JUSSARA RAUTH DA SILVA (SBGG, RS)
MARIA CONSUELO OLIVEIRA SANTOS (UESC)
MIRIAN BONHO CASARA (UCS, RS)
NOÊMIA LIMA SILVA (UFS, SE)
RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR (UESC, BA)
RUY DO CARMO PÓVOAS (UESC, BA)
SUZANA HÜBNER WOLFF (UNISINOS, RS)
VANIA BEATRIZ MERLOTTI HERÉDIA (UCS, RS)

Conselho Científico

EDITE LAGO DA SILVA SENA / EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS
ISABEL AURORA MARRACHINHO TONI / KATIA JANE CHAVES BERNARDO
MARIA LAURA DE OLIVEIRA GOMES / MARILENE BACELAR BOQUEIRO
MATHEUS SILVA D'ALENCAR / SAMUEL MACÉDO GUIMARÃES

Editores

RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR
EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS

ISSN 1808 8090

REVISTA SEMESTRAL PARA DIVULGAÇÃO
DE PESQUISAS, ENSAIOS, RELATOS
DE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE
INTERESSE DE IDOSOS E DE ESTUDIOSOS
DA TEMÁTICA DO ENVELHECIMENTO

MEMORIALIDADES

ANO 5, N.9, JAN/JUN. - N.10, JUL/DEZ., 2008

SOCIABILIDADES NA VELHICE

Organizadoras

Raimunda Silva d'Alencar

Vânia Beatriz Merlotti Heredia

Benedita Edina da Silva Lima Cabral



MEMORIALIDADES, Nº 9 E 10, JAN-DEZ 2008, P. 1-360.

©2008 by RAIMUNDA SILVA D' ALENCAR

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA

George Pellegrini

DIAGRAMAÇÃO

Álvaro Coelho

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Colagem digital sobre fotografia *Tree*, de Darktales

REVISÃO

Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memorialidades/Universidade Estadual de Santa Cruz.
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Ano 1, n. 1
(jan.2004). - Ilhéus:Editus, 2008.

Semestral

ISSN 1808-8090

1.Idosos - Periódicos. 2. Idosos - Condições Sociais -
Periódicos. 3. Gerontologia - Periódicos 4.Envelhecimento
- Periódicos. I. Universidade Estadual de Santa Cruz.Departa-
mento de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD - 362.6

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533

SUMÁRIO

DOSSIÊ: SOCIABILIDADES NA VELHICE

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS Vânia Herédia	09
EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: ROMPENDO AS FRONTEIRAS E OS LIMITES DA IDADE Célia Maria de Souza Sanches Vieira	27
A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS E VELHOS: A CUMPLICIDADE DO ENSINAR E DO APRENDER Laura Maria S. Mafra Lima	53
SOCIABILIDADE, ENVELHECIMENTO E TRABALHO INFORMAL Monique Borba Cerqueira.....	89
APOSENTADORIA: TEMPO DE ENVELHECER OU REVIVER? Carmen Maria Andrade.....	107
TROCANDO EXPERIÊNCIAS: O PAPEL DO GRUPO NA SOCIABILIDADE DO IDOSO DIABÉTICO Liane Moura Darwich.....	133
AS TEMPORALIDADES COTIDIANAS DA VELHICE: UM OLHAR/ESCUTAR A VIDA DIÁRIA Yolanda Tereza Gomes V. do Rosário Raimunda Silva d' Alencar	163

VELHICE E AUTONOMIA: A EXPERIÊNCIA COTIDIANA DE VIVER SÓ	
Keila Maia Cardoso	195
A SOCIABILIDADE COTIDIANA ENTRE O IDOSO E SEU CUIDADOR DOMICILIAR	
Priscilla Sousa Silva.....	225
O COTIDIANO DA VELHICE EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA	
Lucineide Xavier Nascimento.....	251
O DRAMA DA VELHICE E O PAPEL DA GRUPO DE CONVIVÊNCIA NA SOCIABILIDADE HUMANA	
Kadja Milena Oliveira Miguel Arturo Chamorro Vergara	279
RECONSTRUINDO A IDENTIDADE NA VELHICE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO	
Isabel Aurora Marrachinho Toni	303
EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL NO TREINAMENTO DE ESTIMULAÇÃO DA MEMÓRIA EM IDOSOS: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA APLICADA À NEUROCIÊNCIA	
Andréa de Souza Nunes Rafael Higashi.....	317
ENVELHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS	
Gabriel Azevêdo Costa Lima	331

EDITORIAL

A revista *Memorialidades* chega ao seu décimo número, trazendo quatorze artigos na sua composição como dossiê. Este dossiê, **SOCIABILIDADES NA VELHICE** objetiva evidenciar, analisar e discutir as muitas formas de sociabilidades (re) elaboradas por pessoas idosas nos seus espaços de vivência e de convivência, seja no trabalho, na família, na comunidade, no grupo. A proposta é compreender as estratégias de convivência que criam homens e mulheres idosos a partir das relações / interações estabelecidas nos mais diferentes espaços da existência.

Trata-se de tema de relevada importância nas questões que dizem respeito ao processo de envelhecimento e as diversas possibilidades que os idosos hoje possuem para enfrentar a sua velhice de forma saudável, ocupando seu tempo livre, entendendo situações que ocorrem consigo e escolhendo atividades para sua vida cotidiana.

Idosos ativos refletem as condições que passaram em períodos distintos de suas vidas e comprovam a necessidade de estar

atentos às oportunidades que a sociedade oferece. Com a longevidade, essas oportunidades são novas e remetem a um novo tempo. A Sociabilidade é uma dessas oportunidades que podem levar os idosos a usufruir à medida que crescem os números de famílias multigeracionais, os grupos de convivência, o envelhecimento ativo, as atividades educativas e a busca por maior participação na sociedade de pertencimento civil.

Raimunda Silva d' Alencar
Vânia Herédia
Benedita Edina da S. L. Cabral
Organizadoras deste número

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Vania Herédia¹

Resumo. O objetivo desta reflexão é trazer à tona a discussão do papel das instituições sociais e de como hoje elas enfrentam questões referentes ao envelhecimento humano. As instituições sociais são responsáveis pela manutenção e reprodução da sociedade, portanto a discussão sobre seus papéis implica em analisar a forma de como a sociedade está organizada. A disfuncionalidade das instituições reflete a crise pela qual a sociedade passa e as dificuldades que enfrenta para responder às necessidades coletivas.

Palavras-chave: envelhecimento; instituições sociais; velhice.

Abstract. The objective of this reflection is to bring up the discussion about the role of social institutions and how they are currently facing issues referring to human aging. Social institutions are responsible for the maintenance of society, therefore discussing its roles means to analyze the way society is organized and what is going on in these institutions. Dysfunctionality in some of these institutions reflects the crisis society is undergoing, and the di-

¹ Doutora em História Social pela Universidade de Genova. Professora Titular do Departamento de Sociologia e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora do Projeto Brasil Latino financiado pela Fondazione Cassamarca Treviso.

fficulties it faces to respond to collective needs.

Key words: aging; social institutions; old age.

INTRODUÇÃO

É no século XX que o tema envelhecimento assume uma nova configuração, no que diz respeito ao campo teórico da delimitação dos períodos da vida humana. Essa produção conceitual, conforme coloca Birman (1995, p.30), “é regulada por valores e por representações sociais que definem as condições históricas de possibilidades de seus enunciados”. A perspectiva epistemológica que se estruturou na gnoseologia e na história da cultura, no século XX, ressignificou conceitos e trouxe à tona a questão da velhice, sob um olhar que implicava mudança de paradigmas à sua explicação.

Essa fundamentação ultrapassou o paradigma científico-biológico evolucionista do século XVIII e XIX, que vigorara para sustentar a visão do envelhecimento do homem, e agregou a essa explicação uma visão histórica e filosófica, demonstrando que a existência humana impunha uma ampliação na representação, não apenas pela visão biológica, mas por uma nova dimensão de tempo e de história

Esse contexto, marcado pelo limiar da modernidade, instigou a sociedade e suas insti-

tuições a repensarem o projeto para enfrentar a questão do envelhecimento. A transformação radical das condições históricas que afetaram a sociedade, ao longo do século XIX e XX, impôs ao Estado, por meio de seus governos, a necessidade de formular políticas que pudessem integrar o ser humano nesse novo olhar, sustentado na busca de qualidade de vida à população.

Essa necessidade recoloca no cenário as instituições sociais: a instituição política do Estado, como formulador de políticas sociais, que pensa as demandas sociais; a instituição educação, pela sua função social de produtora de conhecimento e formadora de homens, que possam pensar a humanidade, a instituição família que, como grupo primário, tem como função básica atender às necessidades de seus membros e é responsável pela criação, manutenção e reprodução do próprio grupo.

2. AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Pode-se partir do princípio de que cada sociedade criou formas culturalmente próprias de atender as funções básicas, para garantir a sobrevivência de seus membros e colocou assim as bases para um código moral e ético. Esses modos habituais de agir, pensar e sentir, quando aceitos pelo grupo e considerados

imprescindíveis para a vida coletiva, geram instituições que acabam sendo formas legítimas para a solução das necessidades individuais do ser humano pela ação coletiva.

Dessa forma, as instituições sociais são as “maneiras fixas de agir, de pensar e de sentir” (Durkhéim, 1973, p.391) que o grupo estabelece como fundamental para a sua manutenção e são inseridas gradativamente na sociedade pela socialização. De simples modos de agir, de pensar e de sentir, tornam-se hábitos sociais e acabam se transformando em regras, e sua institucionalização ocorre quando a sociedade acredita que não pode viver sem elas. A imposição a todos, para o entendimento da sua importância, mostra a força da instituição. No fundo, a sociedade criou esses alicerces para garantir sua reprodução. As instituições sociais representam as respostas formalizadas e sancionadas às exigências da vida coletiva.

Durkhéim utiliza o exemplo da educação das crianças para mostrar a força da instituição na constituição da consciência coletiva de uma sociedade. Ele mostra em seu raciocínio que:

[...] a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. Desde os primeiros tempos de sua vida a criança é coagida a comer, a dormir, a beber em horas regulares. É coagida à limpeza,

à calma, à obediência, mais tarde é coagida a ter em conta os outros, a respeitar os usos, as conveniências, a trabalhar, etc. Se com o tempo essa coação deixa de ser sentida, é porque fez nascer hábitos e tendências internas, que foram aceitas. O objetivo destas imposições é criar o ser social e esta coação permanente exercida sobre a criança é a pressão do meio social que tende a moldá-la à sua imagem e da qual os pais e professores não passam de representantes e de intermediários (DURKHÉIM, 1973, p.391).

A passagem do modo de ser para hábitos e posteriormente para regras mostra a força oculta que está presente no modo de ser, e à medida em que o indivíduo aceita as regras, essa força não aparece na regra, mas, à medida que o indivíduo resiste, ela se reveste de um poder coercitivo que leva o indivíduo a aceitá-la sob pena de sofrer sanções.

Sem dúvida, o constrangimento da consciência coletiva não é geralmente sentido pelos membros do grupo, porque, ao absorverem e assimilarem a consciência coletiva, principalmente através da educação recebida, transformam-na em sua própria consciência. Por outro lado, quanto mais forte a consciência coletiva, maior a indignação com o rompimento da regra, contra a violação do imperativo social.

O raciocínio que Durkhéim (1973, p.391) utiliza, para demonstrar a formação da cons-

ciência coletiva no indivíduo, é simples, porque ele mostra a maneira como os seres humanos são socializados para entrarem no sistema e mostra, mais, que o sistema existe independentemente do indivíduo, porque já existia antes de seu nascimento. Ele afirma que a consciência coletiva é formada pelo conjunto de “maneiras de agir, de pensar e de sentir” que compõem a herança comum de uma sociedade. Essa consciência foi estabelecida ao longo da História, transmitida de geração a geração, aceita e praticada pelos membros da sociedade, e são esses membros que podem mudar os papéis sociais das instituições. São como ‘grandes blocos de experiências’ (HERSKOVITS, 1973, p.9) que o homem, ao ocupar um lugar no mundo, constrói: a língua, a busca de alimentos, o vestuário, a habitação, o fazer, as trocas econômicas, o dinheiro, a poesia, a dança, o drama, a religião, a mitologia, a sociedade. Pode-se deduzir que certas uniformidades culturais nascem das semelhanças nas situações em que os seres humanos têm que enfrentar e que acabam criando formas comuns de resolver situações básicas. Essa universalidade dos princípios gerais das culturas se baseia na idéia de que as semelhanças entre as instituições de diferentes culturas devem atribuir-se às capacidades similares de todos os homens. Se todas as culturas têm o mesmo gênero de estruturas, significa que todas estão construídas por elementos que compreendem

formas padronizadas de viver.

Porém devem enfrentar o constrangimento que é a força social que rege e regula a existência dessas regras em nome do consenso. Durkhéim (1973) pergunta: como pode um grupo de indivíduos constituir uma sociedade? Como se chega a essa condição da existência social que é o consenso? A resposta que dá é que a condição da existência da sociedade exige a presença da solidariedade, seja pela semelhança, seja pela diferença. A solidariedade é o sentimento que une os indivíduos e os diferencia. Logo, a semelhança e a diferença são formas de organização social que dão condições à existência humana.

A função educativa das instituições sociais, especialmente dos grupos como a família, os grupos de amizade, a escola, tem papel importante, pois são elementos de coesão e solidariedade social, e condição de manutenção dos próprios grupos. Todas as instituições sociais que organizam a conduta humana contribuem para formar nas gerações que seguem os padrões de conduta aceitos e tornam possível a coesão e a continuidade das culturas. As instituições sociais são fatores decisivos de influência na vida do grupo, uma vez que fornecem os mecanismos para a regulamentação da conduta e são os elos de integração do indivíduo na sociedade.

Pode-se, portanto, afirmar que a sociedade cria formas culturais para responder às

necessidades básicas dos indivíduos e institucionaliza essas formas para ter garantias de seus resultados, como condição *sine qua non* para a existência das relações entre os grupos sociais.

Entretanto, o que acontece com as instituições quando elas não cumprem mais as funções pelas quais foram criadas?

Para responder a essa questão, pode-se dizer que não existem sociedades sem instituições sociais. O enfraquecimento delas aponta para a necessidade de rever os princípios pelos quais foram criadas, sem abrir mão do foco que elas devem responder socialmente às necessidades que os indivíduos possuem. A análise de suas formas implica a análise de suas funções, e aqui pode começar a reflexão proposta, deixando claro que a forma como hoje as instituições lidam com a *questão do envelhecimento* revela a ausência, por parte de várias delas, do conhecimento desses princípios. Tanto a família quanto o Estado, ou mesmo aquelas instituições que foram criadas para manter a sociedade em ordem, indicam que as mudanças sofridas por essas instituições impõem uma avaliação e um repensar das práticas que estão implícitas à sua manutenção.

É o caso da família moderna, que segundo Beltrão (1973, p.21), não tem conseguido responder adequadamente às necessidades pela qual foi criada e repassa suas funções a ou-

tras instituições, esperando que as mesmas cumpram os papéis a ela designados, como se estivessem ainda no âmbito familiar. As funções sociais que a mantiveram integrada por séculos são questionadas. A função sexual, a reprodutiva, a econômica, a cultural, a integrativa, a protetora, são funções que a família sempre assumiu e que, nas últimas décadas, tem enfrentado problemas para atendê-las, buscando como solução o repasse dessas funções para outras instituições sociais. Constata-se, portanto, a transformação que sofre a instituição família, e sua disfuncionalidade chama a atenção para a questão do idoso, que não conta mais com a sua disponibilidade, dando maior visibilidade social ao problema, já que, no envelhecimento, a família tem um papel fundamental no cuidado de seus membros. Por outro lado, a reprodução do modelo de família nuclear tem sido duramente revisto, “uma vez que as pessoas não se casam mais como antes, ou então quando se casam, evitam a produção de filhos” (BIRMAN, 1995, p.37). Essa constatação afeta o modelo que vigorou nos últimos 40 anos, quando o número de filhos ficou cada vez mais reduzido, as relações sociais mais instáveis e houve o predomínio de uma ética cada vez mais individualista. Essas alterações afetam conseqüentemente o cuidado dos mais velhos. Nesse exemplo, pode-se discutir a situação que muitos idosos hoje

enfrentam quando a família de origem não tem condições de cuidá-los e quando transfere essa tarefa às instituições asilares. A família tem sido a instituição social de maior ajuda para as pessoas de mais idade, apesar da mudança que vem enfrentando em sua estrutura e em suas funções. Esse exemplo é apenas uma forma de chamar a atenção para a disfuncionalidade das instituições, quando estas aceitam a transferência das regras institucionais e, com o passar do tempo, a mudança dessas regras ou seu desaparecimento. Portanto, a mudança nas instituições sociais ocorre quando as funções que as caracterizam não conseguem mais cumprir seus objetivos e, conseqüentemente, manter a ordem.

A perda do controle das funções institucionais é a prova da necessidade de mudança nas instituições. Porém, é lógico que elas resistem às transformações. Para aceitá-las, isso implica uma nova postura que permita ao homem enxergar a realidade com novos significados. Tem-se ciência de que as instituições sociais estão ligadas a sistemas de valores, já que cada sociedade cria seus próprios valores. E, para entendê-las ou modificá-las é importante rever esse sistema, que é a referência do grupo. Birman (1973, p.37) refere que “a tradição do ocidente forjou diferentes representações da velhice no seu percurso histórico. A cristalização dos conceitos se funda num campo de valores, implicando então numa ética, em uma política

e em uma estética da existência”.

A leitura feita sobre o homem não é mais a mesma em décadas anteriores. A mudança na leitura não se deve apenas aos avanços tecnológicos e ao desenvolvimento econômico da sociedade, mas, principalmente, à modificação de valores que ocuparam espaços essenciais no desenvolvimento humano, tanto para a juventude, para a maturidade quanto para a velhice.

“Se foram os valores que definiram os eixos antropológicos para representar o percurso da história biológica e psicológica dos indivíduos, foram também valores outros que remodelaram progressivamente as imagens dos períodos etários das últimas décadas.” (BIRMAN, apud Veras, 1995, p.37). O que está em pauta é esse momento de transição entre uma imagem de velho, sustentada em paradigmas que foram estruturados no passado para explicar o ser humano nos limites da própria ciência e a nova imagem que impõe ultrapassar a leitura realizada por muitas e muitas décadas e que exige da sociedade e de suas instituições um novo fôlego para analisar essa problemática.

Portanto, sair do conceito de velhice, marcado por traços de filantropia e construir uma nova imagem passou a ser um desafio para os estudiosos desse período. A tarefa de ressignificar a imagem cristalizada e instituída ao envelhecimento pela sociedade, propondo

uma leitura que partisse das condições históricas do ser humano e de suas potencialidades, está sendo um movimento relativamente recente de transformação, o qual algumas instituições sociais encabeçaram, nessas últimas décadas, por meio de estudos, como forma de acompanhar as mudanças culturais que o mundo vem sofrendo.

Dessa maneira, torna-se necessária a desconstrução do conceito de velhice, presente na tradição cultural do Ocidente, impregnado de atributos negativos, que ocultaram por alguns séculos a capacidade criativa do ser humano de responder à vida. Essa desconstrução envolve necessariamente transformações radicais nas relações estabelecidas pela sociedade com a velhice, porque exige das instituições sociais uma resposta diferenciada das que estaria preparada para dar, já que envolve modificações nas funções sociais por ela até então garantida.

A mudança no paradigma cultural impõe uma reflexão nos valores humanistas que estiveram presentes no projeto de construção da sociedade moderna, mas que, na realidade, não conseguiram transformar o ideário desse projeto numa prática social de valorização do ser humano. Portanto, mesmo que seja evidente a necessidade de uma nova visão para enfrentar essa problemática, o delineamento do problema está posto.

Para tratar o processo de envelhecimento

a partir das instituições sociais, torna-se essencial questionar se a crise deriva da mudança das necessidades básicas. Essas indagações conduzem à reflexão de que as instituições sociais são obras dos homens e que, à medida em que as criaram, acabaram perdendo o controle da sua criação e, conseqüentemente, a perda da sabedoria que elas representaram na História da humanidade.

Muitos autores justificam a existência das instituições pelo fato de que são elas que respondem às necessidades dos indivíduos, como já foi dito anteriormente. Porém, quando se chega na fase em que o homem não tem mais condições de criar os filhos, de cuidar de seus velhos, de proteger o seu grupo, de garantir o mínimo necessário para a sua sobrevivência, de se responsabilizar pela transmissão dos valores, de respeitar a sua própria história e seus limites, é importante parar para avaliar se a trajetória foi válida e se o caminho é esse mesmo e por que essa sociedade moderna fracassou. Quais foram os alicerces desse projeto e por que o homem ficou aprisionado em alguns valores em detrimento de outros? Por que se deixou levar pela pressão do desenvolvimento econômico e perdeu de vista a riqueza e preciosidade da sua própria vida? A ilusão do projeto de modernidade da sociedade contemporânea conduziu-o para o abismo das contradições entre o ter e o ser e não lhe deu alternativas de escolha.

O homem criou as condições de seu envelhecimento social e quando pensou que seria importante dar garantias ao cidadão da saída do mundo do trabalho, não tinha a dimensão de que essa norma representaria o momento de ruptura total entre a inclusão e a exclusão. Mesmo que não quisesse vestir essa roupa-gem negativa em seu conjunto, a sociedade se habituou a ressaltar os aspectos críticos acerca da manutenção do idoso, pois deixou de valorizar o que ele poderia oferecer, ou seja, sua experiência. Somente o tempo constrói a experiência, e ela produz um acervo de idéias, recordações e vivências que podem auxiliar os mais jovens a enriquecer sua vida.

A experiência do homem na sua caminhada histórica não pode ser descartada pela sociedade. A maturidade e a sabedoria, construídas pelas vivências humanas, são uma fonte de conhecimento e de reconhecimento. O homem no momento que reconhece a preciosidade da vida torna-se consciente de seu papel no mundo, do que foi, do que é e do que será. A consciência o torna diferente e faz com que veja o mundo de forma diferente.

Na introdução da obra clássica sobre o envelhecimento, de Beauvoir (1990, p.7), há uma citação sobre o Príncipe Sidarta, antes de se iluminar, que compara o envelhecimento à doença, à ignorância e à fraqueza.

Encerrado por seu próprio pai num magní-

fico palácio, escapuliu diversas vezes para passear de carruagem nas redondezas. Na primeira saída encontrou um homem enfermo, desdentado, todo enrugado, encanecido, curvado, todo apoiado numa bengala, titubeante e trêmulo. Espantou-se, e o cocheiro lhe explicou o que era um velho: — “Que tristeza — exclamou — o príncipe que os seres fracos e ignorantes, embriagados pelo orgulho próprio da juventude, não vejam a velhice! Voltemos logo para casa. De que servem os jogos e as alegrias, se eu sou a morada da futura velhice? [...] Não é num instante que o homem fica velho, quando jovem não pensa, como Buda, que já somos habitados pela nossa futura velhice. Ela está separada de nós por um tempo tão longo que, aos nossos olhos, confunde-se com a eternidade, e dessa forma nos parece irreal.

Esse pensamento é uma demonstração de que, para preparar o ser humano para o processo de envelhecimento, é necessário aceitar a idéia de envelhecer. É como diz Beauvoir (1990), “quebrar a conspiração do silêncio e enfrentar a atitude ambígua pela qual a sociedade trata os velhos”.

O olhar para o envelhecimento social pode ser carregado de mensagens positivas quando existe a preparação para enfrentar essas situações. Em algumas culturas, a velhice é vista como um problema e especialmente como uma carga à sociedade e as suas instituições; porém, historicamente existiram civilizações em que ocorreu o contrário. Por exemplo, o povo

judeu é conhecido pelo respeito de que cercou a velhice. O valor atribuído à longevidade é considerado a suprema recompensa da virtude. Os chineses também reconheciam a velhice, pois provinham de uma civilização que se preocupava com a sobrevivência de seu povo mais que com a sua própria evolução. Nas sociedades tribais e camponesas, o velho tinha papéis bem definidos, de transmissão de costumes, e os anciãos, funções básicas de gestão da organização social. Em algumas delas, o idoso era respeitado pela sua utilidade, uma vez que o saber é produzido pela sua tradição oral. Sabe-se da existência de lendas que protegem a velhice através de deuses que são representados como velhos cheios de sabedoria e vigor. A memória do idoso representava a continuidade do grupo. Portanto, o que aconteceu com a sociedade ocidental, ao perder o fio condutor, integrando os ciclos de vida e valorizando apenas a produção material da sociedade? A vitória desse modelo incluiu a perda de valores significativos do ser humano ao substituir a experiência pela sabedoria e ao deixar o predomínio da economia frente aos demais valores necessários à integridade do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das instituições sociais pode trazer à tona a rediscussão dos papéis por elas

assumidos e das dificuldades que as mesmas enfrentam para responder as exigências estabelecidas socialmente. A família, a educação, o Estado são instituições que podem auxiliar a discussão sobre o envelhecimento e as estratégias que a sociedade precisa criar para enfrentar as questões derivadas desse processo. As modificações frente ao paradigma social já apresentam indícios de mudanças uma vez que a sociedade envelhece e precisa responder às questões de seu envelhecimento. Entender a velhice como parte de uma caminhada que se constrói dinamicamente e que não acontece de forma isolada, faz parte do homem e da sua integração no e com o mundo. É importante estar atento à natureza humana, sem fugir das responsabilidades que ela traz e dos limites que impõe, marcados pela temporalidade e pela história. Se houver a aceitação dos limites como seres humanos e da condição de finitude, será possível perceber a riqueza da existência e das transformações que fazem parte desse processo, para dar um real sentido a essa caminhada que se chama vida, da qual o envelhecimento faz parte como um processo natural.

A descoberta dos valores humanos pode trazer ao homem um novo sentido às suas experiências, permitindo abrir as portas à sua valorização. Transformar essa descoberta em conhecimento é a possibilidade de reconhecer suas condições de homem, para usufruir

VANIA HERÉDIA

da liberdade e da felicidade. É reconhecer a vida como sua verdadeira essência.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

BELTRÃO, Pedro. *Sociologia da Família Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DURKHÉIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

HERÉDIA, Antônio Carlos Guimarães. *Ser imigrante no universo da vida*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

HERSKOVITS, Melville. *Antropologia Cultural*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.v.1

Recebido em julho de 2008
Aprovado em outubro de 2008

EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO: ROMPENDO AS FRONTEIRAS E OS LIMITES DA IDADE

Celia Maria de Souza Sanches Vieira¹

Resumo. Este trabalho aborda a educação para os idosos com o objetivo de legitimar sua identidade cultural, participação democrática, cidadania e desenvolvimento social. Nas rápidas transformações que caracterizam a atual sociedade do conhecimento, o uso progressivo de novos e inovadores meios de comunicação faz com que as exigências, em termos de educação, estejam em expansão constante. A pesquisa bibliográfica nesse contexto significa um conectar-se constante e atualizado com a vida, ampliando contextos e percepções sobre os mais diversos cenários vivenciais e os acontecimentos ao seu redor. Entendem os autores que a educação promove o acesso a informações e culturas diversificadas que atendam a uma educação contínua para a pessoa idosa, rompendo as fronteiras e os limites da idade.

Palavras-chave: Educação permanente, pessoa idosa, autonomia

¹ Coordenadora Pedagógica da Universidade Aberta da Terceira Idade/Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UnATI/UERJ, Gerontóloga - Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia-SBGG, Mestre em Ciências Pedagógicas - Instituto Superior de Estudos Pedagógicos- ISEP. E-mail: sanches_celia@yahoo.com.br

Abstract. This study looks at education for aged people as a goal to legitimize their cultural identity, democratic participation, citizenship and social development. Through the quick changes that characterize the current knowledge society, the progressive use of new and innovative means of communication acts as if the requirements, concerning education, were in constant expansion. In this context, education denotes a continuous and updated connection with life, extending contexts and perceptions in regard to different experience settings and events that surround them. We then perceive that education promotes access to information and diverse cultural backgrounds that lead to a continuing education for the aged people, crossing the boundaries and the limits of age.

Keywords: Permanent education, old people, autonomy.

INTRODUÇÃO

A situação educacional é um dos indicadores primordiais na caracterização do perfil socioeconômico da população. No caso da população idosa, o indicador *alfabetização* é considerado um termômetro das políticas educacionais do passado.

No Brasil, nas décadas de 1930 e de 1940, até meados dos anos 50, as características da sociedade e as políticas de educação restringiam o antigo curso primário, hoje ensino fundamental, a segmentos sociais específicos.

Reflexo desse acesso desigual é o baixo índice médio de escolaridade observado na população idosa – principalmente das mulheres. Em 2000, a média de anos de estudo dos idosos responsáveis por domicílio era de apenas 3,4 anos para os homens e 3,1 para as mulheres, sendo de 64,8% o percentual de pessoas idosas alfabetizadas em 2000 (IBGE, 2000, p.21). Esse status de alfabetizado proporciona à pessoa idosa a oportunidade para sua inclusão (e emancipação) em relação à sociedade, possibilitando uma melhor qualidade de vida.

De acordo com Both (2001), o educador não pode se furtar a conhecer as peculiaridades do ciclo de vida longo. Assim sendo, ele pode proporcionar ao idoso um ensino adequado às suas necessidades e interesses, integrando no seu projeto educativo as virtudes direcionadas à longevidade, contribuindo, dentre outros aspectos, para uma vida mais saudável e agradável do discente.

A pedagogia voltada para a qualidade de vida possui um conjunto de atitudes e de valores que o educador deverá estimular para beneficiar a vida de seu educando, individualmente e em relação à sua comunidade envolvendo, também, a conscientização em relação ao meio ambiente. O aluno idoso em processo de alfabetização, passa a desenvolver melhor sua capacidade de organizar o pensamento e de compreender seu espaço vivencial, identificando situações-problemas

de sua relação com a coletividade, ampliando seus conhecimentos e sentindo-se mais seguro na vida em sociedade. Dessa maneira,

toda a vida do homem se faz em educação e por educação. A civilização material retrata-se na educação, que perpassa toda a sua vida social. Vida é, com efeito, comunicação entre os homens. E comunicar é educar-se”. (TEIXEIRA, 2000, p. 111).

A redução do analfabetismo é resultado de programas públicos e privados de alfabetização. A escolaridade da população idosa no Brasil é considerada baixa e esse resultado decorre de um “efeito coorte”² e indica os baixos níveis educacionais vigentes no país.

Até meados da década de 50, a reduzida escolarização da população não era considerada como fator limitador do desenvolvimento; ao contrário, era plenamente aceitável pelo modelo econômico, industrial e tecnológico do País. Nesse modelo, a competitividade nacional baseava-se nos recursos naturais e no custo reduzido da força de trabalho pouco qualificada. Em uma organização/empresa, as tarefas e funções eram simplificadas, fragmentadas e grande parte delas não de-

2 Efeitos coortes decorrem do fato de pessoas nascidas em um mesmo intervalo de tempo vivenciarem acontecimentos diversos, atuando de maneira diferente de grupos nascidos em outras épocas. Cada um desses grupos é denominado de coorte.

mandava escolaridade formal e, de maneira geral, ser analfabeto não representava entrave de monta para a obtenção de emprego na área industrial ou no setor terciário.

2. O IDOSO E A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO

Atualmente, entende-se que o analfabetismo compromete o futuro de um país, sendo que a exclusão econômica e social que dele decorre é um fato evidente, que interfere e limita a formação integral do cidadão, repercutindo negativamente na construção de sua identidade cultural, de sua consciência de cidadania e de seu crescimento como ser humano.

A partir da década de 1990, a educação básica tornou-se exigência nacional para toda a população e não apenas para a parcela considerada economicamente ativa, conforme os padrões tradicionais anteriores, passando a ser requerida como condição mínima para fazer frente à realidade social e do trabalho.

Entre os anos de 1989 e 1990, alguns estados brasileiros iniciaram programas educacionais para atender a população de jovens e adultos com idade superior a 14 anos. De uma maneira geral, esses programas objetivavam erradicar o analfabetismo criando oportunidade de aprendizagem, em especial, para o chefe da família, visto estar concentrado nele os estímulos em relação ao ambiente cultural dos

demais membros da família. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) a participação de mulheres usuárias dos serviços ofertados pelo sistema educacional à população adulta mostra-se bastante efetiva, cabendo mencionar o aumento observado no número de mulheres jovens e adultas alfabetizadas. Se até 1991 a população feminina era menos alfabetizada que a masculina, em 1999 essa distribuição é alterada, mostrando que 50,5% das mulheres idosas estão alfabetizadas contra 49,5% dos homens nessa faixa etária. Outro dado importante é que a maior parcela desse contingente de mulheres se concentra na faixa dos 60 anos (totalizam 8 milhões no País), correspondendo a 55,1 % do total de idosos (IBGE, 2000)

Segundo destacado por Almeida (1999, p. 36), a respeito da tradição educacional feminina,

desde o século passado, a educação das meninas no Brasil destacava-se quase que exclusivamente pelas prendas domésticas e primeiras letras. No caso das meninas das camadas populares, na análise dos relatórios das professoras públicas no século XIX, há claras referências à pobreza das alunas e ao parco ensino a elas ministrado. Os pais dessas meninas, não raro, opunham-se a um tipo de instrução que ultrapassasse o socialmente aceito. (...) Entendem [os pais] que não devem com-

pletar a educação de suas filhas, dizendo que não as querem para professora. Educar essas jovens significava ensinar corte e costura, pois ler e escrever pouco lhes valeriam no futuro.

A alfabetização possibilita ao indivíduo a aquisição de conhecimentos necessários à sua inserção social, tornando-o um sujeito autônomo e ativo em relação à realidade em que está inserido. A velhice, sem esses requisitos, pode representar abandono e ausência de comunicação e, em consequência, de relevância social do ser que envelhece (Both, 2001).

No Brasil, o número de idosos(as) tende a dobrar nos próximos vinte anos, devendo atingir o patamar de 30 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. Isto significa que 13% da população será constituída de idosos, percentual que, se em 1991 era de 7,3%, em 2000 se eleva para 8,6%, correspondendo a 14.536.029 de brasileiros nessa faixa etária. (IBGE, 2000, p. 12-13)

Ainda de acordo com o IBGE, o número de idosos(as) vem crescendo com mais rapidez que o de crianças: se em 1980, existiam 16 idosos para 100 crianças, em 2000 essa relação praticamente duplicou, passando a cerca de 30 idosos para 100 crianças. É possível observar, também, que vem sendo progressivo o aumento do número de pessoas com 75 anos ou mais, grupo etário que teve o maior crescimento relativo (49,3%) nos últimos dez

anos, na comparação com o total da população idosa, evidenciando que o Brasil segue a tendência mundial de envelhecimento crescente de sua população.

Em relação a dados estatísticos da população idosa, em termos mundiais, cabe destacar que existe

o reconhecimento de que o aumento da expectativa de vida é um fenômeno cujas conseqüências sobre a vida das sociedades serão consideráveis. O número de pessoas com mais de sessenta anos, no ano 2000, representará em torno de 10% da população mundial, sendo que 213 milhões viverão nos países em vias de desenvolvimento. Chamam a atenção para inúmeras implicações de ordem educacional, dentre outras, que decorrerão desse fenômeno e para a necessidade de se pensar sobre ele, preparando ações não só no sentido de melhorar suas condições de existência como de beneficiar as sociedades a que elas pertencem (PALMA, 2000, p. 44).

Documento da Unesco sobre a Educação para o Século XXI (apud PALMA, 2000, p. 43) também alerta que a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, na medida em que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. O mesmo texto sinaliza para a necessidade de repensar a importância e a abrangência da educação permanente, posto que ela deve ser

dirigida às necessidades das sociedades modernas, não pode continuar a se definir em relação a um período particular da vida, mas deve-se aprender ao longo de toda a vida, e uns saberes penetram e enriquecem os outros (Ibidem).

Entende-se, portanto, que a educação é um processo libertador, que amplia o conhecimento a quem tem capacidade de assimilá-lo, possibilitando reflexão e questionamento do mundo que cerca o ser humano. Negar educação para o contingente da população que envelhece representa reprimir sua capacidade de ver o mundo e compreendê-lo de forma significativa.

3. METODOLOGIA ESPECIAL PARA EDUCAÇÃO PERMANENTE

O prolongamento da vida gera novas responsabilidades sociais, culturais e educacionais, que exigem novas relações de poder, mudanças sobre o entendimento da condição humana diante do envelhecimento das populações e, principalmente, da diversificação de oportunidades institucionais. O existir contemporâneo obriga a que as universidades, as empresas, os poderes públicos (em especial o Legislativo e o Executivo) passem a adotar e a assumir um posicionamento diferente diante do fenômeno da longevidade:

Os currículos, a aposentadoria, as leis para os idosos, os programas de saúde, a oportunidade de educação permanente, o lazer comunitário não podem permanecer os mesmos, uma vez que os clientes sociais apresentam novas demandas (BOTH,1999, p. 15).

Dessa maneira, a Gerontogogia³, que exerce papel importante na educação daqueles que envelhecem, favorecendo a opção na escolha de suas atividades, é

um espaço educacional privilegiado para o encaminhamento de suposições de ações, cujos objetivos buscam adequar as representações e oportunidades sociais às exigências da qualidade de vida, em todos os períodos. (...) É na meia-idade que a Gerontogogia inicia sua vocação específica, na promoção do desenvolvimento tardio (Ibidem, p. 33 e 35).

A educação permanente significa oportunidade de aprendizagens contínuas, objetivando atender as necessidades do ser humano de interagir e de aprimorar o saber. Ela é um dos temas que, por sua relevância e alcance no momento contemporâneo, tem motivado particular atenção de educadores e de estudiosos no assunto.

3 Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, "Gerontogogia é o estudo dos fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais relacionados ao envelhecimento do ser humano."

A essência da educação permanente reside no postulado de que todo indivíduo é um ser inacabado, em constante transformação e reformulação, parte integrante de uma sociedade em mudança, da qual é, ao mesmo tempo, criador e criatura. A ação de educar, ou de educar-se, era centrada com maior ênfase no período compreendido entre a infância e a adolescência, os denominados “anos formativos”, caracterizados como a fase de aquisição e de elaboração do conhecimento. A educação permanente rompe com esse conceito que pré-estabelece o tempo de aprendizagem, fazendo com que passe a ser entendida como um processo que não se conclui nunca, estendendo-se por toda a existência da pessoa. (Claparède *apud* Villas Boas, 1982, p. 5)

A educação permanente é baseada na noção de um currículo flexível, organizado para atender a mudanças de interesses e de necessidades de qualquer pessoa ou grupo social, oferecendo oportunidades de entrada e de saída no sistema de ensino em diferentes momentos, com menos ênfase em diplomas e certificados como pré-requisitos para inclusão e participação em atividades educativas.

Na ótica da educação permanente, professor e aluno encontram-se em processo de maturação e aprendizagem constantes e, ainda que o professor, em muitos aspectos, esteja em um estágio intelectual mais avançado, tal fato não restringe as possibilidades de apren-

der cada vez mais. Em se tratando de educação de idoso, deve-se incentivar e estabelecer a troca de experiências entre os próprios alunos pois, dentre outros motivos, com frequência eles possuem uma experiência maior do que a do professor em determinados assuntos, seja pela vivência acumulada seja pela dedicação, por longos anos, ao exercício de cada atividade. Essa forma de educar possibilita “*relações generosas consigo mesmo, com os outros, com o ambiente e a natureza durante toda a extensão de vida*”. (Both, 2001, p. 129)

É uma educação que visa garantir, em última instância, a autonomia das pessoas, facilitando e enriquecendo as relações sociais, além de promover uma efetiva inserção social, estimulando, ao mesmo tempo, a assunção de responsabilidades e o gosto de criar. (SCHWARTZ *apud* GADOTTI, 2001, p. 285).

A constituição mental dos mais velhos passa pela consideração da linguagem construída ao longo da vida. A qualidade de vida entre as pessoas idosas é garantida quando existem trocas em torno daquilo que a coletividade, na qual estes se inserem, se propõe a fazer. É fato que muitas pessoas que deixam de pertencer e atuar no “mundo do trabalho”, por causa da aposentadoria, sentem tanto os efeitos desse afastamento que desenvolvem doenças somáticas, apenas porque deixaram de sonhar e de trocar experiências com outras pessoas. Uma sala de aula, portanto, pode ser um bom lu-

gar para aproximar e melhorar a qualidade de vida de todos aqueles que querem aprender, considerando que *“a grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo”*. (TEIXEIRA, 2000, p. 13).

Vale ressaltar o quanto não é saudável, para ninguém, ficar fora de um grupo familiar ou profissional, isolando-se, já que as pessoas sonham, sentem, pensam e operam juntas. Na esfera educacional, as relações interpessoais ocorrem favoravelmente quando a metodologia de aprendizagem compromete os alunos e os torna cúmplices dos objetivos a serem alcançados. Implica, portanto, uma busca realizada pelo homem, enquanto sujeito de sua própria educação e não como objeto dela. Esta procura, se solitária, poderia vir a traduzir-se em um “ter mais”, que é uma forma de “ser menos”, motivo pelo qual deve ser feita em comunhão com outras pessoas que também procuram “ser mais”, de maneira partilhada e solidária, com respeito mútuo, sem a preocupação de impor um pensamento dominante, para evitar o risco de ocorrer uma *“coisificação de consciências”*. (Freire, 1997, p. 28).

A educação tem caráter permanente porque todos estamos nos educando constantemente, pois o homem é um ser inacabado, incompleto, não tem o conhecimento absoluto de tudo que o cerca. O saber se constrói por meio de uma superação constante. Todo saber

humano tem, em si, o testemunho do novo saber que já se anuncia e todo saber traz consigo sua própria superação, pois não há saber nem ignorância absolutos, há somente um relativismo dinâmico entre o estado do saber e o da ignorância. Essa é uma das razões porque o professor não deve se colocar em posição de superioridade em seu trabalho de ensinar, mas na posição daqueles que comunicam um saber relativo. (*Ibidem*, p.29)

A educação permanente visa preparar o indivíduo para enfrentar um mundo em constante mutação, capacitando-o a desempenhar novas funções requeridas pela sociedade, a interagir no campo profissional e social, dialogando com as diferentes gerações, entendendo sua linguagem. E, ainda, a incentivar o indivíduo a assumir sua auto-educação, utilizando os meios postos à sua disposição para um aperfeiçoamento contínuo e, inclusive, valendo-se dos momentos de lazer para enriquecer-se culturalmente. Uma educação que contribua para tornar as pessoas, nas diferentes fases da vida, mais felizes e realizadas. (COLLET, 1976, p. 16). No futuro, a maior parte da educação terá lugar fora do espaço escolar, em local e hora da própria escolha do indivíduo, com o aluno sendo liberado das restrições impostas pela sala de aula em virtude da possibilidade do estudo rotineiro em bibliotecas e laboratórios, juntamente com o hábito de frequentar museus,

teatros e cinemas, além do acesso, do manuseio e da obtenção de informações e de dados por meio eletrônico, com ênfase para o que atualmente é oferecido pela *Internet*.

No caso da pessoa idosa, esta deve ser capaz de saber construir a sua própria educação. Para que isto venha a ocorrer, o currículo deve promover oportunidades para que o indivíduo aprenda, principalmente, a ler, ouvir, observar, expressar-se e adquirir técnicas para obter informações e criar novas idéias e soluções para problemas. A educação permanente poderá se constituir em um importante espaço de reeducação, de democratização e de desenvolvimento da cidadania, bem como das ciências populares e de outras práticas sociais na educação de adultos, pois *“oferece uma metodologia especial que deverá ser estudada para atender às novas perspectivas, sendo o professor preparado para atuar em equipes polivalentes”*. (COLLET, 1976, p. 77).

Para atender às necessidades especiais do(a) idoso(a) e às novas perspectivas da vida moderna, é preciso que a educação permanente para a chamada “terceira idade” ofereça uma metodologia diferenciada, que inclua o saber elaborado, o resgate da história de vida, contatos, entendimentos e convivência com gerações mais novas, promovendo trocas de experiências e de conhecimentos.

A Unesco, em 1977, já defendia a educação permanente como sendo a pedra angular

da política educacional, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento, para que todo indivíduo tivesse oportunidade de aprender durante a vida inteira.

4. RESULTADOS BENÉFICOS NA INTERGERACIONALIDADE

A transferência do saber e do fazer de pai para filhos e das gerações antigas para as mais novas é um fenômeno intergeracional, que inter-relaciona ascendentes e descendentes e que tem implicações e desdobramentos de ordem econômica, sociocultural e política. Não se deve, por exemplo, confundir relações familiares com relações entre gerações, situadas e datadas pelo nascimento, pelas idéias, valores, sentimentos.

Os benefícios das relações intergeracionais repercutem também na formação da personalidade dos jovens, que têm a oportunidade de aprender com a troca de experiência com os mais velhos. Esse relacionamento permite aos jovens se conscientizarem da trajetória histórica das vivências das gerações que os antecederam, adquirindo condições de melhor se prepararem para a própria velhice, na medida em que convivem, respeitam e valorizam aqueles que já envelheceram. A intergeracionalidade possibilita modificar o pensamento tanto da criança e do jovem como do adulto a respeito da percepção, em geral pre-

conceituosa, que possuem da velhice, que estaria sempre ligada a doença, invalidez, feiúra, mau cheiro, tristeza e morte.

Atualmente, numa sociedade que incentiva e prioriza, como valores, a crescente aquisição e consumo de bens e de serviços, que favorece e fortalece uma forma de existência individualista, que fragmenta a família e um viver coletivo e mais solidário, vem transformando, cada vez mais, as pessoas em seres humanos solitários e pouco afeitos a compartilhar. As gerações formadas por relações familiares, de amizade, escolares, profissionais são, hoje em dia, as mais afetadas por essa situação. São coletividades que vivenciaram e viveram amparadas por valores, idéias, concepções e tradições focadas no interesse coletivo e que vêm se dissipando em um mundo caracterizado por mudanças rápidas e constantes. Como afirma Agostinho Both (1999, p. 38),

A consciência dos mais jovens pode até mover-se na direção de um saber internetizado mas, para a promoção da originalidade pessoal, não se pode fugir dos arranjos afetivos e cognitivos engendrados nas comunidades. O conhecimento pode vir do espaço eletrônico, mas não a sabedoria nem o movimento dos sentimentos. Estes possuem história local e um coração particular (Both, 1999, p. 38).

O diálogo entre as gerações melhora a

consciência comunitária, aproxima e faz sobressair as diferenças e garante a multiplicidade inventiva da humanidade e faz parte do processo de humanização, que não pode prescindir da mediação histórica. Conhecer e manter os vínculos com o passado fortalece a necessária solidariedade entre os homens, na medida em que são identificadas idéias e aspirações comuns aos sujeitos inseridos em uma determinada realidade social.

É necessária uma ação pedagógica induzida para que as gerações mais jovens sejam motivadas a conhecer e a respeitar as tradições herdadas para que possam se apropriar do universo dos mais velhos. Uma vez percebida e aceita a singularidade de cada geração, os jovens poderão respeitar os mais velhos e, quando adultos, lutar por políticas sociais mais justas para o campo social, incluindo a saúde, a educação, a moradia e o transporte.

No diálogo das gerações inclui-se, também, a virtude da tolerância. É possível que, nesse período de significativo aumento da população idosa, os mais jovens, em busca do sucesso exclusivamente material, não percebam na vivência dos mais velhos uma oportunidade a mais de melhorar suas próprias vidas.

É importante criar, no âmbito da escola e da comunidade, programas de cunho interdisciplinar, com a finalidade de facilitar a integração de gerações, em especial utilizando como meio a narrativa da história dos mais

velhos, permitindo revelar um denso universo em que realidades diversas estão postas e muitos saberes se interligam: questões políticas se associam a questões religiosas; políticas internacionais se refletem em decisões de âmbito nacional; planos e ações de alcance internacional se revelam no processo de formação e na dinâmica das sociedades; políticas sociais se materializam em resultados observados nas áreas da saúde, da educação, da cultura; o bem-estar social é verificado pela análise dos acontecimentos do cotidiano que, por sua vez, se inspiram em ideologias.

As crianças e jovens, mediante a apreensão da história dos mais velhos, podem descobrir o entrelaçamento das diversas realidades humanas e perceber que, por trás delas, existe um propósito determinado que, no entanto, pode ser alterado por meio de ações planejadas, consistentemente ajuizadas. A dinâmica da organização da vida humana pode ser mais bem entendida através de um competente programa intergeracional, no qual sejam propostos o conhecimento dos caminhos da exclusão e a busca da emancipação humana. É possível que os currículos escolares, tendo por objetivo a melhoria da qualidade de vida, possam incluir um farto material para análise crítica sobre o mundo contemporâneo e que auxilie a compreender a sociedade na qual estamos inseridos:

A importância de uma escola pública para a construção da cidadania é uma das exigências para uma nova cultura política (...) não há como dizer que a educação cria a cidadania de quem quer que seja, mas sem a educação é difícil construir a cidadania. A cidadania se cria com uma presença ativa, crítica, decidida, de todos nós com relação à coisa pública. Isso é difícil, mas é possível. A educação não é a chave para a transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania (FREIRE APUD GOHN, 2001, p. 63 e 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de ensinar estabelece um relacionamento dinâmico entre educador e educando, com interferência, inclusive, sobre a questão de suas identidades culturais e individuais, contrapondo-se a um ensino de caráter elitista e autoritário, em que o educador se reserva a exclusividade do "saber articulado". A educação não é simples transferência de conhecimentos: a autonomia, a dignidade, os conhecimentos adquiridos antes do ingresso na escola e a identidade do educando tem que ser respeitadas, pois

educar é como viver, exige a consciência do inacabado porque a história em que me faço com os outros é um tempo de possibilidades e não de determinismo. (...) No en-

tanto, é tempo de possibilidades condicionadas pela herança do genético, do social, do cultural e do histórico que faz de homens e mulheres seres responsáveis, sobretudo quando a decência pode ser negada e a liberdade ofendida e recusada (FREIRE, 2001, p. 58).

A filosofia educacional de Paulo Freire é um clamor universal em favor da esperança para todos os membros da raça humana oprimidos e discriminados. Afirma que qualquer iniciativa de alfabetização só adquire dimensão humana quando se realiza "*a expulsão do opressor de dentro do oprimido*", como libertação da culpa (imposta) pelo seu "*fracasso no mundo*". Insiste na "especificidade humana" do ensino, enquanto competência profissional e generosidade pessoal, sem autoritarismos e arrogância, porque entende que somente assim nascerá um clima de respeito mútuo e disciplina saudável entre

a autoridade docente e as liberdades dos alunos (...) reinventando o ser humano na aprendizagem de sua autonomia, [não separando] prática de teoria, autoridade de liberdade, ignorância de saber, de respeito ao professor, ao respeito aos alunos, de ensinar a aprender (FREIRE, 2001, p.105-107).

Para Freire, ensinar é mais que uma profissão, é uma missão que exige comprovados saberes no seu processo dinâmico de promoção

da autonomia de todos os educandos. Ele não só procurou perceber os problemas educativos da sociedade brasileira e mundial, mas propôs uma prática educativa para resolvê-los, tendo como princípio basilar uma prática educativa que transforma educadores e educandos e lhes garante o direito à autonomia pessoal e que os dignifica na construção de uma sociedade democrática. Isto tem encorajado inúmeros educadores a inovarem a sua prática pedagógica, no sentido de buscar compreender a realidade de seus alunos - tanto do ponto de vista psicológico, cognitivo e afetivo como sociocultural - trabalhando na perspectiva de uma educação que conduza o aluno a ser sujeito consciente de sua autonomia social.

Pensadores como Paulo Freire vêm contribuindo para disseminar e aprofundar o debate sobre uma educação de qualidade para o conjunto da população e, mais particularmente, para a apreciável parcela constituída por pessoas idosas. Possibilitar à pessoa idosa o acesso à aquisição de novos saberes e conhecimentos, fazendo com que, mediante essa aprendizagem venha a ampliar a sua capacidade de memorizar e de atualizar informações, vivendo e interagindo de maneira mais participativa e efetiva na coletividade e, conseqüentemente, melhorando a sua qualidade de vida.

Nesse mundo novo que vem surgindo, cabe à escola permanecer no nível em que se encontra atualmente, reproduzindo co-

nhecimentos que o aluno é capaz de adquirir sozinho ou, então, tornar-se um espaço de interação, aberta à dúvida, ao diálogo, ao questionamento, à análise crítica, às diferenças e ao erro, às contradições que caracterizam a sociedade contemporânea, constituindo-se como um espaço que favoreça e auxilie a transformação e o desenvolvimento do potencial intelectual e emocional dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jane Soares. *Imagens de mulher: a empresa educacional e feminina nas primeiras décadas do século*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, v. 79, p. 36, n. 191, 1999.

BOTH, Agostinho. *Gerontogogia: educação e longevidade*. Passo Fundo, RS: Imperial, 1999.

_____. *Educação Gerontológica: posições e proposições*. RS: Editora São Cristóvão, 2001.

COLLET, Heloisa Gouvea. *Educação permanente: uma abordagem metodológica*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 1976.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico. *Perfil dos idosos responsáveis*

pelos domicílios no Brasil 2000. Rio de Janeiro: Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. *Educação e Mudança*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

KNECHTEL, Maria do Rosário. *Educação permanente: da reunificação alemã a reflexões e práticas no Brasil*. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.

PALMA, Lucia Terezina Saccomori. *Educação permanente e qualidade de vida: indicativo para uma velhice bem-sucedida*. Passo Fundo, RS: UPF, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à Filosofia da Educação*. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

UNESCO. *Alfabetização como liberdade*.
Brasília:MEC, 2003.

VILLAS BOAS, Maria Violeta. *Conceitos
Básicos em Educação – análise e
confronto*. Rio de Janeiro: SENAC, DN,
Dir. de Formações Profissional, Coord. de
Divulgação, 1982.

Recebido em 30.7.2008
Aprovado em 30.9.2008

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS E VELHOS: A CUMPLICIDADE DO ENSINAR E APRENDER¹

Laura Maria S. Mafra Lima²

Resumo. Este trabalho objetivou avaliar a participação de idosos na formação de jovens por meio de ações pedagógicas interativas, intermediadas por professores. A idéia foi identificar se as atividades desenvolvidas conjuntamente despertam nos jovens o interesse e o respeito pelos conhecimentos acumulados pelos mais velhos. Para o alcance de tal objetivo optou-se, em um primeiro momento, pelo conhecimento da percepção de professores e de alunos em torno da velhice e do envelhecimento, através de entrevista semi-estruturada. Em segundo lugar, e a partir desses resultados, estabeleceu-se encontros para discutir os diferentes temas identificados como problemáticos e ajudar na desconstrução dos preconceitos existentes entre esses segmentos a respeito da velhice, além de saber, na concepção dos mesmos, se é possível novas aprendizagens. Com base na pesquisa-ação, o terceiro momento constituiu-se de ações pedagógicas com envolvimento da comunidade escolar (alunos, professores, corpo administrativo) e idosos da comunidade do entorno da Escola Estadual John Kennedy, da cidade de Santa Cruz da Vitória-Bahia. Através dessas atividades foi possível

1 Este trabalho contou com a colaboração da Profa. Raimunda Silva d'Alencar

2 Assistente Social, Especialista em Gerontologia Social

estabelecer novos relacionamentos da escola com a comunidade, e conhecer melhor a comunidade a partir dos mais velhos.

Palavras-chave: aprendizagem, convivência intergeracional, velhice,

Abstract: This work aims to evaluate the participation of elderly people in the formation of young people through interactive pedagogic actions, intermediated by teachers. The idea was to identify if the activities developed conjunctly to arouse in the young people the interest and the respect by the knowledge accumulated by the older people. To reach this aim it was opted, at first, by the teachers' and students' knowledge perception about the old age and the aging through the semi-structured interview. In the second place, and starting from these results, it was established meetings to discuss the different themes identified like problematic and to help in the disconstruction of the prejudices existent among these segments about the oldness, besides knowing, in their own conception if it is possible new learnings. Based on this search-action, the third moment was constituted on pedagogic actions with the involvement of the school community (students, teachers, administrative corps) and elderly people of the community around the John Kennedy State School, in the city of Santa Cruz da Vitória, Bahia. Through these activities, was possible to establish new relationships between school and community and knowing better the community from the more elderly people.

Keywords: learning, companionship living, oldness.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea encontra-se diante de uma situação contraditória: de um lado, defronta-se com o crescimento massivo da população de idosos, fruto do aumento da expectativa média de vida e, de outro, a omissão ou a adoção de atitudes preconceituosas em torno do velho e da velhice, desconsiderando as experiências e os conhecimentos acumulados e transmitidos por quem está nesta etapa da vida.

Estudos têm mostrado que não basta somente prolongar a vida, reafirmando a longevidade, se não forem disponibilizadas as condições para uma vida com qualidade, com participação, com autonomia e manutenção das relações intergeracionais. Se por um lado, pelo menos nos países em desenvolvimento se generaliza a prioridade à assistência materno-infantil e o atendimento à criança e a juventude; de outro lado não se entende sua omissão quando se sabe que a preocupação com a velhice e o processo de envelhecimento é tão antiga quanto a origem da civilização. Assim, nas sociedades mais simples, menos tecnificadas, os velhos eram venerados, eram respeitados e a eles os jovens confiavam negócios de grande importância social e econômica; o idoso era considerado patrimônio, não encargo.

Atualmente, as mudanças são visíveis em

relação a esses valores. Fruto da revolução industrial, dos avanços tecnológicos e da valorização excessiva do consumo, ganha importância a força da produção e do consumo, obviamente muito mais próxima dos jovens. Passa-se a julgar o ser humano pela sua capacidade de produzir e de consumir. Dentro dessa lógica, aquelas pessoas já afastadas do circuito da produção, alguns já com reduzida capacidade física (a que pode se associar uma ou mais doenças crônicas), não têm como enfrentar uma competição na qual as condições são desiguais.

O que se vê é a marginalização do velho e a perda de sua condição social, que se associam aos poucos rendimentos recebidos, fruto de uma aposentadoria irrisória. Este é o quadro atual da velhice em nossa sociedade; valores culturais sedimentados através dos anos qualificaram de modo relevante o potencial da juventude em detrimento da idade madura e da velhice, que acabaram interpretadas como um misto de improdutividade e decadência.

Todavia, procurando minimizar ou acabar com essa situação preconceituosa, tem sido de grande importância a busca de revalorização e resgate da experiência vivida pelos idosos como conteúdo complementar ao processo de aprendizagem, uma vez que se entende que o contato dos jovens com essas pessoas, sobretudo na escola, tende a favorecer a construção de novos valores, culturas e vivências.

É certo que “as estruturas sociais disponíveis, quer no nível da saúde, da moradia, do transporte, da educação, do lazer e, até mesmo da justiça, precisam acelerar o ritmo de adequação a essa nova realidade” (D’ALENCAR, 2002, p. 64). Embora com mudanças relevantes, haja vista o volume de ações educacionais colocadas em prática em vários cantos do País inserindo a pessoa idosa, observa-se que ainda há carências e vazios no setor educacional que precisam ser preenchidos, até porque há muito por fazer em termos da valorização do idoso e de redução dos preconceitos.

Essa situação imprime uma preocupação especial para esse segmento etário da população, que não teve, na fase pretérita de suas vidas, a oportunidade de freqüentar escolas, de formalizar um conhecimento escolar, até pela reduzida democratização do ensino quando ainda jovens. Diante disso, é necessária uma mudança na política educacional, onde a história e o conhecimento não sejam entendidos e construídos apenas através dos conteúdos acadêmicos, mas se acredite em um trabalho onde sejam incluídas as histórias de vida de pessoas da comunidade onde a escola está inserida e os saberes construídos a partir dessas experiências vividas sejam por todos compartilhados. Como afirma ainda essa autora,

Trata-se de compreender que o idoso é um sujeito plural, portador de razão, sensibilidade, sentimentos, emoções, expectativas, fantasias, desejos, habilidades para resolver problemas. São sujeitos que processam experiências múltiplas, até porque vivenciam um tempo que registra o pretérito, o presente e possibilidades de futuro.... (D'ALENCAR, 2002, p. 72).

Além disso, e para responder às múltiplas demandas a que vem sendo desafiada a dar conta, a educação precisa organizar-se em torno de quatro aprendizagens, que deverão acompanhar cada indivíduo ao longo da vida. Essas aprendizagens, de acordo com Delors (2000, p. 90), correspondem aos pilares do conhecimento e dizem respeito a: 1) aprender a conhecer; 2) aprender a fazer; 3) aprender a viver juntos e 4) aprender a ser. Ora, essas bases para o conhecimento vão bem além da distinção tradicional entre a educação para iniciantes e a educação para adultos. Esse “modelo” responde ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas que exige cada vez mais uma melhor compreensão do outro e do mundo; responde à necessidade de que é possível con-viver, viver juntos, independente da idade, da cor, da religião, da preferência sexual.

Um dos maiores desafios para a educação é, sem dúvida, aprender/ensinar a viver juntos. Isto significa que a educação deve “le-

var as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (DELORS, 2000, p.97). Descobrir o outro, descobrindo-se a si mesmo, pode ser uma maneira saudável de desenvolver uma visão mais ajustada do mundo e do outro. O desenvolvimento de uma atitude de empatia, na escola, afirma Delors, é “muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida”, ensinando, por exemplo, aos jovens, a adotar a perspectiva de outros grupos, sejam eles de idade, étnicos ou religiosos, podendo, inclusive, evitar incompreensões geradoras de preconceito, de ódio e de violência.

Nesse sentido, a convivência intergeracional, em que idosos e jovens possam se solidarizar através do diálogo e da troca de experiências, é um dos instrumentos importantes à educação, capaz de favorecer a tolerância, e capacidade de viver juntos. Sobre isso, Oliveira (1999, p. 277) afirma que co-educar “supõe, da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual”.

Sob essa ótica, percebe-se a escola como um espaço de comunhão, de entendimento e de encontros, tornando-se um local onde jovem e idoso também podem ser construtores - aprendizes e ensinantes -, e não apenas beneficiários dela. Uma das missões que

a escola pode incorporar junto à comunidade de pertencimento é levar essa comunidade a tomar consciência das semelhanças e das diferenças mas, acima de tudo, da interdependência entre as pessoas. Idoso e jovem precisam ser estimulados nessa convivência, o que significa que cabe à educação estabelecer um novo olhar para a relação idoso, comunidade educativa e sociedade em geral. Não se tem dúvidas de que a convivência intergeracional poderá render melhorias substanciais nas condições individuais, com reflexos importantes nas convivências grupais (a exemplo da família), e com possibilidades de interferência positiva nas relações sociais. Convivências e experiências acumuladas durante muitos anos, levam o indivíduo a reflexões que possibilitam a conquista de formas mais elevadas do convívio humano. Quando o indivíduo chega à maturidade e caminha para a velhice, sem dúvida alguma ele é possuidor de um rico cabedal de conhecimentos práticos e de experiências de vida que podem proporcionar ao seu grupo de pertencimento um estar junto mais equilibrado e saudável.

Assim, descobrir que existem outros no entorno da escola, e que esses outros podem participar de projetos comuns desenvolvidos nesse espaço podem significar maneiras eficazes para evitar preconceitos e diminuir conflitos. Transferir, a partir do diálogo e da convivência, essa experiência é, sem dúvida

alguma, uma oportunidade para a educação recolocar a socialização das novas gerações em patamares que não restrinjam os relacionamentos interpessoais.

De acordo com Bosi (1994, p. 18), é importante valorizarmos os velhos “porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. A autora afirma ainda que:

Na memória das pessoas idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais do que a uma pessoa de idade”. (BOSI, 1994, p. 60)

Buscando conhecer as vivências intergeracionais na realidade de Santa Cruz da Vitória, cidade localizada ao sul da Bahia³, de

3 Com uma população de pouco mais de sete mil habitantes e , a exemplo de outras cidades brasileiras, sem qualquer preparo infra-estrutural para o aumento de população idosa, hoje em torno de 10%.

como jovens e professores da rede municipal de ensino compreendem a velhice e convivem com o idoso do município e de como é possível ao idoso participar na formação desse jovem, este trabalho toma como base a pesquisa qualitativa, com entrevistas estruturadas, e ações de intervenção direta em atividades pedagógicas com a participação de alunos do primeiro ano do ensino médio, nove idosos da comunidade, convidados a participar de atividades pedagógicas vinculadas a diferentes disciplinas, e os professores. Esta pesquisa, portanto, teve pelo menos três momentos substanciais, e envolveu diferentes segmentos.

No primeiro momento foi feita uma pesquisa exploratória junto a 15 (quinze) professores de diferentes disciplinas, atuantes na Escola Estadual John Kennedy, único estabelecimento de ensino médio do município. Esta pesquisa, particularmente realizada com a aplicação de um questionário, teve o objetivo básico de identificar as concepções dos professores a respeito da velhice, o significado construído em torno das possibilidades da aprendizagem intergeracional e a expectativa que têm em relação à própria velhice. Trata-se de professores das disciplinas: Relações Interpessoais, Matemática, Artes, Geografia, Educação Física, Língua Portuguesa e História.

Ao analisar os dados deste primeiro momento da pesquisa feita junto aos professores, foi possível perceber alguns mitos e preconcei-

tos presentes nos seus discursos. Além de não perceberem no idoso qualquer relação com o processo ensino-aprendizagem, ficou evidenciado que esta fase da vida é apenas para descanso e colheita de frutos. Os idosos não são vistos com possibilidades quaisquer para ensinar, tampouco para aprender.

Isto configurou a necessidade de avançar para uma discussão em torno de questões que dessem conta da velhice individual e social, e dos processos do envelhecimento, para além da biologia e dos preconceitos. Esta decisão caracterizou o segundo momento da pesquisa, que também incluiu uma atividade com os alunos para saber o que conheciam sobre velhice. O resultado não diferiu muito da visão dos professores. Cerca de cinco encontros foram realizados na Escola Estadual John Kennedy com esses professores, não só para discutir as respostas e as concepções construídas em torno da velhice, do significado das convivências e da expectativa que criam em torno da própria velhice, mas avançar em proposta de intervenção que levasse a uma compreensão mais ampla da educação e do processo ensino-aprendizagem.

A partir dessas discussões, foi possível avançar para o terceiro momento, o de construção de uma proposta pedagógica desenvolvida pelos próprios professores, visando avaliar a contribuição dos idosos na formação dos jovens. Através de ações pedagógicas

desenvolvidas conjuntamente entre idosos e jovens, em disciplinas como matemática, geografia, educação artística, história e relações interpessoais, a idéia foi identificar até que ponto essas atividades despertariam nos jovens o interesse e o respeito pelos conhecimentos traduzidos pelos idosos.

Para isso, a proposta incluiu pessoas idosas da comunidade, alunos e professores. A proposta foi elaborada, discutida, divulgada, havendo mobilização dos alunos e a inclusão de todo o corpo funcional da Escola (equipe da administração e de apoio), além do envolvimento de profissionais do Programa de Saúde da Família vinculado à Secretaria de Saúde do Município. Neste momento, também foi feito um levantamento das condições físicas do espaço da escola, além da infra-estrutura material e humana disponível para as necessidades da proposta.

Dessa proposta de ação interventiva constaram: oficinas, entrevistas feitas pelos alunos, recital, e apresentações de música, teatro, poesia, contação de história, levantamento de dados estatísticos sobre a população do município por faixa etária, discussão sobre a cobertura espacial do Programa de Saúde da Família, incluindo a zona rural, e o acesso da população idosa aos serviços de saúde, além dos direitos do idoso. As oficinas foram desenvolvidas na disciplina Educação Artística. Em História e Relações Interpesso-

ais discutiu-se Relações Familiares e Política. Nove idosos participaram com os jovens de todas as atividades, organizando oficinas, sendo instrutor, palestrante e entrevistado.

Neste sentido, este trabalho questiona de alguma forma a educação que se pratica no município e realça a necessidade de uma educação que se desenvolva num processo em que seja possível influenciar e ser influenciado, aprender e ensinar, manter e transformar, pois esse movimento deve constituir uma referência para a vida futura dos alunos, uma preocupação com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, incluindo o idoso, além do enriquecimento das relações professor-aluno-comunidade-idoso-escola. Projetos desenvolvidos com a participação conjunta desses segmentos têm papel central no desenvolvimento dos indivíduos e das culturas, promovendo assim a criação de uma nova sensibilidade social em relação aos idosos, à solidariedade entre as gerações, e a vida social como um todo.

O texto apresenta, nos capítulos seguintes, a perspectiva de um novo olhar sobre a terceira idade, bem como reflexões em torno das possibilidades que se abrem quando as oportunidades de convivência intergeracional são criadas.

2. UM NOVO OLHAR SOBRE O ENVELHECIMENTO

A tendência a um natural afastamento de gerações tem se intensificado nas últimas décadas em função da rápida mudança de valores sociais e transformações tecnológicas que dificultam a comunicação e a identidade entre jovens e velhos. Na convivência com idosos, é comum a “falta de assunto”, favorecida muitas vezes pela mobilidade sócio-cultural que distancia os mais jovens de seus ascendentes, bem como os conflitos e a intolerância, de parte a parte, cujas repercussões tendem a privá-los do potencial de crescimento mútuo e gratificação das relações intergeracionais.

É de Fogaça (2004) a idéia de que, embora sejam relativamente claras as distinções conceituais entre envelhecimento, velho e velhice, devidamente contextualizadas por dimensões espaço-temporais, não é nada fácil discriminar essas distinções na literatura gerontológica. Produtos sociais como, por exemplo, a literatura, os programas de lazer ou de propaganda na mídia, as produções de humor e os cartões de aniversário devem ser considerados como reflexos e determinantes de atitudes em relação ao velho, à velhice e ao envelhecimento. Ainda na visão dessa autora, os estereótipos e classificações pouco reveladoras da real condição do velho muito contribuem para o aumento do preconceito em relação à velhice. Infelizmente, a cultura considerada por mui-

tos como pós-moderna ainda repete os mesmos preconceitos e estereótipos em relação à velhice e à pessoa idosa, reduz-lhe a credibilidade e capacidade, e realça tudo de bom para o jovem e o ruim só para o velho.

A visibilidade social das questões do envelhecimento é um convite à reflexão e revisão de atitudes que reproduzem estigmas, e de desenvolvimento de olhares que considerem o velho enquanto sujeito que tem uma história pessoal, uma vivência de trabalho e relações sociais, gostos, habilidades e interesses.

As universidades, faculdades, grupos de terceira idade parecem sugerir respostas que se colocam para iniciar a alteração do panorama negativo ainda reservado ao velho. É importante que este interesse não se restrinja a alguns poucos grupos, mas que a sociedade esteja empenhada na busca de uma efetiva alteração nas relações e atitudes para com esse sujeito, de modo a melhorar o nível de interação, de respeito, e influenciem a sua qualidade de vida, condição imprescindível para a longevidade.

3. DISCUTINDO A APRENDIZAGEM INTERGERACIONAL

Retomando aqui os quatro pilares (DELORS, 2000, p. 90) sobre os quais devem assentar a educação e o conhecimento (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e

aprender a ser), importantes pela convergência que oferecem, é possível destacar o terceiro desses pilares: *aprender a viver juntos*.

Embora possamos reconhecer que a educação não é a responsável pela intolerância e violência dominante hoje nas relações sociais de um modo geral, não se pode subestimar o seu papel no modo como as sociedades transmitem e constroem valores, crenças, percepções e representações em torno de múltiplos aspectos da vida. Para Tiana (2002, p.121-138), viver juntos implica uma série de necessidades, dentre as quais: desenvolvimento da cidadania, conhecimentos, cooperação e intercâmbio.

No caso dos jovens e idosos, essa convivência foi se distanciando na medida em que a modernidade e a tecnologia foram dominando os espaços domésticos, substituindo os avós e até os pais, que passaram a ficar a maior parte do tempo fora desse espaço, trabalhando.

O processo de aprendizagem com segmentos de qualquer idade deve estar voltado, sobretudo, às reflexões em torno do ambiente concreto desses diferentes segmentos, das vivências cotidianas, da realidade mais próxima de cada um (D'ALENCAR, 2002, p. 75). De acordo com essa autora,

essas reflexões conjuntas aumentam o nível da consciência dos problemas que afetam o coletivo... A aprendizagem deve situar-se diretamente a partir da experi-

ência, pois "*nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria experiência* .

O processo de aprendizagem se coloca de modo que o indivíduo se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para esta atividade faz-se necessário a interação com outros indivíduos. Esta aprendizagem procederá do social para o individual e vice-versa, através de sucessivos estágios de internalização, com o auxílio de pessoas experientes. Uma pessoa que viveu mais, passou por experiências que um jovem ainda não alcançou, traz uma série de conhecimentos que vêm sob o nome de experiência acumulada. É neste sentido que a educação deve estar vinculada à realidade da sucessão, da continuidade do ser humano e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. Está evidenciado que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, de manutenção das culturas, de socialização e formação, de ensino e aprendizagem. Mas pressupõe vida partilhada, coexistência, como quer Oliveira (1999, p.26), para quem:

Uma co-educação é algo que se constrói na história como fazer-se ou seja, supõe gerações em movimento. No *fazer-se*, a

geração além de ser vista como depositário de uma época, e por tanto banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora de marcas de sua passagem no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas de gerações, umas às outras. Como se trata de um movimento, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam; além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações, nesta perspectiva, não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedoria dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir às gerações mais velhas.

Partindo deste pensamento, é possível perceber que o processo de aprendizagem intergeracional é mútuo, sendo válido para todos os que estão envolvidos. Deste modo, os idosos têm importante e valioso papel para a sociedade, não só pelo que já viveram, por sua experiência de vida, mas pelas contribuições que ainda podem oferecer. O potencial sócio-cultural dos idosos, embora existam as situações conflitantes das gerações, muito tem a contribuir com o crescimento e desenvolvimento dos que ainda não alcançaram esta fase da vida e que é caracterizada por uma progressiva redefinição da identidade social. Da mesma

forma, os jovens têm muito a contribuir com os idosos, na medida em que podem colocar, sob novas bases, velhas questões.

Por conta disso, as atividades desenvolvidas nesta pesquisa, envolveram os jovens estudantes e os idosos previamente selecionados pelos professores e alunos. Uma das atividades foi a Oficina *Eu, campeão da vida*, que tinha como empreendimento um Recital, em homenagem ao Dia do Idoso .

A idéia, ao selecionar essas atividades, era aproveitar a experiência e a vontade dos idosos para construir conhecimentos e socializar fatos com as gerações mais novas pois "nenhum ser humano se humaniza sozinho" (OLIVEIRA, 1999, p. 46). Visualizando a atual realidade demográfica do País, que é marcada pelas transformações que o perfil etário da população brasileira vem sofrendo nas últimas décadas, numa transição de país jovem para país maduro, pode-se perceber a necessidade do idoso na vida da comunidade.

Assim, depois de levantar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema "idosos" e constatar o amplo desconhecimento e reprodução de alguns preconceitos, sugerimos a realização de um estudo sobre essas pessoas. Na aula de matemática, por exemplo, os alunos verificaram estatísticas sobre mortalidade e faixa etária. Eles observaram que a situação dos idosos em Santa Cruz da Vitória não foge às projeções mundiais, nacionais e

regionais. Dados do IBGE (2000) dão conta de que o percentual de idosos em Santa Cruz da Vitória, está em torno de 10,5%, índice considerado elevado em relação a muitos outros municípios brasileiros, e até mesmo em relação à média da população brasileira.

Na disciplina Geografia, foi discutida a cobertura do Programa Saúde da Família para 100% da população, contemplando inclusive a zona rural. Segundo dados do Sistema de Informação da Atenção Básica (2004), fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, são oferecidos à comunidade procedimentos de atenção básica, no nível primário e secundário; procedimentos especializados como patologia clínica, ginecologia, ultra-sonografia e procedimentos de alta complexidade são pactuados com outros centros urbanos, a exemplo da cidade de Itabuna. O idoso tem acesso aos serviços de saúde via Unidade Básica de Saúde (UBS), com atendimento preferencial, informações amplamente desconhecidas da população local.

Discutiu-se ainda sobre ações do Conselho Municipal de Saúde, que é composto por dez representantes de organizações locais com respectivos suplentes: representantes da Sociedade Civil: Igreja Católica, Igreja Evangélica, Associações, Sindicato dos Trabalhadores, Pastoral da Criança; Representantes do Governo: Agente Comunitário da Saúde, Profissional da Saúde, Secretaria Municipal da Saúde, Secretaria da Educação, Secretaria da Ação Social; esse

Conselho se reúne uma vez por mês. Todas estas informações foram apresentadas por uma Enfermeira do PSF (Programa de Saúde da Família), que por três vezes esteve na sala-de-aula dialogando com os alunos e a professora. Nessa mesma disciplina, os alunos também viram alguns tópicos do direito dos idosos. Muitos desconheciam completamente essas informações a respeito do próprio município e dos serviços que mantém.

Em Educação Artística trabalharam arte com argila. Durante duas semanas, a Sr^a. MC (65 anos) freqüentou as aulas de artes. Essa idosa foi escolhida pela professora da disciplina, que já a conhecia como artesã. Trata-se de pessoa comunicativa e popular na cidade. A sua participação junto aos jovens e professores despertou naqueles o interesse por conhecer um pouco mais da sua história, antes da aula de Artesanato. A idosa atendeu ao interesse expresso, e trouxe um pouco da sua rica história de vida. Identificou-se, disse onde nasceu e mostrou um controle e equilíbrio de memória sobre o seu passado de modo interessante, sem se sentir constrangida. Falou de trabalho, de sua infância, da sua grande família (12 irmãos), das condições de vida da sua família trabalhadora. Falou sobre o papel da mulher, que não apenas se responsabilizava pelo cuidado do lar e da reprodução da família, mas também do trabalho que agregava valor: *Nesta época, minha mãe costurava para as famí-*

lias dos trabalhadores e nós, sete filhas, sempre ajudava ela, tanto nas costuras como nos trabalhos de casa, cuidando também da criação de porco e galinha.

Relembrou a juventude e as relações afetivas com os primeiros namorados: *Quando eu já estava com quinze anos, arranjei meu primeiro namorado. Foi engraçado porque ele era 'estudado', como se chamava na época as pessoas que iam a escola. Era filho de um pequeno fazendeiro e morava com uns tios em Feira de Santana, onde estudava, vindo passar as férias na fazenda com a família. Meu pai, homem severo, disse logo que aquilo não era homem de casar pois era homem de mão fina e não ia dar conta de família. Mesmo assim ainda namoramos por duas épocas de férias, com a ajuda de minha mãe, que escondia do meu pai minhas saídas, para ir encontrar com o amado. Mas devido a distância, a diferença de pensamento, deixamos o namoro pra lá, nem sequer chegamos a terminar, só não procuramos mais um ao outro.*

A preocupação com a sobrevivência e o zelo pela família levava o homem a intervir nos relacionamentos, às vezes associando amor com posses, com patrimônio. Diz ela: *Com dezoito anos, conheci um rapaz moreno, alto, muito bonito, gerente de uma fazenda de gado, morador no 'comércio' onde meu pai fazia as compras para sustentar a família e foi amor na hora. Com seis meses de namo-*

ro já estava casada, com o consentimento do meu pai, que dizia que aquele sim era homem para casar com sua filha. Vivemos juntos por dez anos. Com o tempo ele foi ficando farrista, bebendo muito, chegando em casa embriagado e bruto comigo e com as crianças, até que um dia não agüentei mais e mandei ele ir embora. Fiquei com os seis filhos, sendo os dois últimos um casal de gêmeos, hoje com vinte e dois anos. Depois que me separei, fiquei com os filhos sem nenhuma ajuda dele. Passei muito sofrimento, mas consegui criar todos com respeito e dar estudo. Os dois mais velhos, um homem e uma mulher, estudaram só até a 5ª série e foram trabalhar em São Paulo. Até hoje eles me ajudam.

A rica experiência dessa idosa coloca para todos uma situação muito interessante e paradoxal. De um lado porque o envelhecimento, como afirmam diferentes estudiosos, é um processo de perdas em relação a muitos aspectos da vida. De outro lado porque, como demonstrou a idosa no seu relato de vida, é possível haver conservação de competências e habilidades. Como afirma Von Simson & Giglio (2001, p. 143) "a acumulação de experiências permite a alguns idosos até mesmo alcançar elevado grau de especialização e domínio nos mais diversos campos das atividades humanas".

O que é significativo é que a informação só ganha relevância quando alguém lhe atribui um significado em relação a determina-

do contexto e grupo. Para a idosa do relato acima, as experiências de trabalho quando criança, o tamanho da família, as condições de vida, as relações e estratégias de sobrevivência, só fazem sentido quando o meio social se interessa por elas ou as acolhe.

Questionada por uma jovem sobre como conseguiu criar os filhos sem a ajuda do marido e sem emprego, a idosa respondeu: - *Ah, minha filha, Deus dá o frio conforme o cobertor. No começo uma irmã minha que tinha uma fazendinha me ajudou mandando sempre umas coisas de comida e algumas frutas da roça. Mas aquilo me incomodava porque faltava outras coisas e eu queria ser independente e não ficar devendo favor a cunhado, porque ele tinha os filhos dele pra criar e não tinha obrigação de ficar bancando meus filhos.*

Sob condições físicas perfeitas, não cabia receber ajuda de quem também era necessitado. Para a idosa, receber ajuda, quando podia trabalhar, era humilhante: *Eu estava ficando humilhada.* Isto foi suficiente para a busca de alternativas de sobrevivência, juntamente com os filhos: *comecei então a fabricar, com ajuda dos meus filhos maiores, panela, moringa (para botar água) e pote de barro para vender.*

Como as populações de baixa renda usavam panela de barro e fogão de lenha, as encomendas não faltavam. - *Eu tinha que trabalhar muito, mas gostava do que fazia porque passei a me sentir dona do meu nariz. O mais*

difícil era para 'queimar' as peças porque levava mais tempo e tem que ter um forno e lenha, aumentando o trabalho. Mas foi assim que criei e dei comida, roupa e estudo pros meus filhos: com trabalho e ajuda deles. As dificuldades assinaladas por essa idosa dão conta das dificuldades vividas pelas famílias de classes populares, bem como do papel das mulheres trabalhadoras que chefiam famílias.

No primeiro dia de aula, a atividade girou em torno da história de vida da Sr^a. MC. Segundo Arroyo (2000, p. 109), "um dos traços centrais, perenes do ofício de mestre, é manter a memória coletiva acesa, não compactuar com os silêncios, ou não silenciar a história às novas gerações". Analisando esse pressuposto e a realidade da escola, onde o segmento idoso é excluído de qualquer possibilidade de expressão e manifestação, fica difícil para o jovem incluí-lo no seu universo de interação, daí a necessidade de se criar oportunidades para vivências intergeracionais. Nos dias seguintes, a artesã ensinou a técnica de modelar e criar com argila para os alunos, fabricando conjuntamente pequenas peças que, posteriormente, foram para a exposição da escola.

Na disciplina de História e Relações Interpessoais o grupo convidou outro idoso, o Sr. J..., 79 anos. Ex-prefeito do município de Santa Cruz da Vitória, previamente foi-lhe entregue um *paper* contendo algumas perguntas que ele deveria responder aos alunos,

em especial sobre fatos políticos do município, mas também sobre família e política. Essas questões foram construídas pelos próprios alunos, na aula de História.

A docente responsável pelas duas disciplinas juntamente com os alunos, conduziu a entrevista. Como a origem do entrevistado é de outro Estado (Sergipe), os alunos tiveram a curiosidade de saber o que o motivou a morar em Santa Cruz da Vitória. - ... *Em 1955 houve uma grande seca e todos comerciantes tiveram prejuízo. Mas como todo nordestino, tivemos fé em Deus e ficamos esperando que o ano de 56 fosse melhor. Mas que nada! Foi uma seca ainda maior. Ninguém vendia nada. O povo passava fome. Todo dia se via os caminhões saindo cheio de gente retirante indo para São Paulo ou outros vindo para o sul da Bahia, que era lá chamado de 'as matas' e de onde se contavam bastante vantagem. Eu e meu irmão chegamos a conclusão que não dava mais pra ficar por lá pois ninguém comprava nada. Conversamos então com nosso pai e resolvemos fechar o comércio e vir arriscar a vida aqui nesta cidade. Em janeiro de 57 eu vim num pau de arara, trazendo minha mulher grávida de quatro meses, um filho de um ano e meio e de bagagem trazia apenas uma cama de casal, uma mala e um berço de meu filho. Ainda hoje, conservamos esta cama e a mala.*

Procurando recuperar a memória, o idoso falou do seu primeiro trabalho: *Meu primei-*

ro trabalho aqui foi de marceneiro, mas não tinha costume e não agüentei. Adoeci com o pó da madeira. Resolvi então ser mascate, vendendo cortes de pano nas feiras, aqui e nas vizinhanças, e também nas fazendas, por perto. Mais tarde, uns dois anos depois, com a ajuda de meu tio e de um primo abri uma pequena loja onde vendia tecidos (retalhos).

Além da sua influência e sentimento de homem bem sucedido no comércio, o idoso falou da sua influência em espaços da política. - *Eu fiquei com minha loja por alguns anos, mas quando fui ser vice-prefeito, viajava bastante, pois era o companheiro do senhor Zé Guedes, que era prefeito, e não podia tomar conta tendo que fechar. No final do mandato do senhor José Guedes ele me apresentou como candidato a Prefeito e graças a Deus e ao apoio do povo bom desta terra fui eleito e assumi o cargo por seis anos, onde procurei trabalhar sempre com garra pelo progresso de nossa cidade.*

Nas disciplinas de Língua Portuguesa e Relações Interpessoais foi planejado e organizado um Recital, como parte da oficina “Eu: campeão da Vida” a ser apresentado por todos os envolvidos na pesquisa e à comunidade escolar, como homenagem da escola aos idosos, no dia a eles dedicado: 27 de setembro. Nesse empreendimento da oficina, os alunos foram divididos em quatro grupos. Cada grupo contou com dois idosos da comunidade colabo-

rando na organização das apresentações: de Música, de Teatro, de Poesia, de Contação de história. Vale ressaltar que as pessoas idosas foram escolhidas pelos alunos e professores, de acordo com habilidades conhecida pela comunidade. Por se tratar de uma cidade pequena, onde todos se conhecem, foi fácil a seleção. Assim, além de conhecer o perfil do idoso em relação à habilidades, também se conhecia parte da história de vida dele.

A confiança e a sinceridade com que as pessoas idosas iam conduzindo as situações de aprendizagem, despertaram a atenção dos alunos. Durante os encontros, no período das aulas, muitas memórias foram registradas. Gradualmente as pessoas vão se mostrando, se permitindo conhecer, e possibilitando à comunidade a valorização de aspectos ainda ignorados pela própria comunidade.

No grupo que trabalhou com música, entre som e canção, os assuntos variaram. O tema da família, por exemplo, foi considerado pela Senhora A ... (60 anos), com certa angústia, colocando em evidência, a partir de sua experiência, o papel da família na vida dos idosos, em especial. - *Sumiu tudo. Uma ruma de ingrato. Só gostava de mim quando eu servia pra cozinhar, cuidar deles e fazer roupa de tricô para esquentar no inverno. Agora, que estou nessa cadeira, cadê? Não aparece ninguém. Até meu fio só vem de vez em quando. Os netos? Nenhum nunca veio aqui me vê.*

A Senhora A (60 anos), é diabética e teve que amputar as duas pernas. Mas apesar do sofrimento, da mutilação e do ressentimento que expressa em relação aos familiares, mantém uma boa convivência com as outras pessoas que moram no Centro de Convivência mantido pela Prefeitura, e com os funcionários. Quando foi convidada para cantar com os alunos, reagiu com muita alegria.

Muito interessante foi a participação de um grupo de cinco idosas, sob a liderança da Sr^a. J., que no Recital cantaram e coreografaram a música “Ciranda da Rosa Vermelha”. Chama atenção o prazer e o envolvimento dos idosos participantes em todos os eventos realizados. No grupo de teatro, a participação da Sr^a M, de 70 anos, foi surpreendente. Além de gostar dessa arte, ela chegou a montar um grupo de teatro na cidade, envolvendo jovens e pessoas de meia idade, em fase pretérita de sua vida. Na primeira reunião com os alunos, esta idosa sugeriu que eles representassem a peça “O velho e seu neto”, história que ela mesma contou aos jovens: - *Era uma vez um velho muito velho, quase não enxergava e ouvia, andava com os joelhos tremendo. Aí, quando se sentava à mesa para comer derramava a sopa, pois a sua mão tremia muito, muito. Seu filho e sua nora achavam aquilo horroroso, chegavam a ter nojo! Aí, colocaram o velho para comer num canto atrás do fogão e ...imaginem: numa tigela de barro. O velho olhava para a mesa com os*

olhos compridos, cheio de lágrimas. Um dia ele quebrou a tigela. Ganhou uma bronca da nora, que logo lhe deu uma gamela de madeira bem baratinha. Ah! Nada como um dia atrás do outro! O neto estava brincando com uns pedaços de pau. O pai perguntou o que ele estava fazendo. A resposta veio: Um cocho, para papai e mamãe poderem comer quando eu crescer. O marido e a mulher caíram no choro. Depois disso, trouxeram o avô de volta à mesa e passaram a viver em união.

Os alunos aceitaram fazer a encenação dessa história, que também fez parte das apresentações no Recital. Pesquisando sobre a história, descobriram tratar-se de um conto dos Irmãos Grimm, citado em “O livro das virtudes”.

A docente responsável pela disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, solicitou ao grupo que trabalhou com poesia, para pesquisar sobre a autora Cora Coralina, cuja pesquisa foi dirigida pela Sr^a. C., de 79 anos. Além de conhecerem sobre Cora Coralina, sobre sua biografia e seu prazer de escrever, escolheram uma de suas poesias "Eu sou aquela mulher" para apresentação no recital, que foi feita pela dupla P..., de 18 anos, e J..., de 70 anos. - *Eu sou aquela mulher a quem o tempo ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista. Creio na*

força imanente que vai gerando a família humana, numa corrente luminosa de fraternidade universal. Creio na solidariedade humana, na superação dos erros e angústias do presente. Aprendi que vale mais lutar do que recolher tudo fácil. Antes acreditar do que duvidar.

O Sr. E., de 73 anos, também fez parte desse grupo. Além de recitar poesias de sua autoria, ele também contou sua história de vida, falando de sua origem, sua família, sua aposentadoria e de seu passa-tempo preferido – fazer poesias, prazer que divide com o cunhado, seu parceiro nas construções poéticas. A curiosidade dos alunos sobre sua fonte de inspiração foi satisfeita com a resposta *nas graças de Deus e no prazer de viver*. Sobre as possíveis dificuldades em fazer as rimas e criar os poemas, a sua resposta foi lacônica: *tudo que se faz por prazer e por amor é agradável*. Indagado sobre a descoberta do dom de fazer poesias, ele respondeu: - *Quando eu era criança, gostava muito de ir para casa de um tio que morava num sítio, na mesma cidade, para ouvir as histórias de cordel que ele colecionava e tinha o maior prazer em ler para as pessoas da casa e alguns vizinhos que vinham ouvi-lo, o que me deixava boquiaberto, pois à medida que ele ia contando a história ia também dramatizando-a. Aquilo para mim era um verdadeiro show*.

O Sr. J (79 anos), fez parte do grupo de contação de história. Sua habilidade de con-

tador de histórias é reconhecida em toda a comunidade. Quando questionado sobre sua família, respondeu: - *Nóis lidava o tempo todo na roça, trabaivava igual animá. Escola era luxo pros filho do patrão. Eu tinha tanta vontade de ler os escrito da Bíblia! Mas fazer o quê? Tinha de trabaiaá pra ajuda meu pai e dispois pra cria meus filho: foi nove qui Deus me deu. Hoje esses menino tudo de mão lisa, não conhece a foice e não quer estudá. Eles in-feza, não quer conselho, mas eu falo todo dia pra eles pensá na vida e aproveitar bem essas coisas de hoje em dia. Aí eu aproveito e conto uns causos pra eles.*

No Recital, houve espaço para murais sobre o papel do idoso na sociedade, sobre os conflitos intergeracionais e o entendimento da terceira idade como portadora de necessidades específicas. Esses murais foram construídos pelos segmentos da sociedade que acompanham o idoso na prestação de serviço: Agentes Comunitários de Saúde e pessoal de apoio do Centro de Convivência, com a colaboração das enfermeiras das equipes do PSF (Programa de Saúde da Família). Foram expostos trabalhos confeccionados pelos idosos e jovens: peças em argila, trabalhos com retalhos, arte com material reciclado, pintura em cerâmica. Durante uma semana ficaram à disposição na escola para visita de todos os alunos e pessoas da comunidade.

Os alunos também apresentaram duas co-

reografias alusivas ao idoso. O Sr. E... recitou de improviso uma poesia em homenagem ao evento. No final, foi realizado uma dinâmica, pela professora de Educação Física, que envolveu jovens e idosos, em dança, música, gestos e abraços. Cada idoso recebeu uma medalha com a inscrição “Eu: campeão da vida”.

Nas comemorações da Semana da Consciência Negra, a Direção convidou os idosos para assistirem as apresentações dos alunos. Um dos idosos fez uma palestra falando da importância do negro na formação da cultura brasileira, principalmente na Bahia, e da discriminação que ainda hoje os negros enfrentam em nossa sociedade.

Na busca de uma “escola cidadã” defendida por Gadotti (1994), preconiza-se a formação da cidadania ativa, integrando educação e cultura, escola e comunidade. Só dessa forma, a escola será um laboratório do mundo que a penetra. Dessa forma, a importância sobre a escolha de uma oficina que tratou a questão do idoso à luz de um modelo que conferiu a este uma perspectiva cidadã, transcendeu aspectos puramente pedagógicos. Ela envolveu questões sociais, econômicas, políticas e éticas, fazendo uma transformação na escola em relação ao modo de pensar e agir de muitas pessoas.

O envolvimento intergeracional aconteceu a contento. Durante as oficinas, era possível perceber, no comportamento dos alunos, o cui-

dado, o carinho e o respeito pela pessoa mais velha, instigados pelo discurso e postura dos mais velhos. Com muita atenção e curiosidade, os jovens escutavam o discurso revelador de outros tempos que aparecia na fala dos idosos, carregada de indagações, comentários, depoimentos pessoais. O choro de alguns idosos comovia a todos; as atividades eram sempre encerradas com os idosos cercados pelos alunos. Nessa relação, o idoso foi valorizado, justamente pela sua condição de idoso.

Na visão de Py (1999, p. 99), os idosos:

Na forma pausada de se comunicar, demonstram o conhecimento engendrado na cultura em que foram criados, onde viveram e aprenderam vivendo. Se sofreram o declínio inevitável da mecânica fluida, ditado pelo envelhecimento biológico, essas pessoas passam a orientar-se pelo processo compensatório da pragmática dos sistemas cognitivos, que se intensificam com o passar dos anos, conferindo-lhes, no vivido, o sabor do saber, agora ofertado, generosamente, às gerações mais jovens.

De certa forma, as falas dos idosos aqui apresentadas confirmam essa citação, pois enfatizam com propriedade temas como educação, saúde, trabalho, família etc. Em relação a aprendizagem conceitual, foi possível ser conferida na realização do Recital, com a parceria intergeracional.

Acredita-se que é necessário contemplar

formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, proporcionando-lhe integração às demais gerações. Os dois lados ganham.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília.

_____. Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Estabelece a criação do Conselho Nacional do Idoso. Diário Oficial da União, Brasília.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. Ensinar a Viver, Ensinar a Envelhecer: desafios para a educação de idosos. In: *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. UFRES, Porto Alegre, RS. Vol. 4: 61-83, 2002.

DELORS, J. *Educação - Um Tesouro a descobrir*. 4^a. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2000. 288 P.

LAURA MARIA S. MAFRA LIMA

FOGAÇA, Cristina. O envelhecer sob um novo olhar. Disponível em WWW.direitoidoso.com.br (acesso em 24/01/2004).

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo, Cortez, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em www.ibge.gov.br

PY, L. *Testemunhas Vivas da História*. Rio de Janeiro, Nau, 1999.

Plano Municipal de Saúde de Santa Cruz da Vitória. Março de 2002.

OLIVEIRA, Paulo de S. *Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo, Hucitec, 1999.

Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB). Santa Cruz da Vitória. Bahia. 2004.

TIANA, Alejandro. Aprender a Viver Juntos: nossos jovens estão preparados? In: BRASLAVSKY, Cecília (org.). *Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade*. Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002. Pp. 121 a 138.

Recebido em maio de 2008
Aprovado em agosto de 2008

SOCIABILIDADE, ENVELHECIMENTO E TRABALHO INFORMAL

Monique Borba Cerqueira¹

Resumo. A dura realidade enfrentada por trabalhadores do setor informal remete à fragilidade do modelo de proteção social brasileiro e ao conseqüente agravamento da pobreza e desigualdade no Brasil. É neste contexto que as transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho, evidenciadas através da profunda crise de empregabilidade, vão produzir impactos dramáticos na qualidade de vida e sociabilidade das pessoas. Nesse sentido, as relações entre trabalho e saúde sofrem mutações cujo principal agravante é o fato de que no universo informal o indivíduo será destituído de qualquer direito ou garantia trabalhista.

Palavras-chave: Sociabilidade – envelhecimento – trabalho informal

Abstract. The difficult reality faced up to by this group of workers reveals a fragility of the brazilian's social protection model and the consequent intensification of poverty and inequality in Brazil. Inside this context, the work market's transformations occurred during the past decates, showed up by a

¹ Bacharel em Ciências Sociais (UERJ), Mestre em Sociologia (UNICAMP), Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais (Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP), Pesquisadora Científica do Núcleo de Condições de Vida e Situação de Saúde do Instituto de Saúde – (SES/SP).

hard employment crisis, will produce dramatic impacts on people's life quality and sociability. In this sense, the relationship between work and health suffers a distortion and the major problem is that once in the informal universe all worker's labour rights and guarantees will be removed.

Key words: Sociability – ageing - informal work

INTRODUÇÃO

Formas de sociabilidade implicam o reconhecimento e a análise de manifestações sociais na vida cotidiana, exigindo o desvendamento de diferentes aspectos da realidade social. Ainda que a sociabilidade seja um conceito amplamente utilizado em distintos quadros metodológicos, encontra-se diretamente ligado às relações sociais promovidas pelas interações cotidianas do indivíduo. Assim, a idéia de sociabilidade sempre estará presa à capacidade de interação de sujeitos, grupos e coletividades, bem como à possibilidade destes adequarem-se socialmente a novas situações (GRAFMEYER, 1995).

Este artigo conduz à noção de sociabilidade tecida em pequenos grupos de ocupação informal, cuja prática laboral realiza-se no espaço público, mostrando o jogo de pertencimento simbólico capaz de vincular homens velhos (60 a 82 anos) que, por circunstâncias sociais e econômicas, estão presos ao mercado informal

de trabalho e aos desafios do trabalho na rua.

Este artigo é um pequeno recorte de minha dissertação de mestrado em sociologia, realizada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foram estudadas as relações sociais e os modos de vida de homens, então, vinculados ao universo informal de trabalho, a exemplo do homem *sanduíche* e do homem *plaqueiro*.

2. UM UNIVERSO À PARTE – A “PAISAGEM TRABALHO” NAS RUAS DA CIDADE

2.1. HOMEM-SANDUÍCHE

Homem-sanduíche é aquele que veste o chamado “colete”, espécie de vestimenta, geralmente plastificada, com frente e verso (costas), onde são colocados anúncios, em sua maioria, de emprego. Tal atividade, por sua característica peculiar, faz desses trabalhadores verdadeiros “homens-mídia”. Uma mídia braçal, inscrita nos corpos de pessoas humildes, veiculando mensagens, geralmente direcionadas às camadas populares. Observa-se que a maioria dos empregos oferecidos pelos homens-sanduíche são as chamadas vagas de nível operacional, os cargos mais “simples” a serem preenchidos em uma empresa (porteiros, motoristas, ajudantes gerais).

Os homens-sanduíche são indivíduos cuja

aparência é marcada pelo tempo. Tempo que também é o indicador de uma vida inteira de trabalhos pouco qualificados, cujas marcas estão gravadas de forma definitiva no corpo. Muitas evidências do tempo são percebidas na postura curvada, na voz baixa, no desenho das rugas em cada face. Marcas corporais profundas que contam histórias de vida, saúde, doença, lembrando que nas ruas a faixa etária de plaqueiros e homens-sanduíche pode variar de sessenta a pouco mais de oitenta anos em alguns casos.

Os cabelos brancos e despenteados, às vezes, acalmados por um chapéu; terno desbotado e sapatos surrados compõem a indumentária oficial deste grupo de trabalhadores que ocupa a região central de São Paulo. Mas nada faz esses homens perderem a dignidade: nem o sono — muitos dormem sentados durante o trabalho — nem a chuva ou aquele mal-estar diário provocado por dores que “andam” ao longo de todo o corpo. São oito horas, inegociáveis, de trabalho diário na rua.

Um dos maiores paradoxos da atividade — esses homens idosos, muitas vezes com tristeza e cansaço estampados no rosto, desempenham a função de dar esperança aos vencidos pelo mercado de trabalho. A mensagem trazida pelo homem-sanduíche é a oferta de emprego aos mais jovens e, quem sabe, a chance de uma nova vida. Por outro lado, aquela imagem do homem cujas forças já foram consumi-

das por uma vida inteira de trabalho, que parece jamais ter fim com a luta que prossegue na informalidade, significa uma cruel vitrine do futuro. As manhãs de segunda-feira são as mais concorridas. Uma pequena multidão de desempregados cerca os homens-sanduíche. Muitos ficam de pé, girando para mostrar a frente e o verso do colete. Neste momento, esses homens são o centro das atenções para quem circula pelas ruas do centro em busca de uma oportunidade de emprego.

Corpos e anúncios em exposição. A simples imagem dos homens-sanduíche conta a difícil história de suas vidas. Mesmo com todo o sacrifício e desgaste provocado pelo trabalho na rua, certamente, há uma maior “valorização” da função de homem-sanduíche, devido ao tipo de vínculo mantido com as consultorias de RH e a melhores relações de trabalho, segundo o depoimento de vários informantes. Isto é um consenso entre os próprios trabalhadores que apontam vantagens e desvantagens em serem plaqueiros ou homens-sanduíche. Muitos, inclusive *falam de cadeira* pelo fato de já terem ocupado ambas as funções. Outros, ainda, citam a competição entre eles para colocar um amigo ou empregarem a si mesmos nas consultorias. Em algumas consultorias estes trabalhadores são contratados como funcionários da empresa, ganhando salário mínimo e tendo acesso aos direitos trabalhistas. Eviden-

temente, isto é raro e acontece apenas com os candidatos mais jovens. Os aposentados costumam receber diárias ou salários quinzenais. Vários homens-sanduíche disseram estabelecer boas relações com seus empregadores do setor de RH, expressando a existência de ligações afetivas. Na seleção dos homens-sanduíche predomina o sistema de indicação, cuja dinâmica baseia-se em cultivar relações de confiança mútua entre o trabalhador e a empresa de consultoria em RH.

O homem-sanduíche representa para as consultorias de RH a eficiência na divulgação de empregos feita nas ruas, numa relação custo-benefício bastante vantajosa para as empresas. No caso da atuação dos homens-sanduíche nas consultorias de RH, as relações de trabalho mediadas por laços de confiabilidade e afetividade mútuos, acabam sendo um mecanismo de compensação pela baixa remuneração, desprestígio e precariedade das condições de trabalho. Além disso, tais relações de proximidade ultrapassam a dimensão restrita ao ambiente de trabalho, penetrando na ordem da intimidade e representando um maior controle sobre eles, comprometendo-os a uma fidelidade e gratidão absolutas.

Sem dúvida, o homem-sanduíche acabou se tornando uma necessidade das próprias empresas de RH, significando economia de tempo e dinheiro, uma vez que as agências vêm sendo afetadas por uma rápida e cres-

cente terceirização do setor de recrutamento e seleção, o que exige excelente desempenho e resultados imediatos como condição para sobrevivência no mercado. É também importante lembrar que o homem-sanduíche é o “garoto propaganda” da empresa, transmitindo com eficiência uma mensagem de excluído para excluído. Ele deve passar confiabilidade e estabelecer o primeiro contato com os candidatos. Na rua, homem-sanduíche e desempregado estabelecem uma relação de maior proximidade, sem as barreiras que, muitas vezes, fazem as pessoas humildes não procurarem as agências de emprego.

Não é à toa que o quesito frequência seja a principal exigência feita para admissão desses trabalhadores, porque hoje 24h para o RH é pouco e a manutenção desse sistema de apoio ao recrutamento feito nas ruas pelos homens-sanduíche é barato e funcional para a empresa. Parece que esses fatores explicam as relações de trabalho diferenciadas entre plaqueiros e homens-sanduíche.

Mas é importante ter claro que o que suaviza o trabalho dos homens-sanduíche é o fato de não desempenharem uma função vinculada à ilegalidade — fator que tem um custo maior, considerando-se todas as incertezas do trabalho na rua — e de estabelecerem uma certa relação de afetividade com o empregador. No mais, as condições de trabalho na rua são, praticamente, idênticas a dos plaqueiros.

MONIQUE BORBA CERQUEIRA

O cumprimento da carga horária é de 8 horas diárias, em semana de 5 dias, enfrentadas com sol ou chuva. Os ganhos mensais giram em torno de 1 ou 1 e 1/2 salários mínimos.



Foto 1: Homem-Sanduiche.



Foto 2: Homem-Sanduiche.

2.2. HOMENS PLAQUEIROS

O plaqueiro também é um anunciante ambulante nas ruas. Caracteriza-se por empunhar um pedaço de pau, medindo em torno de 2 metros de comprimento, cuja extremidade possui uma placa pregada, onde são inscritos os anúncios. As principais atividades divulgadas pelos plaqueiros são o comércio de ouro, tickets refeição, passes, atestados médicos, fotos 3x4 e serviços de advocacia. A maior parte das atividades divulgadas são ilícitas. Os plaqueiros dizem que a desonestidade domina entre os empregadores, pois quando as placas são apreendidas, estes punem os plaqueiros, não pagando o dia de serviço trabalhado. A polícia costuma coibir e, eventualmente, apreender as placas com o anúncio de ouro, alegando que este tipo de comércio ilegal incita o furto de jóias no centro da cidade. Além disso, outra alegação para a apreensão das placas é a potencialidade que elas têm de se tornar uma ameaça à segurança pública, podendo ser utilizadas como armas nos quebra-quebra, envolvendo a polícia, guarda municipal e ambulantes.

A maioria dos plaqueiros trabalha em pé e costuma ocupar um mesmo ponto na rua, ao contrário dos homens-sanduiche que têm mais liberdade para se deslocar, podendo mais facilmente trabalhar sentados ou andando. Alguns plaqueiros sofrem uma fiscalização de funcio-

nários encarregados, principalmente, quando vinculados ao comércio de ouro. Esta vistoria torna mais difícil o cotidiano desses trabalhadores que precisam estar sempre nos seus postos e com as placas visíveis ao público. No caso dos plaqueiros, as relações com o empregador são bastante objetivas. O pagamento é feito através de diárias. Quem faltar, perde o dia. Já para os anunciantes de fotos e atestados de saúde é pago um percentual sobre aquilo que o cliente consumir. Neste caso, para receber o pagamento, o plaqueiro tem que levar o cliente até o patrão e retirar uma senha que comprova a venda do serviço.

Alguns empregadores parecem ser bastante tolerantes com as faltas dos trabalhadores, até porque estas não são remuneradas e porque muitas vezes existem grupos de plaqueiros anunciando um mesmo produto ou serviço. A maioria dos plaqueiros comparece diariamente às ruas, faltando apenas por problemas de saúde, chuva ou muito frio.

MONIQUE BORBA CERQUEIRA

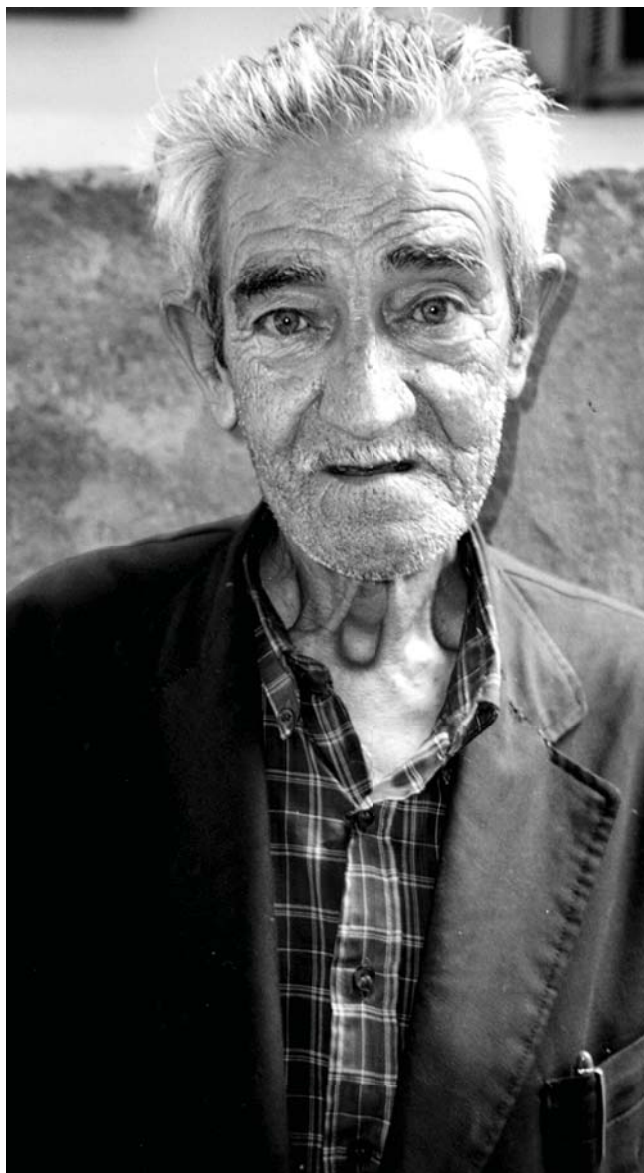


Foto 1: Homem-Plaqueiro.

[100] MEMORIALIDADES, Nº 9 e 10, JAN-DEZ 2008, p. 89-105.



Foto 2: Homem-Plaqueiro.

3. SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES: NOVOS CONTEXTOS DE “SER” E “FAZER”

Uma dupla mutação — espacial e laboral — informa o contexto do trabalho informal em camadas empobrecidas da população (BUARQUE, 2000). A vida daqueles que atuam no espaço público (rua) é marcada pelo risco, ilegitimidade, ausência de normatividade, relações de poder amplamente desiguais, levando à subproletarização dos trabalhadores. A experiência subjetiva dos indivíduos remetidos à subalternidade do trabalho nas ruas revela a alternância de sensações onde prevalecem o vazio, a indignidade e a humilhação na rotina de trabalho. Acrescenta-se a isso um cenário de problemas de saúde, muitos casos de aposentadoria por invalidez e um alto consumo de medicamentos pelos trabalhadores.

A baixa qualificação educacional e profissional aponta para uma renda de um a três salários mínimos, onde a maioria dos indivíduos é chefe de família, responsável por filhos desempregados e netos, com implicações no orçamento familiar como indicam as despesas mensais básicas: alimentação, saúde, educação e moradia (aluguel ou prestações da casa própria).

A família para esses trabalhadores é o principal vínculo social e ponto de apoio e honra do velho chefe de família. A saúde aparece como valor moral que o constitui como homem forte, apto ao trabalho e digno socialmente. Portanto,

a doença só é doença quando, no ápice da sua intensidade, cria um fato inequívoco para o trabalhador. A debilidade física ou mental suportável acaba sendo considerada pelo trabalhador como um registro de normalidade. Por outro lado, a relação trabalho/saúde expõe seus contornos cruéis, evidenciando que as várias formas de sofrimento experimentadas pelo corpo fazem da doença uma experiência mimética que obedece à circunstancialidade do trabalho informal. “O corpo é o instrumento do trabalho, não apenas para sobreviver, mas para mostrar-se forte. Também a saúde tem um valor moral” (Sarti: 1996, p.69). Ainda, segundo Sarti (1996), a saúde aparece como registro de riqueza única e preciosa para o pobre, aquilo que lhe dá “disposição para trabalhar” e é concedida por uma ordem natural, expressa pelo poder divino. Saúde e trabalho são valores profundamente relacionados à constituição da dignidade, tão importante para o homem pobre. Nesse sentido, o trabalho transcende a lógica de inserção econômica e ganha um significado que qualifica moralmente aquele que trabalha. Trabalho é também sinônimo de honestidade. É assim que o trabalhador na condição de *homem forte* e possuidor de saúde cumprirá o papel de provedor da sua família, através de uma relação de respeito e confiança com o seu patrão. Nessa direção, compreende-se a necessidade de plaqueiros e homens-sanduíche ocultarem, ao máximo, sua fragilidade corpórea, intensificada pela ida-

de avançada do grupo. O sofrimento suportado pelos trabalhadores permite que o seu reconhecimento enquanto homens simples seja preservado no mundo social.

Nos encontros fortuitos durante o trabalho na rua esses homens desconfiam, hostilizam e pouco se relacionam entre si. A rua parece moldar tais atitudes, obrigando ao comportamento permanentemente defensivo. A rua parece moldar também desejos, intenções e visões de mundo (RIGOTTO e ROCHA, 1994). As cenas sociais mostram valores e práticas sociais marcados pela tensão constante na vida de trabalhadores cuja representação social da velhice, seja positiva ou negativa, é invisível às exigências do processo produtivo. A estruturação familiar é o fenômeno que baliza o sentido de ser trabalhador e ter valor no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUARQUE, C. Olhar a (da) rua. In: BURSZTYN, M. (org). *No meio da rua. Nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Lisboa, Europa-América, 1995.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

RIGOTTO, R.M; ROCHA, L.E. Como
conduzir-se diante dos agravos à saúde dos
trabalhadores? In: BUSCHINELLI, J.T.P;
ROCHA, L.E.; RIGOTTO, R.M.(orgs). *Isto é
trabalho de gente?* Petrópolis: Vozes, 1994.

Recebido em agosto de 2008
Aprovado em novembro de 2008

APOSENTADORIA: TEMPO DE ENVELHECER OU REVIVER?¹

Carmen Maria Andrade²

Resumo. A aposentadoria pode ser vista como um evento normativo esperado ao longo da trajetória profissional e comporta vivências diferenciadas em relação à sua concepção inicial, significa a proteção ao trabalhador pelos anos dedicados ao trabalho, e também um momento de redimensionar e ressignificar a vida. Este artigo relata um estudo que teve como objetivo verificar a percepção de professoras aposentadas acerca da aposentadoria do ensino superior e as motivações para voltar a trabalhar. A pesquisa seguiu os pressupostos do estudo de caso qualitativo, realizada em quatro Instituições particulares de ensino superior de Santa Maria/RS-BR, nos anos de 2006 e 2007, com mulheres professoras aposentadas de instituições públicas, que voltaram a trabalhar. A coleta das informações foi feita pela própria pesquisadora através de uma entrevista semi-estruturada. Ficou claro que para todas as participantes a aposentadoria está sendo um período gratificante em suas vidas e uma nova fase de muitas realizações. Voltaram a trabalhar porque se aposentaram muito jovens obrigadas pelas mudan-

1 Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida nos anos de 2006 e 2007 na cidade de Santa Maria/RS-Brasil com Professoras aposentadas no Ensino Superior Público que voltaram a trabalhar lecionando em Instituições Privadas de Ensino Superior.

2 Psicopedagoga, Doutora em Educação pela PUC/POA, com tese na área do Envelhecimento Humano. Professora da Faculdade Palotina e Coordenadora do Núcleo Palotino de Estudos do Envelhecimento Humano (NUPEN)- Santa Maria/RS-Brasil.

ças da legislação, e por considerarem que o trabalho as mantém vivas, atualizadas, com qualidade de vida e disposição para continuar ensinando cada vez mais. Concluiu-se que, ao continuarem interagindo com diferentes gerações estas professoras aposentadas estão contribuindo na desmistificação da visão da aposentadoria como incapacidade, impotência, inércia e na construção de uma sociedade mais sensível ao seu envelhecimento, que vive e valoriza os aposentados que optaram por voltar ao exercício profissional.

Palavras-chave: aposentadoria, professoras, ensino superior.

Abstract. The retirement can be seen like a normative event expected for all the professional trajectory and it contains unlike experienced existences relationated to inicial conception. It means the protection to the worker by the years dedicated to the work and also a moment to dimension and signify again the life. This article relates a study that had the aim to verify the perception about the retirement of female college teachers and why they have come back to work. The search followed the rules of the Qualitative Study of Case. It took place in four private college in Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil, from 2006 to 2007 with female retired teachers of public institutions that have come back to work. The collect of the information was done by the own researcher through a semi-structured interview. It has got clear that for all the partakers the retirement is being a rewarding period in their lives and a new stage of many accomplishments. They have come back to work because they retired much young obligated by the legislation shifts and because they considered that the job keep them alive, up-to-dated, with quality of life and energy to keep teaching more and more. It was concluded that in they continue interacting with different generations

these retired teachers are contributing in the demystification of the view of retirement like unfitness, impotence, inertia and in the construction of a society more with its aging, that lives and valorizes the retired that chose to return to the professional exercise.

Key words: retirement - female teachers - college.

INTRODUÇÃO

Estudar aposentadoria com professoras de Ensino Superior aposentadas torna-se interessante quando se constata que ela apresenta grandes repercussões na vida de quem se aposenta. A passagem para aposentada implica em reorganizar a vida, as finanças, as relações familiares e sociais, bem como a dedicar-se a novas atividades para a ocupação do tempo livre.

A palavra aposentada na sua origem tem uma conotação depreciativa já que é formada pelo prefixo *apo* (afastar-se) mais *sentada*, ou seja, é o afastar-se para sentar, é a inatividade, a improdutividade, a inércia num mundo que cobra o movimento, a produção e o consumo. Na língua portuguesa, aposentar-se prende-se etimologicamente a hospedagem, abrigo nos aposentos. Considerando que aposento é o mesmo que quarto, alcova, o sentido do termo remete à noção de abrigar-se nos aposentos, no interior da habitação. Em inglês e francês (*retired* e *retraité*) também remetem à noção de retirar-se, afastar-se da vida ativa, sendo que no século XVI, *retraité* significava, também, o

lugar onde as pessoas se retiravam para escapar “*dos perigos e das modernidades*”.

A aposentadoria pode ser vista como um evento normativo, é esperada ao longo da trajetória profissional e comporta vivências diferenciadas em relação à sua concepção inicial; significa a proteção ao trabalhador pelos anos que dedicou ao trabalho, e também um momento de redimensionar e ressignificar a vida. A aposentadoria simboliza rupturas com a realidade sócio-político-econômica.

O estudo que deu origem a este texto teve como objetivo verificar a percepção acerca da aposentadoria de professoras do ensino superior, e os motivos que as levaram a retornar ao trabalho. Este artigo relata um estudo de caso realizado em quatro Instituições particulares de Ensino Superior de Santa Maria/RS-BR, durante os anos de 2006 e 2007, com 50 (cinquenta) professoras aposentadas de instituições públicas, que voltaram a trabalhar em instituições de ensino superior privadas.

O texto inicia analisando a trajetória da aposentadoria no Brasil, aborda a questão dos efeitos da aposentadoria na vida da aposentada, propõe a pergunta se aposentar está mais ligada a envelhecer ou a reviver, para então abordar as repercussões da aposentadoria na vida das participantes e a questão do retorno ao mundo do trabalho.

A escolha dos sujeitos da pesquisa se deu aleatoriamente entre aquelas que se dispu-

seram a participar do estudo, que teve uma abordagem qualitativa-descritiva do tipo estudo de caso, e apresentar possibilidades de entendimento do fenômeno segundo as perspectivas dos sujeitos.

A questão norteadora da pesquisa foi: qual a percepção da aposentadoria para a vida destas professoras que voltaram ao trabalho?

O instrumento de coleta de informações foi a entrevista semi-estruturada. A realização das entrevistas foi feita pela própria pesquisadora, com dia e hora previamente agendados, tendo sido todas no local de trabalho das participantes, por sugestão das entrevistadas.

Transcritas, as entrevistas foram analisadas, tendo como base as questões do trabalho, da aposentadoria e da família. Foram realizadas com aposentadas há pelo menos cinco anos, com mais de 52 anos de idade, do sexo feminino, residentes na zona urbana de Santa Maria/RS, escolhidos intencionalmente entre as professoras aposentadas que permaneciam no magistério. Das entrevistas selecionou-se os fragmentos de discurso referentes ao sentido atribuído ao cotidiano.

Na análise das entrevistas, foi utilizado a análise de conteúdo. Após a transcrição das entrevistas e de realizadas várias leituras do material transcrito, com a finalidade de encontrar os conteúdos que pareciam ser mais significativos e semelhantes, foram construídos dois textos, o primeiro referindo-se às

repercussões da aposentadoria para a vida destas professoras, e o segundo sobre o que as motivou a voltarem ao trabalho.

2. TRAJETÓRIA DA APOSENTADORIA NO BRASIL

A Previdência Social no Brasil iniciou em forma de montepio. No Império, em 1889, foi votada a Lei 3397 que autorizava a criação da *Caixa de Socorro* aos trabalhadores das estradas de ferro estatais.

O direito a aposentadoria é um fato social recente que surgiu no início do século XX, com ele os conceitos de aposentadoria e velhice passaram a estar associados, pois o direito à aposentadoria inclui a velhice subsidiada e o direito de descanso no fim da vida (HADDAD, 1993).

Em 1926, o sistema de Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP) beneficiou trabalhadores da estiva e da marinha; em 1937 o número de CAPs estava em 83. Para Haddad (1993) a conquista da aposentadoria fez parte de um conjunto de reivindicações do movimento operário que motivou as manifestações grevistas e congressos operários que lutaram pela melhoria dos salários, a redução da jornada do trabalho, as férias, a regulamentação do trabalho de mulheres, entre outros.

Em 1930, no governo Getúlio Vargas, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e

Comércio que procurou organizar o trabalho livre, os sindicatos, os tribunais trabalhistas e o sistema previdenciário. De 1930 a 1938, com a criação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs) a cobertura previdenciária se ampliou tornando-se de interesse do Estado.

No entendimento de Petersen (1997), os IAPs reforçavam as desigualdades econômicas entre as diferentes categorias profissionais: a quantidade de recursos variava entre as instituições previdenciárias; os dispositivos legais eram específicos a cada instituto e a qualidade do volume de benefícios e serviços prestados aos associados eram díspares.

A primeira proposta de unificação e universalização da Previdência Social surgiu quando Getúlio Vargas, em 07 de maio de 1945, cria o Instituto de Serviços Sociais do Brasil – ISSB (HADDAD, 1993). Em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek, é publicada a Lei Orgânica da Previdência Social – LOPS, a qual uniformizou os direitos de todos os segurados, ampliando os benefícios segundo o padrão dos melhores IAPs. Com isso, a LOPS contribuiu para agravar as crescentes dificuldades da Previdência Social.

Em 1998 houve a promulgação da reforma da Previdência Social, deixando os benefícios menores, o tempo de contribuição maior, e aumentadas as exigências para a concessão dos benefícios (GONÇALVES, 2001). Este autor salienta, também, as regras de transi-

ção para quem já contribuía.

Nesta direção, Kaefer (2004) destaca que as mudanças na previdência são um processo complexo, uma vez que mexem com os direitos e interesses da sociedade. Muitas discussões têm sido feitas em relação a essas questões, o que demonstra que a sociedade, através de mobilizações, está organizada para reivindicar seus direitos. Ainda, menciona que *“a reforma da Previdência Social busca ajudar não apenas os aposentados, mas toda a população que pretende contribuir para poder se aposentar e usufruir seus direitos”* (2004, p.32). Sendo assim, a reforma na Previdência é fundamental e já devia ter sido realizada há mais tempo, visto que a tendência é aumentar o número de aposentados, o que nos remete a uma medida eficaz, para garantir que futuramente os sujeitos tenham condições de se sustentar.

3. EFEITOS DA APOSENTADORIA

A aposentadoria é considerada por Cecílio (apud WITCZAK, 2001) como o período da vida do trabalhador em que se institucionaliza a dispensa normativa e legal dos serviços profissionais. Pode ocorrer por idade, por tempo de serviço ou por invalidez. O importante é que a mesma sinaliza o fim de um tempo de trabalho e o retorno daquilo que ele pagou enquanto permanecia na ativa.

Este evento representa um belo desafio na vida do trabalhador porque o trabalho “...é uma maneira de se afirmar e desenvolver características que tornam o indivíduo mais eficaz em íntima relação com um ambiente que ele pode transformar ou preservar” (MOSQUERA, 1979, p.169). Já para outros autores, a aposentadoria representa a perda do status profissional e o afastamento do sistema de produção. Além disso, representa uma reorganização espacial e temporal da vida, confrontação com a velhice e reorganização da identidade pessoal, mesmo mantendo um vínculo simbólico com o trabalho através da identidade de trabalhador, pois não se rompem os modelos de identificação, construídos no passado e apropriados como representantes do eu.

Nesta linha, Witczak (2001) afirma que ser aposentado para o homem é assumir uma dimensão de desvalorização social, de perda de status, de responsabilidades e prestígio no mundo público. Para a mulher, a aposentadoria mantém seu papel social doméstico, pois seus afazeres continuam.

Zanelli (1996) escreveu que não é sem razão que a categoria dos aposentados é denominada de “*inativa*” – sentido oposto à mobilidade ou movimento, essência da vida. O recado é “*se você não trabalha, deixa de ter importância*”. Para Andrade (1996) o rompimento das relações de trabalho tem um im-

pacto indiscutível, mesmo que varie de pessoa para pessoa, pois a aposentadoria implica na interrupção das atividades praticadas durante anos, no rompimento dos vínculos e na troca dos hábitos cotidianos impostos pelas mudanças na vida pessoal e social.

Na concepção de Salgado (apud WITCZAK, 2001) a aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que a pessoa não seja velha no viés biológico. O autor afirma que, independente da aposentadoria estar cercada de recursos materiais ou não, ela traz, para a maioria dos trabalhadores, um conflito individual e social. A maioria das pessoas, independente de idade ou tempo de trabalho, não se encontra preparada para aposentar-se e sequer o deseja. Nesta direção Silva (1991) afirma que o aposentado torna-se vítima de seu próprio descanso quando o tempo se amplia em razão das tarefas e ocupações de rotina, sem a presença das funções nobres da atividade profissional.

A aposentadoria, por significar no plano social o fim da capacidade produtiva, no plano individual acrescenta a idéia de chegada da velhice e proximidade da morte. Isto requer um momento de elaboração de perdas, de luto, de reorganização e adaptação às novas situações.

Se a pessoa tem outros meios de personalização além do trabalho e se é capaz de integrar suas perdas e adaptar-se às situações de mudança, a aposentadoria pode ser vivida de forma menos traumática. Nesta situação,

ela seria a passagem do trabalho para o não-trabalho, sem acarretar uma transformação profunda na sua identidade.

A aposentadoria pode interferir nas relações familiares, segundo Willis (1996) podendo fazer o indivíduo voltar-se para a família permitindo a manutenção de seu envolvimento social e de seu equilíbrio pessoal. Assim, a diminuição do status social pode ser compensado pela acentuação de novos papéis familiares.

Mosquera escreve que *“as pessoas que continuam com alguma classe de atividade produtiva permanecem, por mais tempo, com sua capacidade intelectual aberta e viva”* (1983, p.137).

4. APOSENTAR: ENVELHECER OU REVIVER?

O envelhecer é um tempo marcado pela libertação dos compromissos profissionais e familiares, possibilitando a vivência de outras experiências deixadas de lado, em função dos papéis e responsabilidades exercidos. Esta perspectiva opõe-se a ótica da velhice como incapacidade e inatividade.

Aqui, aposentadoria ganha ares de reviver, de reorganizar, de reelaborar onde a pessoa cheia de coragem adequa-se à nova condição, entra em harmonia com a vida e adapta-se ao seu novo momento.

Veras (1995) concorda que a aposentadoria não precisa ser um período de decadên-

cia, pois quando acompanha uma velhice saudável, é uma fase natural da vida, com possibilidades de renovação, mudanças e realização. O resgate da auto-estima, da alegria, da descoberta das potencialidades, do prazer de se expressar e ser ouvido são perspectivas para uma vida mais plena.

Outro elemento a ser considerado é o crescimento da população idosa no Brasil, fazendo surgir uma preocupação com a formação de profissionais, com a prestação de serviços e com a oferta de novas oportunidades capazes de promoverem a saúde e a qualidade de vida dos velhos.

Manter projetos de vida, agenda própria, abertura para a vida, para o conhecimento e para as novas relações fazem com que o aposentado não considere este momento como decadência, e sim como um reviver com qualidade e perspectivas de futuro e realizações.

5. REPERCUSSÕES DA APOSENTADORIA

A aposentadoria representou uma mudança radical na vida destas professoras, pois implicou no término das atividades laborais praticadas durante anos e anos, e forçou a troca de hábitos cotidianos, trazendo a necessidade de uma reorganização de sua rotina diária. Este novo estilo de vida trouxe conseqüências que impuseram mudanças no aspecto financeiro,

familiar, social e na ocupação do tempo livre.

As repercussões no aspecto financeiro estiveram relacionadas com a redução do salário, pois a maioria delas ocupava alguma função gratificada de chefia e/ou coordenação que não foi incorporada ao salário, deixando de receber o valor do tempo em que trabalhava.

Esta insatisfação ficou clara em falas como as que se seguem: a) *Eu fiquei insatisfeita com o achatamento do salário, comecei a ver que não ia conseguir viver só com a aposentadoria;* b) *Eu me aposentei com o salário integral, mas as funções gratificadas que rendiam mais ficaram para trás;* c) *Nunca pensei que quando me aposentasse o salário seria tão reduzido assim.*

Da mesma forma, pode-se atribuir essa insatisfação ao fato do Brasil ter passado por sucessivas mudanças na política governamental relacionada à aposentadoria dos servidores, forçando a mudança do padrão de vida e do orçamento familiar.

Algumas das aposentadas expressaram o descontentamento em relação ao salário devido ao tempo de contribuição que fizeram e a não equiparação com o salário dos professores ainda em atividades. Nesta direção as falas foram: a) *Eu tenho trinta e dois anos de sala de aula na universidade federal, sempre descontei para a aposentadoria, e agora na hora de usufruir me sinto traída;* b) *Durante meu tempo de atividade professoral fiz todos os cursos possíveis para a carreira, da Especialização ao*

Pós-Doutorado, pesquisei, publiquei, orientei na Pós-graduação, ..., agora que me aposentei ganho menos que meus colegas de departamento que fizeram apenas o mestrado; c) Faz mais de quinze anos que eu sou o pai e a mãe dos meus filhos, passei os melhores anos deles na universidade, sem acompanhá-los bem na escola, me dedicando aos filhos dos outros, pensando no tempo livre do dia da aposentadoria,..., agora estou aqui de volta a luta para poder continuar dando o que precisam ... até pelo menos se formarem no curso superior....

As repercussões financeiras são relevantes, pois além de afetarem o aposentado que recebe aquele valor de aposentadoria, afeta todas as suas relações, pois a sua condição econômica é que vai determinar o envolvimento ou não em atividades que por direito, seriam próprias desta etapa da vida, tais como: viajar independente da época do ano, participar de eventos, fazer cursos, ir a clubes, teatro, restaurantes,... Além disso, o fato de terem o salário reduzido faz com que alguns aspectos, como o sustento da família, sejam mais preocupantes, não podendo manter o antigo padrão de vida.

Quanto ao aspecto familiar as repercussões são significativas, uma vez que a família tem um papel central na vida destas professoras, pois a maioria delas se sente responsável pela transmissão de valores, normas sociais, culturais e religiosas aos seus integrantes.

Quando falaram sobre a família disseram:
a) *Minha família e meu trabalho sempre estiveram lado a lado, aliás, é porque tenho esta família que trabalho tanto; b) Independente de trabalhar quarenta horas na universidade, eu sempre consegui manter o controle da minha família, sempre fixei os horários, dividi as atividades e responsabilidades, delimitei prazos; c) Minha preocupação com as relações familiares sempre foi muito grande, tanto na relação que estabeleciam entre os irmãos, entre os familiares, como com o tipo de amigos que faziam,..”*

Com a aposentadoria estas mulheres pensavam em dedicar-se um pouco mais às atividades que foram sendo adiadas por conta do trabalho, tais como: ter mais tempo para o lazer com a família, descansar, dormir até mais tarde, entre outras. A pressão econômica as fez postergar estes planos.

Em algumas falas, daquelas que só estão trabalhando à noite, foi possível notar que as relações familiares pós-aposentadoria melhoraram, pois estas mulheres puderam voltar para a família durante o dia o que possibilitou dar mais atenção e cuidado aos filhos. Elas se expressaram assim: a) *Eu acho que melhorou muito nossa convivência, esta foi a grande vantagem da aposentadoria. Hoje percebo que se continuasse trabalhando eu não teria a possibilidade de reconhecer meus filhos; b) Para mim, ficar em casa durante o dia foi a grande estratégia da aposentadoria, pois hoje conheço*

os amigos dos meus filhos, escuto música com eles, assisto filmes,... resgatamos algumas atividades comuns; c) Desde os seis meses meus filhos foram para a creche e eu pouco acompanhei a vida deles. Hoje sentamos a tarde para tomar chimarrão, conheço seus planos, fazemos planos, opino na vida deles, escuto seus posicionamentos,... estou de volta ao lar.

A partir destes relatos pode-se inferir que esta percepção decorre do duplo papel social exercido por estas mulheres, no plano familiar e no plano profissional, durante muitos anos, e agora com a aposentadoria têm mais contato diário com a família, maior dedicação aos filhos, e mais companheirismo com o marido, este último item ficou claro nas seguintes falas: a) *Agora estou redescobrimo meu marido, estamos vivendo mais e melhor nossa relação, voltamos até a namorar; b) Eu e meu marido estamos aposentados, dividimos as tarefas, tudo fica rápido, voltamos os dois a trabalhar só de noite, estamos com um excelente relacionamento recuperando muitos momentos perdidos; c) Meu marido voltou a ser meu namorado, me leva de mão para a faculdade de noite e vai me buscar, no caminho conversamos, fazemos planos, sem ter pressa de chegar em casa correndo, pois agora não preciso mais me levantar às 6h30min,....*

O tempo de aposentadoria nem sempre é tão tranquilo para os casais. Moragas (1997) lembra que o momento da aposentadoria afe-

ta em especial a vida do casal, pois a rotina se altera, devido a presença mais intensa e a excessiva manutenção de contato. Isso causa uma necessidade de reorganização do trabalho doméstico, uma divisão de tarefas, uma maior participação de todos no planejamento das atividades que antes faziam parte das responsabilidades da mulher.

A volta do casal para o ambiente familiar após a aposentadoria nem sempre é algo que aproxima e melhora as relações, podendo trazer estresse e desarmonia. As falas que se seguem expressam esta situação: *a) Quando me aposentei pensava em ficar só em casa, me estressei de tal maneira que não vacilei em aceitar o primeiro convite que recebi para voltar a trabalhar; b) Aposentada tem as duas faces da mesma moeda, isso pode ser positivo e negativo,... positivo porque a gente curte os filhos, os netos, a casa, as coisas, os vizinhos,... e negativo porque a gente vê tudo, perde o controle, briga muito, se torna muito exigente...; c) No tempo da universidade eu não participava de nada, mas também não me preocupava nem cobrava nada, meus filhos agora reclamam que estou ficando muito exigente, eu digo que é por amor, então eles pedem para eu amá-los um pouco menos...*

As relações estabelecidas na família são muito afetadas com o fato da aposentadoria, pois ela oportuniza tanto um convívio intenso e uma grande dedicação, quanto pode es-

tressar, pois estas professoras, ao se aposentarem, precisaram adaptar-se para participar de uma nova rotina com a qual não estavam acostumadas. Cabe destacar que os familiares também sentem os efeitos desse momento novo e precisam reaprender a conviver a nova condição de mãe e esposa aposentada.

As repercussões no aspecto social são originadas das modificações geradas pela ruptura do convívio diário com os colegas de trabalho, fazendo com que as aposentadas perdessem ou mudasse sua rede de comunicação. Surge aqui a necessidade de administrar e preencher o tempo antes dedicado à universidade.

As falas que se seguem deixam clara a necessidade da busca por atividades para preencher o tempo: *a) Como só estou trabalhando a noite, comecei a resgatar meus antigos amigos, a visitar os parentes, a ir às atividades da igreja,...; b) Quando eu trabalhava na universidade tinha mais convívio com as pessoas, mas agora percebo que eram relações profissionais, ou por interesse, agora eu escolho fazer trabalho voluntário, me realizo nas instituições onde estou atuando, ... sinto que minha vida está com mais qualidade,...; c) O que mais me agrada é não ter pressa quando saio, posso olhar vitrines (coisa que há anos não fazia), conversar a toa, sentar no calçadão,....*

Estas falas comprovam que a aposentadoria não precisa necessariamente ser sentida como uma perda das relações sociais:

ela pode ser vista como uma ampliação do círculo relacional.

Outra questão colocada por algumas professoras foi sobre a cobrança que alguns segmentos sociais fazem aos aposentados, pois muitos pensam que elas têm tempo sobrando e por isso se sentem no direito de delegar-lhes tarefas. Isto ficou claro quando disseram que: *a) Eu tinha mais tempo pra mim quando trabalhava do que agora,... todos têm sempre uma coisa para eu fazer...; b) As pessoas não me convidam para participar das atividades do sindicato, da APUSM, da associação do bairro, ..., elas me convocam afirmando que como estou aposentada tenho tempo...; .*

Estas falas expressam como algumas pessoas não valorizam as aposentadas, mesmo tendo retornado ao trabalho. Moragas (1997) nesta direção afirma que uma das soluções para os aposentados seria a transformação desse “*papel sem papel*” na sociedade em um “*papel com papel*”, atribuindo aos aposentados responsabilidades e prestígio social. Para isto se faz necessário a desmistificação da importância do trabalho.

As repercussões na **ocupação do tempo livre** variam conforme a maneira como vivemos isto ao longo de nossa vida. É claro que na aposentadoria o tempo livre é maior, mas a necessidade de preenchê-lo, como uma forma de sentir-se ativo e participante nessa nova fase da vida também é muito grande.

A maioria das professoras entrevistadas preenche o tempo com as coisas da família, com atividades sociais, com trabalho voluntário, e com os encargos do novo trabalho. Todas foram unânimes em dizer que também se envolvem com atividades como: ginástica, natação, caminhadas,..., para manterem o fôlego e preservarem a saúde.

Pode-se pensar que este grande envolvimento se deve ao fato de muitas destas professoras terem se aposentado muito cedo, e também por serem pessoas acostumadas a participar ativamente da vida da comunidade.

Andrade (1996) afirma que o tempo livre nem sempre é uma preocupação, pois segundo os projetos e a forma como passou do trabalho à aposentadoria, o indivíduo pode reconhecê-lo como um direito merecido pelos anos dedicados ao trabalho.

○ RETORNO AO TRABALHO

Considerando que muitas das participantes foram obrigadas a se aposentar por mudanças na legislação, por pressão diária no trabalho, e por incentivo dos familiares, compreende-se que a significação da vida após a aposentadoria está diretamente ligada ao significado que atribuíram a esse período e a representação do trabalho em suas vidas.

A pesquisa demonstrou que 92% das en-

entrevistadas retornaram ao mundo do trabalho por considerarem que ele as mantém vivas, atualizadas, com qualidade de vida e disposição para continuar ensinando cada vez mais. Nas falas que se seguem isto fica bem pontuado: a) *Continuo trabalhando, pois me sinto útil à sociedade, tenho muito a aprender e a ensinar neste âmbito universitário do qual faço parte;* b) *Logo que me aposentei, tentei parar de trabalhar, mas isto só me fez mal, hoje trabalho em duas instituições de ensino superior e me sinto como se estivesse iniciando minha carreira profissional;* c) *Eu sei que tem gente que pode ficar sem fazer nada, sem ter um trabalho,... eu não entendo uma coisa dessas porque o trabalho é fundamental na minha vida, ..., não para ganhar dinheiro, mas para preencher o tempo...*

Muitas entrevistadas deixaram claro que começaram a trabalhar muito cedo e, muitas delas não se prepararam, ou sequer se permitiram, usufruir de outros prazeres da vida, pois viveram para o trabalho. As professoras foram unânimes em afirmar que só voltaram a trabalhar por se tratar de atividade na mesma área onde atuavam antes, pois têm paixão pelo magistério. As falas que se seguem corroboram esta afirmação: a) *Voltei a dar aulas numa faculdade porque é exatamente a mesma coisa que fazia na universidade, aliás eu jamais poderia fazer outra coisa...;* b) *Eu sempre fui só professora, mesmo tendo ocupado*

cargos administrativos na universidade, nunca deixei a sala de aula, agora, depois de aposentada, para voltar a trabalhar, só se fosse na sala de aula, este é meu mundo...; c) Nesta faculdade eu tenho a oportunidade de lecionar e pesquisar, por isso aceitei o convite e voltei, pois penso que tenho muito a dar ainda na construção do conhecimento...

Como se vê, o ser professora é o que motivou estas mulheres a voltarem para a sala de aula mesmo estando aposentadas com direito a descansar. Durante as entrevistas, algumas delas fizeram questão de me mostrar antigas fotos e convites de formaturas onde foram paraninfas ou homenageadas.

Os relatos que ouvi sobre a vida de personalidades que foram seus alunos, foi também emocionante, pois estas mulheres têm a consciência do quanto estão contribuindo na construção dessa sociedade que tanto queremos.

Por fim, através da perspectiva destas professoras aposentadas pude ver uma possibilidade de vida nova para os aposentados e não necessariamente um tempo de “morte social”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise semântica constata a negação do júbilo conferida à ausência do trabalho, embora a associação com a noção de mudança expressa pela palavra reforma e pela no-

ção de recolhimento a que o vocabulário aposentado (aposentadoria) remete. A questão que se coloca é por que deixa de ser um ato de júbilo para se tornar depreciativo.

Este estudo concretizou a importância do trabalho para a qualidade de vida destas professoras aposentadas que optaram por continuar em plena atividade, contribuindo tanto com o desenvolvimento intelectual de nossa sociedade, como com o próprio desenvolvimento cognitivo-afetivo-motor e espiritual à medida que se sentem valorizadas ao compartilhar saberes com jovens acadêmicos.

A Revista Claudia de jan 1992 (nº 86 p.52) numa reportagem sobre esta fase da vida afirma que *“quem supera essa etapa passa a ver as coisas de uma maneira diferente. Faz as pazes com os outros e consigo mesma. Desfruta a tão sonhada tranquilidade, o direito de pensar mais em si mesma e colhe, calmamente, os frutos de uma vida inteira voltada para o trabalho e a família”*.

Com este estudo pude verificar que a mulher nunca se aposenta, pois suas responsabilidades domésticas absorvem o tempo dedicado às atividades fora do lar, e o seu tempo continua tão ocupado quanto no período anterior. A mulher aposentada não tem um “papel social”, mas uma posição com muitos papéis e de grande importância para o futuro do marido que se aposenta normalmente depois.

Segundo as aposentadas entrevistadas

existem várias maneiras de ressignificar e vivenciar o trabalho e a aposentadoria, de acordo com o modo de organização, com suas relações de trabalho e sua história de vida. Sendo assim, o trabalho pode ser visto tanto como meio de sobrevivência, quanto de satisfação pessoal. Esta satisfação é que ficou clara neste estudo.

Vimos, ainda, que a aposentadoria pode ser vivenciada como um período de descanso ou de mudanças, ocasionando buscas de novas atividades para o tempo livre, que antes era direcionado exclusivamente às atribuições profissionais, além de dedicar mais tempo à família.

Finalmente, é importante assinalar que, para todas as participantes, a aposentadoria está sendo um período gratificante em suas vidas e uma nova fase de muitas realizações. Ao interagirem com diferentes gerações, estas professoras aposentadas estão contribuindo na desmistificação da visão da aposentadoria como incapacidade, impotência, inércia e na construção de uma sociedade mais sensível ao processo de envelhecimento que está vivendo, com a possibilidade de valorizar seus aposentados que optaram em voltar ao exercício profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carmen Maria. *Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil*. Porto

Alegre: PUCRS, 1996. Tese (Tese em Educação). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.

GONÇALVES, Nilton Oliveira. *As novas regras para a aposentadoria*. São Paulo: LTR, 2001.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Cortez, 1993.

KAEFER, Carin Otilia. *Trabalho e aposentadoria: significados e relações no contexto social*. São Paulo: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

MOSQUERA, Juan J. M. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre; Sulina, 1983.

_____. *As ilusões e os problemas da vida*. Porto Alegre: Sulina, 1979.

PETERSEN, Áurea T. *Homens e mulheres: enfim as desigualdades estão acabando? Estudos de Gênero*. São Leopoldo: UNISSINOS, 1997.

CARMEN MARIA ANDRADE

SILVA, Tomaz T. da. *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WITCZAK, Marcus Vinicius Castro. *Envelhecer ao aposentar-se? Discutindo a aposentadoria masculina, o envelhecimento e o subjetivar*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

ZANELLI, José Carlos. *Programa de preparação para a aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.

TROCANDO EXPERIÊNCIAS: O PAPEL DO GRUPO NA SOCIABILIDADE DO IDOSO COM DIABETES

Liane Moura Darwich¹

Resumo. A longevidade e o envelhecimento populacional têm conseguido transformar a realidade social, mostrando a necessidade em desenvolver ações que promovam uma velhice bem sucedida. As novas sociabilidades e redes de solidariedade, presentes nos grupos de terceira idade, têm crescido no País, contribuindo para um novo paradigma da velhice. Este trabalho discute a influência do grupo de convivência para o idoso diabético integrante do Programa de Diabetes do Município de Ilhéus-Bahia, assinalando que a atenção ao idoso diabético tem sido direcionada muito mais no sentido de orientá-lo a aprender e a adaptar-se à doença do que propriamente curá-lo. O Grupo em análise, funcionando para os idosos como espaço de participação, reflexão, auto-conhecimento e interação social, tem contribuído para a superação de problemas decorrentes do processo do envelhecimento, assim como, cooperado, através da educação em saúde, para a melhoria nas suas condições de vida, não apenas levando informações mas discutindo questões cotidianas baseadas no fato de que o homem é um ser inconcluso, em permanente estado de busca e aprendizado. Os resultados sinalizam mudanças de comportamento percebidas tanto pelo idosos quanto por seus familiares. .

¹ Fisioterapeuta, Especialista em Gerontologia Social.

Palavras-chave: Envelhecimento; sociabilidades; grupos de convivência.

Abstract. Longevity and the consequent ageing of the population have managed to transform social reality in Brazil, requiring the development of actions that can better provide well-being in old age. The present growth of a new sense of conviviality and solidarity networks amongst the aged is helping towards a new paradigm of old age. This work discusses the influence of togetherness groups on the diabetic elderly that are being cared for through the Program for Diabetes in the municipality of Ilhéus, Bahia. It draws attention to the way in which the elderly have been guided much more in the sense of learning how to adapt to the disease than really looking for a cure. The togetherness group under study acts as a space for participation, reflection, learning about oneself and social interaction. It has helped the elderly in the overcoming of problems stemming from the process of ageing together with an improvement in their living conditions, through health education, not only by bringing information but also discussing day-to-day questions based on the fact that Man is an unfinished being, in permanent state of searching and learning. The results from the research have made it possible to keep some actions and modify or even develop others, not only in the sense of improving their quality but also to extend the experience to other groups and health programs in the same Municipality.

Keywords: Ageing; conviviality; togetherness groups

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial e as preocupações com esse processo são tão antigas quanto a origem do homem. A necessidade de entender e atuar sobre esse fenômeno e suas implicações, seja nos aspectos demográficos, social, psicológico, biológico, econômico, político, histórico e cultural, estimulou o estudo, a pesquisa e a promoção de ações voltadas a esse segmento da população, cada vez mais aperfeiçoadas.

Esse aumento observado no envelhecimento, e sua conseqüente longevidade, incorpora demandas importantes em múltiplos aspectos, em especial porque essa velhice chega para todos, independente da sua condição de renda e de níveis culturais. Em uma sociedade que não consegue dar conta das necessidades básicas da sua população, como saúde e educação, por exemplo, a velhice chega com exigências específicas, que se vinculam a déficits sociais preexistentes.

Embora seja um processo natural na vida do homem, não se pode desconsiderar os valores sociais que, alterados na sua composição, negativizam e anulam, ou enaltecem e valorizam essa naturalidade, transformando a velhice em uma etapa de perdas e sofrimento ou de prazer e vida saudável.

A ampliação do ciclo da vida é meta buscada pelo homem desde que nasce. Mas se

a sociedade celebra a longevidade, ao mesmo tempo rejeita o velho, rotulando-o de inútil, não produtivo, inativo. Sabe-se que envelhece quem consegue vencer o tempo, mas essa vitória e esse privilégio só se tornam importantes quando acontece com qualidade de vida e dignidade.

Questiona-se, hoje, que a velhice seja pensada como um momento apenas definido pela idade cronológica, na qual se permanece até a morte; mais do que isso, trata-se de um processo gradual envolvendo o contexto histórico e social e a biografia de cada um. “... o ser humano envelhece com o passar de seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um, individualmente.” (MONTEIRO, 2001, p. 27).

Comprimir a morbidade é a referência feita à possibilidade de adiar o surgimento de doenças e seqüelas, mantendo fixa a expectativa de vida, e reduzindo assim o intervalo de tempo vivido entre o início das doenças ou incapacidade e a morte. No entanto, promove-se, através da indústria farmacêutica, o uso de substâncias que prometem retardar o envelhecimento, e não são valorizadas as práticas e estilos de vida para que se envelheça com saúde. Dentre as intervenções, pode-se destacar a prática regular de exercício físico, abstenção de cigarro, controle da hipertensão arterial e glicemia, imunização, orientação dietética, diagnóstico precoce das demências

e depressão, utilização correta de medicamentos, prevenção de quedas, entre outras.

Apesar disso, vem acontecendo em todo o mundo um aumento vertiginoso das doenças crônico-degenerativas (até o ano de 2020 serão responsáveis por 77% da carga global de doenças em países em desenvolvimento), o que levou a Organização Mundial da Saúde a elaborar um relatório para alertar os tomadores de decisões dos serviços de saúde em termos globais e a apresentar soluções para o gerenciamento do problema (OMS, 2003). O Brasil, ainda preocupado com o controle da mortalidade e das doenças transmissíveis, tem tido dificuldades em adotar medidas para a efetiva prevenção das doenças crônico-degenerativas e suas complicações.

A Diabetes *Melittus* é uma dessas doenças: é a sexta causa mais freqüente de internação hospitalar, em que 30% dos pacientes internados com dor precordial em Unidades Coronarianas Intensivas são diabéticos. Trata-se de causa principal de amputações em membros inferiores e cegueira adquirida. Além disso, cerca de 26% dos pacientes em programas de diálise são diabéticos. Essa condição crônica é o principal fator de risco para cardiopatias e doenças cérebro-vasculares, normalmente ocorrendo associação à hipertensão, outro fator de risco para problemas crônicos. São mais de 135 milhões de diabéticos e as projeções indicam que esse número atingirá

300 milhões em 2025 (OMS, 2003).

Os níveis elevados de glicose no sangue de idosos parecem estar relacionados à idade, ocorrendo tanto em homens como em mulheres. A elevação da glicose sanguínea aparece na quinta década da vida e aumenta de frequência com o avançar da idade, tratando-se do Diabetes Tipo 2. Essas alterações podem estar ligadas a uma dieta deficiente, à inatividade física, à diminuição da massa corporal magra, em que os carboidratos ingeridos podem ser armazenados ou, ainda, à secreção alterada e resistência à insulina.

O Programa de Diabetes do Município de Ilhéus, sul da Bahia, desenvolveu um trabalho com idosos buscando tratar as incapacidades causadas pelas conseqüências associadas ao Diabetes. Com a convivência estabelecida, foi possível observar o desejo das pessoas em se reunirem, com vistas ao desenvolvimento de atividades que extrapolassem as atividades físicas, e incorporassem atividades educativas e de lazer.

A partir das manifestações recebidas dos integrantes do Programa de Diabetes, o grupo foi se constituindo e vem se reunindo há cerca de três anos. Nesse período, e a partir da incorporação de palestras, discussões e aplicação de algumas dinâmicas de grupo, temos observado melhoras significativas no auto-gerenciamento da doença, reduzindo o seu agravamento, sem contar com a valoriza-

ção e o relacionamento com pessoas da mesma idade, envolvendo troca de experiências, sociabilidades e aumento da auto-estima.

Esses aspectos motivaram o desenvolvimento desta pesquisa, cujas questões norteadoras se caracterizam por saber: qual a influência do grupo de convivência na vida do idoso diabético? Quem é esse idoso diabético? Como e o que aprendeu com a doença? Como é conviver com a doença? Que papel tem o grupo de convivência em termos do tratamento e convivência com a doença? Como a família administra a convivência com o idoso diabético?

Para dar conta desses questionamentos, foi escolhido como área de estudo o Núcleo de Atenção Especializada, NAE, localizado no município de Ilhéus, sul da Bahia, na microrregião Cacaueira, por ser ali onde se desenvolve o Programa de Diabetes e onde 70% dos inscritos são idosos acompanhados por uma equipe multidisciplinar de saúde, constituída por médicos especialistas em clínica médica, angiologia e endocrinologia; enfermeira, nutricionista, fisioterapeuta e técnicos de enfermagem, há mais de três anos. Os idosos do grupo pesquisado se enquadram nos dois tipos de diabetes mais comuns: o tipo 1 ou insulino-dependente, e o tipo 2, que se caracteriza pela resistência à insulina e sua secreção comprometida

É visível, em Ilhéus, o substancial crescimento do segmento idoso, representando 7,3% da população (IBGE, 2000), que delinea

uma cidade com demandas especiais de saúde pública, principalmente no que diz respeito às patologias que requerem acompanhamento sistemático de equipe interdisciplinar de saúde e ações educativas capazes de minimizar as conseqüências de parte dessas patologias.

A metodologia utilizada para esta pesquisa, considerando-se os seus objetivos, foi a entrevista estruturada, além da observação, respeitando-se a Resolução 196/96, do Ministério da Saúde. Essa entrevista foi realizada junto a idosos diabéticos na faixa etária entre 65 a 81 anos, de ambos os sexos, que fazem parte do grupo de convivência assistidos pelo Programa de Diabetes do Município. Além do idoso, também foram entrevistadas pessoas da sua família, particularmente pessoas que o acompanham e dele cuidam. Com permissão dos entrevistados, utilizou-se gravador, considerando a possibilidade de perda das falas, caso se restringisse o registro apenas a anotações. Foram selecionados dez idosos portadores da diabettis, homens e mulheres, tomando-se como critério o maior tempo de permanência no grupo.

2. As Novas Sociabilidades e Redes de Solidariedade

Definir envelhecimento não é tarefa fácil, em especial porque o ser humano não enve-

lhece de uma só vez, mas de maneira gradual, além do que há um desconhecimento acerca da dinâmica e natureza desse processo. Pode-se afirmar que a dificuldade em avaliar o fenômeno do envelhecimento está relacionado com as dificuldades em defini-lo a partir da idade biológica.

Desta forma, delimitar a chegada do envelhecimento baseado na idade cronológica, uma mera convenção para determinar aposentadoria ou questões legais, seria incoerente, desde quando muitos parecem jovens após terem atingido essa idade e outros velhos antes dela. Portanto, ninguém envelhece da mesma maneira, nem no mesmo ritmo, podendo ocorrer essa variação dentro de uma população, grupo ou família.

Falar do envelhecimento saudável ou sobre uma velhice bem-sucedida seria associá-lo a baixo risco de doenças e de incapacidades relacionadas à doenças; funcionamento mental e físico excelente; e envolvimento ativo com a vida, o que significa estar participando, mantendo seus relacionamentos e construindo novos (NETTO, 2001, p.10).

É de Teilhard de Chardin a afirmação de que o “progresso de uma civilização se mede pelo aumento da sensibilidade para o outro” (apud ASMANN, 2000, p. 226). E o aumento dessa sensibilidade não é natural; precisa ser construída em contextos sociais específicos. Ainda que se reconheça, no homem, essa po-

tencialidade para a sociabilidade, é necessário que sejam desenvolvidas ações no sentido de viabilizá-la, até porque, embora o ser humano seja social, não nasce preparado, não nasce pronto para com-viver. De outro lado, é preciso entender que a sociabilidade, capaz de prevenir o isolamento social, pode ser anulada em função de transformações na família, morte de parentes, ou até mesmo perdas biológicas, o que geraria incapacidades para estabelecer redes de relacionamentos, tomando-se a sociabilidade com essa capacidade².

Nesse sentido, não só é importante conhecer o sentido de sociabilidade, definida por Simmel, 1983 (apud ALVES, 2004, p. 41) como uma “forma lúdica de associação”, o que significa uma forma de interação social que tem seu fim nela mesma, como levar em conta as atividades que se realizam em grupo e as relações que os indivíduos constroem nesses encontros.

Considerando as atividades realizadas no Grupo de Diabéticos do NAE (atividades físicas, palestras, comemorações, discussões de temas ligados à auto-estima, alimentação e nutrição, direitos, dentre outros), é relevante

2 Baechler (1995, p. 65) estabelece diferença entre sodalidade - capacidade humana de constituir grupos; sociabilidade - capacidade humana de estabelecer redes; socialidade - capacidade humana de manter coesos os grupos e as redes. In: BOUDON, R. Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. 604p.

o favorecimento da interação social associada ao acolhimento nessas relações, e o impacto disso no bem-estar, com importante redução do *stress* e da ansiedade. Com certeza, uma garantia de qualidade de vida, com favorecimento da autonomia, independência física e saúde mental satisfatória.

Sabe-se que a oferta de atividade a indivíduos que nunca praticaram qualquer tipo de esportes, ou atividade intelectual a idosos que não exercitaram esse hábito ao longo de suas vidas não é tão simples quanto parece. No entanto, estímulos e motivações podem ser desencadeados para mudanças, não esquecendo de que cada velhice é vivida individualmente, não devendo, pois, ser generalizada. Os idosos vêm encontrando, certamente a partir de estímulos e motivações, seu lugar nos grupos de convivência, universidades de terceira idade e associações, fugindo daquela velhice reclusa, voltada para o lar, para a família.

Hoje, a intensa participação das mulheres nesses grupos desperta interesse de estudiosos, que afirmam que um dos motivos pelo qual as mulheres procuram mais esses grupos deve-se ao fato da maior segurança em espaços fechados, controlados por profissionais, além de serem oferecidas atividades que lhes interessam, enquanto os homens preferem atividades de lazer em locais públicos. Essa justificativa parte do princípio de que as mulheres não foram acostumadas a realizar

atividades fora de casa, o seu lazer geralmente ter sido em família, dentro do lar, enquanto que a rua, tradicionalmente, sempre foi o local dos homens (ALVES, 2004, p. 16).

As mulheres idosas de hoje sentem-se mais livres, tendo superado o passado, o tempo de repressão, de censura moral para aquelas que gostassem de passear, de integrar fora do espaço de casa. Elas hoje saem de casa, freqüentam grupos de convivência, levantam a bandeira da “velhice ativa”. Muitas delas costumam dizer que foi na velhice quando começaram de fato a viver, associando a liberdade a um estado de felicidade que, talvez, ainda não tivessem experimentado.

Os idosos, quando começam a freqüentar grupos não se reúnem com quem escolheram, por algum tipo de afinidade, mas com quem lhes são dados a conviver; porém essas relações sociais podem gerar diversas formas de convivência como a amizade, o companheirismo, o afeto e a solidariedade, tão importantes nas relações entre pessoas. É onde se dão as trocas de receitas culinárias, as conversas sobre comportamentos dos netos, as festas.

O envelhecimento saudável também está intimamente ligado à manutenção da autonomia e independência, sendo a autonomia a capacidade de decidir e comandar sua vida e a independência a capacidade de realizar algo com seus próprios meios.

Como conseqüência desse aumento e por-

que as doenças crônicas trazem alterações na capacidade funcional do idoso, o desafio é promover ações que lhe dê uma longevidade com qualidade, o que implica que ele pode continuar administrando sua própria vida e encaminhando seu cotidiano de forma independente.

Os idosos do Grupo pesquisado têm conseguido manter a capacidade de decidir sobre seus interesses e necessidades e organizar-se sozinhos. Esse idoso que mantém sua autodeterminação e dispensa ajuda ou supervisão para realizar suas atividades diárias deve ser considerado um idoso saudável, mesmo sendo portador de uma doença crônica como o Diabetes.

A referência à qualidade de vida implica pensar em algo que vá além da autonomia, da independência e até da ausência de doença. Qualidade de vida, que traduz vida plena, exige outros parâmetros como compreensão, esperança, afeto, solidariedade, requisitos importantes para proporcionar a sensação de bem-estar e, conseqüentemente, vida saudável.

Como analisa Monteiro (2001), é possível que o indivíduo se sinta saudável até o momento em que alguém o atinja com palavras de ofensa ou rejeição, uma situação não rara, que pode acontecer entre o velho e sua família, quando a tensão interna aumenta no seu corpo, levando-o a adoecer. Desta forma, o corpo não está isolado dos acontecimentos do ambiente, tampouco das situações viven-

ciadas, podendo perturbar a interação harmoniosa entre os sistemas orgânicos e o contexto no qual a pessoa está situada. É de Leonardo Boff (apud MONTEIRO, 2001, p. 73) a afirmação de que

A doença significa um dano à totalidade da existência. Não é o joelho que dói. Sou eu, em minha totalidade existencial, que sofro. Portanto, não é uma parte que está doente, mas é a vida que adocece em suas várias dimensões: em relação a si mesma (experimenta os limites da vida morta), em relação com a sociedade (se isola, deixa de trabalhar e tem que se tratar num centro de saúde), em relação com o sentido global da vida (crise na confiança fundamental da vida que se pergunta por que exatamente eu fiquei doente?).

3. O GRUPO DE CONVIVÊNCIA COMO ESPAÇO DE APOIO E DE SOCIABILIDADE ENTRE IDOSOS PORTADORES DE DIABETES

A complexidade do conceito de saúde, e da avaliação do estado de saúde de uma pessoa idosa, colocam em evidência um dos grandes desafios para os profissionais da saúde, em especial porque essa avaliação tem, ao longo do tempo, priorizado: a deterioração orgânica e vulnerabilidade do corpo; os sintomas psico-físicos, medidos em termos do funcionamento dos órgãos; as habilidades para

cuidar de si próprio e do entorno próximo; variáveis psicológicas e sócio-culturais, tanto objetivas quanto subjetivas.

Só mais recentemente a participação social é considerada um valor do próprio campo da saúde para o sujeito idoso, destacando-se o pertencimento a um grupo social, e um estilo de vida ativo, como elementos vinculados à manutenção de uma boa saúde e à prevenção de doenças (KRZEMIEN, 2002). A inclusão do elemento participativo leva em conta a existência de uma menor interação e envolvimento social das pessoas idosas, em especial pelas supostas perdas que sofrem, pelo isolamento e sedentarismo e, em consequência, nos aumentos de custos para os serviços de saúde. A idéia é que se o ser humano é um ser situado, não se pode separá-lo da situação em que vive.

Não se tem dúvidas de que o sujeito idoso necessita estar vinculado às pessoas e ambiente do seu entorno, como forma de sentir-se vivo, pertencendo, sendo reconhecido e incluído. Do nascimento à morte o homem vive em grupos, sejam eles familiares, escolares, profissionais, de amigos, o que não significa que a convivência seja sempre harmoniosa e saudável.

Naturalmente que para isso contam as relações familiares e as relações pessoais fora da família. Continuar vinculado aos filhos, participando das trocas familiares; compartilhar com os amigos atividades como passeios, conversas, jogos; vincular-se a algum

grupo que objetive proporcionar informações e orientações sobre assuntos de seu interesse, deve ser a meta para o idoso.

Petriz & Viguera (2001) assinalam que há estudos dando conta de haver relação inversa entre a rede social de uma pessoa e seu estado de saúde; quanto menores as redes sociais, maiores as patologias. Essas autoras, corroborando outros estudos, destacam os benefícios diretos entre apoio social e saúde física do idoso, e entre apoio social e bem-estar psicológico, inclusive como importante fator preditivo da depressão em pessoas idosas, geralmente causadas por acontecimentos estressantes e negativos, ou ainda por doenças.

É sabido que as estruturas de sociabilidade, aquelas capazes de prevenir o isolamento social, têm desaparecido em função das transformações na família, nas condições de produção e de trabalho, além do exacerbamento do individualismo e da competitividade, especialmente para as classes de mais baixa renda. Afirma Magalhães (2002, p. 14), que “no meio social das elites pelo menos 70% das estruturas de sociabilidade tendem a ser preservadas....”.

Idosos desta pesquisa, inquiridos sobre a importância do grupo em suas vidas, responderam: 1) *A convivência é importante; a gente aprende muita coisa, faz amizade, alegre nossa vida* (E, 77 anos); 2) *Eu acho muito bom; eu gosto muito deles. A gente vivendo ali,*

um conversa com o outro. Eu acho importante pra vida da gente. Antes eu era calada, não gostava de sair de casa; agora, quando não vou sinto falta (J., 74 anos); 3) Ah, tem muita, muita, muita mesma, esse grupo aqui tem me dado muita coisa a aprender. Aqui é como se diz, vivendo e aprendendo e morrendo sem saber. Na minha vida ele tem muita coisa, porque realmente ele é um grupo que nos incentiva, nos esclarece a mente, que é o principal, e a convivência que se torna uma família. (R., 76 anos); 4) Procurar ajudar o outro, conversar, conta uma história, outro conta outra, animar as pessoas, porque às vezes as pessoas estão tristes, um conta uma história, conta outra, a pessoa vai indo, se sente bem também. Às vezes eu ia lá triste, quando voltava estava melhor, eu estou bem. (N, 72 anos).

As famílias também respondem positivamente ao tratamento do idoso e ao papel do grupo para o familiar diabético: 1) *Ele ficou mais alegre; ele gosta muito das amizades; no dia que é prá ir ele acorda cedo, todo animado. Ele fala que está bem (esposa); 2) ... De primeiro ela tava assim decadente.... Agora ela reagiu ela tá indo lá, fazendo a programação certa.... Eu notei a mudança na melhora da fisionomia dela (filha); 3) Ah, ele mudou bastante, ele era assim nervoso, tudo ele se aborrecia. Depois que ele passou aqui [no grupo], graças a Deus ele se controlou mais, né? (filha).*

As amizades se constituem em um pólo

das relações pessoais ainda mantidas por esses idosos. O encontro semanal no Grupo é a oportunidade de compartilhar o tempo mas, também, as conversas, falar do cotidiano, trocar receitas, esclarecer dúvidas. [...] *eu aprendi muita coisa, aprendi o que eu devia comer e o que não devia, o que eu devia fazer e o que não devia também. Melhorou muito minha situação. Com aqueles ensinamentos que a gente recebe, a gente mesmo vai aprendendo a se medicar, porque a gente vê quando tá ruim, a gente já sabe o que tá sentindo. Se o açúcar subiu, se desceu, aí vai ao médico e resolve o problema.* (N., 72 anos).

O fato de poder falar, de poder expressar seus sentimentos e poder contrastar esses sentimentos com os dos outros, fazem do grupo um espaço que ajuda a melhorar as atitudes de cada um frente aos seus próprios problemas, frente ao outro e frente a si mesmo. No Grupo, as questões comuns enfrentadas cotidianamente por cada um, expressas nas falas, ajudam a entender melhor o que se passa com o outro e, como num espelho, compreender melhor o que se passa com cada um em particular, ajudando em muito no nível de compreensão e de saídas para os problemas.

O Grupo, portanto, tem o duplo papel: de coletivizar, tornar comum as diferenças de cada um; mas, também, o de particularizar, tornar único o sujeito idoso. Trata-se de dois movimentos, aparentemente contraditórios,

reunidos em volta de dois pólos: o primário, que trabalha o indivíduo na inscrição pessoalista, para saber situar-se, e o secundário, que trabalha no sentido da inserção do idoso na realidade externa (SINGER, 2002).

O grupo, seja de qualquer natureza (terapêutico, de reflexão, ou de discussão), tem um papel importante na vinculação social do idoso, mantendo-o em atividade, seja quando proporciona a saída de casa, seja quando proporciona o encontro com o outro, que é exatamente aquele com quem ele não se encontra todo dia. Além disso, estimula a adoção de hábitos de alimentação, ingestão de água, e estilos de vida saudável (como a caminhada), promovendo atividades e momentos de convivência (comemoração de aniversário, festa natalina, dentre outras), promovendo mudanças com bem mais rapidez .

Além de ser espaço de apoio para idosos cujos níveis de interação social foram reduzidos pelo afastamento do trabalho ou outros fatores, o Grupo de Convivência também se constitui em instrumento de Política pública importante, pela constatada melhoria que promove e, certamente, em substancial redução da procura pelos serviços.

A compreensão, contudo, é de que esse grupos de convivência devem proporcionar atividades de lazer, esportivas, educacionais e sociais, porém, sempre associadas a um projeto de promoção da saúde. O Grupo pes-

quisado realiza atividades físicas, como alongamentos, exercícios respiratórios, exercícios para melhora do sistema circulatório, tão comprometido nos pacientes diabéticos. Para os integrantes que não possuem limitações, são incentivadas atividades de natureza aeróbica, como caminhada, natação, bicicleta, dança; além de debates e discussões em torno de questões ligadas à alimentação e nutrição, higiene pessoal, dentre outras.

A atividade física regular constitui um fator de primordial importância para a melhoria da qualidade de vida do idoso diabético, pois traz como benefícios o aumento no consumo da glicose e aumento do gasto energético, favorecendo a redução do peso corporal, melhora do funcionamento do sistema cardíaco-vascular, aumento da força e elasticidade muscular, além de promover a sensação de bem-estar.

O Grupo também realiza atividades de lazer, como sessões de filmes educativos ou de entretenimento; dinâmicas visando o exercício da memória; oficinas; atividades sociais como festas em datas comemorativas e aniversários dos integrantes; atividades educativas como palestras ministradas por todos os profissionais integrantes do Programa e “sala de espera”, uma breve informação enquanto o paciente aguarda ser atendido.

Vale ressaltar (não subestimando as práticas assistencialistas bem-intencionadas) que os grupos de convivência que têm em seu qua-

dro profissionais qualificados na área gerontológica e, portanto, rompem com o modelo tradicional de saúde, aquele que encara o idoso como objeto, aumentando as possibilidades de promoção de ações preventivas de doenças e seus agravamentos, antecipando-se às conseqüências que culminem com a perda da qualidade de vida. É importante assinalar o que dizem os idosos desta pesquisa a respeito do que sentiram quando souberam do diabetes: 1) *Fiquei sem saber direito, quase que não era comum, né? Era pouco divulgada a diabetes. Sou diabético há mais de vinte anos* (E., 77 anos); 2) *Eu não esperava que eu tinha isso não; eu era uma mulher sadia. Quando pensei que não, caí no quintal, tava diabética. Eu me senti meio caduca, sentia que ia caducar; o marido pedia água, eu não sabia o que ele estava pedindo [...]* (J, 74 anos)

O relato sobre o papel das famílias na vida desses idosos a respeito do conhecimento da doença e com o seu tratamento explica os significados das relações construídas, e o quanto estão inseridos no jogo familiar: 1) *Ficaram tristes, né? Mas depois reagiram e procuraram cuidar de mim; hoje estou bem* (N., 72 anos); 2) *Se não fosse minha família não estava vivo* (N, 72 anos).

É de amplo conhecimento que a meta terapêutica para o tratamento do Diabetes determina o alcance de níveis normais de glicose sanguínea, sem hipoglicemia, incluindo

como componentes o tratamento nutricional, exercício, monitorização, terapia farmacológica e educação. As complicações do Diabetes em longo prazo estão se tornando mais comuns à medida em que um número maior de pessoas entra na velhice propriamente.

O Diabetes vem sendo reconhecida como um sério problema de saúde pública em muitos países, independentemente do seu desenvolvimento, e suas complicações estão associadas ao comprometimento da produtividade, qualidade de vida e sobrevida do indivíduo. Poder-se-ia evitar a progressão e as complicações dessa doença com diagnósticos precoces, campanhas educativas, mudanças de hábitos de vida, aderência ao tratamento, permitindo uma boa qualidade de vida ao idoso, promovendo a manutenção da função independente e bem estar geral, levando ao aumento na sua expectativa de vida e contribuindo, inclusive, para não constituir uma ameaça a sua autonomia e independência.

Pascoal (2000, p.79) assinala que, “se os indivíduos envelhecem com autonomia e independência, com boa saúde física, desempenhando papéis sociais, permanecendo ativos e desfrutando de senso de significado pessoal, a qualidade de vida pode ser boa”. No sentido de trabalhar nessa perspectiva, o Grupo de Diabéticos é desenvolvido com o objetivo de melhorar o gerenciamento das condições crônicas, o que vem representando inúmeros efeitos po-

sitivos como: aperfeiçoamento dos indicadores da doença, redução de agravamentos, modificação de estilos de vida e auto-gerenciamento, melhora no processo de tratamento.

O auto-gerenciamento representa um grande desafio porque envolve mudanças de comportamento que o indivíduo deve integrar ao seu dia-a-dia. E, de fato, o diabético e suas famílias são responsáveis por 95% do tratamento, demonstrando eficácia em vários marcadores biológicos para o Diabetes.

A educação do diabético é parte fundamental do seu tratamento. O idoso diabético, compreendendo essa necessidade, exige informações; os profissionais de saúde, reconhecendo a importância em educá-los, intensifica seus esforços. Mas para se adaptar a esse novo modo de viver, o diabético precisa conhecer tudo sobre sua doença, sua natureza crônica, seu controle adequado, das complicações, como proceder nas emergências (hipoglicemia e hiperglicemia) e como enfrentá-las fazendo dieta orientada, atividade física, uso adequado de medicamentos, testes glicêmicos, cuidado com pés e pele. Além disso, os programas de educação vêm incluindo formas de lidar com problemas emocionais como rejeição, depressão, perda de autonomia, entre outros.

A educação lhes devolve o direito à voz, e oportunidade de ser ouvido. Isto é o que destaca M.L., 67 anos: *“Aqui encontrei liberdade para falar e fui ouvida;; encontrei amigos.”*

Com esse relato foi possível perceber o quanto o suporte social proporciona oportunidade de resgatar os desejos, a partir do momento em que se encontra quem o respeite e, de forma simples, ajudando-o a se sentir presente no mundo.

Parte das barreiras para o aprendizado e auto-cuidado, que podem ser notadas no idoso, incluem a visão diminuída, perda da audição, déficit de memória, mobilidade e coordenação motora diminuídas, tremores aumentados, depressão e solidão, recursos financeiros diminuídos e limitações ligadas a outras doenças clínicas.

Avaliar idosos com essas barreiras, bem como discutir qualquer concepção errônea ou crença popular em relação à causa e ao tratamento do Diabetes, é importante para estabelecer um plano de tratamento da doença e das atividades educacionais, além de apresentar instruções breves e simplificadas, com a oportunidade para a execução das tarefas. É valioso para o idoso o uso de aparelhos especiais, como lupa para seringa de insulina; aparelho de inspeção dos pés, local de lesões por perda de sensibilidade associadas a complicações circulatórias. No grupo pesquisado, procuramos fornecer informações necessárias para esses cuidados, readaptando-os de forma a alcançarem respostas satisfatórias, em especial conhecendo as dificuldades que possuem para obtenção desses aparelhos especiais.

A adesão à dieta é difícil para alguns idosos, por conta da diminuição do apetite, má dentição e capacidade física e financeira diminuída para preparar refeições, além de vontade de não mudar hábitos dietéticos de longa data. Mesmo assim, através da educação e conscientização a respeito da importância dessa adesão, os idosos do Grupo têm procurado ajustar suas vidas para esse novo padrão de alimentação, sendo incorporado a seu dia-a-dia na maioria das vezes com apoio total dos familiares.

Pode-se, sem nenhum risco, afirmar, baseado no que foi dito anteriormente, que a educação não deve apenas significar informações relativas à doença, deve refletir no seu comportamento, para que o aprendizado altere o estilo de vida. A educação deve ter caráter continuado, fugindo à idéia de que educação deve ser dada apenas a quem trará retorno produtivo, e, portanto, dispensável ao idoso. A educação continuada pode trazer frutos no que se refere à mudança de comportamento e de atitudes, porque se o idoso sofre mudanças nos desafios da vida com o passar dos anos e precisa ajustar-se a elas, é essencial que procure informação quando há uma pergunta a ser respondida. E, de modo positivo, o idoso reelabora o significado da doença, adaptando-se melhor a suas exigências, possibilitando um sentido de inserção, continuidade e permanência na normalidade

da vida e de manutenção da auto-estima: 1) *Mudou muita coisa porque aí tive que fazer o regime, não podia comer tudo, estava acostumado a comer tudo [...] não podia comer gordura, doce, fui evitando* (E., 77 anos); ou 2) *Mudou bastante, bastante mesmo mudou minha vida. Eu melhorei logo, meu diabetes era alto, diminuiu. [...] Eu cheguei aqui amparado pelos outros; fiz fisioterapia pois tinha tido um derrame. Hoje venho sozinho; também nunca mais fui internado* (I., 69 anos).

Os grupos de convivência direcionados à terceira idade, uma forma inovadora de serviços para idosos, com a finalidade de promover interação social, ocupação do tempo livre, desenvolvimento de habilidades e oportunidades de aprendizagem, têm crescido de modo substancial e contribuído para um novo modelo de velhice, com mais saúde, satisfação e alegria de viver.

Como o Diabetes *Mellitus* é uma doença de natureza crônica que leva o indivíduo a limitações e restrições em seu hábito de vida, quando se trata do idoso essa nova condição pode trazer complicações ainda mais fortes, não só de ordem física, mas emocionais. Porém o convívio social, a troca de experiências, a manifestação de sentimentos, a cumplicidade nas emoções, a apreensão do conhecimento da sua própria doença e, acima de tudo, a vontade de viver melhor, leva os seus integrantes a adaptar-se a nova realidade.

de que a doença impõe procurando, além de trazer para si, levar estímulo, aconselhamento e ajuda aos outros, como se vê na fala seguinte: *Me sinto bem pois transmito para eles a minha maneira de pensar, e eles acham que estou certo. Porque prá viver com Diabetes tem que saber viver, pois ela é uma doença que vou levar até lá dentro do caixão, mas ela tem limites, vamos respeitar os limites. É o que ensinam aqui. (R., 72 anos).*

Assim, o que não é perceptível a um, pode ser muito importante ao outro. O ser humano é o que ele sente e o que o mundo o estimula a sentir. E esse estímulo chega muitas vezes através da experiência do outro. *O que atrapalha é a doença. Mas sou lúcido, pago minhas contas, faço minhas coisas. Me sinto bem convivendo com o grupo porque a gente combina um com o outro sobre o tratamento, sobre a dieta, uma coisa que a gente faz o outro também faz, ou uma dieta que não faço o outro faz, a gente aprende mais alguma coisa, me sinto alegre com os companheiros (E., 81anos).*

Os idosos quando passam a freqüentar atividades fora do convívio doméstico, experimentam idéias inovadoras, que os levam a sonhar com novos projetos de vida, uma forma importante de ajuda na compreensão das limitações que envolvem tanto o processo do envelhecimento quanto os requerimentos para o diabético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASMANN, H; MOSUNG, J. *Competência e sensibilidade solidária- educar para a esperança*. Petropolis: Vozes, 2000.

ALVES, A.M. *A dama e o cavalheiro: um estudo sobre o envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOUDON, R. *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. 604p.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei nº 8.842, de 04.01.1994.

BRASIL, IBGE. Censo Demográfico, 2000.

KRZEMIEN, D. *Consideraciones Generales sobre el Concepto de Salute em la Vejez*. Disponível em www.psiconet.com. 2002

MAGALHÃES, D. N. A Invenção Social da Velhice. Disponível em <http://www.intelecto.net/cidadania>. 2002.

MONTEIRO, P.P. *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NETTO, P.N. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E.V. (et al). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

NERY, P. A visibilidade de nosso mistério.

Uma visão cristã da corporeidade. IX
Semana Filosófica e Tecnológica do
Instituto Santo Tomás de Aquino. Minas
Gerais, 2003. Disponível em www.procamig.org.br/observatorium/arquivo/nery_set2003.htm,
setembro, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE.
Relatório Mundial. Cuidados Inovadores
para Condições Crônicas: componentes
estruturais de ação. Brasília, 2003.

PETRIZ, Graciela & VIGUERA, Virgínia G.
de. Vivir la Vejez Positivamente. Disponível
em www.psiconet.com. 2001.

SINGER, Diana. La Cultura, los ideales y
el Grupo. www.psiconet.com, acesso em
janeiro, 2002.

Recebido em abril de 2008
Aprovado em junho de 2008

AS TEMPORALIDADES COTIDIANAS DA VELHICE – UM OLHAR / ESCUTAR A VIDA DIÁRIA

Yolanda Tereza G. Vasconcelos do Rosário¹

Raimunda Silva d'Alencar²

Resumo. A população idosa é majoritariamente feminina, o que não significa uma situação mais favorável para a mulher nessa condição, em especial pelos enfrentamentos dessas mulheres em etapas pretéritas de suas vidas, quando a carga hierárquica, discriminatória e preconceituosa ainda era muito forte contra a mulher. Além disso, hoje enfrentam as mesmas questões por serem idosas. Este estudo enfoca o cotidiano de 20% das mulheres idosas residentes no Bairro da Bananeira, periferia da cidade de Itabuna- Bahia, buscando conhecer a vivência cotidiana, a percepção do próprio processo do envelhecimento, o significado que constroem em torno da velhice e dos vínculos estabelecidos cotidianamente com seus companheiros, filhos, netos, bisnetos mas, também, com seus vizinhos, além das estratégias que desenvolvem para sobreviver em meio às dificuldades que o Bairro oferece. Trata-se de mulheres que tiveram toda uma formação no meio rural, onde foram trabalhadoras desde crianças, não estudaram, e enfrentam todo tipo de dificuldade que a omissão do poder público mantém. Embora a relação público-privado seja tênue, essas

1 Administradora de Empresas, Especialista em Gerontologia

2 Professora Assistente, Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC

mulheres procuram de diversas formas, preservar o espaço doméstico. Suas histórias fazem parte de uma história maior, que é a história do bairro, que se estende à história da cidade.

Palavras-chave: Mulher - velhice - Idosa - Cotidiano – Gênero.

Abstract. The population aged is most feminine, the one to no stands for the situation favorable for woman in that condition in special bristles to confront of that women in stage preterit of his lives, when the hierarchic discriminate and prejudice again he used to be a good deal strong to the woman. Beyond that, today coping the questions for I shall be aged. This study focus the daily of 20% from the elderly women residents into the District from Banana plant, suburb of Itabuna Bahia, picking know the survival daily , the perception of the proper I sue of the aging, the significance what they build become from old age from the ties established daily with yours friends, sons, grandchildren , great-grandchildren, but, also, with yours neighbors, beyond from the strategies what they develop about to survive half difficulties what the neighborhood it offers. Treated - if of women what they had all only one formation in the middle of rural, where have been worker after children, no they studied, coping all type of difficulty what the oversight of the be able public insistent maintain. While the relation public private he may be tenuous, those women they seek of many forms, preserve the space domestic. His histories they do she breaks from a history major, what is the story of the district, that if she extends on the history from city.

Keywords: Woman - old age - Aged - Daily - class

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um tema tão antigo quanto a história do homem, e vem despertando interesse, entre estudiosos que desejam, e precisam, compreender esse fenômeno. Não se tem dúvidas de que o aumento da longevidade é uma vitória, mas apesar da melhoria na qualidade de vida e, com isto, o aumento da expectativa de vida, o processo de envelhecimento é uma realidade que ainda não está elucidada e compreendida, pois o envelhecimento é gradual, irreversível e diferente de pessoa para pessoa, de ambiente para ambiente. Assim, o envelhecimento com suas demandas biológicas naturais também convive com as demandas culturais, sociais, econômicas, que são demandas cotidianas.

Assim, não se pode contextualizar o envelhecimento só de um ponto de vista; a idade cronológica é uma medida do tempo que a pessoa já viveu. O ambiente sócio econômico e cultural são relevantes para a análise do envelhecimento, além do fator biológico. Na dimensão sócio-cultural verifica-se que o idoso, como memória de uma sociedade, era valorizado em sociedades e em culturas tradicionais; mas a sociedade industrial mudou o conceito de importância dessa memória, desse valor, pois o antigo, o tradicional passou a ser menos valorizado, substituído pelo novo, na maioria das vezes configurado na pro-

dução e no consumo. Segundo Bosi (2004, p.77), “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra; perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor”.

Em se tratando da mulher idosa essa rejeição parece acentuar-se, considerando a maior longevidade feminina. De acordo com Salgado (2002, p.12), as mulheres ainda sofrem preconceitos, seja pela idade, seja pela pobreza, dadas as oportunidades de trabalho menos favoráveis, menores salários, trabalho doméstico não remunerado, dentre outros.

Para conhecer um pouco da realidade feminina na velhice, essa pesquisa foi desenvolvida em um bairro da cidade de Itabuna, sul do Estado da Bahia. Além da necessidade de conhecer como vivem essas mulheres, a motivação se estendeu ao espaço onde elas vivem. Trata-se de bairro³ situado às margens do Rio Cachoeira, que corta a cidade. Este bairro tem carências de saneamento básico, escolas, comércio, moradores de baixo poder aquisitivo, casas/barracos com estrutura de madeira. Pela proximidade com o rio, o bairro é sempre tomado pelas águas em épocas de muita chuva.

Foram selecionadas nove mulheres dentre as 44 idosas ali residentes. Com a utilização

3 O Bairro tem apenas uma rua e uma população de 1340 pessoas, entre homens e mulheres

da entrevista semi-estruturada e consentimento das entrevistadas, buscamos conhecer a rotina diária, as relações, o trabalho, como percebem a velhice, além das estratégias e mecanismos de convivência cotidiana.

2. A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DA VELHICE

O cotidiano, conforme o dicionário Aurélio (2001), define-se pelo que é “diário, de todos os dias”. A definição simples do significado dessa palavra esconde toda uma complexidade de ações e práticas, saberes, características que estão inseridas na vida cotidiana. Michel de Certeau (1998, p.31) o define como “aquilo que nos é dado cada dia”.

Estudiosa do cotidiano, Agnes Heller (2000, p.17) faz a análise teórica sobre a vida de todos os dias e enfatiza que a vida cotidiana “é a vida de todo homem”, “é a vida do homem inteiro”; ou seja, todos estão inseridos em um cotidiano, fazem parte dele, com a individualidade de cada um. O cotidiano é a história vivida por todos e por cada um, partilhada e compartilhada.

Partindo desses conceitos, verifica-se que estudar o cotidiano implica um olhar sobre a vida diária, que tem suas regras e uma organicidade estruturadores do dia a dia do homem, aparecendo na organização do trabalho e vida privada, lazer, descanso, atividade

social, intercâmbio e purificação (HELLER, 2000, p.18).

A construção social do cotidiano do homem inicia-se já no momento do seu nascimento, pois já nasce em contexto estabelecido de cotidiano. Com seu amadurecimento diário, o que Heller (2000) denominou de “assimilação da manipulação”, consegue viver o seu próprio cotidiano, aprendendo com o grupo a que pertence não só as artes de fazer como a de consumir. O homem aprende a manipular os objetos, instrumentos, a apoderar-se do uso social desses objetos e também a apropriar-se das integrações maiores de lançar-se ao mundo e conviver com outros grupos diferentes do seu originário.

Nesse contexto, é de Heller (2000, p.20), ainda, a afirmação de que “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a vida verdadeira essência da substância social”, constituindo-se, portanto, em parte inerente à existência de todo e qualquer indivíduo.

Assim, continuando a reflexão sobre o pensamento de Heller (2000), a vida cotidiana tem uma estrutura expressa por características que vão explicar o modo de agir do homem. Com isso, a vida cotidiana pressupõe a espontaneidade, o pensar e agir sem reflexão consciente e crítica, as motivações particulares e as atividades humano-genéricas. Esta é uma característica dominante, segun-

do Heller, da vida cotidiana, e está expressa na assimilação do comportamento estabelecido, das exigências sociais e modismos, com isso facilitando a reprodução da sua existência social. A assimilação e a espontaneidade na vida cotidiana pressupõem também a automatização de gestos repetitivos, das atividades habituais do dia a dia, como por exemplo, o ato de comer com talheres, hábito ocidental (MESQUITA, 1995, p.15).

Agnes Heller (2000, p.36), complementando o seu pensamento sobre as características da vida cotidiana, afirma que “não há vida cotidiana sem imitação”, na assimilação dos hábitos e costumes de uma sociedade. E por último, fala da entonação, que é uma atmosfera própria de cada indivíduo, que está em torno dele.

É também de Heller (2000, p.37) o argumento de que:

Todos esses momentos característicos do comportamento e do pensamento cotidiano formam uma conexão necessária, apesar do caráter aparentemente casual da “seleção” em que aqui se apresentam. Todos têm em comum o fato de serem necessários para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade.

Contudo, estruturas não devem se cristalizar em absoluto, pois o indivíduo precisa ter uma margem de movimento nas situações

que o exigem, senão acontece a alienação da vida cotidiana onde o ser humano, devorado por seus papéis, só se orienta por eles. A não alienação, de acordo com essa autora, depende da condução da própria vida, o que supõe, para cada um, uma vida própria, "(...) embora mantendo a estrutura do cotidiano, cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade" (HELLER, 2000, p.10).

Nesse contexto da estrutura da vida cotidiana, verificou-se o cotidiano das mulheres idosas do bairro Bananeira, a vivência da velhice na vida diária. É relevante considerar que o termo velho, no uso cotidiano, tem um significado pejorativo de decadência, inutilidade, limitação e, também, de exclusão de vários lugares; o idoso sente na pele toda essa discriminação. E a mulher idosa vive no seu dia a dia com problemas que, segundo Salgado (2002, p.10), são predominantemente femininos:

Os problemas ou mudanças que acompanham ou surgem na etapa da velhice: doenças crônicas, recursos econômicos insuficientes, necessidades de atenção ou cuidado, sobrevivência a amigos próximos e familiares entre outros.

Diante disso, qual o significado da velhice para as idosas da Bananeira e qual a sua relação com as características da vida cotidiana? As falas das entrevistadas dão conta

da percepção da velhice de variadas formas, mas é no corpo que a percepção da velhice como passagem do tempo é mais sentida. A relação que fazem com o corpo do passado e com um corpo diferente no presente, aparece na saúde, trabalho, festas, namoro, sexo e também na indiferença que experimentam.

A auto-imagem, a estética do corpo do passado e do presente, associada à perda da saúde, está presente nestas falas: 1) (...) *quando eu era jovem, eu pesava até os 20 anos 37 a 40 k , a partir de que eu passei para 40 anos em diante até o mês passado eu estava com 72k, então eu acho muita diferença, apesar que graças a Deus eu sou sadia, não sinto nada, só o que às vezes me preocupa é só a pressão, minha pressão é alta,mas eu fico sossegada não como muito sal e muita gordura...;* 2) *Hoje eu não posso fazer mais não o que eu já fiz, aqui antes, até tem dia que levanto pela manhã “apulso” (risos) de tanta dor no corpo... 3) Eu era forte, não sentia nada, cada vez mais vai diminuindo a sustança da gente.*

Segundo Berger (1995, p.125), “a senescência (processo natural do envelhecimento) não é uma doença, mas pode levar a uma quantidade de afecções, porque se caracteriza pela redução da reserva fisiológica dos órgãos e sistemas”. O idoso estará mais sujeito a problemas de saúde, embora o envelhecimento seja diferenciado. Berger afirma que “o envelhecimento orgânico não é homogêneo”,

varia de pessoa para pessoa e depende de fatores internos, bagagem genética, bem como de fatores externos ligados ao estilo de vida, ambiente, educação e medidas de higiene. Os depoimentos a seguir são ricos de informações e de muitos significados. 1) *A minha velhice tá continuando se Deus me abençoar que ela continue como vai [...] eu não sou mulher de perder noite, eu não bebo, só o que faço de vez em quando é fumar, é só; mas não sou viciada, o resto está tudo bem [...] p'ra mim velhice é a pessoa que tem saúde (Idosa, 60 anos); 2) Pra mim é bom; eu me sinto orgulhosa de ter chegado a esta idade que Deus está me confiando [...]. eu quero ainda ficar mais véia pra ver meus bisnetos [...] não perco a noite, não ando bebendo, não; a única coisa que ainda tenho de ruim é fumar, só! (idosa, 61 anos).*

Se para esses depoimentos a velhice representa uma etapa feliz e se vincula a não cometer exageros (perder noite, beber), alguns outros sentidos se vinculam à falta de lazer, ao sentimento de inutilidade, à limitação da capacidade funcional. Os depoimentos seguintes são ilustrativos dessa compreensão: 1) *Sei lá, fica sem graça, a gente não tem mais aquela alegria que tinha antigamente; quando eu era jovem tinha alegria, tinha uma festa para dançar e brincar porque hoje eu não tenho, mais; eu não sou como era antigamente quando eu era nova, era diferente, mas alegria sempre eu tenho, brinco com todo mundo (Idosa, 74 anos); 2)*

A idade vai chegando, quer dizer que a pessoa vai ficando uma pessoa assim.... Porque se tiver uma pessoa moça, um grupo jovem, não vai caber uma pessoa de idade; eu tenho que catar aquele grupo mais de idoso, o meu meio vai ser aquele ali de idosos (risos), o que é que eu vou fazer em um grupo jovem? eu já estou de idade ... (risos); eu fico naquele grupo que dá pra mim. A velhice é boa; se fosse ruim ninguém ficaria velho... quem é novo um dia vai caindo, caindo, se torna que nem criança, fica pior do que criança, porque as pessoas fala: tira essa roupa, vai tomar banho, vai se levantar, vai assistir televisão, é pior que criança (Idosa, 60 anos).

O entendimento do significado da velhice é muito variado, os mitos e os sentimentos de exclusão são muito fortes e se fazem presentes. Simone de Beauvoir (1990, p.347) realça que “a velhice é um desafio e quando ela se apodera de nossa própria vida, deixa-nos estupefatos”. A aceitação dessa nova etapa, a forma de encarar as mudanças em todos os âmbitos da vida cotidiana, não se constitui em tarefa fácil para os idosos. Como diz Beauvoir (1990, p.348), “a velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?”.

A velhice pode ser um tempo de intenso desenvolvimento espiritual, com forte presença da religião como elemento dessa espiritualidade, realçado em vários estudos como o mais

importante quadro de referência. Pôde-se observar isto através das respostas das idosas da pesquisa, que a religião ocupa um espaço relevante em suas vidas. A religião predominante das entrevistadas é a católica; apenas uma é evangélica. Questionadas sobre a importância da religião em suas vidas, as idosas responderam: 1) *A religião na vida da gente é tudo na vida, a religião dos crentes não é igual a católica, é de outro planeta, é...porque Deus não deixou duas lei, deixou uma só foi ela a católica... eu acho bom participar da igreja católica;* 2) *Eu sou adventista, antes eu ia a qualquer igreja, eu acho importante a gente vai desabafando, eu não sei ler, mas fico ouvindo saio desabafada.*

Embora as respostas sinalizem a religião como frequência à igreja, é preciso levar em conta que "religiosidade é um conceito multidimensional que envolve crenças, atitudes, valores e atividades. Além disso, parece haver distinção entre crença religiosa e práticas ou rituais religiosos" (GOLDSTEIN, 1993, p.111).

3. OS TEMPOS E ESPAÇOS DIÁRIOS DA VIDA NA VELHICE

3.1. OS ESPAÇOS E TEMPOS DO PRAZER

O tema da sexualidade tem despertado a atenção de estudiosos no que se refere aos idosos, pois existe o mito de que o idoso é um ser assexuado. A visão que se tem do idoso é

no papel de avô e avó, tomando conta de neto e fazendo tricô. Mas a realidade é que aquela avó também continua uma mulher, que não perde a capacidade de sentir desejo em sua idade avançada. Moragas (1997), em análise que faz do envelhecimento, pergunta: "o que acontece com as emoções, com o decorrer da idade? A sexualidade acaba com a idade? E o casamento, que perspectivas tem?"

Essas questões, embora não sejam objeto de discussão neste trabalho, fazem parte dos estudos da área gerontológica. Não se pode desconsiderar que a manifestação da sexualidade para pessoas idosas se constitui ainda tema tabu, que tem repercussões diferenciadas entre homens e mulheres. Se para os homens a diminuição da potência sexual é uma ferida difícil de enfrentar, por conta de uma cultura falocêntrica, para as mulheres, muitas delas vítimas da repressão sexual, essa diminuição pode representar um alívio, que as deixa eximidas de embaraços, mais liberadas sexualmente.

As idosas desta pesquisa relatam algumas de suas experiências da vida de casada, não só do passado, de quem já compartilhou uma vida a dois, mas do presente, da vida atual, de quem está convivendo com outro parceiro. Essas experiências nem sempre foram positivas, mas, nem por isso, impediram outros relacionamentos. Este é o caso de uma idosa de 60 anos: 1) *A primeira experiência de casada*

não foi boa não. Me casei com 21 anos, tive oito filhos, o meu marido não me deu boa vida não, ele bebia muito, só nunca me bateu, mas me “esculhambava” muito, arrebentava tudo dentro de casa, mas a gente viveu assim mesmo 18 anos. Aí quando não aguentei mais, quando meu filho caçula tinha cinco anos a gente se separou e aí já tem 12 anos de separado. Con-vivi com outro, agora ele fugiu pra São Paulo (ri-sos) e já vai fazer um mês até hoje ele não deu notícias, não ligou pra mim, não sei se ele vem mais [...] com esse a gente vivia muito bem, foi por dez anos; eu peço a Deus que me dê vida e saúde, coragem pra mim trabalhar... Hoje a minha vida tá tudo bem, tá bem, fico um pouco em casa, eu trabalho, lavo roupa, passo, entrego, recebo meu dinheirinho, estou vivendo bem, às vezes... esta semana mesmo minha netinha de nove anos foi passar três dias lá comigo...

Esse depoimento permite refletir sobre o tempo de vida com um companheiro violento, e o que motiva a passividade: filhos, necessidade financeira, subordinação, tudo junto ou nada disso? Apesar do tempo, a idosa conseguiu romper com o cotidiano sofrido, exaustivo. Mais jovem, foi mais fácil enfrentar; para ela, foi coragem.

Outros depoimentos dão a medida exata da importância dos relacionamentos: 1) *Vivi 40 anos de casada, foi muito bom, tive muito boa vida quando eu era casada, trabalhava pouco, fazia faxinagem, pois ele não deixava fazer*

nada, que era só para ficar dentro de casa, eu era menina nova, ele era mais velho, tinha 40 anos e eu tinha 20 e poucos, ficava cuidando da casa e dos filhos[...] meu marido era muito bom para mim, graças a Deus, me dava muito conforto, ele me levava pra São Paulo; ele cuidava muito de mim. Minha vida hoje minha filha vou te contar, a gente recebe uma aposentadoriazinha, mas quando o dinheiro acaba até tomar a retomar, já passou dificuldade ... moro numa casinha, pago aluguel, só não pago água e luz...enfim, é isso mesmo, agora do meio pra cá tenho passado bem apertadinho; enfim, é isso; 2) Eu vivia bem, né? Nunca me arrependi, eu não. O primeiro eu fiquei casada um ano e seis meses, porque ele morreu, o menino mais velho ficou com um ano e a menina ficou com cinco meses, depois de morto, depois de três anos apareceu este que mora mais eu. Hoje, minha vida é boa, o importante é saúde, né? A saúde é em primeiro lugar, a minha vida é boa, tou levando numa boa.

É importante considerar que esse ontem e hoje não representam simples referências históricas que ordenam a vida, mas são elementos identificatórios da construção/organização do que são, do que fazem, do que sentem, e da forma como vivem. Em outro depoimento: 1) *Tive um romance e tive um filho, mas não morei junto; ele era bom, nunca me triscou a mão, mas na bebida ele era ruim, todo dinheiro dele era pra beber; vivi uns 13*

anos; a gente vivia bem.

A sexualidade ficou explícita no relato de uma idosa de 60 anos que vive com o companheiro de 94 anos. O relato mostra que o prazer estaria assegurado na relação sexual com o companheiro; como isso não existe, o afeto, o carinho e o companheirismo não têm um significado forte no seu cotidiano. O seu companheiro, além da idade, está demenciado. 1) *...] a pessoa nova é uma coisa e chegando p'ra idade é outra. Oh! Eu vou falar com você, eu fui mulher mais nova, eu sei as coisas, hoje em dia faz de conta, ter um homem dentro de casa é mesmo que não ter, cada um dorme no seu canto, hoje as coisas é diferente do tempo que eu era nova! A gente vive em casa, do jeito que tem que ser, mas como marido e mulher, não, não... essa idéia acabou pra mim, não existe mais isso, porque a pessoa vai caindo pra idade... fica uma pessoa assim, que tem que viver porque a lei é essa, mas não, você entende né?*

Pesquisas têm mostrado que a idade não é fator de abstinência, em especial para a mulher. Conforme Kinsey (apud RISMANN, 1995, p.55) constatou, “A questão da menopausa tem pouco efeito na resposta sexual da mulher. [...] a diminuição da atividade sexual estaria relacionada com o declínio do interesse do cônjuge masculino pelo sexo..”. Beauvoir (1990, p. 426), afirma que “ao longo de toda a vida há uma estabilização sexual maior na

mulher do que no homem; aos 60 anos, as possibilidades de desejo e de prazer são, nelas, as mesmas que são aos 30 anos”.

O prazer no relacionamento é externado na fala de uma idosa, quando ressalta a importância do trabalho dos cônjuges para o equilíbrio da vida familiar -- *A minha vida de casada gostei muito, sabe? Ele era uma pessoa fraca. Mas também era uma pessoa que trabalhava comigo, sabe? Graças a deus vivemos bem, não tivemos nada sabe? Assim de futuros de coisas boas, mas ele trabalhava, eu trabalhava, os filhos estudava, toda vida trabalhei, até hoje graças a Deus.*

3.2. Os ESPAÇOS E TEMPOS DO LAZER

Embora não exista consenso sobre o que seja o lazer, por ser um termo carregado de preferências e juízos de valor, é consenso entre estudiosos que o lazer não deve ser considerado isoladamente como fonte única de realização humana.

O dimensionamento do lazer reside na possibilidade de poder suscitar atitudes ativas durante a utilização do tempo livre, como a participação consciente e voluntária na vida social, opondo-se ao isolamento e ao recolhimento, e a exigência de crescimento pessoal livre, com a busca de equilíbrio entre o repouso, a distração e o desenvolvimen-

to pessoal contínuo e harmonioso (D'ALENCAR & VEIGA, 2004).

Relatos com lembrança de festas, do prazer do namoro, das coisas bonitas, o tempo de juventude como um tempo de alegrias, o hoje como um tempo de exclusões e perdas dos papéis sociais, dão conta de que esse lazer está ligado a um passado, a um tempo da juventude, do novo. 1) *Hoje em dia você vê, a gente era novo é uma coisa, hoje tá velho é outra, antes com vaidade de ir pra festa, ficá dançano, pensá nas bonitezas; namorar na idade que está hoje é diferente, só fica dentro de casa pensando na vida, pedindo saúde a Deus, já está mais velha mesmo, já estou com 74 anos, não penso em mais nada, não pode ter mais vaidade com nada, pra quê na minha idade? Pra quê? Perdeu a graça (Idosa, 74 anos); 2) *Sei lá! (risos) quando a gente é moderno, a gente saía pra todo lugar, nós ia pra festa. Festa de São João eu adoro!, naquele tempo a gente arrumava namorado, hoje a gente não pode namorar mais a gente é casada (Idosa, 50 anos).**

Os depoimentos realçam barreiras para estabelecer valores quanto ao lazer, colocando sobre o lazer uma carga negativa ou exclusiva da juventude.

A falta de espaços de lazer no bairro e as condições econômicas dessas idosas para realizá-lo em outros espaços acabam por realçar o tema da solidão, externado especial-

mente por aquelas que moram sozinhas: 1) *Ah! É difícil, tem muitos anos que eu não sei explicar, não convivia com a solidão, mas agora eu tenho que viver, ligo a televisão, desligo, ligo o rádio, enjôo, é ... o jeito, vou deitar, custo a dormir, não não é muito bom a gente viver sozinho, não é bom, mas seja feita a vontade de Deus, se foi da vontade de Deus, a gente tem que superar; 2) Solidão, eu já me acostumei com negócio de solidão, a gente fica assim sozinha, assiste televisão, depois enjôo, desliga, fica ali deitada quieta, apaga luz tudo escuro, porque eu já sinto sozinha, ficá a luz acesa em casa é perigoso, às vezes a gente fica no escuro pensando na vida, pensar o dia de amanhã, já passou o dia de hoje agora vamos pensar o dia de amanhã, o que vai ser amanhã, se amanhece viva amanhã, só quem sabe é Deus, né? Perde a noite, perco o sono, dá insônia fica aí acordada a noite toda, assustada, o movimento que passa na rua.*

Angerami-Camom (1999, p.9) escreve que “a solidão é na verdade, uma condição imamente ao homem, faz parte da própria vida, só que em certos momentos a percebemos mais agudamente e não sabemos como lidar com ela”. É na velhice que a questão da solidão pode ser mais crítica, diante de todo o contexto dessa etapa da vida. A solidão surge ocupando um vazio da vida do idoso, vazio que, nas palavras de uma das idosas entrevistadas, é a ausência do companheiro. Ou-

tra idosa diz que “se acostumou”, mas descreve toda uma noite que parece não ter fim, insônia e preocupações.

Embora a velhice constitua uma fase da vida que, para muitos significa isolamento buscado por quem envelhece, os depoimentos dão conta de que essas idosas não se encontram centradas nelas mesmas, mas vinculadas a tudo o que ocorre em sua volta. Duas das idosas cujos depoimentos foram registrados acima recebem visitas diárias de filhos e netos mas, à noite, a falta de companhia é sentida por elas. *“Minhas filhas me visitam sempre; meus filhos, quase todos os dias; meus netos não saem da minha casa; fica lá brincando, perturbando, os meninos é toda hora lá em casa quando chega da escola”*.

Apesar disso, a solidão se constitui em uma das mais temidas condições para os idosos de hoje

3.3. Os Espaços e Tempos da Produção

Na realidade brasileira, de acordo com o censo demográfico (IBGE, 2000), 62,4% dos idosos são responsáveis pelo domicílio em que moram; são quase nove milhões de residências chefiadas por pessoas com mais de 60 anos.

O trabalho, portanto, se constitui em fator de preocupação para as entrevistadas, não apenas para aquelas que ainda traba-

lham, embora não tenham mais a coragem da juventude, mas tenham necessidades materiais que as obrigam a isso, também para aquelas que não estão mais no mercado de trabalho, formal ou informal.

Para uma idosa de 64 anos, (...) *quando a gente é mais moderna tem mais coragem, tem mais força né? Tem mais coragem, né? E agora a gente vai ficando velho, né? Num vai sendo aquela pessoa de antigamente, né? Eu não sinto nada de saúde, o meu dia todo é lavando roupa, lavando prato, ou varrendo casa, eu num sinto nada graças a Deus, na correria o dia todo e tem vezes que ainda entro pela noite... aí eu vou passar roupa até 11:00h.*

Outra idosa de 65 anos, diz: *Tem hora que fico assim pensando! Oh! Meu Deus quem eu era? Eu vivia trabaçando, lavei tanto de ganho e hoje em dia num posso fazer mais isso, tem hora que eu fico assim, pensando, fico conversando com as fias lá em casa mesmo. Já outra assinala que: Minha vida ta boa hoje graças a Deus, fico o dia todo lá com meu fi, de noite eu venho pro meu barraco, eu fico trabaçando mais ele lá, ele tem um ferro veio e eu vou lá pra arrumar; é o único trabaio que eu faço na vida.*

O trabalho informal aparece como estratégia de sobrevivência para essas idosas, que lavam e trabalham em ferro velho. Embora não seja propósito deste trabalho aprofundar nessa questão, a presença do idoso no trabalho informal significa constatar que ele con-

tinua no mercado de trabalho. Estudos de conjuntura, a exemplo do realizado por Camarano (1999), dão conta de que, em 1977, 4,5% da população economicamente ativa brasileira era composta por idosos, tendo crescido para 9% em 1998, com estimativas de que, nos próximos 15 anos, essa representação será de 13%. Além de sinalizar esse crescimento, os dados do estudo também revelam que a participação de pessoas já aposentadas na PEA é expressiva. Embora a aposentadoria signifique *retiro profissional*, Camarano (apud CAMPOS, 2004) afirma que “no caso da PEA [idosa] masculina, apenas 45,6% não eram aposentados; os restantes 54,4% eram constituídos por aposentados que continuaram trabalhando”.

Um aspecto que não se pode deixar à margem é a desvalorização desse trabalho informal, fortemente representado na fala de uma idosa de 60 anos: “[...] *eu luto na vida, viu? Lavo roupa, passo, e cobro R\$ 5,00. O que a gente faz com R\$ 5,00?*”.

Percebendo essa realidade, esse presente, as entrevistadas se remetem às memórias do passado, às lembranças de um tempo de estar bem nos aspectos de saúde e também econômico e social; é uma volta ao passado, até certo ponto, prazerosa. Bosi (2004, p.53) nos fala que a memória do passado para o velho tem um sentido especial, porque:

Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho, ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

As expressões usadas nas falas das entrevistadas: “quando eu era jovem”, “pra quê? perdeu a graça”, “no tempo que eu era moderna”, “quem era eu”, são usadas com nostalgia, como um tempo que foi, mas não volta, como um tempo em que tinham saúde, que estavam inclusas no mercado de trabalho, da produtividade e, também, dos prazeres da vida cotidiana.

3.4. Os Espaços e Tempos das Relações Intergeracionais

A família propicia a primeira experiência social do ser humano, de exercitar as relações intergeracionais. E para o idoso a manutenção dessas relações entre filhos e netos é muito importante. Contudo, as relações intergeracionais se estendem para o espaço público, não se constituindo segredo algum que, na sociedade atual, há uma crise de valores. Paradoxalmente, trata-se de valores construídos pela própria sociedade, para organizar e orientar as relações sociais. E essa crise de valores se manifesta, inclusive, na aversão à velhice e

nas múltiplas maneiras de mantê-la vulnerável, de tratá-la com desprezo e descaso.

No processo de envelhecimento, com todas as suas implicações, as relações intergeracionais se dão em contextos específicos. No caso das idosas desta pesquisa, os contatos são cotidianos e apresentam, portanto, situações de dificuldades na cordialidade e no tratamento de vínculos sociais, característicos do momento atual: provisoriedade.

As relações intergeracionais nem sempre são cordiais; a discriminação pela idade, o medo que as gerações jovens têm do envelhecimento (ou gerofobia) são demonstradas em atitudes hostis de desrespeito.

Salgado (2002, p.11) enfatiza que:

O preconceito de idade enfrentado pelas mulheres ao envelhecer está composto pelo sexismo e pela dupla mensagem que considera velha a mulher com idade inferior à do homem. Essa dupla mensagem da velhice leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “duros, rudes e viris, as mulheres estão enrugadas”, os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atrativos”, mostram uma mulher em decadência.

As falas das entrevistadas são enfáticas nas relações vividas com dificuldades, pelo confronto da realidade atual de preconceito e desrespeito, associado ao que viveram an-

tes: 1) *Tem, e como tem diferença, porque eu mesma fui criada diferente, por que uma pessoa que hoje, eu tenho uma idade de 60 anos, uma menina que tivesse 20 anos não passava pelos mais velhos para não dá a benção, se tivesse duas pessoas conversando e estivesse precisano de passar ele esperava o adulto terminar de conversar para pedir licença para passar. E hoje não, tanto faz uma pessoa de 40 anos, como uma de 15 ou 10 anos, eles não faz diferença, e hoje nem os filhos quer dá bença aos pais. No ônibus, tem como tem, se tiver cadeira para sentar, bem, se não vai em pé, se tem uma menina sentada, ou menino, ou rapazinho qualquer não se levanta para dá lugar, diz logo assim: oxente! Quem quiser que vá em pé, eu tenho minha cadeira, não vou levantar. Antigamente não era assim, se chegava uma pessoa adulta, a moça ou rapaz se levantava e dava a cadeira (idosa, 60 anos); 2) *Muitas me tratam assim: aquela velha nojenta, aquela velha enjoada.... hoje em dia já sabe, é tudo diferente. Quando passa pela gente não cumprimenta; passa pela pessoa de idade olha com aquela cara fechada e vai passando; se a gente está assim, num canto, querem passar, não pedem licença, passa de qualquer jeito, às vezes até pisa no pé da pessoa, não pede desculpa; nada, nada, olha assim!, dá risada e vai embora. Como quem pisou no cachorro e no gato, é assim. Aí eu penso, falo, oh meu Deus do céu, aquela épo-**

ca se a gente fizesse uma coisa dessa a surra ia nascer... (Idosa, 74 anos).

Apesar das dificuldades expressas nos depoimentos, é possível encontrar idosas cujos relacionamentos com os mais jovens são bons. Este é o caso de uma idosa de 60 anos: 1) *Hoje em dia não, naqueles tempos com aquelas pessoas de idade, as pessoas tinha mais tempo que hoje em dia. Os jovens me tratam muito bem. No meu grupo que eu ando ninguém maltrata idoso não. Na rua que eu moro mesmo, tem um bocado de véinhas, viu?... os morador novo também respeita os véios, nunca fui maltratada, não.*

Outros depoimentos: 1) *Sobre isso, todo mundo me respeita graças a Deus, ninguém também não me bate não, todo mundo me respeita* (Idosa, 61 anos); 2) *Eles me trata muito bem, né? De filhos a sobrinho que não é nada meu, me tratam bem e me chamam de tia, graças a Deus eles me tratam bem. Em todo lugar que eu vou, eu sou bem recebida, me dão lugar no ônibus, até os ladrões e os maconheiros me tratam bem, graças a Deus, eu nunca achei uma pessoa ruim* (Idosa, 64 anos).

Os depoimentos levam a uma reflexão quanto a esta questão das relações intergeracionais/interpessoais. Pelo que foi colocado nas entrevistas, é desgastante para o idoso lidar com o desrespeito, pois entra em choque com tudo o que ele viveu social e culturalmente em sua juventude. Este é um dos as-

pectos que está a merecer mais estudos, por parte da Gerontologia, pelo menos nesta realidade sul baiana, com o objetivo de tornar viável para a sociedade cada vez mais essa situação, considerando a previsão de um futuro próximo, daqui a mais quinze anos, quando os idosos representarão 15% da população e as mulheres serão maioria (CAMARANO, 2002, p.60). O filósofo Frank Schirrmacher, em entrevista à Revista Veja (15 ago.2004), afirma que “o envelhecimento pessoal, não apenas o envelhecimento abstrato das estatísticas oficiais, já está sendo tratado como uma catástrofe natural”, e ele aconselha o jovem, “a mudar de comportamento em relação aos idosos, desde já, sob o risco de verem a própria ruína em futuro próximo”.

Todas as entrevistadas têm filhos e netos. As nove mulheres, juntas, têm 58 filhos, 104 netos e três delas têm 17 bisnetos, o que significa famílias numerosas.

As relações familiares são fortes e importantes em todo o contexto, traduzindo fonte de satisfação para essas mulheres. Apesar de todas as dificuldades, e talvez por elas, os laços afetivos ainda se conservam: os sentimentos de apoio dos filhos, a companhia dos netos e bisnetos, o bom relacionamento e a ajuda na doença, são sentidos pelas idosas, ainda que algumas sofram pelo que consideram ingrati-dão: 1) *Minha família pra mim é tudo, porque meus filhos são simples, mas graças a Deus*

me respeita, são muito obediente, tanto faz homem como mulher, qualquer hora que eu preciso estão ao meu lado (Idosa, 60 anos); 2) Minha família é boa graças a Deus, são todos bons, todos unidos, não vivem brigando (Idosa, 74 anos); 3) Pra mim família é tudo na vida que a pessoa tem né?...o vizinho é bom numas partes, mas pra você conversar, já é outra, pra você desabafar você não pode conversar com os vizinhos (Idosa, 60 anos); 4) É, eu não posso nem lhe dizer, mas quando eu vivia com meu filho era que nem duas crianças, e até hoje meu filho não me responde, está com quarenta e dois anos (Idosa, 61 anos); 5) A gente nunca pode abandonar os filhos, mas eles saindo é a coisa que mais falta a gente em casa, com certeza faz falta, dois véi em casa só (Idosa, 60 anos); 6) A minha família pra mim é uma bença, uma ajuda que Deus dá né? Muito maravilhosa (Idosa, 64 anos).

Em algumas situações encontradas, convivem no mesmo espaço até quatro gerações. A responsabilidade pelos netos vem sendo cada vez mais assumida pelos idosos, cujos filhos transferem, por múltiplos motivos, o papel que lhes caberia. Este é o caso de uma idosa de 72 anos, que cuida de seis netos e bisnetos pequenos, filhos de seu filho, porque a mãe foi embora. Trata-se de desafio para as idosas obrigadas a resolver questões sociais e econômicas dos filhos. Camarano e El Ghaouri (apud AQUINO & CABRAL, 2002,

p.1057) comentam que:

Mesmo pobres e de saúde frágil, as mulheres idosas têm forte potencial para ajudar e apoiar filhos e netos, outros parentes idosos e o cônjuge, mesmo não tendo renda resultante de atividade econômica ou de aposentadoria.

Da mesma forma, Salgado (2002, p.15) reforça, afirmando que

Devido às mudanças sociais ocorridas em nossa sociedade, o papel de auxílio exercido pela avó vem adquirido maior notoriedade e importância, além de uma contínua ascensão. As avós exercem uma função importante dentro do sistema familiar amplo provendo uma gama de apoio tanto às filhas (os) quanto aos netos (as).

Assim, as avós da Bananeira estão dentro desse universo, pois cinco delas moram com filhos, netos e bisnetos e são, também, mantenedoras desses lares. Naturalmente que as implicações dessa convivência ainda não foram devidamente avaliadas, para se conhecer o impacto que provoca diretamente sobre os idosos, considerando a qualidade do consumo alimentar, nutricional e dos relacionamentos estabelecidos, quando se vive, como vivem essas mulheres, como cúmplices de outras vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, V.A. *Solidão - a Ausência do Outro*. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

AQUINO, F.T.M; CABRAL, B.E.S. O Idoso e a família. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, I; MAILLOUX, D. *Pessoas Idosas: uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidacta, 1995.

BOSI, E. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMARANO, A.A. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

CAMPOS, Juliana Britto. O Idoso no Mercado de Trabalho Informal em Itabuna, Bahia. Trabalho monográfico. Ilhéus: UESC, 2004.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____ et al. *A Invenção do Cotidiano 2: morar e cozinhar*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

D' ALENCAR, R. S. & VEIGA, R. de S. O Idoso e o Turismo em Porto Seguro, Bahia. Ilhéus, Bahia, Revista MEMORIALIDADES no. 1, Vol. 2, 2004.

GOLDSTEIN. L. I. & NERI, A. L. Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e Satisfação na Maturidade e na Velhice. In: NERI, A. L. (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papyrus, 1993.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MESQUITA, Z. BRANDÃO, C. R. *Territórios do Cotidiano*. Porto Alegre: Universidades, 1995.

MORAGAS, R.M. *Gerontologia Social – Envelhecimento e Qualidade de vida*. São Paulo. Paulinas. 1997

RISMAN, A. et al. Atividade Sexual na terceira idade. In. *Terceira Idade, um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Relumê Dumará UNATI/UERJ, 1995.

SALGADO, C.D.S. Mulher idosa: a feminização da velhice. In. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*. v.4. Porto Alegre, 2002, p.7-19.

SECRETARIA DE SAÚDE – ITABUNA
- SIAB/2004.

Recebido em 23.06.2008
Aprovado em 04.08.2008

VELHICE E AUTONOMIA: A EXPERIÊNCIA COTIDIANA DE VIVER SÓ

Keila Maia Cardoso¹

Resumo. As mudanças demográficas têm favorecido alterações na estrutura familiar e, associado ao aumento da população idosa brasileira, a configuração de uma nova realidade, onde um número cada vez maior de idosos vivem sozinhos nos domicílios. Buscando compreender como se dá o enfrentamento da velhice por esses idosos que vivem sós, foi realizado um estudo de caráter qualitativo com oito idosos que residem no distrito de Jacareci, zona rural do município de Camacan-Bahia, sendo quatro mulheres e quatro homens, com idades variando entre 62 e 84 anos, vivendo sozinhos por um período que variava entre dois e 35 anos. Seis são viúvos, um solteiro e um separado; seis deles recebem aposentadoria, têm filhos (sete deles), com quem mantêm contato pouco freqüente. Revelaram sentimento de solidão por viverem sozinhos, apontando como principais motivos para viverem sós, na ordem: a perda de entes queridos, a ausência de descendentes, as separações ou, ainda, migração de familiares para outras localidades em busca de emprego. A principal rede de relação social que aparece realça os amigos e vizinhos. Encontram na religiosidade uma fonte importante de auxílio e amparo para essa vivência.

Palavras-chave: velhice, gênero, envelhecimento, solidão.

¹ Enfermeira, Especialista em Gerontologia Social pela UESC. Ipiáu, Bahia

Abstract. The demographic changes that have led to changes in family structure combined with the increase of elderly Brazilian. The configuration of a new reality. That grows a number each time more off old people live alone in their homes. Looking for figuret out how are the challenges faced by elderly people living alone. It was performed a study of qualitative character with eight old people living in Camacan, in Bahia state. The subjects include four women and four men aged from 62 to 84 living alone between two and 35 years. Six are widowed, one single and one divorced. Six are retired. Seven had children, but maintained little contact with relatives. They reported feelings of loneliness resulting from living alone. They are: the lost of loved ones, the fault of descendents, the separations or still, the due to relatives seeking employment elsewhere. The principal social network that appears emphasize the friends and neighbors. They find in the religion an important way to provide assistance and support in daily life.

Keywords: old age, class, aging, loneliness.

INTRODUÇÃO

A mudança na estrutura etária da população brasileira pode ser percebida através do crescimento do número absoluto de idosos quando comparado à população em geral².

O envelhecimento da população brasileira, associada a outras mudanças, tem gerado

² BERQUÓ, 1996, p. 11-40

um novo arranjo familiar, na medida em que aumentou o número de pessoas idosas vivendo sozinhas. Essa tem sido uma tendência apontada por inúmeros estudiosos, a exemplo de Capitanini (2000) e Berquó (1996) .

Naturalmente que esse novo panorama da população brasileira favorece a convivência a sós dos idosos, influenciada pelas razões destacadas por Capitanini (2000, p.15-16), de diminuição das taxas de natalidade e fecundidade, com redução do número de indivíduos a cada geração; mudanças nos valores concernentes à vida familiar e ao casamento, levando ao crescimento do número de adultos solteiros e descasados; aumento da mobilidade geográfica da população jovem e a urbanização, reduzindo a convivência intergeracional e a longevidade prolongada, especialmente em mulheres.

No trabalho como Enfermeira, o nosso contato com esses idosos que vivem sozinhos tem sido cada vez maior, e a verbalização da experiência deles durante visitas domiciliares e consultas foi um estímulo para conhecer um pouco mais dessa realidade, cujo conhecimento vai constituir uma boa contribuição para a prática cotidiana do Profissional da Enfermagem no Programa de Saúde da Família.

A idéia foi compreender os aspectos básicos para o enfrentamento do processo de envelhecimento, vivendo sozinho. Em primei-

ro lugar, conhecer as condições sob as quais esse envelhecimento se dá; em segundo lugar, identificar os projetos de vida que essas pessoas idosas conseguem construir, as relações que conseguem estabelecer, e vínculos que lhes dão sustentação. Nesse sentido, aprofundamos alguns questionamentos junto a idosos residentes no distrito de Jacareci, zona rural do município de Camacan, sul do Estado da Bahia. Trata-se de município com pouco mais de 28 mil habitantes, 8,5% deles idosos. No referido distrito moram 210 idosos, sendo que 16% deles moram sozinhos e são assistidos pelo Programa de Saúde de Família do município. Para este trabalho selecionamos oito idosos, com idades que variaram entre 62 e 84 anos³.

Foi utilizada a entrevista aberta não diretiva, com registro gravado em fita cassete, com a devida autorização do idoso. A pesquisa foi desenvolvida através de várias visitas domiciliares, primeiro para estabelecer o contato e efetivar o convite, esclarecendo sobre o estudo; outra visita, para a realização da entrevista e, em outra visita, para apreciação da entrevista pelo entrevistado. A escolha dos idosos ocorreu a partir da consulta às fichas de cadastro domiciliar do Sistema

³ Cabe informar que a participação dos idosos na pesquisa atendeu à Resolução nº. 196/96 (BRASIL, 1996), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos.

da Atenção Básica (SIAB) para identificação daqueles que vivem sozinhos, sendo escolhidos dentre estes dois por microárea e Agente Comunitário de Saúde.

Dos idosos selecionados, quatro foram do sexo masculino e quatro do sexo feminino, viúvos (cinco deles), solteiros (um deles nunca casou) e um separado; católicos (seis idosos), analfabetos plenos (seis deles), aposentados (seis recebem benefício previdenciário) com rendimento de um salário mínimo, trabalhavam como operários rurais (quatro deles), pedreiro (um deles), gari (um deles), caminhoneiro (um deles) e profissional do sexo (um deles) antes da aposentadoria, atualmente sem qualquer ocupação, oriundos de outras cidades do Estado da Bahia, a exemplo de Castro Alves, Pau Brasil, Poções, Ipiaú, Feira de Santana e outro Estado (dois deles são de Minas Gerais). Todos têm filhos (à exceção de um) e vivem sozinhos há cerca de vinte anos. A maioria deles tem problemas de saúde relacionados à doenças crônicas como hipertensão arterial e diabetes, ou doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC) por hábitos tabagistas desde a infância.

Quanto às condições de moradia, metade deles vive em residência própria e outra parte paga aluguel. Os domicílios têm em média três cômodos. Não há rede para tratamento de água, apenas rede de coleta de esgoto e coleta diária de lixo. Esses idosos buscam as-

sistência à saúde na unidade de saúde da família ou farmácia, mas utilizam com grande frequência serviço de benzedadeiras existentes na comunidade onde residem.

2. VIVENDO A SOLIDÃO, MAS FALANDO DE FAMÍLIA...

A família é considerada um grupo primário na socialização dos indivíduos, além de se constituir como fenômeno social complexo e elemento fundamental de desenvolvimento do ser humano. É o espaço onde a relação entre os membros que a constitui se dá de forma direta, íntima, pessoal, e onde a qualidade das relações é mais intensa e diversificada, daí ser compreendida por alguns autores como espaço de relações de parentesco. Mendras (2004, p. 226) afirma que família é um termo ambíguo; enquanto parentesco é “um sistema social, que tem algumas relações com os fenômenos biológicos e é o modo pelo qual a sociedade trata estes últimos”. Para o autor, o que interessa é a filiação social organizada pelo sistema de parentesco, não a filiação biológica.

Apesar disso, a família sofre variações. Tem sido comum o registro de que a composição das famílias brasileiras vem se modificando desde o século passado, mais particularmente a partir dos anos sessenta, com um novo quadro de vida familiar, novas relações

intrafamiliares e novas expressões de autonomia de seus membros. São muito diversos os contextos sociais e de parentesco, os arranjos de moradia, as relações entre homens e mulheres, bem como entre pessoas de diferentes gerações e sexo, escondidos hoje sob a expressão família. Essas modificações são decorrentes de muitos fatores, dentre os quais cabe destaque, de acordo com Peixoto (2002, p. 95), à "baixa da fecundidade, declínio da instituição do casamento e a banalização do divórcio", vinculadas, conforme a autora, às transformações nas relações de gênero.

Naturalmente que esses fatores, que desconstruíram uma ordem social pretérita, promovem diferentes impactos sobre pessoas e grupos, refletindo-se diretamente sobre as gerações mais velhas. No mundo inteiro, os novos arranjos e configurações familiares com a presença de idosos têm sido relevantes. Muitas são as configurações por que passam as famílias, a exemplo de: famílias residindo com até três-quatro gerações, aumento de lares chefiados por idosos, aumento de lares chefiados por mulheres, coabitação de pais idosos e filhos, além do aumento de lares unipessoais - pessoas vivendo sozinhas e, para este estudo, de pessoas idosas vivendo sozinhas.

O aumento do contingente de idosos vivendo só é reflexo das alterações demográ-

ficas e, mais ainda, das mudanças ocorridas no ambiente familiar devido à redução do número de indivíduos a cada geração por queda da taxa de natalidade e de fecundidade, além do crescimento do número de adultos solteiros e descasados, somados à maior mobilidade geográfica dos jovens e longevidade prolongada dos indivíduos (CAPITANNI, 2000, p.15-16). Esta realidade vem sendo observada em inúmeras outras pesquisas, inclusive a realizada por Barros (2004, p.20) com idosos de famílias de camadas médias no Rio de Janeiro, onde a mesma se refere às mudanças de valores na família contemporânea, a exemplo de separação de casais e recasamentos.

Castells (1999, p.173) assinala que a família constitui o mecanismo básico de socialização, sendo altamente influenciada pelas transformações sociais, evidenciando na sua análise a crise que a família patriarcal enfrenta. Acrescenta alguns indicadores desta mudança como dissolução dos lares por divórcios ou separação dos casais, crescente frequência das crises matrimoniais, instabilidade familiar e aumento da autonomia das mulheres em relação ao comportamento reprodutivo, quando se estende aos padrões sociais de reposição populacional e o envelhecimento populacional.

Assim, estes indicadores resultam em variadas estruturas domésticas, nas quais pre-

dominam cada vez menos a família nuclear, aquela configurada com a presença do pai, mãe e filhos. Há uma profunda diversificação no sistema familiar, com novas composições e configurações, onde são mais freqüentes lares formados apenas por uma pessoa. Mas esses novos arranjos familiares, afirma Castells (1999, p. 263) não significam a finitude da família enquanto instituição, porém assinalam o surgimento de novos papéis, regras e responsabilidades.

Na realidade pesquisada, buscou-se entender a constituição familiar na qual os idosos estavam inseridos, para melhor compreender a sua vivência e motivos para estar só. Sete dos idosos aqui considerados têm filhos e todos tiveram irmãos, são oriundos de famílias extensas. Apesar de terem tido uma convivência anteriormente prazerosa, atualmente não mantêm contato com familiares, e apenas dois ainda o fazem, porém de forma menos freqüente. São exemplos disso os seguintes depoimentos: 1) *Tenho oito irmãos, meio distante que não consigo ver, mas tenho. Não tenho contato com mais nenhum deles (72 anos);* 2) *Tive oito irmãos, mas só tem três vivo. Aqui tinha brega e trabalhava aqui... aí eles foram embora, com 1 ano vieram me buscar eu não quis ir... aí eles disseram, pois tenha certeza que eu não venho atrás de você nunca mais! E não vieram mesmo (65 anos).*

A relação entre irmãos faz parte do que

Silveira (2002, p. 94) chama subsistema fraterno ou fratria, e proporciona uma "ampla e complexa rede de vivências..." e estas "servem como um laboratório para as relações sociais que serão experimentadas fora do núcleo familiar".

Todos os entrevistados casaram-se ainda muito jovens (com idades entre 12 e 25 anos) quando o casamento era reconhecido como um compromisso para a vida inteira, ou até como um destino, em especial para as mulheres. Referem-se à relação conjugal duradoura (com média entre 10 e 40 anos de convivência), mas falam também em recasamentos. Sobre a qualidade da convivência no casamento, todos a consideraram boa, como se configura no relato seguinte: *Casei com 18 anos, fiquei casada por 20 anos. Minha relação foi bom... eu vivi uma vida boa na minha infância, depois que me casei eu topei com um marido bom (84 anos).*

Mas a realidade da vida conjugal, apesar do caráter duradouro, não se configura de forma linearmente prazerosa, mas de cristalização de conflitos, em especial a partir da segunda relação, como expressa o depoimento seguinte: 1) *Casei com 12 anos, vivemos por 15 anos, mas ele morreu... Não interou nem seis meses e eu arranjei logo outro. Era mermo besta. Minha vida de casada é assim. um dia brigava, outro dia não brigava. Arranjei logo coroa e amasiei... Depois que eu ma-*

siei aí que foi errado. Masiei mais Zé Ilaro... foi esse home que me rebentou. Nós vivia muito mal, ele nem me queria, nem me deixava eu viver com outro home. Vivi 10 anos nesse bicho. (65 anos).

A idéia de casamento até que a morte nos separe já não é concebida como a única forma de relacionamento conjugal. Vivendo em união estável sem a instituição do casamento, idoso de 65 anos, afirma: *Não casei, vivi junto com ela por 42 anos. Eu tinha idade de 25 anos e ela 14. Ela tá morrida, mas até hoje eu tenho recordação. Porque mulê iguale a ela pode achar uma que remede, mas iguá não tem, nem tinha não... pra dá conta do recado como ela dava, aqui eu não acho não!*

Quando a avaliação recai sobre os filhos, vê-se que há manifestação de ressentimentos por não terem contato, como gostariam. De acordo com Peixoto (2002, p. 102), parte relevante dos estudos sobre noções familiares considera a proximidade geográfica como elemento fundamental para a solidariedade familiar e a criação de laços afetivos. 1) *Tenho somente uma filha (oito dos filhos já morreram). Depois que vim pra aqui, ela só vei aqui uma vez. Dizem, dizem que foi embora pra São Paulo. Não tive contato. (73 anos);* ou 2) *elas não podem vir fazer apoio pra mim, porque as que têm marido não vêm, porque tem fi, as que dizem que é solteira ou moça, não sei como é não pode ficar também porque elas*

não acham o luxo que quer (tem 12 filhos vivos, apenas 04 residem em Jacareci em outros domicílios) (67 anos).

Para esses indivíduos que outrora conviveram em famílias extensas, encontrar-se vivendo sozinhos representa um desafio diário para a realização das atividades, uma vez que alguns deles têm problemas de saúde crônicos. Do ponto de vista relacional, o contato pouco freqüente ou até inexistente com familiares acentua esse sentimento de sentir-se só. No entanto, e apesar da solidão, esses idosos identificaram a família como importante valor social, o que contrapõe à afirmação anterior de Peixoto, e realça a idéia de que distância espacial não necessariamente traduz distância afetiva, apesar do apoio na maioria das vezes vir de amigos e/ou vizinhos.

A associação de sentimentos de tristeza e dor se alicerça na complexidade que a ruptura familiar, seja ela de qualquer natureza (por morte, por separações, por necessidades de trabalho) implica.

O desejo de fortalecer os vínculos familiares com seus filhos e netos os faz viajarem de vez em quando, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam para isso (financeira, física, meios de transporte) já que viajam de ônibus e as distâncias são longas. Este é o caso de uma idosa de 84 anos: *Vivia com minha casinha cheia de gente, meus finho, minhas neta, meus neto. E o meu pensar dá von-*

tade de ir embora pra onde ta meus fi de São Paulo, mas todo ano eu vou lá fico 1 mês, dois, quatro, então eu vorto

Ou, ainda, o relato de idosa, 62 anos, que foi cuidadora de seus pais por anos (ambos já morreram), e ficou bastante emocionada ao narrar a morte do pai em casa, e a saudade que sente deles, expressa como mistura de tristeza e solidariedade, através da necessidade de cuidar: *minha mãe morreu vai fazer 25 anoFiquei morando mais meu pai, que faleceu também fez cinco ano ...Sinto saudades dele... de cuidar...*

Os depoimentos aqui transcritos dão uma idéia de que “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo e não separá-lo dele” (MORIN, 2002, p.47). Assim, a autonomia desses idosos, construída no contexto de pertencimento, de vivência cotidiana é o que caracteriza a posição de cada uma no mundo, a própria condição humana.

Finalmente, e ainda que se considere as mudanças no grupo familiar, é importante realçar o caráter essencial da família para as pessoas idosas enquanto “estrutura que atravessa e anima a sociedade inteira” (MENDRAS, 2004, p. 258).

3. (RE) SIGNIFICANDO A SOLIDÃO

São muitas as explicações para a tendência apontada por estudiosos para que idosos morem sozinhos. Berquó (1996, p.37), por exemplo, assinala que o morar sozinho pode ser resultante de desenlaces como viuvez, separação, celibato, não existência de prole ou, ainda, da migração que, ao longo do tempo, formaram tipos distintos de arranjos familiares.

Os idosos entrevistados nesta pesquisa vivem sós em média há vinte anos, variando entre dois a trinta e cinco anos. Os motivos que os levaram a morar só são externos e se referem à: 1) migração de familiares em busca de emprego: *porque meus fi não acha emprego aqui, você sabe...eu não tenho condição de dar.*(67 anos); 2) desilusão amorosa: porque já peguei umas dona aí, que nunca deu certo, eu não quis tomar mais conhecimento, cabar com que eu tinha, eu também não tava interessado. (72 anos); 3) ausência ou perda de filhos: *porque não tem jeito a dar... os vagabundo matou ele... Ave Maria! Eu avisei a ele pra ele sair da rua, porque se não o povo matava ele... falei mas ele não atendia não* (65 anos).

Uma das hipóteses estabelecidas nesta pesquisa foi o principal motivo dos idosos viverem sozinhos, e está relacionada à migração de familiares, mas que foi citado apenas

por dois deles, prevalecendo a perda de entes queridos e o medo de envolvimento com outros e, conseqüentemente, da perda da independência conquistada morando sozinhos.

Capitanini (2000, p.88) citando Wolf (1995) descreve que o morar só reflete, além de resultado de opção individual, uma realidade social e econômica que nem sempre é a desejada pelo indivíduo. Realidade esta também percebida na pesquisa, uma vez que alguns idosos referem-se à saída de filhos em busca de emprego, ocasionada pela crise econômica vivenciada na região.

Outro fator relevante a ser assinalado é o estado civil, pois a maioria dos idosos desta pesquisa é viúvo. O estado civil é um importante indicador de solidão emocional na velhice, que pode estar associado tanto à composição da rede de suporte, da perda ou ausência de uma figura de apego como nos lembra Capitanini (2000, p.91), e pode ser percebido na seguinte fala do idoso: *Não tem os fi dentro de casa, não tem neto... a gente veve assim... a vida parasieira,quieta,dá aquela tristeza... (84 anos).*

O sentir só e o isolamento não são prerrogativas da velhice, podendo ser também vivenciada em outras fases da vida (ANGERAMI-CAMON, 1999, p.84). Da mesma forma, a idéia que se faz do idoso que mora sozinho é de uma pessoa infeliz. A experiência vivenciada na velhice determina perda de papéis,

afastamento, limitações físicas, morte de pessoas da mesma idade e, muitas vezes, limitações financeiras, contribuindo para o isolamento e a solidão (CAPITANINI, 2000, p.29).

Capitanini (2000), em pesquisa realizada com idosas que vivem sozinhas há cerca de vinte anos no município de Campinas - SP, concluiu que as mesmas não sentiam solidão e eram altamente satisfeitas com a vida, uma vez que haviam escolhido viver sós. Contrariando esta constatação, os idosos deste estudo referiram sentimento de solidão por morarem sozinhos, seja pela ausência ou contato pouco freqüente com familiares/companheiros, seja pela condição financeira precária (dois deles ainda não são aposentados). Para esses idosos, viver sozinhos não foi uma escolha, uma opção de vida, mas uma circunstância não desejada, mas enfrentada como podem. Nesse sentido, os depoimentos seguintes dão conta dos sentimentos de viverem sozinhos. 1) *Morar sozinha não é bom, é ruim, é ruim... é pesaroso ,ainda mais pra eu que tem essa idade. Mas eu vou forçar? Eu vou atentar fazer o quê? (65 anos); 2) eu não acho que morar sozinho seja bom, eu me sinto um pouco prejudicado... Não tem problema dizer? Devido também a relação (sexual). Tem ocasião que me sinto diferente (diz com olhar cabisbaixo), eu sinto porque não tenho uma pessoa assim para se combinar comigo... (72 anos); 2) É um pesadelo!Me dá umas coisas,*

tem hora que eu não durmo de noite, fico aqui nessa janela pensando na vida, mas eu imploro a Deus, peço forças a Deus e vai dano pra passar. Vou passando a vida como diz do jeito que a vida quer me levar né?... ainda pensando em ter uma dona, porque tudo só vai com ela. (72 anos).

Apenas dois idosos afirmaram sentir-se bem morando sós, por poderem desfrutar da independência, amparados na religiosidade.

1) *Pra mim viver só é uma vida tão boa! (risos) Porque eu cuido d'eu mesmo, eu cuido d'eu mesmo. A minha experiência de morar só é uma vida muito boa, uma vida boa demais. Eu vivo aí sossegado (APS, 65 anos); 2) Eu vivo confiando em Deus até o fim. Acho que é bom, quando anoitece eu vou pra Igreja, vou ler o terço, vou deitar. Não sinto só tando com Deus e com os amigos... é que vivo a minha vida tranqüila, deito a hora que quero, levanto a hora que quero, passeio, não deixo ninguém em casa preocupado. É muito importante pra mim viver só. (LGS, 62 anos)*

A solidão, como descrito por Capitani (2000, p.23) citando alguns estudiosos⁴, é uma experiência sócio-emocional associada à percepção de que os contatos sociais são quantitativamente insuficientes ou qualitativamente insatisfatórios para amparar as próprias necessidades sócio-emocionais.

⁴ Peplau, Russel e Hum, 1979, Michel, Peplau e Weeks, 1982)

Quanto ao significado da solidão, além dos depoimentos já descritos, os entrevistados também associam a sentimentos negativos de desprezo, feiúra, de não ter jeito, de não ter alegria, de falta de diálogo, conforme traduzidos nos depoimentos seguintes: 1) *Solidão pra mim significa muitas coisas. Pra mim eu vivo no desprezo, eu fico assim...* (72 anos); 2) *A solidão é feia, feia... feia mermo.* (65 anos); 3) *é daquele que não tem jeito, porque quando o cara tem jeito não vai ficar na solidão né?* (67 anos)

Outros, no entanto, que se sentem bem vivendo sozinhos, descreveram sentimento positivo: *Solidão pra mim é coisa boa. A gente veio não gosta mais de zuada, de barulho, de nada.* (62 anos); ou ... *é um sistema assim, como é que diz? É um negócio qualquer... eu vivo como um Passarim, assim sabe? Avoando... leve... Sinto bem só, porque eu não gosto de aborrecimento, não gosto que ninguém me aborreça. Eu aborreço ninguém em nada.* (65 anos).

É importante ressaltar que entre os idosos que vivem sozinhos, aqueles que se sentem bem têm maior contato com os amigos. Capitanini (2000, p.38) citando Goldstein (1998), refere que a qualidade dos contatos sociais influencia mais a qualidade de vida na velhice que a quantidade deste contato.

Apesar do contato pouco freqüente com familiares e da ausência de companheiro,

uma vez que a maioria deles é viúva, os idosos afirmaram que se pudessem escolher, gostariam de morar com alguém da família: filha, nora ou esposa; no geral, todos escolheram mulheres.

Destacando que a nossa vida ganha significado a partir do outro, Angerami-Cammon (1999, p.82) afirma que, quanto mais vivemos o outro, recebendo, trocando afeto, maiores serão os sentimentos de abandono e isolamento quando nos sentimos abandonados por ele. Os depoimentos acima relatados dimensionam o quanto a Ausência do Outro na vida desses idosos contribuiu para o sentimento de solidão, parafraseando Alceu Valença, cantor nordestino, como algo que *devora... causa descompasso no coração...*

4. AS ESTRATÉGIAS PARA VIVER SÓ

Falar das estratégias criadas pelos idosos para viverem o dia a dia sozinhos é trazer à tona a versão cotidiana do que fazem, e das práticas que organizam diariamente para permanecerem ativos, interagindo e vivendo sem sofrimentos psíquicos maiores.

Goffman (1999, p.27) afirma que todo homem representa um papel de forma mais ou menos consciente, e nesses papéis nos conhecemos uns aos outros e a nós mesmos. Heller (2000, p.17) complementa relatan-

do que a vida cotidiana é a vida de todo homem, uma vez que participamos do trabalho, da vida privada, atividade social sistemática, lazer e descanso. Assim, o cotidiano reflete também o papel social que é desempenhado por cada indivíduo, bem como a visão estabelecida pela sociedade frente a estes.

O processo do envelhecimento na realidade brasileira ainda está associado a limites e estereótipos, que marginalizam o idoso e contribuem para seu isolamento social (SANTANA e SENA, 2003, p.45). Conforme depoimento de idoso de 84 anos *“é porque já estou nessa idade, e gente vei só presta pra viver sozinho... porque não agüenta zuada, aborrecimento... (sic)”* ou, no relato de outro idoso de 65 anos, *”com isso a idade foi me comendo, me avançando... avançando, tô nessa situação...”*

As falas acima descritas refletem uma concepção negativa e pejorativa sobre a velhice vivenciada por estes indivíduos, onde a auto-imagem é associada a limitação, inutilidade, incapacidade. Esses estereótipos estão ancorados nos indivíduos e são constantemente reforçados pela sociedade.

Apesar das mudanças já observadas, em especial pela visibilidade da velhice, hoje expressa em leis, na profissionalização de serviços, em criação de conselhos municipais de idosos, dentre outros, ainda se vive e se repete o preconceito. Mesmo assim, a visibilidade da velhice já sinaliza um novo conceito

de envelhecimento, e vem sendo compreendido a partir de novos enfoques, de novas abordagens, sem desconsiderar que são múltiplos os problemas enfrentados por pessoas que vivenciam a experiência de envelhecer.

Lopes (1999, p.24) destaca que o ser humano se caracteriza como tal, precisa de vínculos com os outros e, por isso, vivenciar uma velhice isolada é uma tragédia, já que a vida inteira precisa do olhar do outro. Santana e Sena (2003, p.46) complementam afirmando que o homem vive agregado a outros indivíduos de sua espécie desde o nascimento, o que significa dizer que a existência de uma pessoa como ser individual é indissociável da sua existência social.

Na medida em que os idosos entrevistados passaram a viver sozinhos e a vivenciar sentimentos de solidão, foram elaborando estratégias para enfrentamento de viver só, como criação de rede de suporte social⁵ através de amigos e vizinhos, busca pela religiosidade e o próprio cotidiano com a realização de atividades da vida diária e o trabalho.

Quando questionados sobre quem os auxilia quando adocece ou caso adoceça: *Os vizi-*

5 Conceituada por Capitanini (2000, p.37) como conjunto de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações que envolvem dar e receber, permitindo manter a identidade social, ter apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, bem como estabelecer novos contatos sociais

nhos - tem Maria Sales, Julia, Judite, Sirlei... (62 anos.); Aqui tem uma pessoa muito boa pra mim. Tem Dona Francisca e Dona Iu, porque sempre lembra de um chá,aprontar uma carne. Esses vizinhos aqui todo daqui... (72 anos); O vizinho e essa menina que anda aqui Pimenta me leva pra o hospital, vai leva. (67 anos); Julia é minha amiga, minha irmã, quem é do grupo da igreja é irmã. (73 anos).

Capitanini (2000, p.30 citando PEPLAU e PERLON, 1982), destaca que os idosos têm preferência, no contato social, pelos amigos muito mais que pelos membros da família, pois aqueles trazem, nas relações de amizade, mais impacto sobre seu bem-estar, uma vez que as relações familiares são obrigatórias e as de amizade são voluntárias.

Rezende (2002, p.145-46) descreve que a amizade é uma relação pautada na sociabilidade e mais fortemente na amizade, na confiança e no ato de compartilhar questões íntimas e pessoais, ao passo que na família há relação pela naturalidade dos laços de sangue.

Cinco dos idosos entrevistados referem ter amigos e encontram neles a maior fonte de apoio, alguns formados a partir de grupos religiosos, conforme depoimentos: *Julia é minha amiga, minha irmã, quem é do grupo da igreja é irmã... Quando estou doente , aí todos os dias eles (amigos da Igreja) vem fazer oração. (73 anos); Tem os amigos é da Igreja. (62*

anos); O pessoal daqui é tudo meu amigo. Eles fazem visita a mim, eu faço a eles. Qualquer hora, sem ser doença, sem ter nada, Passam aqui, conversa comigo. (65 anos).

Como pode ser observado em alguns depoimentos acima descritos, alguns idosos participam ativamente de grupos religiosos ou na associação de moradores existente no distrito. A participação comunitária ou religiosa é fator positivo que influencia o bem-estar, uma vez que permite aos idosos que vivem sós contato com outras pessoas e criação de vínculos afetivos. A religiosidade é outra forma encontrada pelos idosos que vivem sozinhos para vivenciarem o dia a dia nesta condição, sendo citado por eles durante vários momentos da entrevista: *eu moro sozinha mais Deus! (84 anos); ... aqui a noite fica grande demais, vem o sentido mal e bom, sempre graças a Deus não me vem sentido mal, porque eu imploro a Deus , tudo que é passado em minha vida. (72 anos) .*

Goldstein (1993, p.83, citando MOBERG, 1970) conceitua religiosidade como crenças, valores pessoais, atividades pertinentes àquilo que é sobrenatural, misterioso e reverenciado, àquilo que transcende a situação imediata e que diz respeito às razões e objetivos finais do homem no universo. Complementa afirmando que a religiosidade está ligada à vida do homem, independentemente de raça, cultura, ou tempo histórico.

Neri e Goldstein (1993, p.109) descrevem que a religião é para muitas pessoas o mais importante quadro de referência pessoal. Como percebido em uma das entrevistadas, que é católica praticante e em cuja residência há uma parede repleta de imagens de santos: *Deus é importante porque religião sem oração, longe de Deus é difícil. Religião, oração é muito importante, que agrada a Deus e agrada a gente. (LGS, 62 anos)*

A religiosidade marcante na fala dos entrevistados é mencionada como invocação a Deus como força, apoio, auxílio na experiência de viver só... *porque eu vivo fortalecido mais é em nome de Deus, porque eu passo dias e dias nem almoçar eu almoço, parece que Deus me tem até com as palavras que eu peço a Ele, né? (72 anos); Bom, aí a pessoa chama por Deus, livrar dele de uma situação ruim, de vez em quando participar na Igreja. (72 anos)*

Néri e Goldstein (1993, p.109) observaram, em pesquisa com adultos cuja idade variava entre 45 e 79 anos (total de 173) voluntários num programa de educação continuada, no qual 87,3% tinham na relação com Deus uma ajuda para lidar com a solidão. Destacam que há uma relação entre a religiosidade e bem-estar subjetivo, levando a importante fonte de satisfação com a vida, de forma que o indivíduo cria significação para a sua vida, adaptando-se às limitações do en-

velhecimento: *A importância de Deus em minha vida? Tudo que eu peço, eu tenho em minhas mãos... eu não queixo, só queixo pra um, pro chefe lá de cima. (65 anos); o que eu na minha vida de católica tenho é eu ter minha saúde e a minha alegria de viver. (84 anos)*

No próprio cotidiano os idosos pesquisados encontram subsídios para viverem sós através da realização de atividades domésticas, apesar de dificuldades enfrentadas por alguns deles por problemas de saúde, e ainda pelo trabalho seja voluntário seja para complemento da aposentadoria. No geral, fazem o que gostam, como descrevem: 1) *... gosto de trabalhar nas minhas duas profissões, de pedreiro ou padeiro... sinto não fazer porque é de grande utilidade. Faço pão. Sou padeiro... dá prazer, aí sinto a alma leve daquilo que eu praticava. (72 anos); 2) Bom, o que eu mais gosto de fazer e me sinto bem é quando to trabalhano. Faço realmente. Eu consegui um serviço de meeiro. (72 anos); 3) Gosto é de trabalhar na Igreja, já tem uns 10 ano que limpo lá. Se tiver costura vou fazer, aí vou fazer visita aos doentes (62 anos.)*

Quanto às atividades realizadas diariamente, estão voltadas para trabalho doméstico ou relacionadas ao cuidado pessoal, sendo uma forma de “passar o tempo” como descrito: *eu levanto,... penteio meu cabelo, vou ver o café, barrer, lavar prato, lavar uma roupinha no correr do dia. É esse meu trabalho,*

em minha casa. Eu gosto de encerar a casa, mais adoro! (aponta para o chão que está lustrado, demonstrando satisfação por isso) (84 anos); *eu lavo prato, faço minha comida, lavo roupa, barro a casa, o que eu puder fazer, eu faço tudo.* (73 anos); *Trabalhano, levanto, escovo os dentes, passo um café, vou lavar uns pratim, lavo roupa, se tiver costura vou fazer, aí vou fazer uma visita também aos doentes.* (62 anos).

Heller (2000, p.17) revela que o homem participa da vida cotidiana vivenciando suas habilidades, sentimentos, paixões, idéias, ideologias. Assim, estes indivíduos encontram no cotidiano uma estratégia para vivenciarem a velhice morando sozinhos, estabelecendo contato com outras pessoas pela participação comunitária, ou ainda na realização das atividades da vida diária. A experiência vivenciada na velhice não é determinante para os idosos sentirem solidão, mas influencia uma vez que os indivíduos sofrem perdas sociais, perda de vínculos afetivos, além das limitações físicas e financeiras. Os idosos pesquisados referiram solidão ao morarem sozinhos, no entanto, tem sido deles mesmos a iniciativa de encontrar e estabelecer, no ambiente onde vivem, uma rede de relação social que acaba se constituindo no suporte para o enfrentamento da solidão, o que conseguem através do contato com amigos e vizinhos, na participação comunitária e/ou

religiosa, que aparecem como importante estratégia que desenvolvem, funcionando como elemento de apoio, fonte de auxílio e amparo, descritas por eles como de grande significado para suas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, V.A. *Solidão - A Ausência do Outro*. 3ª edição. São Paulo, Pioneira, 1999, 118p.

BARROS, Myrian Morais Lins de. Velhice na contemporaneidade. IN: Peixoto, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, FGV, 2004, p.13-22.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o Envelhecimento da população no Brasil. In: *Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século*. Brasília, DF, 1996, p.11-40.

CAPTANINI, Marilim Elizabeth Silva. *Sentimento de Solidão, bem estar subjetivo e relações sociais em idosas vivendo sós*. Campinas, 2000. 117p. Dissertação de Mestrado-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade – a era da informação, economia, sociedade e cultura* Trd. Klauss Brandini Gerhardt. São

KEILA MAIA CARDOSO

Paulo, Paz e Terra, 1999, v.2, p.169 a 285.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. 8ª ed. Petrópolis, Vozes, 1999.

GOLDSTEIN, Lucila Lucchino. Desenvolvimento do Adulto e Religiosidade: uma questão de Fé. In: Néri, Anita Liberalesso (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. São Paulo, Papirus, 1998, p.83-108.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Paz e Terra, 2000, p.17-41.

LOPES, Ruth G.da Costa. As relações afetivas: família, amigos e comunidade. *A Terceira Idade*. SESC, São Paulo, ano X, n.17, ago.1999, p.15-28.

MENDRAS, H. A Família e o Grupo Doméstico. In: _____. *O que é Sociologia?* Barueri, São Paulo, Manole, 2004.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo, Cortez, 2002.

NERI, Anita Liberalesso; GOLDSTEIN, Lucila Lucchino. Tudo bem, graças à Deus. Religiosidades e Satisfação na Maturidade e na Velhice. In: _____. (org.). *Qualidade de vida e Idade Madura*. São Paulo, Papirus, 1993, p.109-136.

PEIXOTO, C. E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Wagner, Adriana (org.). *Família em cena - traumas, dramas e transformações*. Petrópolis, Vozes, 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos. Os *significados da Amizade - duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, FGV, 2002, p.15-36.

SANTANA, Hilca Barros de; SENA, Kaline Leite. O Idoso e a Representação de Si. *A Terceira Idade. SESC, São Paulo*, v.14, n.28, p-44-53, set.2003.

SILVEIRA, Luíza M. de O. Braga. O Relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: Wagner, Adriana (org.). *Família em cena - traumas, dramas e transformações*. Petrópolis, Vozes, 2002.

Recebido em abril de 2008
Aprovado em julho de 2008

A SOCIABILIDADE COTIDIANA ENTRE O IDOSO E SEU CUIDADOR DOMICILIAR

Priscilla Sousa Silva¹

Resumo. O crescente número de idosos tem sido observado nos locais que prestam serviço de saúde, embora não se possa negar que essas pessoas passam a maior parte do seu tempo no ambiente familiar. Alguns desses idosos têm a oportunidade de conviver com o cuidador domiciliar, interagindo e se relacionando com ele. Buscando compreender qual a percepção do idoso sobre o relacionamento interpessoal com o seu cuidador domiciliar, foi realizado um estudo compreensivo, de caráter qualitativo com seis idosos que residem na área de abrangência do PSF Euvaldo Maia, no município de Camacã-Bahia. Cinco idosos são mulheres e um homem, com idades variando entre 64 e 87 anos, todos convivendo no domicílio com seu cuidador. Os seis são viúvos, têm filhos e convivem com pelo menos um deles no domicílio como cuidadores. Revelaram opiniões sobre o conceito de cuidar, o que gostam e o que não gostam na dinâmica relação com seu cuidador e sugeriram mudanças nesse contexto.

Palavras-chave: Idoso, cuidado, relacionamento interpessoal.

¹ Enfermeira, Especialista em Gerontologia Social pela UESC. Ilhéus, Bahia

Abstract. The increasing number of elderly has been observed in places that provide health service, but it cannot be denied that these people spend most of their time in familiar surroundings. Some of these elderly people have the opportunity to live with the household careers, interacting and relating to them. Seeking to understand how the perception of the elderly on the interpersonal relationship with your caregiver at home, a comprehensive study was conducted of qualitative character among six elderly who reside in the area of coverage of the FHP Euvaldo Maia, in the city of Camacan, Bahia. Five of them are women and one is a man, with age rates between 64 and 87 years, and all living at home with their caregivers. Six of them are widows, have children and live with at least one of their relatives at home as caretakers. They revealed their views on the concept of care, what they like and dislike in the dynamic relationship with their caregiver, and they suggested changes in that context.

Key words: Elderly, care, interpersonal relationships.

INTRODUÇÃO

A longevidade traz consigo riqueza histórica, diversidade cultural, acréscimo à experiência dos mais jovens, especialmente aqueles que têm o privilégio de compartilhar seu cotidiano com os mais velhos. Por outro lado, como processo multifatorial, ocorre em todos os níveis do organismo, do molecular ao fisiológico e morfológico, o que proporciona ao indivíduo perdas biológicas significati-

vas, ainda que tenha um componente genético importante, capaz de influenciar nesse processo.

Por serem mais susceptíveis aos fatores de risco, as indicações de muitos estudos sugerem que esses fatores exigem maior atenção por parte da sociedade, dos profissionais de saúde e dos familiares.

Quando o idoso encontra-se hospitalizado, é a equipe de saúde que detém controle sobre a assistência prestada. No entanto, devido ao alto custo da hospitalização de idosos, à sobrecarga dos serviços hospitalares, aos novos perfis de políticas públicas de saúde, à busca de conforto para os idosos e seus familiares, além da humanização da assistência ao idoso, tem sido feito um resgate do cuidado domiciliar nas últimas décadas (CREUZBERG, 2000).

Dentro dessa perspectiva, a presença do cuidador de idosos se constitui de fundamental importância, não só para a continuidade do tratamento, mas como condição *sine qua* para auxiliar idosos com limitações funcionais em suas atividades de vida diária.

É no domicílio, quando geralmente não se conta com o profissional de saúde em tempo integral para prestar assistência, que podem se agravar ou surgir problemas que acabam provocando recidivas e reinternamentos com custos elevados para o sistema da saúde.

No espaço domiciliar, os cuidadores de ido-

so são familiares em primeiro lugar, vizinhos ou amigos, que precisam ser preparados para exercer essa atividade. De um modo geral, as pessoas que assumem a função de cuidar vivenciam as dificuldades decorrentes de limitações, sejam aquelas provocadas pelo desconhecimento da doença, ou da absoluta falta de condições econômicas das famílias para um atendimento adequado ao seu familiar idoso.

Esse desconhecimento gera dúvidas e incertezas quanto ao cuidar, sentem-se sobrecarregadas física e emocionalmente, tendo seus sentimentos pessoais e relações interpessoais atingidos. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que as limitações dos idosos podem interferir diretamente na dinâmica das relações familiares e na relação dos familiares com a comunidade do entorno. Nesse sentido, o cuidado domiciliar deve proporcionar, ao idoso e ao seu cuidador, uma interação de confiança, de vínculo afetivo e de valorização das relações.

A motivação para estudar o tema surgiu da observação cotidiana decorrente das visitas domiciliares às famílias de idosos, quando ouvi, enquanto enfermeira, os relatos constantes sobre as dificuldades que os cuidadores tinham de relacionar-se com os idosos.

Refletindo sobre essas dificuldades e conflitos descritos de forma assistemática, foi possível criar as primeiras impressões sobre a visão do cuidador. As queixas, os desenten-

dimentos, a insatisfação, o desprazer, a tristeza, o cansaço, a intolerância, são expressões e atitudes que fazem parte do dia-a-dia de quem cuida de idosos, de acordo com a bibliografia existente.

Após levantamento bibliográfico, percebeu-se que boa parte das pesquisas referentes ao cuidar do idoso retrata a visão do cuidador e explora pouco a opinião do indivíduo que depende do cuidado, no caso, o idoso.

Em nenhum momento do nosso trabalho, e visitas domiciliares, os idosos acompanhados pela equipe de saúde expressaram opiniões a respeito do relacionamento com seus cuidadores, nem mesmo sob a forma de desabafo, o que dificultava ainda mais a comunicação efetiva entre os profissionais de saúde que realizavam visitas, os idosos e seus cuidadores.

Esses aspectos motivaram o desenvolvimento desta pesquisa cuja questão norteadora é saber qual a percepção do idoso sobre o relacionamento interpessoal com o seu cuidador domiciliar.

Para dar conta desse questionamento, esta pesquisa busca compreender a percepção que o idoso tem a respeito do relacionamento mantido com o seu cuidador domiciliar. Para isso, foi importante observar o contexto domiciliar como *locus* definidor da qualidade do cuidado e detectar fatores que interferem no relacionamento interpessoal do idoso e seu cuidador, além de avaliar os

efeitos desse relacionamento sobre a melhora dos sujeitos idosos.

Por conseguinte, este é um estudo sobre a forma como os idosos residentes na área de abrangência do Programa de Saúde da Família Euvaldo Maia, no município de Camacan, sul da Bahia, percebem a relação interpessoal com seu cuidador domiciliar. Compreender a percepção do idoso nesse contexto possibilita definir os fatores que interferem na relação com seu cuidador, valorizar a opinião do indivíduo que está sendo cuidado; ao cuidador, fornecer subsídios para perceber as necessidades do idoso que está sendo cuidado. E para os profissionais da saúde, promover a troca de conhecimentos científicos, a melhoria da assistência ao idoso, contribuir para a pesquisa gerontológica e valorizar a relação entre essas pessoas que convivem cotidianamente, estabelecendo entre si relação de interdependência.

A hipótese que norteia esta pesquisa é que, se as práticas comunicativas e de relacionamento interpessoal desenvolvidas entre idosos e seus cuidadores estiverem bem estabelecidas, o idoso cuidado no espaço domiciliar estará vivenciando o seu processo de envelhecimento num ambiente mais ameno, com repercussões positivas sobre o tratamento, sobre a qualidade de vida e, por consequência, sobre o seu processo de envelhecer.

A escolha dos sujeitos ocorreu a partir de consulta às fichas de cadastro domiciliar do

Sistema de Informação em Atenção Básica (SIAB) que registram informações detalhadas sobre identificação dos participantes do Programa, suas famílias, sua condição de saúde, moradia e saneamento, dentre outros, selecionando-se aqueles idosos conscientes e orientados, em condições de manterem uma comunicação verbal, que convivam pelo menos há um mês com o seu cuidador, que se relacione pelo menos um terço do dia com o mesmo, e que aceitem participar do estudo segundo os princípios éticos que regem a pesquisa envolvendo seres humanos (Resolução 196/96) do Conselho Nacional de Saúde².

Do total de 155 idosos acompanhados pelo PSF Euvaldo Maia, e com a ajuda dos Agentes Comunitários de Saúde, portanto, foi possível escolher seis idosos entre o universo de 16 que convivem com o cuidador domiciliar. Cinco deles são do sexo feminino, com idades que variam entre 64 e 87 anos. Os seis são viúvos, quatro deles são católicos, cinco analfabetos, todos eles têm filhos e todos recebem benefício da LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social).

² Nesse sentido, o compromisso do pesquisador é o de manter sigilo das informações, utilizando-as única e exclusivamente para fins científicos, preservando o anonimato dos sujeitos e ficando claramente expresso o seu direito de recusar-se a participar desta pesquisa ou, tendo aceito e assinado o termo, de retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem que seja submetido a penalização.

Todos os idosos entrevistados³ apresentam doenças crônicas, sendo cinco hipertensos e um diabético. Cinco deles apresentam *déficit* motor devido a causas diversas como seqüela de acidente vascular encefálico (AVE), lesão em membros inferiores por insuficiência vascular, desnutrição. Apesar dos *déficits* motores, não se utilizam de equipamentos para deambular, contando somente com o auxílio dos cuidadores.

O tempo de convivência com as doenças varia de um a nove anos, sendo esse o mesmo período que convivem com um cuidador domiciliar. Somente três idosos tiveram a oportunidade de ser cuidado continuamente por apenas um cuidador. Os outros três idosos já foram cuidados, desde que adoeceram, por pelo menos três pessoas cada, e em momentos diferentes.

Vale ressaltar que todos os cuidadores dos idosos aqui entrevistados são membros da fa-

3 As entrevistas foram realizadas nos domicílios dos idosos de forma individual e na ausência do cuidador, permitindo assim um ambiente privativo de forma que o entrevistado se sentisse livre para externar suas opiniões sem interferências. É importante ressaltar que não foi estipulado um tempo para a entrevista, para que o idoso pudesse se expressar livremente. Foram levados em consideração: dados de identificação (idade, sexo, estado civil, escolaridade, religião, composição familiar, condições de moradia, situação de saúde); vínculos afetivos com o cuidador (identificação do cuidador, quem é o cuidador para o idoso); relacionamento com o cuidador (história de relacionamento anterior com o cuidador, o que gosta e o que não gosta quando está sendo cuidado).

mília, mais precisamente filhos, o que corrobora o que a literatura científica sinaliza.

Após a escolha, foram realizadas visitas domiciliares a esses idosos. Num primeiro momento para convite e explicação sobre os objetivos do estudo; outra visita para a aplicação da entrevista, seguindo de uma terceira para leitura e aprovação da entrevista pelo entrevistado.

2. CONTEXTUALIZANDO O IDOSO EM DOMICÍLIO

No cuidado domiciliar é preciso contextualizar o indivíduo em seu ambiente, considerando a família e a comunidade, não deixando de contemplar as dimensões biológica, psicoespiritual, sociocultural e ecológica (CREUTZBERG, 2000, p. 299).

Nesse estudo, buscou-se conhecer a constituição familiar na qual os idosos estavam inseridos para melhor compreender a dinâmica relacional idoso-cuidador, além de observar o contexto domiciliar como eixo definidor da qualidade do cuidado. De acordo com Silva (2002, pg.76), toda situação deve ser contextualizada, considerando que o contexto representa o primeiro elemento decodificador da comunicação interpessoal.

Observando o ambiente onde vivem os idosos entrevistados, é perceptível a precariedade das residências. Três domicílios não possuem instalação sanitária, três deles são construí-

dos de madeira e pelas precárias condições, trazem insatisfação aos idosos residentes, como relatado na fala a seguir: *... eu num gosto quando eles (filha e netos) tira meus papeis daqui e os praticos que eu boto pra quando eu vou tomar banho pra os curiosos daí do lado não me vê...* (e mostra os papéis que cobrem as frestas da parede do seu quarto, que permite ver o lado de fora)". (78 anos).

Os seis idosos pesquisados têm filhos e convivem até hoje com pelo menos hum deles no domicílio, como cuidadores. Dois idosos relatam que sempre moraram no mesmo domicílio dos cuidadores, e quatro moravam separados dos mesmos.

Néri e Silva (1993, p.223) citam que, em pesquisa realizada com adultos que cuidam de idosos, as razões apontadas para a coabitação foram: afetividade, 25%; obrigação, 21%; dependência física ou econômica, 16%; casamento, 11%; papel instrumental desempenhado pelo idoso na casa, 19%.

Na realidade pesquisada, vários são os fatores que justificam a coabitação do idoso com seu cuidador familiar. Dentre eles, vale ressaltar a falta de opção e de oportunidade, como expressa o seguinte depoimento: *Que jeito? Oh! Porque não tem outro jeito pra mim. Silêncio... Eu queria sair daqui pra alugar uma casa, morar em uma casa de aluguel, mas eu não posso sair...*" (64 anos). Ou quando há no motivo a afetividade: *Hoje em dia eu sinto fe-*

liz minha fia... Hoje eu vivo mais meus filhos... (73 anos). Ou por ser o idoso o provedor da família devido à situação social e financeira dos filhos e agregados: 1) Ah! Tem hora que eu fico aqui pensando meu Deus! Se não fosse eu abaixo de Deus, se não fosse esse barraquinho que eu comprei com o dinheirinho da aposentadoria... Abaixo de Deus se não fosse eu onde eles tava? (80 anos); 2) ... mas depois separou né minha fia aí teve que vim, ia pra onde né minha fia? É fraca aí veio, pra me cuidar. Eu recebo pouco mais dá né? (78 anos).

O relacionamento entre idosos e familiares deve destacar os papéis individuais no grupo social familiar e, em específico, resgatar a percepção do idoso sobre eles. Na convivência há uma troca permanente de afeto, de carinho, de idéias, de sentimentos, de conhecimentos, de dúvidas. É a estimulação do pensar, do fazer, do dar, do reformular, e principalmente do aprender (ZIMERMAN, 2000, p. 34).

Aquino e Cabral (2002, p.1056) afirmam que mesmo com a redução do número de filhos e com a mudança nas relações sociais, continua a existir a expectativa de que os filhos cuidem dos pais na velhice. Trata-se do atendimento da norma de reciprocidade, consagrada em todos os contextos culturais e evidenciada aqui na fala de uma idosa pesquisada: ... *Eu dou graças a Deus. Eu sempre as vez digo assim é por isso que é bom a pessoa ter muito filho porque diz que quem tem*

dois tem um, quem tem um não tem nenhum (risos) né? (87 anos); ... É obrigação os filhos cuidar dos pais. É, é!... (87 anos).

O cuidado transforma ambientes, harmoniza relações, sensibiliza o humano de cada um e energiza nosso potencial para ajudar os outros a encontrarem habilidades para lidar com as adversidades (WALDOW, 2004, p. 38). O cuidado domiciliar apresenta a vantagem de proporcionar um melhor conhecimento do contexto da pessoa (CREUTZBERG, 2000, p. 302). A atitude participativa no domicílio, como método do cuidado domiciliar, permite uma aproximação à família, ao idoso e ao ambiente.

3. A DIMENSÃO DO CUIDADO SOBRE A PESSOA IDOSA

A relação afetiva no âmbito familiar é um dos principais fatores de equilíbrio e bem-estar dos que envelhecem. Aceitação e respeito, raiva ou rancor são frutos de laços construídos ao longo do tempo, que repercutem no apoio ao idoso (ASSIS, 2004, p. 16).

A história do relacionamento entre o idoso e o seu cuidador suscita lembranças. Todos os idosos entrevistados referiram um bom relacionamento e sempre boas lembranças de convivência passada com seu cuidador. Cinco idosos relatam que no momento, o relacionamento com o seu cuidador é bom, permeado por sentimentos de afeto e paciência.

Um dos idosos, porém, informa que o relacionamento com seu cuidador era mais harmônico do que atualmente, pois o cuidador hoje é uma pessoa de convivência difícil, intolerante e autoritário.

Frente a essas considerações, Pessini (2004, p. 316) relata que nossa cultura da obsolescência programada trata os idosos como algo descartável, o que faz os idosos se sentirem ignorados. Temos então a segregação (o ser torna-se subordinado ao ter), desolação (ruptura com a própria história, quebra dos laços familiares, desnudamento social) e a perda do EU (“eu sou o que era”). Esta compreensão é também reforçada por Silva e Gimenes (2000, p. 308), para quem

O relacionamento entre o cuidador e o ser cuidado deve ser amplo e flexível o bastante para que essa totalidade emergente não seja restringida ou interpretada com demasiada rapidez em virtude dos nossos preconceitos, estereótipos ou cegueira.

Saber o que o idoso pensa, o que sente e suas expectativas, proporciona oportunidades não só para reflexão da equipe que cuida mas, também, permite que medidas práticas reais sejam tomadas e sejam capazes de fortalecer o vínculo de quem cuida e de quem é cuidado (PROCHET, 2004, p. 187). E aqui é bom lembrar que, para conhecer o outro é preciso um melhor conhecimento de si próprio.

Ballone (2003), analisando essa questão,

afirma que nossa percepção não identifica o mundo exterior como ele é na realidade, e sim como as transformações efetuadas pelos nossos sentidos permitem reconhecê-lo.

Perceber, portanto, é traduzir um objeto em julgamento de percepção; isto significa que nós interpretamos aquilo que tomamos consciência por meio dos sentidos (SILVA, 1996, p. 110) Esse é o primeiro passo para o processo de percepção; formar impressões acerca do que foi observado através dos órgãos dos sentidos.

Formamos uma impressão da outra pessoa observando suas ações, sua voz, seus gestos, seus movimentos expressivos, o que ela diz e como reage a nossos comportamentos (MINICUCCI, 2001, p. 39).

Na percepção, acrescentamos aos estímulos elementos da memória, do raciocínio, do juízo e do afeto, portanto, acoplamos às qualidades objetivas dos sentidos outros elementos subjetivos e próprios de cada indivíduo. (BALLONE, 2003). É Silva (1996, p. 112) quem afirma que as pessoas vêem e ouvem apenas o que esperam e querem. Isso acontece porque tendemos a sentir e a agir de acordo com os nossos próprios referenciais de vida.

Quando questionados sobre a percepção que têm do cuidador, cinco idosos descrevem os cuidadores como sendo pessoas boas e pacientes como na fala a seguir: *Meu menino é todo na paz comigo, é!* (80 anos); *Ela não é bru-*

ta, conhece quem sou eu, conhece o que é mãe, ela gosta de mim, é boazinha (73 anos); Ah ela é assim, é boa, tem paciência, mas as vez perde né? Mas faz tudo pra mim, é boa, é boazinha (78 anos). Somente um idoso refere-se ao cuidador como uma pessoa ruim: (Silêncio). É assim mesmo bruta e inguinorante! Com toda estupidez comigo. Não tem educação, com toda estupidez comigo, só tem estupidez e inguinorância. (64 anos).

Os idosos entrevistados expressam sentimentos diversos ao referirem-se à percepção de estar sendo cuidado pelo seu cuidador domiciliar. Fica claro na fala a contradição: *Me sinto bem minha filha, que jeito? Oh! Porque não tem outro jeito pra mim. Silêncio. (64 anos).*

A necessidade é um aspecto, como evidenciada nas falas: *... Porque quando ela não tá comigo eu não faço nada. Que jeito que eu vou dar? (78 anos); Me sinto bem aqui mais ela porque não tem outro que cuida melhor de mim...Meus filhos mora tudo pra São Paulo! O melhor pra mim é ela mesmo... (87 anos).*

Ou o sentimento de satisfação: *Me sinto bem porque agora ela me entende não é? Ela me entende e eu entendo ela. (80 anos).*

Com o processo do envelhecimento, várias estruturas do corpo são comprometidas. O idoso, que por muitas vezes se apresenta com alterações orgânicas sensoriais ou doenças associadas, pode apresentar percepções distorcidas da realidade que o cerca, interferindo assim na

relação com o seu cuidador. Como então auxiliar o idoso a melhorar sua percepção?

Por outro lado, o envelhecimento tem sido relacionado equivocadamente como sinônimo de doença. É preciso entender que a não-captção de um sinal não significa a sua inexistência, mas a sua incompreensão (SILVA, 1996, p. 110).

Para existir convivência harmoniosa é necessário reconhecer direitos e deveres, e importante também estabelecer limites. E para evitar conflitos, a compreensão mútua e a flexibilidade são fundamentais.

Ao relatarem quem gostariam que cuidasse de cada um deles, quatro idosos preferem o próprio cuidador por motivos diversos, dentre eles ser o cuidador atual a única opção. Os outros dois idosos informam que o maior desejo seria ser cuidado por um companheiro.

Todos os idosos entrevistados são viúvos e referem-se à relação conjugal duradoura (em média de 20 a 30 anos de convivência), inclusive com recasamentos. Sobre os casamentos, todos citam história de boa convivência, alguns relacionando inclusive a perda e ausência do companheiro como fator determinante da condição atual em que vivem.

Apesar do envelhecimento apresentar restrições e ser considerado uma barreira por muitos, espera-se que não seja visto como um impasse para perceber as relações e as pessoas, mas sim um desafio a ser alcançado

a cada dia. Trata-se de um processo bastante complexo, mas que também deve ser levado em consideração que as mudanças na percepção são aspectos essenciais no processo da aprendizagem, portanto, dinâmico.

4. O IMPACTO DO CUIDADO SOBRE O IDOSO

Cuidar é perceber o outro como ele se mostra, nos seus gestos e falas, em sua dor e limitação (SILVA E GIMENES, 2000, p 306). Boff (1999, p. 31) concebe o cuidado como a base possibilitadora da existência humana, enquanto humana. Se não receber cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. O mesmo autor cita Martin Heidegger para explicar que o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida (BOFF, 1999, p. 91).

Em pesquisa realizada no St. Joseph's Hospice em Londres, O'Connor (2000, p. 328), conceitua cuidar, como

... algo que vai além das técnicas, habilidades ou treinamento. É algo que envolve a pessoa do cuidador num relacionamento criativo com a pessoa cuidada. Esta relação é marcada pela novidade, originalidade e é facilmente conhecida pela atratividade...

O significado de cuidar pelos idosos aqui entrevistados apresenta-se de diversos sentidos, como apresentados nas falas: *O que é cuidar?* (silêncio). *Não sei. Ter zelo né? Amar aquela pessoa e ter zelo* (silêncio) (64 anos); *Sei lá!* (risos) *É zelar, cuidar como essa menina minha cuida de mim, é fazer as coisas direitinho né?* (risos)". (78 anos).

Em alguns momentos das falas, o conceito de cuidar limita-se à realização de tarefas: *Cuidar é precisar de alguma coisa e alguma pessoa faz.* (80 anos); *Cuidar? Eu penso assim é quando a pessoa lhe compra um ranchinho pra morar, compra uma roupa, compra um sapato... eu penso assim.* (80 anos); *Cuidar?* (silêncio). *Eu acho que é um trabalho que a gente tem com qualquer pessoa.* (87 anos); *Cuidar? Ah! É andar na linha, cuidar, a comidinha certa da gente, comida feita né?* (73 anos).

Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele (BOFF, 1999, p. 96).

Waldow (2004, p. 94.) cita a pesquisa de Riemen (1986), que estudou a percepção de pacientes hospitalizados sobre o cuidado e não cuidado. Observou que, na maioria das vezes, os pacientes referem às situações de não cuidado, por serem consideradas as mais marcantes. Em decorrência destas percepções, nessa mesma pesquisa, foi observado que os pacientes sentiam-se frustrados, amedrontados, deprimidos, com raiva e outros sentimentos de despersonalização e destruição da auto-estima. E quando acontece o contrário, ou seja, os pacientes percebem o cuidado, este resulta em sentimentos de conforto, segurança, paz e relaxamento.

Segundo Boff (1999, p 31.), o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Nesse estudo, ao manifestarem sua opinião sobre o que gostam quando estão sendo cuidados, houve consenso de opiniões entre os idosos, no que se refere às atividades realizadas pelos cuidadores: 1) *Gosto quando zela de mim, me dá banho, pintia meu cabelo, trata eu bem.* (64 anos); 2) *Gosto que cuide da minha comida* (64 anos); 3) *Tudo que ela faz pra mim eu gosto né?* (80 anos); 4) *Tudo que ela faz eu gosto, faz comida direiti-*

nho, até demais, toda hora manda eu comer, toda hora, toda hora (78 anos).

Têm também a oportunidade de expressar o que não gostam quando estão sendo cuidados, e nesse momento fica claro nos discursos os conflitos e barreiras na comunicação interpessoal: 1) *Nunca chamei minha filha pra conversar porque ela nunca me dá satisfação de nada... aqui eu não posso fazer nada. Não saio daqui de casa pra canto nenhum. Desde que me jogaram aqui que é aqui dentro de casa que nem uma pessoa que ta presa na cadeia (64 anos); 2) O que eu não gosto é que eu não posso ficar aqui sozinho... Mas muitas coisas eu não posso nem dizer nada né? (80 anos); 3) As vez ela não tem tempo de sentar aqui pra conversar (80 anos); 4) Quando mexe nas minhas bolsas que fica impindurada aqui no quarto... Num tem onde guardar num lugar decente, aí tem que ficar aí. Isso eu não gosto (78 anos); 5) Tudo que ela faz eu tenho que gostar. É filha né? (87 anos); 6) Eu não gosto quando ela sai com todo mundo, não gosto quando ela anda com má companhia. Respeito é muito bom. É isso! (73 anos).*

As relações que se dão entre cuidador e idoso dependem de valores sociais, econômicos, políticos e culturais. Néri e Silva (1993, p. 223) em pesquisa voltada para identificação das características e das necessidades de uma população de adultos que convivem com

idosos, 29% disseram ter problemas com os idosos e, dentre as causas, 54% citaram problemas de relacionamento, 17% dependência emocional ou física e carência afetiva.

Diversos tipos de conflitos familiares podem estar relacionados a muitos fatores que interferem na dinâmica do cuidador e do idoso. Zimerman (2000, p. 59) comenta algumas das principais causas dos problemas de relacionamento entre os velhos e suas famílias, como a dificuldade das pessoas colocarem-se no lugar dos mais velhos. Não basta ser idoso, é preciso senti-lo e tentar entender a forma como ele se sente. O idoso precisa ser compreendido, orientado e acompanhado.

Para essa autora, uma parte considerável das divergências e conflitos entre as pessoas vem do fato delas não se comunicarem, não ouvirem umas às outras e não aceitarem as diferenças. A família tende a não querer ouvir a opinião do idoso, que por sua vez acomoda-se e acostuma-se a se omitir ou começa a criar problemas. Problemas orgânicos como perda das capacidades de visão, audição e locomoção vão tornando o idoso mais limitado, dificultando ainda mais essa convivência.

Para Pacheco (2004, p. 351), estes conflitos podem ser de ordem inconsciente quando transportamos sentimentos, experiências da convivência passada, esquecidas ou reprimidas, sobre as quais não temos acesso nem controle, mas elas influenciam na nossa forma de

nos relacionarmos com o outro do qual fomos dependentes e que agora dependem de nós.

É imprescindível atender às necessidades de suporte emocional do idoso. Como num alerta, esses idosos pesquisados citam que conversar sobre questões pessoais e emocionais, fazer companhia, compartilhar atividades e ter respeito à individualidade do outro ajudam a manter ou reatar laços afetivos.

Nos relatos dos idosos, quando solicitam algo para ser mudado no cuidador, dois informam que nada precisa ser mudado. Mas quatro deles referem-se à mudança de atitude diante do outro, possibilidade de ter acesso a lazer e melhoria dos vínculos afetivos: 1) *(Silêncio). A natureza né? Pois é! Me tratar eu bem, me ter amor a eu como eu sou a mãe dela. Respeito a eu. (silêncio). Mas não muda nada, hum! A natureza da mulher é muito ruim, ela é muito ruim, muito braba mermo.* (64 anos); 2) *Se pudesse, bom, eu pedia assim pra gente dar um passeio fora, sair...* (80 anos); 3) *Pra parar de me dar comida, gastar dinheiro com bestagem de fruta e verdura. Comer é feijão e uma carniinha, as vez um leite. Mas ela ta certa né minha fia? Eu tomo só um cafezinho e ta bom. Mas ela toda hora: mãe, come uma coisinha! Num quero menina!* (risos) (78 anos).

Cuidar do outro requer então conhecimento de si, e conhecimento do outro. Requer compromisso ético. E cuidar de idosos requer mais do que atenção e necessidade.

Cuidar de idosos significa, antes de tudo, entrar em contato com o nosso próprio processo de envelhecimento. É, portanto, o cuidado que nos humaniza, nos faz interagir em todas as etapas da vida numa convivência de solicitude e de amor ao próximo e a nós mesmos. Isto exige mudança de atitude e de comportamento, disciplina, conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, F.T.M.; CABRAL, B.E.S. O Idoso e a Família. In: *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2002, cap. 128, pp. 1056-1060.

ASSIS, M. Aspectos sociais do Envelhecimento. In: *Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar*. Rio de Janeiro, Editora Interciência, 2004, 2ª ed., Unidade I, pp. 11-21.

BALLONE, G.J. Senso percepção. Disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/cursos/percep.html>> revisto em 2003 (Acesso em 28/08/05).

BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Rio de Janeiro. Vozes, 1999

CREUTZBERG, Marion. "... Tratar mais a pessoa idosa, sobretudo a que está acamada": subsídios para o cuidado domiciliar. In: *O Mundo da Saúde*. São

Paulo, ano 24, v. 24, n. quatro, pp. 298-305, jul./ago. 2000.

MINICUCCI, A. *Relações Humanas: Psicologia das Relações Interpessoais*. São Paulo, Atlas, 6ª ed. 2001.

NERI, A.L ; SILVA,E.B.N. Questões Geradas pela Convivência com Idosos: Indicações para Programas de Suporte Familiar. In: *Qualidade de vida e Idade Madura*. Campinas-SP, Papirus, 1993, pp. 213-236.

O'CONNOR, Fr. Tom. O Poder de Cuidar. In: *O Mundo da Saúde*. São Paulo, ano 24, v. 24, n. 4, jul./ago. 2000, pp. 328.

PACHECO, J. L. Os Conflitos Familiares e o Idoso. In: *Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar*. Rio de Janeiro, Editora Interciência, 2004, 2ª ed. Unidade VII, pp. 349-357.

PESSINI, L. Envelhecimento e Dignidade Humana: Ame o (a) Idoso (a) que Você é ou está Nascendo em Você. In: *Envelhecimento Humano: Desafios e Perspectivas*. Passo Fundo-RS, ed. Universitária, 2004, pp. 311-324.

PROCHET, T.C. A Busca da Assistência Humanizada: A Percepção do Idoso Hospitalizado. Dissertação de mestrado. In: *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*. São Paulo, v. 9, n. 16, set. 2004/fev. 2005, pp. 185-190.

SILVA, M.J.P. *Comunicação Tem Remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde*. São Paulo, Gente, 1996.

SILVA, M. J.P.; GIMENES, O.M.P. Eu-o cuidador. In: *O Mundo da Saúde*. São Paulo, ano 24, v. 24, n. 4, pp. 298-305, jul./ago. 2000.

SILVA, M.J.P. O Papel da Comunicação na Humanização da Atenção à Saúde. In: *Bioética*. 2002, vol. 10, n.2, pp. 73-88.

WALDOW, V.R. *Cuidado Humano: O resgate Necessário*. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2004.

ZIMERMAN, G.I. *Velhice: Aspectos Biopsicossociais*. Porto Alegre, Artmed, 2000.

O COTIDIANO DA VELHICE EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA

Lucineide Xavier Nascimento ¹

Resumo. Quando as condições físicas não garantem mais a autonomia do indivíduo senescente, quando ele entra num quadro de dependência psíquica e quando a família não mais consegue ou deseja tê-lo sob seus cuidados, a institucionalização, embora possa lhe acarretar sentimentos distintos, passa a ser a alternativa para o tratamento da velhice. Este estudo teve uma abordagem qualitativa e foi desenvolvido em uma instituição asilar do município de Ilhéus-BA, objetivando apreender/compreender o significado de estar asilado para o idoso. A amostra constituiu-se de dez idosos, sendo cinco homens e cinco mulheres. A análise dos resultados possibilitou reflexões a respeito das dimensões que permeiam o estar idoso institucionalizado, podendo despertar sentimentos diversos e até ambíguos como amparo, acolhimento, solidão, abandono. Ficou evidenciada, assim, a necessidade de uma atuação interdisciplinar para que os idosos residentes no estabelecimento analisado venham a usufruir de uma qualidade de vida que corresponda às condições que lhes deveriam ser proporcionadas.

Palavras-chave: institucionalização, idoso, sentimentos.

¹ Assistente Social, Especialista em Gerontologia.

Abstract. When physical conditions don't assure autonomy to the aged individual anymore, when it gets in a physical dependence state and when the family can't or doesn't wish to have it under its care, the institutionalization, though it may carry distinct feelings, becomes the alternative for old age treatment. This study has had a qualitative approach, it has been developed in an asylum institution of Ilhéus city, Bahia, willing to learn/comprehend the meaning for the older of being sheltered in an asylum. The sample is composed of ten elders. Five are men and five are women. The results analysis has allowed many thoughts about the dimension that runs through the institutionalized elder state, which may awake distinct and even ambiguous feelings such as support, sheltering, loneliness, abandonment. Therefore it has been stated the need of an intersubject action so the resident elders in the analysed establishment may live a life quality corresponding to the conditions which ought to be given to them.

Keywords: institutionalization, elder, feelings.

INTRODUÇÃO

Atualmente, em decorrência dos avanços tecnológicos, e conseqüentes transformações que exacerbam o individualismo, atingem a emancipação feminina, o emprego e as formas para mantê-lo, tem havido modificações relevantes no núcleo familiar. Os papéis familiares estão sendo modificados, perdendo a estrutura antes conhecida para ceder espaço a novas configurações e constantes nego-

ciações no que se refere a direitos e deveres dos membros da família.

Com o crescimento da população idosa, os deveres para com esta população, especialmente a de baixa renda, vêm se traduzindo em necessidade de recursos cada vez maiores. No entanto, o volume de recursos que a família dispõe para suprir suas necessidades de sobrevivência vai depender do ciclo de vida familiar, em momentos específicos.

É nesse sentido que as modificações nas famílias contemporâneas acarretam um afastamento da relação filial por conta de uma sobrecarga de atividades, que tem levado à transferência de responsabilidades para outras instâncias, quase sempre as instituições asilares.

Entretanto, apesar de acompanhar as transformações em áreas as mais diversas, a família ainda possui um papel indispensável para o envelhecimento saudável do indivíduo e, por isso, é necessário que desempenhe suas funções econômicas, psicológicas e sociais junto ao seu idoso, atendendo as novas configurações de um mundo globalizado que passa por profundas mudanças, com reflexos nos micro e macro espaços sociais, culturais econômicos e políticos.

Aqui cabem alguns questionamentos para o prosseguimento desse trabalho: até que ponto as funções psicológicas são responsáveis pelo provimento do afeto, indispensáveis

à sobrevivência emocional e pela transmissão de experiências acumuladas, necessárias para o idoso participar da vida em grupo? As funções sociais desenvolvidas pela família hoje vêm preparando o indivíduo senescente para o exercício da cidadania através do cumprimento de seus direitos? Como a família assegura aos seus membros os meios de subsistência e bem-estar? E por fim, com que recurso conta essa família, considerando o crescente processo de exclusão para essa faixa etária da vida, a velhice, e para inúmeras famílias que vivenciam o desemprego e o subemprego? Estes são questionamentos que apontam para uma releitura da realidade da família na sociedade brasileira atual, na busca por analisar a tendência crescente da institucionalização da velhice.

Ao tempo em que o envelhecimento da população propicia e amplia as chances de maior convivência entre as gerações, o aumento da longevidade realça as possibilidades de conflito intergeracional. Os velhos passam a ser encarados como um peso social, que recebem só benefícios sem nada em troca; há uma predominância dos valores da juventude como os da beleza, da energia e do ativismo. A supervalorização da juventude leva o idoso a se sentir rejeitado, ainda que se reconheça o seu papel como transmissor da cultura e das raízes familiares, o que já mereceria atenção e cuidados mais intensos por parte da família.

As condições externas influenciam, sem dúvida, a unidade psicológica familiar de tal forma que, no seu bojo, trazem acontecimentos críticos que são intrínsecos e necessários para a evolução da família. O conflito causado pela obrigação dos filhos para com os pais idosos, quer seja pela luta acirrada pela sobrevivência, que sobrepuja as relações humanas, quer seja porque o envelhecimento é uma questão deveras complexa, dificulta o relacionamento diário.

O fato é que, na atualidade, há um aumento significativo de familiares à procura de uma instituição asilar para abrigar os seus idosos, diminuindo o “fardo” que os mesmos representam para as famílias. Desta forma, as casas-lares e asilos estão se tornando uma “válvula de escape” para as famílias com idosos mais fragilizados e debilitados sob a alegação de não possuir os conhecimentos técnicos adequados para o tratamento e cuidado, tanto da senilidade quanto da senescência.

Com relação aos 60% dos idosos desta pesquisa, cabe registrar que os seus familiares não fogem à regra das famílias brasileiras, as quais enfrentam problemas econômicos, de habitação, de emprego. Aliados a esses fatores estão as mudanças de valores que submetem o idoso à rejeição e ao desrespeito. Assim, embora morando com seus familiares, idosos sentem-se relegados à solidão, privados de sua autoridade, desrespei-

tados e tendo os seus projetos de vida ceifados, conforme se verifica nos depoimentos colhidos junto a idosos que entrevistamos: *Eu tinha dois barraco: um eu dei para a minha mulher e o outro eu morava com os neto. Eles eram ruim pra mim, me judiava, eu não tinha direito a nada (77anos); ... a velhice chegou e as minhas noras não quiseram mais ficar comigo, nem os filhos. (80 anos).*

Em suma, o que deve ser motivo de reflexão e questionamento nesse contexto é que, independente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando, a família deveria desempenhar o papel fundamental como alicerce e apoio emocional indispensáveis ao envelhecimento saudável.

2. O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PESSOAS

O número de admissões em instituições asilares também tem aumentado gradativamente, acompanhando o crescimento da longevidade humana. Para compreender esse aumento, também verificado no Abrigo São Vicente de Paulo em Ilhéus-Bahia, como uma questão social concretamente configurada, supõe-se necessário entender como surgiu e quais as conotações que o processo de institucionalização de pessoas tem assumido ao longo do tempo.

Nos séculos XVII e XVIII tinha-se a crença

de que a convivência com seres humanos qualificados como geradores de ameaça, a exemplo de indigentes, vagabundos, preguiçosos, deficientes físicos, doentes mentais, prostitutas e os velhos abandonados deveriam ser recolhidos e afastados do convívio social, objetivando a proteção dos cidadãos contra o mal social que eles supostamente representavam. Essa institucionalização de pessoas tinha a intenção de organizar e manter a ordem das sociedades de classe, acentuando com essa prática o processo de exclusão social.

A literatura dá conta de que: 1) os asilos para idosos, em vários países do mundo, nasceram como um serviço para abrigar pobres, sem família, muitos em estado de mendicância. Antes da existência de asilos de velhos, eram eles abrigados em asilos de mendicidade, juntamente com outros pobres, desempregados, crianças abandonadas, doentes mentais (BORN, 1996, p. 404); 2) disciplinarização do meio urbano para explicar o surgimento e ascensão do asilo e de instituições similares de exclusão em detrimento da essência da questão, que seria a emergência de uma economia de mercado capitalista e a mercantilização decorrente (CUNHA, 1988, p.22) e 3) a partir da desintegração da célula familiar, da urbanização da sociedade e dos poucos recursos dos velhos (BEAUVOIR, 1990, p. 301). A suposição, pois, é de que se fazia necessário defender as pessoas de idade avançada, ma-

terial e moralmente, do descaso, da exclusão, da solidão e do desconforto, construindo residências onde todos os indivíduos pertencentes à mesma faixa etária pudessem conviver.

Realça-se aqui que os asilos são instituições com características religiosas e/ou filantrópicas, que abrigam idosos com a finalidade de assisti-los em suas necessidades básicas, representando a instituição mais antiga de atendimento ao idoso fora do seu ambiente familiar, datando o seu surgimento do século XVIII na França, através da Sociedade São Vicente de Paulo - SSVP, organização católica formada por pessoas caridosas, fundada em 23 de abril de 1833 por Frederico Ozanan, na Universidade de Sorbone/Paris, França. A Holanda e a Inglaterra foram pioneiras em qualidade na construção de habitações destinadas a pessoas idosas.

Born (1996) afirma não haver, com exceção de um estudo efetuado por um sociólogo francês a respeito de programas destinados a idosos no Brasil, nenhum outro que possibilite traçar o perfil das instituições asilares no País. Sabe-se, contudo, que as ações caritativas foram impulsionadas pela fundação da primeira unidade Vicentina em solo brasileiro, no Rio de Janeiro, incentivando outras sociedades beneficentes a atuarem por meio de atividades de acolhimento às pessoas mais carentes, incluindo neste universo os idosos, sem discriminar as opções políticas ou reli-

giosas, bem como etnia e nacionalidade.

As análises sobre instituições asilares ora as colocam em caráter caritativo, religioso, instituição total (GOFMANN, 1999) ou até como depósito de velhos que se apresentam à sociedade como organizações racionais ou, ainda, como casas inapropriadas para o idoso e inadequadas às suas necessidades, uma vez que não lhes oferecem assistência social tampouco cuidados básicos de higiene e alimentação (VIEIRA, 1996). Além disso, dificultam as relações interpessoais no contexto comunitário, indispensáveis à manutenção do interesse do idoso pela vida e pela construção da sua cidadania.

No Brasil, através da Política Nacional do Idoso² e do Estatuto do Idoso³, foram elaboradas leis que visam regulamentar as casas de longa permanência, priorizando a melhoria nas condições de habitabilidade e adaptação de moradia, buscando a redução das barreiras arquitetônicas e facilitando a acessibilidade dos usuários dentro de padrões geriátricos/gerontológicos que atendam as necessidades de locomoção e permanência nesses ambientes. Sabe-se, porém, que a otimização dessas exigências só será possível a longo prazo.

Todavia, o alicerce para que as institui-

2 Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994

3 Lei 10.741 de 01 de outubro de 2003, que entrou em vigor em janeiro/2004

ções asilares possam realmente se adequar e suprir os anseios da população idosa foi construído. O processo de transição sob o qual o idoso é submetido ao ser admitido em uma instituição asilar é bastante complexo uma vez que há uma mudança abrupta de vida e de relações interpessoais, que Goffmann (1999) caracteriza como uma despedida e um começo. Quando a institucionalização acontece mediante realização do desejo do indivíduo senescente como ocorre com 40% dos idosos pesquisados, a instituição apenas redefine a ruptura com o ambiente doméstico que já havia sido iniciada anteriormente no seio familiar, conforme depoimento seguinte: *Pedi a uma amiga para arranjar um lugar pra mim porque na casa de minha prima onde eu morava não dava mais pra ficar. Aí ela me trouxe pra conhecer o Abrigo dos velhos. Gostei e no dia seguinte juntei os meus trapinhos e vim embora. (idosa, 77 anos)*.

As instituições de longa permanência refletem um misto social que contempla comunidade residencial e organização formal. Assim, voluntária ou involuntariamente, o que ocorre na maioria dos casos e especialmente com os idosos da pesquisa (60%), a partir de sua admissão, desencadeia um processo de perdas e mortificação do sujeito. Perdem-se os contatos sociais e a autonomia (capacidade e direito do indivíduo poder eleger, ele mesmo, as regras de sua conduta, a orientação de seus

atos e os riscos que está disposto a correr). Segundo Goffmann (1999) a barreira que segrega o idoso asilado e o mundo exterior assinala a primeira mutilação do sujeito. Ainda conforme o pensamento do autor, esse correr riscos da pessoa idosa pode ser assim avaliada:

na vida civil, a seqüência de horários dos papéis do indivíduo, tanto no ciclo vital quanto nas repetidas rotinas diárias, assegura que um papel que desempenhe não impeça sua realização e suas ligações em outro. Nas instituições totais, ao contrário, a participação automaticamente perturba a seqüência de papéis, pois a separação entre o internado e o mundo mais amplo dura o tempo todo e pode continuar por vários anos. (GOFFMANN, 1999, p.24)

Ainda no processo de admissão institucional verifica-se a perda da propriedade. Esse aspecto é de suma importância para ser analisado porque todo ser humano atribui aos seus pertences o sentimento do eu. Ao ser institucionalizado e ser destituído de seus bens, a instituição normalmente providencia algumas substituições; entretanto, estas são de forma padronizada e uniformemente distribuídas bem como claramente marcadas como pertencentes à instituição e não ao sujeito. Já os objetos de uso pessoal (retratos, quadros, dentre outros) do idoso, no momento da institucionalização, possuem estreita relação com o seu eu e assumem intensa significação por

representar fragmentos da sua história e trajetória de vida e, em conformidade com o pensamento de Born (1996, p.411):

permitir que o idoso leve seu próprio mobiliário ao ingressar na instituição (ou pelo menos alguns pertences seus uma cadeira, mesa de cabeceira, um quadro) dará um toque familiar ao ambiente, permitindo estabelecer uma continuidade com o passado. Um ambiente familiar pode diminuir a ansiedade do idoso provocada pela mudança radical que ele teve de fazer.

Goffmann (1999) sugere que uma instituição realmente comprometida com o sujeito que acolhe deve saber interpretar o que exclui e deforma, e saber ainda qual a diferenciação típica dentro de cada um dos grupos, além do que alguém da equipe dirigente deverá saber lidar com todos os seres que compõem as relações dos asilados e passar parte do tempo em contato direto com os mesmos, dando atenção sistemática a essas diferenças no interior das categorias.

As casas de longa permanência são importantes à proporção que possuam um corpo profissional interdisciplinar capacitado, que utilizem as técnicas adequadas no tratamento pessoal e psicossocial do idoso e que desenvolvam ações e atividades gerontológicas que promovam o bem-estar e o envelhecimento mais saudável. Hodiernamente, ainda

existem inúmeras instituições asilares que, conforme Goffmann (1999), parecem funcionar como depósitos de velhos mas que, usualmente, se apresentam ao público como sendo organizadas e conscientemente planejadas para atingir determinadas finalidades.

Existem algumas unidades de atendimento ao idoso que buscam romper com as formas tradicionais de institucionalização de longa permanência, mas continuam apresentando diversos problemas em seu funcionamento, pois, o ideal a ser atingido seria a manutenção do indivíduo senescente dentro do contexto familiar. Sobre essa assertiva, ainda utópica, Born (1996, p.403) afirma que:

a internação deve ser a última alternativa, tanto por considerações de ordem econômica, como de ordem humana, depois que todas as outras foram pensadas e esgotadas. Feliz o idoso que pode permanecer até o fim dos seus dias na sua própria casa, cercado por familiares que aliam amor e competência técnica para cuidarem dele, dispondo de espaço habitacional e dinheiro para prover suas necessidades.

O Abrigo São Vicente de Paulo, local desta pesquisa, está inteiramente voltado para a promoção humana, reunindo indivíduos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, considerado idoso⁴. O objetivo principal da En-

4 em conformidade com o capítulo I, art. 2º da Lei 8.842 de 04 de

tidade é socorrer a velhice desamparada, procurando assisti-la material e espiritualmente.

No decorrer dos seus oitenta e nove anos de existência, passou por inúmeras gestões administrativas cujo propósito foi alicerçado na beneficência e filantropia. Todavia, somado a este propósito, a atual gestão possui ainda qualificação geriátrica/gerontológica, o que terminou gerando para o Abrigo uma efetiva proposta de reorganização e reformulação não só estrutural como ideológica, em programas e serviços que são oferecidos no cotidiano dos que dele dependem. Essa conquista se deu por um somatório de atitudes: criação de um ambiente físico adequado através da reforma estrutural e arquitetônica⁵, respeito e valorização do idoso e ações reais desenvolvidas por profissionais norteados por conceitos e conhecimentos geriátricos/gerontológicos que visam promover o bem-estar e a melhoria na qualidade de vida dos anciãos.

A meta é atender a 100 (cem) idosos de ambos os sexos, oriundos de famílias carentes ou destituídos do núcleo familiar, natural de Ilhéus e municípios circunvizinhos. A en-

janeiro de 1994 que dispõe sobre a política Nacional do Idoso, assim como do Título I, art. 1º da Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

5 Fundamentada nas Normas de Construção e Funcionamento de Casas de Repouso, Clínicas Geriátricas, Portaria 810/89 do Ministério da Saúde- Brasília.

tidade oferece assistência psicossocial, geriátrica, nutricional, fisioterápica, sócio-cultural, recreativa e religiosa. A assistência utiliza práticas grupais e individuais. Tais abordagens objetivam o envolvimento da comunidade com a intenção de minimizar o isolamento do idoso e incentivar o trabalho voluntário. O Serviço Social, visando contribuir para a melhoria do bem-estar dos idosos ali residentes enfatiza a socialização e interação entre os mesmos através de ações sócio-educativas e de lazer para um ambiente e convívio harmoniosos.

O Abrigo tem desempenhado um imprescindível papel no sentido de facilitar as vivências e buscar manter os papéis sociais dos indivíduos idosos promovendo, para tanto, cursos de capacitação para os seus funcionários, surgindo como um modelo diferenciado, na região, de unidade de atendimento gerontológico. Contudo, não deve ser considerado um modelo perfeito e acabado, devendo passar periodicamente por processos de avaliação contínuos que evitem as ações rotineiras/ automatizadas/ inadequadas e possibilitem a humanização da assistência.

3. COTIDIANO DO IDOSO ASILADO: SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES

Conceituar o cotidiano é imprescindível para compreender a dinâmica do envelheci-

mento em uma instituição de longa permanência, uma vez que não é possível apreender a vida humana sem o cotidiano. Este se faz presente em todas as esferas de vida do indivíduo, passando pelo trabalho, pelas relações familiares, relações sociais e relações afetivas.

Para Certeau (1996, p.31) o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior.

Em instituições asilares, a exemplo do ASVP de Ilhéus-BA, essas atividades rotineiras do cotidiano estão presentes com grande intensidade, tendo em vista que é necessário o estabelecimento de regras de condutas, horários e obrigações para o bom funcionamento da unidade e o convívio em grupo. Mas onde está a autonomia do idoso quando passa a residir em uma instituição de longa permanência? Na verdade a autonomia fica submetida a normas de convivência que garantem a organicidade da vida cotidiana. A rotina, característica da cotidianidade, é feita exatamente desta sucessão linear e repetitiva. Destarte, no ASVP de Ilhéus-BA, essa sucessão linear e repetitiva de ações se traduz

diariamente no café da manhã às 7:00h, banhos no turno da manhã, almoço às 11:00h, visitas de 14:00h às 16:00h, jantar às 17:00h e ceia às 20:00h. Entretanto, para os idosos que estão em processo de adaptação à rotina institucional, há uma ruptura em seus antigos costumes, o que não deve ser tão fácil, pela sedimentação de alguns deles. Por isso, visando amenizar o impacto dessa mudança, os funcionários da instituição estão orientados a dispensar uma atenção especial aos novos admitidos auxiliando-os no cumprimento dos horários até que haja uma nova configuração nos hábitos destes idosos consoantes com os pré-estabelecidos pela unidade. Frequentemente, se verifica que os procedimentos utilizados são de arrumação para um melhor enquadramento do indivíduo ao local de acolhimento, onde o novo admitido ao receber instruções e regras das rotinas diárias, passa a ser codificado num objeto que pode ser colocado dentro da máquina administrativa do estabelecimento que o acolhe, portanto, pronto para ser modelado pelas operações de rotina.

Agnes Heller (2000, p.17) afirma que:

a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Afirma ainda que a vida cotidiana é

a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Assim, embora essa obediência à rotina institucional possa soar como uma forma de alienação ao indivíduo idoso, é importante salientar que em todas as faixas etárias da vida humana são necessárias regras, não só de conduta mas de ações hierarquizadas para nortear e orientar a vida em sociedade.

As instituições asilares, embora apresentem o inconveniente de favorecer o isolamento e a inatividade física e mental das pessoas idosas, encontram-se como a alternativa viável para os casos onde a vulnerabilidade do sistema familiar está instituída e onde os arranjos domésticos não possuem mais espaço para o idoso. Assim, para os idosos que a experienciam, a vivência asilar assume a forma de acolhimento para uma velhice digna e amparada, mesmo quando o sentimento de abandono habita o mais íntimo de seu ser, conforme relato dos idosos entrevistados abaixo em relação ao gostar ou não de residir em uma instituição de longa permanência: *Eu não gosto não. Eu queria era voltar para o meu barraco. (ídosa, 77anos); Eu gosto porque*

eu não tenho para onde ir. Aqui eu tenho onde dormir, tenho roupa, tenho comida e ainda tenho um dinheirinho pra tomar meu carote⁶. (68 anos); Eu não tenho outra escolha. Estou aqui e tenho que achar bom. Vou sair daqui pra onde, se os meus filhos não me quer? (80 anos).

A percepção do idoso asilado sobre o significado de ser velho perpassa por diversas facetas que vão desde a felicidade de poder desfrutar das experiências adquiridas no decorrer de toda a sua existência, até as lamentações pelas limitações físicas advindas com o avanço da idade, confirmando, dessa forma, que o envelhecimento impõe mudanças e sensações que variam de indivíduo para indivíduo. Todavia, seguindo sempre um processo até então inevitável é indispensável algum tipo de adaptação de quem o vivencia. Esta adaptabilidade envolve características várias (somáticas, afetivas, psíquicas, entre outros) que culminam ações dúbias e contraditórias no que diz respeito ao comportamento de determinados idosos que fazem deste um momento único e intransferível: *Agradeço a Deus todo dia por ter ficado velho, porque a maioria do meu povo já morreu, então ficar velho é uma bença. (Idoso, 67 anos)*

Neste depoimento é intensa a expressão de gratidão para com Deus, percebendo a velhice como dádiva. Ressaltando assim, a visão de

⁶ O termo correto é "corote" e significa um tipo de bebida alcoólica.

que nessa etapa da vida as questões de ordem existencial tendem a se acentuar, conduzindo a uma reflexão mais profunda sobre o viver e a possibilidade de abertura com conexão para a espiritualidade através da experiência religiosa de vida acumulada que leva o idoso a transcender o ego: *Ser velho é muito ruim, deixa a gente sem serventia, o corpo não presta, as pernas duras não me deixa caminhar direito. É muito triste envelhecer.... (77 anos)*. Esse depoimento reforça mitos e conceitos já estabelecidos em nossa sociedade em torno do envelhecimento, compreendido a partir de uma visão biológica que enaltece o corpo na juventude para negativizá-lo na velhice.

Também com base nesse depoimento é possível constatar como cada um avalia e percebe o processo de envelhecimento a seu modo, com base em suas próprias vivências e experiências, passadas e presentes. No entanto, a velhice deve ser contextualizada na diversidade das relações sociais e históricas, o que faz com que a representação social da velhice esteja sujeita a interferência de valores, estigmas e estereótipos sociais que desencadeiam no idoso a internalização e reforço da representação da imagem ameaçadora da velhice. Exemplos: *eu sempre pedi a Jesus para na minha velhice ter alguém que me ajudasse. As pessoas planta na mocidade o que colhe na velhice. Às vezes faz coisas que não agrada a Deus. Tenho quem me ajude na velhice e isso é muito importante... (77*

anos); a gente passa a depender de todo mundo, não agüenta mais fazer as coisas. Mas eu acho bom, velho é mais experiente, mais esperto, a gente conhece melhor a vida e as maldades do mundo. (96 anos).

O idoso interioriza seu passado tendo por alicerce as situações vivenciadas que se transformam em atitudes afetivas distantes. Está intimamente relacionado ao passado porque é este quem define a sua situação atual e a que se projeta para o futuro. O idoso traz consigo as limitações físicas que enfraquecem o seu corpo, os legados culturais dos quais se utiliza, traz as suas próprias experiências, as relações interpessoais, o orgulho do labor desempenhado, os direitos e obrigações consolidados. Esse somatório de ações volta sempre para transformá-lo no idoso que é hoje, eivado de sabedoria e memória, ingredientes que favorecem e fornecem subsídios para aceitar e vivenciar a sua condição de idoso institucionalizado.

Beauvoir (1990, p.549) diz que enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era: *Eu sempre trabalhei desde menino. Trabalhava nas fazendas de cacau dos outros. Nunca tive estudo, mas nunca fui um nego malcriado pra branco. Por isso todo lugar que eu trabalhava era bem tratado. Também nunca quis casar. Naquele tempo cacau dava dinheiro, então eu era abonado: tomava minha cachacinha, andava bem trajado e não faltava mulher pra*

mim. Mas aí fui ficando velho,... Como eu não dava mais para lida, meu patrão me botou aqui no Abrigo. Passei mais de um ano aqui ... Deus que me livrasse de passar o resto da vida aqui. Eu fui embora. Só que já estava velho efiquei sem saber o que fazer: não era aposentado, não tinha parente e nem tinha para onde ir. Então eu voltei pro Abrigo e pedi pra ficar. Já to aqui há quatro anos e to feliz. Aqui já me aposentaram, como todo dia, visto a roupa que me dão e do dinheiro que recebo compro meu 'carote' que a senhora sabe tem que tomar uma que é pra poder agüentar essa vida. Hoje eu não sou ninguém e sei que vou morrer e não vou fazer falta. Por isso bebo mesmo. (68 anos)

No depoimento acima observa-se, consoante com o que afirma Py (2004, p.134), o uso do vigor do corpo, alcançando extremos, no sentimento onipotente que viceja na juventude e na vida adulta, oposto à depreciação do corpo velho.

A duração da vida em geral foi prolongada, tendo sido formado a partir disso um grupo mais importante de velhos. Por outro lado não foi dada atenção especial às necessidades dos senescentes e a inteira responsabilidade foi delegada aos próprios ou à sua família. Quando esta não provém de meios, desejo, condições financeiras para suprir as necessidades dos idosos, a solução seria a institucionalização. Entretanto, surge um questionamento sobre a eficácia das pessoas idosas serem afastadas do

convívio social e agrupadas em um lugar específico para velhos. Este questionamento poderá ser respondido através das falas de idosos institucionalizados quando expressaram a frase ou palavra que representava o sentimento de estar residindo em uma instituição de longa permanência. Sentimentos de amparo, agradecimento, atenção, convivem com sentimentos de abandono, solidão.

Analisar o cotidiano de um idoso asilado é, antes de tudo, tentar compreender a sua história de vida, a sua trajetória, os seus sucessos e fracassos, os relacionamentos estabelecidos ao longo de sua caminhada de vida. É, acima de qualquer coisa, refletir ainda sobre a sua percepção como morador de uma instituição de longa permanência, onde a perspectiva de contato com a vida não institucional esvaziou-se de sentido porque, para alguns não se espera mais do que a chegada da morte. - *Eu resolvi vim para o Abrigo porque eu morava na roça, meu marido já tinha morrido e eu morava sozinha. Nunca tive filhos, todo mundo na minha família morreu: meu pai, minha mãe, meus irmãos e meu marido.... Foi quando eu esperei meu sobrinho chegar de Brasília e pedi a ele para me trazer pro Abrigo dos velhos. Eu já tinha ouvido falar mas não conhecia. Eu vim visitar e gostei e resolvi morar de vez. Eu gosto daqui, vivo no meu cantinho, não mexo com ninguém.... A minha esperança era que no começo des-*

se ano meu sobrinho vinha de Brasília passar férias e eu ia pedir para ir morar com ele. Mas ele morreu antes de vir e minha esperança também. Deus quis assim. Fazer o quê? Agora é me conformar com o meu destino até o dia que a morte chegar e assim eu vou vivendo como Deus quer (77 anos)

Assim, fora do âmbito familiar, as instituições asilares aparecem como um dos modelos mais antigos de unidade de atenção ao idoso. Como as separações e perdas também fazem parte do ciclo de vida familiar, há rupturas e separações que são vividas de forma traumática e esses processos são lentos e permeados por sentimentos de frustração, desilusão, revolta ou culpa.

A institucionalização favorece o isolamento familiar e social, decorrente da ruptura e, conseqüentemente, acarretando perdas significativas para o processo de envelhecimento, levando em consideração que, geralmente, as perdas já fazem parte de uma história de vida, eivada de sofrimentos, conforme se verifica no relato abaixo. É necessária uma nova configuração nas relações e nos projetos de vida para que a separação e o abandono sejam melhor elaborados e as perdas superadas com menos sofrimento. - Minha vida sempre foi muito difícil. Não pude estudar porque meus pais eram pobres e não tinha dinheiro pra isso. Tudo lá em casa era com muita dificuldade. Minhas irmãs e eu era muito pre-

sa, meu pai não deixava a gente sair porque para ele mulher não podia ficar na rua senão dava pra vagabunda. Ele era ignorante e batia muito na gente. Eu casei cedo pra me livrar de tanto sofrimento. Mas não adiantou porque meu marido também era ruim e eu tive cinco filhos: três homens e duas mulher. Passei a vida inteira me dedicando a eles, eu era uma boa mãe, tentei passar pra eles o que eu não tive. Agora eu estou aqui. Meu marido morreu e passei a ficar um tempo na casa de cada filho. Aí a velhice chegou e as minhas noras disseram que não tinham obrigação de cuidar de mim. Minhas filhas dizem que os maridos não gostam quando eu fico lá. Daí que eles decidiram me botar aqui no Abrigo. Nem me perguntaram se eu queria. Quando eu vi já estavam me trazendo. Fiquei muito triste, nunca pensei que eles fosse capaz de fazer isso comigo. Mas a vida é assim mesmo. As meninas que trabalham aqui me tratam bem, mas não é nunca como a casa da gente. Meus filhos quase não vem me visitar, diz que não tem tempo. É assim, depois que a gente fica velho vira lixo e ninguém quer mais. Eu tento esquecer isso e passo o meu tempo fazendo costuras, tapetes para esquecer as angústias da vida. Aqui no Abrigo é bom, mas eu queria mesmo era tá em casa. (Idosa. 80 anos).

Nesse depoimento verifica-se a presença da violência doméstica refletida na autoridade dos pais, onde a intenção de transmitir regras

de conduta “decentes” choca-se com ações que comprometem o desenvolvimento do cidadão enquanto ser de direitos. É importante lembrar que, também contra os velhos, a violência se espalha nos âmbitos interno e externo à família. Essa violência se traduz em descaso, abandono, desrespeito e falta de comunicação, onde não só há perda de interação intrafamiliar, mas perda do espaço.

Finalmente, o desenvolvimento deste estudo permitiu constatar que o asilo apresenta-se como uma alternativa dos idosos de baixa renda que, por não serem mais produtivos, ficam à margem da sociedade e, conseqüentemente, resumidos a esse espaço. Entretanto, nos dias de hoje, o perfil de pessoas que buscam o apoio de uma instituição de longa permanência vem se transformando. Há, também, familiares de idosos de classe social mais elevada que solicitam a internação por não disporem de recursos técnicos adequados para o trato da senectude.

Verificou-se que o estar idoso asilado é uma condição deveras complexa e individualizada, interferindo diretamente nos aspectos de cunho biológico, cultural, social, psicológico e espiritual. O sentimento de acolhimento ou abandono é uma questão intrínseca a cada ser humano que o vivencia de acordo com a história de vida construída em fases pretéritas. Assim, podem ser desencadeados no indivíduo senescente, sentimentos distin-

tos e, às vezes contraditórios, a exemplo de: solidão, acolhimento, tristeza, mágoa, amparo, satisfação. Qualquer que seja o sentimento ou sensação que o idoso externalize, é importante a conscientização de que o local que o abrigará, será a sua residência, sendo de fundamental importância que a organização asilar possua um quadro técnico-funcional capacitado para atender aos seus residentes, prestando-lhes uma assistência humanizada e dentro de uma visão holística, proporcionando ao idoso uma moradia digna e um envelhecimento saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. Brasília: 2004.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Brasília, 1994.

BORN, Tomiko. Cuidando do idoso em instituição. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 1996.

LUCINEIDE XAVIER NASCIMENTO

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim Alves e Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1996

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo - Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: 2ed. Paz e Terra, 1988.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: *O cotidiano e a história*. São Paulo: 6ed. Paz e Terra, 2000.

PY, Lígia. *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. Porto alegre: EDIPURS, 2004.

VIEIRA, E.B. *Manual de Gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

Recebido em maio de 2008
Aprovado em agosto de 2008

O DRAMA DA VELHICE E O PAPEL DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA NA SOCIABILIDADE HUMANA

Kadja Milena Oliveira¹

Miguel Arturo Chamorro Vergara²

Resumo. Este estudo aborda a dramaticidade da velhice, vivenciada e elucidada muitas vezes de forma polêmica e angustiante pelos idosos. As emoções e sentimentos que norteiam e invadem a vida dessas velhices evidenciam-se a partir de estudos os mais diversos. Tomou-se como base de análise estudos de Bosi, Papaléo Neto, Nietzsche, Zarastustra, Casiré e Goffman. A pesquisa empírica levantou informações, através da técnica de grupo focal, de idosas que fazem parte de um grupo de convivência em Coaraci, Bahia, delimitando-se a discutir algumas dessas facetas de dramaticidade apresentadas no processo do envelhecimento. Nesse sentido, este trabalho descreve algumas subjetividades vivenciadas especificamente por mulheres velhas em torno do assunto das solidões e medos. Assim, o objetivo central que norteou este estudo foi o de identificar nas falas, sentimentos e afetos que apresentassem as velhices na vida cotidiana. Os resultados da pesquisa revelam os medos que estão fortemente demarcados nas falas das idosas em ficar só; morrer; adoecer; depender de outras pessoas. Demonstraram, ainda, o significativo papel da família em suas vidas, cuja ausência se configura em uns dos principais elementos motivadores das solidões; a necessi-

1 Enfermeira, Especialista em Gerontologia.

2 Professor Assistente, Mestre e doutorando em Antropologia

dade de convivência com outras pessoas da mesma faixa de idade, que possuem vivência e lembranças semelhantes da vida enquanto jovens e no envelhecer; a importância e função do conviver no grupo da terceira idade, que se define pelos fenômenos e processos de sociabilidade construídos.

Palavras-chaves: dramacidade; velhices; grupo de convivência

Abstract: This study boards the drama of the old age lived and elucidated many times in a polemic and afflictive way by the elderly people. The emotions and feelings that guide and invade the life of these oldnesses to become evidents by the divers studies. It was taken like base of analysis the studies of Bosi, Papaléo Neto, Nietzsche, Zarastustra, Cassiré and Goffman. The empiric research raised information through the focal group technic, of elderly women that make part of a companionship group in Coaraci, Bahia. This research refrains to discuss some of these facets of drama showed in the aging process. This way, this work describes some subjectivities lived specially by elderly women about the subject of lonelinesses and fears. Thus, the central aim that guided this study was to identify in the speeches feelings and affectionates that presented the agings in the daily life. The results of the research reveal the fears that are strongly demarcated in the speeches of the elderly women of remaining, staying alone, dying, becoming sick, depending on the others. They also demonstrated the significative role of the family in their lives, whose absense is configured in one of the main causer elements of the lonelinesses; the necessity of living with other people with the same age bracket that own similar livings and remembrances of the life while young and when they got old; the importance and role of living in the Third Age Group,

that define itself by the phenomena and processes of sociability constructed.

Keywords: drama, oldnesses; living groups.

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade apresenta, desde os mais remotos tempos, conflitos desencadeados pela convivência dos homens entre si. Há encontros e desencontros entre o que se estima e deseja para com o que se conquista e acontece na realidade em que esse homem vive. Esses fenômenos, fatos, ou acontecimentos ocorrem entre processos de aceitação e rejeição, numa instabilidade que acaba por alterar o bem-estar e a auto-estima do indivíduo.

Na sociedade atual, essas instabilidades se apresentam mais intensificadas, como diz Bosi (1994), entre grupos de crianças, mulheres e idosos, mas é enfaticamente externalizado pela sociedade no período das velhices.

Vitimada por essa concepção e comportamento é que a população idosa, enquanto cresce em quantidade, decresce em qualidade de vida. Nesse particular, é muito comum verificar os atributos negativos que se agregam à velhice. Além da sociedade marcá-la pela doença, decadência, ainda decreta sua inutilidade. E decretar a inutilidade de alguém equivale a uma verdadeira sentença de morte. No caso

da velhice, trata-se de algo mais dramático, vez que é a sua vida que está em jogo, pois a morte ocorre pela rejeição, segregação, discriminação. Não é difícil imaginar porque muitas pessoas negam o envelhecimento enquanto podem ou, ao se perceberem envelhecendo entram em conflito de auto-aceitação, gerando comportamentos introspectivos e/ou depressivos. As expressões dos idosos em relação à velhice, estão em muito associadas a atributos negativos, estereótipos. Entretanto, existem também aqueles idosos que demonstram e declaram sentimentos de satisfação nesta fase da vida. Estes parecem compreender que o envelhecimento é um processo natural que se caracteriza em todas as fases da vida humana. Isto vem corroborar que, apesar de tudo, o homem vem buscando o prolongamento da vida, pesquisando e desenvolvendo tecnologias que retardem as perdas biológicas, psíquicas e sociais.

A reflexão gerontológica sobre o envelhecimento enfrenta esses e outros temas polêmicos, compreendidos por muitas pessoas como angustiantes, que acabam transformando a velhice em um grande drama. Assim, sentir-se velho, ser rejeitado, rejeitar seu corpo, adoecer, ficar só, são questões carregadas de subjetividades que se vinculam às emoções, medos, traumas e dramas do dia a dia.

É sobre algumas dessas questões que este trabalho propõe focar, discutindo algumas facetas dos dramas que se apresentam

às pessoas no processo de envelhecimento, suas solidões e medos, suas interações e desconstruções de estereótipos.

Tomou-se como lócus do estudo um grupo de convivência de idosos no município de Coaraci, sul da Bahia. Este grupo de idosos é conhecido pela autora, que com ele colabora como voluntária, monitorando algumas atividades. O grupo é constituído, na sua maioria, por mulheres viúvas, separadas, e aposentadas. A idade dessas mulheres varia de 55 a 82 anos. Parte delas mora com algum familiar (filhos casados e netos). As idosas participam dessa convivência comunitária há mais de dois anos. Em vista das características apresentadas por esse grupo, optou-se por aplicação de entrevistas abertas e semi-estruturadas, aproveitando a disponibilidade de doze idosas em participar da pesquisa.

A técnica usada foi a de grupo focal, considerada apropriada para tratar questões de subjetividade de um grupo social, sobretudo, quando este está definido não só por características etárias e identidades sociais mas, também, pelo tempo de relacionamento estabelecido, suas afinidades afetivas e o ambiente de sociabilidade e de pertencimento com interesses determinados.

Sobre essas questões há que se considerar o grande dilema da contemporaneidade: onde está a tragédia, o drama e as possíveis saídas para esse estado existencial? Nesse sen-

tido, autores como Zaratustra (1997), Cassirer (1994) e Goffmann (1999) podem oferecer uma grande contribuição, seja quando ressignificam o papel da representação, seja quando retomam a tese pré-socrática do conhecer-se a si mesmo, numa busca ao resgate da valorização humana, seja quando consideram a dramaticidade no cotidiano humano, permitindo entender as cenas, o palco, a vida como um teatro, onde as pessoas vivem representando papéis e personagens.

2. PALCOS E CENAS DO DRAMA DA VELHICE

O drama da velhice é um palco, um modo de representação, um drama. O universo do velho remete diretamente ao universo social que produz a velhice. Para Barreto (1992), o drama de estar velho, o sentimento da velhice, surge no relato de experiências de ser visto e tratado como algo envelhecido, portanto gasto, decadente e inútil. Segundo essa autora, entre os “problemas novos” apresentados na sociedade atual, o mais sério é o aumento da população idosa. Torna-se problema na medida em que a sociedade prefere ignorar, pois a velhice lembra a nossa própria fragilidade e a efemeridade de nossa existência.

O homem contemporâneo, que vive em meio aos avanços tecnológicos, que não sabe filtrar as exigências e é engolido pela onda de

informação que a mídia oferece, perde-se no meio do caminho e não se reconhece mais. A vida se torna um drama, e o sujeito passa a representar papéis, usar máscaras para agradar aos outros e frustrar-se a si mesmo.

Nesse sentido, o drama da vida viria a ser um teatro social que está sempre sendo representado. No caso dos idosos, as cobranças e as representações são muito mais intensas porque, no subconsciente de cada um, velhice está associada a perdas que se manifestam no físico, relaciona-se à feiúra, doença, exclusão social, debilidade, solidão, perda de amores, declínio de afetividade, entre outros.

Esses dramas vividos por este homem contemporâneo trás em si desafios que devem começar a ser trabalhados desde a infância, pois os conflitos e dramas existenciais vividos no processo de envelhecimento, na maioria das vezes, são heranças culturais trazidas até nós ao longo do tempo.

Se a representação que se teve do velho ao longo da vida sempre foi negativa, é natural que, atualmente, a sociedade busque formas estratégicas e radicais para fugir desse drama chamado velhice, que não representa algo homogêneo.

As diversas velhices convidam a refletir o papel de cada pessoa, sua interação com a ordem social e a preservação da individualidade. Como assegura Rodrigues e Gasparini (2001, p.16):

Vivemos uma era de numerosas e rápidas

mudanças sociais, científicas e tecnológicas, que estão desafiando a capacidade de adaptação e de previsão das instituições sociais e dos indivíduos. Elas intervêm nos campos econômicos e sociais, proporcionando novas informações e novas formas de comunicar a informação; também modificam as relações na família, na escola, no trabalho e na sociedade em geral.

Fazer frente aos desafios da sociedade contemporânea não é tarefa das mais simples; transpor os obstáculos que essa sociedade impõe, principalmente aos que se encontram no limiar da velhice é ainda mais complexo.

O reconhecimento e a valorização do indivíduo em sua singularidade é fator primordial para a satisfação da vida. Em contrapartida, estão as cobranças e imposições estabelecidas por conceitos inacabados e por falta de percepção da velhice como representação social.

A máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo” deve ser para todos a bússola condutora nos atalhos da vida, viagem que leva a considerar a subjetividade do homem e de suas interações com o mundo.

Reinventar-se, melhorar-se, recriar-se são verbos constantes no inconsciente imaginário do homem contemporâneo que deseja transpor os próprios limites, as próprias incapacidades e ser eterno, mas jovem. Porque envelhecer, para muitos, pode significar esquecimento, desamparo, ficar à margem de uma sociedade que exalta a cultura da bele-

za, da virilidade, do audacioso, do produtivo, qualidades efêmeras para o ser mais perfeito da criação, que até então descobriu a liberdade, progrediu, evoluiu com a inteligência, mas que tem limitações de ser apenas humano (criatura/e não criador).

A sociedade é um palco onde os indivíduos atuam como atores, representam papéis no drama diário que é viver a própria realidade cotidiana, como define Goffman (1999). Nesse contexto, a velhice é um drama onde os sujeitos envelhecidos vivem no dia-a-dia representando as próprias personagens em cenas, que procuram agradar aos outros e depois satisfazer com a própria representação do eu, por estar em conformidade com as exigências sociais do momento.

Todo homem, enquanto ser social, busca essa satisfação de estar em conformidade com os padrões estabelecidos pela sociedade para ser aceito e não ser excluído. Nesse sentido, ele busca representação social em todos os grupos dos quais faz parte.

Para Goffmann (1999, p. 29), o termo representação se refere a “toda atividade de um indivíduo que se passa num período é caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Como a representação requer cenários e uma série de equipamentos que se identificam com o próprio ator, Goffmann (1999, p. 30) vai chamá-

los de fachada e afirma que, entre as partes da fachada pessoal pode-se

Incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes.

Nessa fase da vida, para atender as exigências de uma sociedade contemporânea, líquida, veloz, urgente, e de valores rapidamente substituíveis, o indivíduo idoso, tende a representar cenas diferentes, para se manter num grupo social, daí iniciando-se o drama de ser velho pois, ao não conseguir acompanhar as exigências sociais, sente-se rejeitado ou, até mesmo, rejeita-se.

Tomando-se as idéias de Goffmann (1999) e aplicando-as ao drama da velhice, é possível perceber que o sujeito idoso vive representando personagens diferentes em múltiplas cenas da vida cotidiana, geradas pela estética do corpo, lazer, convivência, viuvez, solidão, doenças. E assim, afirma Goffmann (1999, p.29): “devemos estar capacitados para compreender que a impressão da realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos”.

Independente da classe social que o indivíduo ocupe, envelhece bem quem busca representar o papel e usar a máscara que, du-

rante o tempo, satisfaça a si, preocupando-se o mínimo em agradar aos outros.

Para agradar a uma platéia exigente, e não ser expulso de cena antes que o tempo permita, o homem tem buscado alternativas na ciência, na genética, na tecnologia, na cosmética e na psicologia. No entanto, aumentam-se os anos, criam-se alternativas e atalhos, prolonga-se a vida, mas esquece-se de buscar a si mesmo. Ao representar papéis para ser aceito no palco social, o homem usa máscaras, mas não sabe lidar com o personagem principal, ele próprio.

Para Beauvoir (1998), a velhice tem uma dimensão existencial que modifica a relação do indivíduo com o tempo, e sua relação com o mundo e com sua própria história. Qual o papel que desempenhará no teatro da vida? É esse um questionamento que muitos idosos fazem, quando se acham perdidos e buscam se encontrar.

A velhice, com as fragilidades que a acompanham, aponta duas possibilidades: na primeira, pode diminuir o valor da existência humana – “Para que viver muito se vou envelhecer, adoecer e morrer?” Ou, ao contrário, pode impulsionar o ser humano para a descoberta de novas possibilidades no movimento incessante do vir a ser. “Para que sair de cena se eu posso sempre transformar o meu personagem?”.

Os idosos precisam romper com um conceito que limita sua vivência plena nessa eta-

pa da vida, já que os valores introjetados atuam como limitadores de sua auto-realização.

3 CONVIVÊNCIA, SOLIDÕES E MEDOS NAS FALAS DOS IDOSOS

Os tantos períodos, fatos e acontecimentos históricos da sociedade revelam força de solidariedade que as velhices exercem entre as gerações, apontando a convivência cotidiana sob um campo de relações sociais baseadas na reciprocidade social, na rede de ajuda mútua construída. Esta rede é transportada para as relações que ultrapassam a convivência grupal, contribuindo para a melhoria das relações sociais das pessoas envolvidas (Cabral, 2001).

À proporção que os anos passam, a “idade áurea” traz diferentes experiências para pessoas diferentes. Para algumas, os últimos anos são deploráveis, pois representa apenas solidão. Outros acreditam ser a velhice e as perdas a substância do terceiro período da vida, ainda que traga instabilidade na autoestima, incertezas quanto ao futuro, dificuldades de adaptação a novos papéis e às rápidas mudanças sociais.

Os idosos recorrem à estratégia emocional das convivências entre seus pares. No caso das relações de idosos, é possível encontrar relações de três ou quatro gerações, famílias possuindo um ou mais velhos, na sua maioria mulheres, uma vez que, segundo dados do IBGE

(2003), a existência de mulheres em idades acima dos 60 anos é mais expressiva do que a de homens, já que sua longevidade é maior. Nesse sentido, a experiência de convivência do grupo de idosos em Coaraci, formado por mulheres, incentivou uma aproximação plena no âmbito das afetividades e do poder ingressar nessas relações de escuta com as idosas.

O tema sobre solidão e medos requer o uso de estratégias que garantam as falas dos integrantes do grupo em torno dessas emoções, que estão relacionadas a questões íntimas, de sofrimentos, que pela falta de confiança em se expor, nem sempre são reveladas a outras pessoas.

Nesse sentido, para levantamento dos dados e informações que fundamentariam este estudo, como estratégia para abertura das falas, foi proposta a realização de uma oficina para tratar o tema afetividade e sentimentos, aproveitando canções que o grupo já utiliza, de forma a promover, nas pessoas, o relaxamento e a integração necessária para a entrevista.

O primeiro contato com o grupo foi carregado de muitas expectativas, para todos, pesquisadora e sujeitos da pesquisa. Para maior proximidade com o grupo foi necessária um contato individualizado, informal, explicando-se o objetivo do trabalho, quando foi solicitada permissão para uma convivência da pesquisadora com o grupo por algum tempo.

Assim, no primeiro encontro, na casa que

abriga o grupo em seus encontros, todas já esperavam para saber o que uma pessoa jovem queria fazer no meio de “gente de terceira idade”, porque como enfatiza uma delas, *“ninguém aqui no grupo é velha, todo mundo aqui é terceira idade”*.

Assim, para preparar a técnica de escuta da emoção se fez uma reunião em estilo de entrevista consulta. Neste encontro foram abordados sentimentos comuns e diversos, trágicos e dramáticos das cenas da vida cotidiana de cada uma das velhices. No grupo, duas questões nortearam a vivência: a primeira, a acolhida e a solidariedade de umas para com as outras; a segunda se referiu à resposta inconsciente que a velhice dá a uma sociedade de consumo, onde cada dia mais se exige um padrão de comportamento, contrariando a crença de que ser velho é ser trapo, é estar esquecido.

Nos primeiros encontros, a dúvida ainda se fazia presente quanto a ser possível daquele ambiente se tirar algo mais concreto, alguma coisa de especial. O que poderia ser registrado daquele ambiente (simples) de gente que a primeira vista parecia sair de casa só para fazer artesanato e passar o tempo? O que seria possível encontrar de subsídios para a realização de uma pesquisa científica?

Com o decorrer dos encontros, essas dúvidas se dissiparam. Tornou-se perceptível que aqueles momentos seriam verdadeiros espaços de experiências capazes de proporcionar

enriquecimentos pessoais e profissionais na área da Gerontologia social. E que o concreto, dados absolutos e finitos, não se poderia ali encontrar, pois as emoções e os sentimentos eram na verdade a essência do abstrato, de algo que não poderia ser alcançado, tocado. Era preciso somente sentir e perceber. E muito dessa percepção, desse sentimento pode, sim, ser registrado.

Essa experiência com os sujeitos da pesquisa permitiu entender que são elas pessoas com valores e perspectivas diferenciadas das atuais, que tem como desafio de vida primeiramente aceitarem-se como são, com a perda do vigor físico, da estética e da ausência dos filhos, como expressou uma delas: *Em casa me sinto só, porque meus filhos foram todos embora (...) só gosto de ficar em casa quando estou trabalhando. À tarde, gosto de sair para reuniões, fazer visitas no hospital e ir a velórios. Aqui, na terceira idade, enquanto as velhas estão fazendo as coisas, fica animado, mas quando termina fica desanimada!*

A importância do grupo se constata nessa convivência. A observação e participação durante alguns meses no grupo e, conseqüentemente, a partir da experiência de investigação gerontológica, em que pode se identificar os dramas dessas mulheres idosas, foi possível constatar que a estratégia de integração de forma interativa se caracteriza como eficaz para quem deseja penetrar no sutil universo

das emoções da velhice.

Na segunda vivência, frente à familiaridade criada pela aceitação do grupo, o trabalho de investigação tomou um rumo caracterizado por elas como um aporte valioso às suas necessidades. Diante da proposta da pesquisa, as mulheres idosas conceberam a pesquisadora como entendida em assuntos do envelhecimento, o que favoreceu a exposição das idéias, permitindo muitas vezes uma troca de posições, sendo essa uma possibilidade de entender os conteúdos da gerontologia na perspectiva dos grupos de convivências, contribuindo para a utilização da técnica do grupo focal para abordar os medos e solidões, que passou a ser descrito a partir da polissemia de vozes de forma descontraída, através de falas seguidas de choros, emotividades e lembranças nem sempre agradáveis, como no relato de C...., com 60 anos, que diz: *“na minha juventude gostava de me arrumar, de ficar bonita para o marido. Hoje não gosto de nada, me casei com um homem que não é de nada e nada mais me serve (...) Fui criada sem carinho, nunca beijei minha mãe.”*

Essas lembranças vieram acompanhadas de muito choro e emotividade, sendo a colega amparada pelo próprio grupo. Percebeu-se que a solidão e os medos estavam escondidos sob uma máscara do *“eu basto”* e, depois que a idade chegou, *“tenho liberdade que não tinha na juventude.”* E, ainda: *“havia uma dis-*

tância muito grande entre as crianças e os jovens e as pessoas de idade”.

Entre os depoimentos no grupo, um dos que não se consegue deixar de envolver-se emocionalmente é o depoimento de M..., 57 anos, ao dizer que: *Uns anos atrás vi em mim a solidão, quando os filhos foram embora e o marido saía para trabalhar. Foi muito duro, tive transtorno com o marido. Me sentia muito só, vi a hora de me sentir deprimida, procurava muito minha mãe para desabafar, sentava em seu colo e chorava.*

Percebe-se que, à proporção que os anos passam, a “idade” traz diferentes experiências para pessoas diferentes. Para algumas, a idade representa perdas e solidão. Para a maioria, a idade representa o terceiro momento da vida onde o grupo de convivência é a mola condutora de uma velhice ativa e feliz.

Com C..., 65 anos, constatou-se seu estado de ânimo, ao afirmar: *“tudo no grupo é bom: conversas, amigas, merendas. Aqui eu aprendi muitas coisas, o que as colegas não sabem eu ensino (...) Faço de tudo para vir, mesmo doente, até embaixo de chuva”.*

O grupo exerce uma força vitalizadora que se faz presente nos indivíduos, nas quais se percebem os meandros da solidão, dos temores por uma autoconfiança que demarca relações de cenas afetivas, que convergem nas falas cotidianas internas dentro do grupo. Nesse espaço, agregam-se sentimentos individuais numa experiência coletiva. Como pode

ser apreciado nas falas de H..., quando diz: *“participo porque acho ótimo, apesar da diferença de idade, são todas animadas. O que me fez participar foi o problema da doença (depressão), por incentivo do médico. Aqui no grupo gosto de tudo o que tem”*. E de MJ, quando informa: *Participo, porque no grupo tem tudo de bom em todos os aspectos. Vivía sozinha, em casa, olhando para as paredes e depois que fui convidada vim participar e adorei. Considero o grupo como uma família. É uma união só, não tem grupo como este. Sempre que tem um passeio, as velhas têm que ter animação.*

Pode-se dizer que a convivência nesse grupo transcende o ativismo que em algumas análises outorgam à vivência de grupos com idosos, muitas vezes centradas em experiências de lideranças e desconsiderando os processos internos de reparação emocional, que demanda esta vivência coletiva de preservação entre seus pares. Nesse sentido, é necessário compreender que os medos e solidão podem ser equacionados nessa força vitalizadora que o grupo projeta nas representações individuais.

As cenas dos medos e solidões da velhice no grupo de Coaraci suscita perguntar: quais são as características que definem uma pessoa velha? Muitas respostas são possíveis. E essas são dadas frente a uma concepção própria de cada experiência, valores e preceitos do indivíduo.

Poderia responder: uma pessoa não passa a ter determinada personalidade porque enve-

lheceu, ela simplesmente mantém ou acentua características que já possuía antes. Um velho chato ou deprimido é um jovem chato e deprimido que envelheceu, assim como um velho alegre e otimista é um jovem alegre e otimista que se encontra em outra etapa da vida.

É possível afirmar que velho é aquele que tem diversas idades: a idade do seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica e da sua ligação com a sociedade. É a mesma pessoa que sempre foi. Ou, ainda, velho é um mais: tem mais experiência, mais vivência, mais anos de vida, mais doenças crônicas, mais perdas, sofre mais preconceitos e tem mais tempo disponível. No momento em que utiliza sua experiência, a vivência adquirida ao longo de sua vida, aprende a conviver com suas doenças crônicas e próprias de sua idade; elabora suas perdas, não esquecendo seus ganhos; dribla os preconceitos e aprende a utilizar o tempo. Ele continuará tendo prazer pela vida, vivenciando as coisas boas e sendo feliz.

As entrevistas oferecem representações das idosas numa dialética, em que a conotação da velhice toma rumos conceptivos diferenciados e próprios de cada vivência anterior e atual dessas senhoras.

Os medos e solidões são emoções que demarcam diversas cenas do estado anímico que percorre essa velhice. Nessas representações emocionais, carregadas de sofrimen-

tos, parece haver uma comunhão de concepções sobre o que vem a ser solidão para cada uma delas. No relato da fala de H., a solidão encontra-se negociada pela presença do espaço sentimental que preenche o grupo de convivência do qual participa, ante à representação de cenas de solidão, de medos de ficar de braços cruzados, uma expressão metafórica de não fazer nada, ou melhor, de estar ocupada sem manifestar o medo da chegada da morte, que confronta na aceitação como evoca sua fala: *Sinto muito angústia, vontade de chorar e ficar só. Acho que o grupo deve promover mais eventos para animar mais. Já fiz a proposta ao grupo de ir para minha casa de praia. Desperdicei muito minha juventude, casada com um homem ruim, mas agora conquisei minha independência. Não tenho medo da velhice, a gente pinta os cabelos e pronto. Ou ainda: Em casa, me sinto só, porque meus filhos foram todos embora, só tenho um adotivo, mas não é igual aos filhos de sangue. Gosto de ficar em casa, só quando estou trabalhando. À tarde, gosto de sair para reuniões, visitas no hospital, em casas e ir em velórios. Enquanto as velhas estão fazendo as coisas ficam animadas, mas quando termina, fica de braços cruzados desanimada. Não tenho medo de morrer, pois a morte vem na hora certa. Quem não morre de novo, de velho não escapa.*

Uma outra solidão eterna é a morte, apesar de estar associada à doença do corpo, repre-

senta uma luta pelo astral do humor de silenciá-la para não incomodar, um recurso afetivo de lidar com esse medo traumático de morrer. Este medo interfere nos estados de ânimo continuamente, por isso, negociá-la com sentimentos positivos é uma mostra de postergá-la. Como aparece na fala de M...: *Tenho medo de morrer, tenho medo de ter uma parada cardíaca, não morrer e ser enterrada viva. Pois vi casos em São Paulo e nos Estados Unidos. Há uns anos atrás, vi em mim a solidão, quando os filhos foram embora, marido saía para trabalhar. Foi muito duro e quando tive transtorno com o marido, me sentia muito só, vi a hora de me sentir deprimida, procurava muito minha mãe para desabafar, sentava em seu colo e chorava.*

Apesar dos idosos estarem com parentes, e familiares, não conseguem preencher essa solidão espiritual que provoca o medo de estar velho. É errado acreditar que a solidão física do idoso venha superar a afetiva, da impotência que tem a representação da vida humana nessa fase do envelhecido chegar a seu fim. Essa solidão está associada a perdas que são próprias do curso da vida, de filhos queridos, de uma família fragmentada e do tempo disponível para estarem juntos. Essas perdas representam feridas sensíveis, que marcam os espaços de uma solidão em vezes infinita. Os medos parecem cumprir o papel de amortizar o sofrimento, de aliviar o que virá a acontecer, como assinala a fala de C...: *Me sinto só. Só*

tenho três filhos. Só têm eu e meu marido em casa. Tenho vontade de sair, sinto muita falta dos filhos. Gosto de ficar em casa, passando tempo com as coisas que aprendo no grupo. Eu me sinto feliz no grupo. Queria que viesse costura e que tivesse mais passeios para animar. Vou ficando cada vez mais velha, quando quero alguma coisa, não tem. Não sou mais nova, porque sinto muita coisa.

Nos medos e solidões das idosas, se encontram, às vezes, os motivos e as causas desses estados psíquicos-emocionais. A depressão aparece como sintoma normal da disposição para assistir as reuniões sociais do grupo. Como dizem os médicos, segundo elas: “as abate, quando devem ouvir os aspectos físicos e biológicos de seus corpos”. Outras, pelo contrário, com a vitalidade das atividades afetivas do grupo, param de tomar medicação como uma forma de sentir-se melhor. O medo do corpo é como nos mostra MJ, um medo da condição de estar viva como uma morta: *Não tenho medo, só tenho medo de ficar na cama cuidada por outras pessoas. Mudou muita coisa. Quando somos jovens temos outro ânimo, quando chega a velhice fica mais sem graça, mas depois do grupo com a animação dos outros, também me motivei.*

Pode-se pensar que os medos e solidões nessas idosas demarcam o sentido que tem a cena do drama dessa fase da velhice, dos problemas que se enfrentam no dia a dia.

Nota-se que a velhice em Coaraci não é diferente das diversas que se apresentam em pequenas cidades do interior, onde as pessoas entregam-se a essa fase da vida a partir geralmente dos 50 anos, ocupando o tempo vendo a vida passar sentados nas praças, na porta das suas casas, achando que não têm mais idade pra ter uma vida ativa.

Daí, ser e fazer o diferencial à convivência estabelecida com o grupo da terceira idade que, sobretudo, tem proporcionado encontros afetivos, com a justificativa de produzirem artesanato, como numa farsa de teatro ao real objetivo. Muitas delas ingressam no grupo como sendo esse um refúgio, mas que tem sido possível participar, descobrir, solidarizar, e buscar ser feliz, recomeçando uma nova vida, a partir da importância do seu eu, de acreditarem que a idade não envelhece o ser, e sim o que pensam e o que se dispõem a viver, com o passar dos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLAGUARDA, Maria Lígia dos Reis. Solidão como Qualidade de vida no repensar valores. In: *Revista Texto Contexto Enfermagem*. Florianópolis: v. 8, n° 3, p. 44-52, set/dez, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: introdução e uma filosofia da cultura do homem*. São Paulo: 1994.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia*. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

RODRIGUES, Avelino Luiz e GASPARINI, Ana Cristina Limongi França. *Uma perspectiva psicossocial em Psicossomática: via estresse e trabalho*. 2001

ZARATUSTRA, Roberto Machado. *Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Azhar Editora, 1987.

Recebido em julho de 2008
Aprovado em outubro de 2008

RECONSTRUINDO A IDENTIDADE NA VELHICE ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Identidade, sociedade e papéis sociais

Isabel Aurora Marrachinho Toni¹

As questões relativas à identidade na velhice são foco de diversos estudos, desde o ponto de vista do discurso, até a ação, decodificada em comportamento. A identidade baseia-se na integração do conhecimento que o indivíduo tem de suas potencialidades físicas, de suas idéias, motivos e objetivos, papéis sociais e limitações. É a identidade que permite que o indivíduo se perceba como sujeito único, tomando posse de sua realidade e, portanto, a consciência de si mesmo.

A identidade depende da diferenciação que se faz entre o “eu” e “o outro”. A partir de minha percepção individual passo a diferenciar-me ou identificar-me com o outro. Portanto a identidade forma-se através de uma percepção individual, mas que é retroalimentada pelo outro, sendo que o indivíduo e o social interagem nessa formação.

A identidade se estabelece no processo de comunicação, por meio de símbolos. A socie-

¹ Psicóloga e Gerontóloga Social pela Universidade de Caxias do Sul
Coordenadora da Universidade da Terceira Idade da Universidade de
Caxias do Sul - RS

dade, que é anterior ao indivíduo, tem uma estrutura já organizada em seu conjunto de símbolos e significados, assim como possui seus modelos de interação pré-estabelecidos. O sujeito se constrói no jogo das experiências e das relações sociais.

Diante desse panorama, passa a ser fundamental uma reflexão sobre a sociedade que nos circunda e na qual os idosos estão inseridos.

A atual sociedade é protagonista de grandes e rápidos avanços culturais, tecnológicos, econômicos, entre outros, que exigem do ser humano uma constante reconstrução de comportamentos. Isso implica sentir-se participe do social, percebendo-se enquanto pessoa portadora de um conjunto de características relativamente integradas, estáveis e constantes no tempo; ter o sentimento de ser única, diferente dos outros, mas assumindo um conjunto de papéis e funções que são semelhantes ao outro.

Entramos aqui na representação ou significação de papéis na vida individual ou social do ser humano, especificamente do idoso, que representa um determinado papel, adota certos valores e comportamentos que respondem às expectativas do outro e que garantem, assim, seu reconhecimento, enquanto indivíduo.

O ciclo vital do ser humano, ao viver em sociedade, é caracterizado por um conjunto de papéis sociais (filho, pai, neto, avô, ...), exigindo uma série de mudanças compor-

tamentais que respondam a um determinado papel. Podemos dizer, então, que aprender papéis sociais é, na realidade, aprender o conjunto de rituais que a sociedade criou. O ser humano desenvolve vários papéis durante o curso de vida e esses estão diretamente ligados à idade, principalmente os ligados a hierarquias. Sendo assim, os papéis sociais também permitem a oportunidade de acesso a lugares, pessoas e atividades ligadas à determinada etapa do ciclo vital.

Por conseguinte, a experiência do envelhecimento está necessariamente ligada a mudanças nos papéis sociais.

Segundo Acharam (1995),

...durante o envelhecimento, os principais fatores de influência da sociedade sobre o indivíduo são a resposta social ao declínio biológico, a afastamento do trabalho, a mudança de identidade social, a desvalorização social da velhice e a falta de definição sociocultural de atividades em que o idoso possa perceber-se útil e alcançar reconhecimento social. A vida do idoso é, portanto, dominada por um alto nível de estresse, devido às experiências e obrigação formalizadas.

A flexibilidade e a capacidade de resiliência são duas importantes características, ou tarefas evolutivas, que podem tornar este estresse menos intenso. Se, no curso de vida, essas características foram vivenciadas e ex-

ploradas, quando da necessidade de alguma mudança, serão exercidas com mais solidez e qualidade quando da chegada do envelhecimento, favorecendo oportunidades de novas aquisições e novas habilidades.

A teoria de Erikson (1950) traz dois conceitos importantes, quando se pensa em tarefas evolutivas, a geratividade e a integridade do ego. Pela geratividade, o indivíduo, por se perceber fazendo parte da humanidade, tem uma postura de expansão, dando sua contribuição à espécie, através das experiências vivenciadas. Pela integridade do ego, específica para idosos, o indivíduo adapta-se a vitórias e desilusões, que são inerentes ao viver, e conserva sua dignidade, sua sabedoria, aceita seu modo de vida e tem senso de plenitude e unicidade.

A sociedade atual encara o envelhecimento como uma fase de decadência e o idoso é rejeitado do sistema econômico, social e cultural. Abalado, em sua identidade, pelas limitações econômicas e físicas, a perda de desempenho de papéis e a cessação de atividades exigem que o mesmo adquira novas responsabilidades e possa transitar do estado de produtividade econômica para o de produtividade social, criando ou (re)apropriando-se de uma nova identidade.

Entra aqui o importante papel exercido pelas universidades que possuem ações voltadas às questões do envelhecimento.

2. As UNIVERSIDADES COMO CATALIZADORAS

As Universidades, especificamente, as Universidades para a Terceira Idade desempenham um importantíssimo papel no sentido de oportunizar aos idosos esta (re) apropriação. Pois é nelas que o indivíduo idoso conquista novos espaços de convívio e relacionamento, entra em contato com seus pares, compreendendo o seu processo de envelhecimento e o dos outros; desenvolve novas potencialidades assimilando e entendendo seus limites como parte do processo que se encontra, transformando-se num agente de sua própria transformação social e colocando-se como protagonista de sua história. Segundo Cortelletti (2006),

...compete à Universidade conscientizar (...) o idoso de que o segredo do envelhecer é a renovação de nossas maneiras de pensar, sentir, agir e interagir, e que a grande questão é dar-se conta do tempo em que se vive (...).

Neste sentido, as Universidades para a Terceira Idade são promotoras de um novo modo de percepção e, conseqüentemente, de ação para uma nova identidade na velhice. Uma velhice em que é possível ensinar e aprender. Ensinar através das trocas de experiências que se fazem presentes nos grupos, e aprender no sentido da aquisição

e intercambio de novos conhecimentos que, agregados às vivências, ampliam o campo do conhecimento e da aplicação.

As atividades oferecidas devem estimular a construção de novos projetos de vida, para um novo tempo social e investir para que os idosos percebam suas capacidades de continuar aprendendo, de mudar e de querer ser.

Para fazer frente às demandas geradas pelo envelhecimento da população, as universidades necessitam: conhecer o universo dos idosos, no sentido de saber quem são eles, em que condições familiares, culturais e educacionais viveram e quais as influências desses contextos na formação/estruturação de seus modos de ser. Ou seja, no âmbito das individualidades, as IES necessitam identificar e delimitar conceitos de velho, velhice, envelhecimento, sociedade e educação para que as ações propostas venham ao encontro da promoção dos idosos, no sentido de despertar potenciais que visem uma (re)apropriação da identidade que foi anulada em função de muitas perdas que a velhice traz no seu bojo.

As ações das universidades devem ser intencionais e direcionadas para uma busca constante de realização plena de liberdade e de valorização do ser humano idoso, dando condições para apropriações de diferentes naturezas, tais como: um saber conhecer, entendido como cultura geral, e porta para educação permanente, que oferece as bases para

aprendizagem ao longo da vida; um saber fazer, como desenvolvimento de habilidades e competências que preparam o indivíduo para desempenhar-se em diferentes situações; e de um saber ser, como processo de auto-conhecimento para o exercício da auto-crítica e da cidadania, possibilitando que o indivíduo melhor se situe na sociedade, especialmente no contexto que vive e convive.

Segundo Demo (1995,p.140) :

No processo educativo é mister ocorrer emergência do sujeito histórico, capaz de ler a realidade criticamente e de nela intervir de modo alternativo e instrumental pelo conhecimento. Trata-se de aprender a aprender, saber pensar, para melhor intervir.

A universidade, por ser uma instituição de ensino inserida em um determinado contexto social, que tem a preocupação com a formação do indivíduo enquanto desenvolvimento emancipatório, e por ter um compromisso social de promover a melhoria da qualidade de vida da população em geral, destacadamente o idoso, deve promover uma aprendizagem de reconstrução, cujo aprender é transformar, e que o idoso seja capaz de utilizar a experiência e os conhecimentos já adquiridos na atribuição de novos significados e transformar as informações obtidas em conhecimento.

Dessa forma, a universidade torna-se um espaço de (re)construção da identidade do in-

divíduo, pois o mesmo passa a se descobrir no outro, pelo diálogo, pela interação e através das comparações que permitem o destaque das características próprias de cada um.

Sendo as universidades promotoras de ações que objetivam contemplar as mudanças, estarão colaborando para a formação de uma nova identidade e, portanto, de um novo idoso, que se projeta para além do meio acadêmico, realizando-se como um “ser” social, protagonista de sua história e promotor de uma nova visão da sociedade sobre o envelhecer.

Da mesma forma que as universidades têm um importante papel na mudança da identificação social da velhice, esse papel também deve surgir de um postura assertiva do próprio idoso, para que sirva de projeção para as demais gerações, pois essa também é construída a partir de uma relação de amor e de identificação com o modelo que o outro representa.

Cabe então às universidades serem ferramentas das quais o idoso irá dispor para construir este modelo.

3. UMA DIRETRIZ: A EDUCAÇÃO

A educação ocupa cada vez mais espaço da vida das pessoas, à medida que o mundo moderno exige do ser humano o desempenho de um “papel” cada vez mais atualizado.

Nesse sentido, cabe à educação englobar

processos que permitam às pessoas o conhecimento do mundo atual, de si mesmos, através do auto-conhecimento, e o conhecimento dos outros, através das inter-relações e integrando os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos.

Conforme Palma(2000, p.43) :

aprender a conhecer, cultura geral que constitui uma espécie de passaporte para uma educação permanente na medida em que fornece o gosto e as bases para aprendizagem ao longo de toda a vida; *aprender a fazer*, competências e qualificações mais amplas que preparem o indivíduo para enfrentar numerosas situações; *aprender a ser*, processo que começa por se conhecer a si próprio numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocritica e da cidadania, **a** *aprender a viver juntos*, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, de compreensão mútua e de paz.

Nesse sentido, a educação precisa ser um processo de humanização do indivíduo e de estímulo que contribui para a qualificação da velhice, através da busca de elementos que deem sentido ao viver e conviver.

A educação voltada para o processo de humanização, socialização e que possibilita a

formação integral do homem, precisa ser permanente e co-existente com a própria vida. A educação permanente é um processo exigente, intencional, de promoção individual, social e cultural que respeita o conhecimento construído pelas experiências vividas (Cortelletti, p.16, 2007).

O processo de educação permanente objetiva uma busca constante cheia de realizações que oportuniza ao indivíduo condições de auto e hetero-conhecimento e uma postura definida diante das situações do dia-a-dia, no novo momento em que se encontra a velhice.

O aprendizado de hábitos, habilidades e competências deve ser constante para que o indivíduo, através do lapidamento, desenvolva-se como ser individual e social sendo ativo e empreendedor do seu viver.

A educação permanente concebida como condição do desenvolvimento contínuo do indivíduo, além de oportunizar a evolução pessoal e a renovação cultural, propicia o entendimento e a compreensão da sociedade, na qual o idoso está inserido. Esse movimento exige do idoso flexibilidade, ou seja, ser capaz de enxergar e viver a realidade de outros modos.

Segundo Cortella (2007):

A flexibilidade se caracteriza pela capacidade de romper algumas amarras e preconceitos que tornam alguém refém de

uma condição que parecendo segura e confortável, pode ser indicador de indigência e fragilidade intelectual.

Como processo, a educação permanente implica aprendizagens contínuas que se dão numa estreita relação entre o pessoal e o social, interferindo diretamente na (re)elaboração da identidade, no pensar, no sentir e no agir do indivíduo. O processo de (re)elaboração da identidade ocorre pela educação, quando essa possibilita o desenvolvimento permanente das capacidades e potencialidades oportunizando um repensar, pensar sobre seus novos papéis, novas posturas, novos comportamentos e novos projetos de vida.

A educação para idosos deve ter em seu bojo uma aprendizagem como fenômeno reconstrutivo, no qual se oportunizem espaços de aprendizagem, para que as experiências e os conhecimentos já adquiridos sejam revestidos de novos significados, e as informações tornem-se conhecimentos. Um espaço de permuta de conhecimentos recíprocos.

Parafraseando Cortella (2007)

A educação é vigorosa quando dá sentido grupal às ações individuais, isto é, quando se coloca à serviço das finalidades e intenções de um grupo ou uma sociedade; uma educação que sirva apenas ao âmbito individual perde impulso na estruturação da vida coletiva, pois, afinal de contas, ser humano é ser junto, e, aquilo que

aprendemos e ensinamos tem de ter como meta principal tornar a comunidade na qual vivemos mais apta e fortalecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se ouvido e reproduzido que “viver é uma possibilidade e que envelhecer, um privilégio”. A isso acrescenta-se “quando esse envelhecer for com significado e pleno de realizações”, pois o processo de envelhecimento é carregado de transformações, provocadas pela ação do tempo, que passa alheio as nossas vontades, e precisa ser aprendido, internalizado e ressignificado.

As alterações por que passa a identidade na velhice são resultados de outras tantas mudanças sentidas no processo de envelhecimento humano. Cabe, então, um olhar mais pontual para esta questão, que possa, de um lado, promover ações que visem reelaborar, construir ou reconstruir a identidade e, por outro lado, colaborar para que os alunos participantes de programas para terceira idade assumam uma postura pró-ativa em relação ao convívio em sociedade.

Em nosso ponto de vista, essas duas posições só podem acontecer no âmbito de uma educação de características emancipatória e cidadã, para que o idoso possa (re)ocupar seu espaço na sociedade, sentindo-se parte da mesma, como construtor de um grande pas-

sado e cidadão de um grande futuro.

Além disso, deve a educação contribuir para o desenvolvimento de pessoas que vivem e que dão significados à sua vida, como sujeitos compromissados consigo mesmos, com o seu mundo, com seus valores e com suas transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARAM, M. Lazaeta. *Medicina natural ao Alcance de Todos*. São Paulo: Hemus, 1995.

ERIKSON, E. *Crianças e Sociedade*. Nova Iorque: Norton, 1950.

CORTELLA, M. S. Conferência X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos de Terceira Idade nas IES e IX Encontro Nacional de Estudantes de Universidade Abertas a Terceira Idade.

CORTELETTI, I.A. *Universidade: sua função social na promoção da velhice*, in. *Educação e Envelhecimento Humano* – Caxias do Sul: Educus, 2006.

DEMO, Pedro. *Cidadania Tutelada e cidadania assistida*, São Paulo, Autores Associados, 1995.

ISABEL AURORA MARRACHINHO TONI

PALMA, Lucia Terezinha Saccomori.
Educação permanente e qualidade de vida:
indicativos para uma velhice bem sucedida.
Passo Fundo: Editora da UPF, 2000.

Recebido em junho de 2008
Aprovado em setembro de 2008

[316] MEMORIALIDADES, Nº 9 E 10, JAN-DEZ 2008, P. 303-316.

EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL NO TREINAMENTO DE ESTIMULAÇÃO DA MEMÓRIA EM IDOSOS: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA APLICADA À NEUROCIÊNCIA.

Andrea de Souza Nunes¹, Rafael Higashi²

Resumo. Este trabalho é resultado de uma experiência educacional realizada em uma instituição ecumênica situada no Rio de Janeiro (RJ), no bairro de Vila Isabel, denominada Instituição Religiosa Perfect Liberty, no Núcleo de Integração e Expressão da Mulher. O objetivo deste estudo foi desenvolver no idoso sua capacidade de memória, principalmente, por meio de técnicas de estimulação da memória – estimulação e codificação – com uma abordagem interdisciplinar, e perceber a necessidade do trabalho interativo entre as ciências da saúde e as ciências humanas, com abordagem pedagógica aplicada à neurociência, na otimização cognitiva da memória em idosos. A metodologia da pesquisa foi aplicada em idosos acima de 50 anos com alteração subjetiva da memória, e consistiu de aula expositiva e ferramentas de informação e reforço com base na pedagogia existencialista, aplicação de técnicas de relaxamento, de técnicas de estimulação da memória, dinâmicas de grupo e psicologia da

1 Andrea de Souza Nunes, UnATI/UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, 100 andar, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20550-900, Brasil, andreanunes06@gmail.com

2 Rafael Higashi, Hospital Naval Marçílio Dias, Rua Cesar Zama, 185, Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20725-090higashi.rafael@gmail.com

percepção – gestalt-terapia. A validade do projeto foi verificada pela auto-avaliação por parte dos idosos ao final do trabalho. O resultado corresponde à observação de 27 idosos: só mulheres, na faixa de 50 a 89 anos, com queixa de alteração subjetiva da memória. Observando-se as atividades práticas percebeu-se a relação direta existente entre a capacidade de retenção da memória de curto prazo e o aspecto emocional. Portanto, pela análise dos dados obtidos nas atividades práticas e teóricas e na auto-avaliação, obteve-se a comprovação da necessidade de treinamento em memória utilizando a interação entre neurociência e a pedagogia existencialista como forma de otimização da saúde cognitiva em idosos.

Palavras-chave: Memória, Idosos, Pedagogia Existencialista, Neurociência.

Abstract. This work is the result of an educational experience in an ecumenical institution in Rio de Janeiro (RJ), in the district of Vila Isabel, called Perfect Institution Religious Liberty, the Center for Integration and Expression of Women. This study in elderly develop their capacity for memory, mainly through technical stimulation of memory - stimulation and consolidation - with an interdisciplinary approach and comprehensive understanding the need for interactive work between health sciences and humanities with pedagogical approach applied to neuroscience in the improvement of elderly memory. The methodology of this survey was implemented in elderly over 50 years old with subjective memory complains. The technical consisted of class exhibition, information tools, reinforcement-based existentialist pedagogy, application of relaxation technical, stimulation of memory, group dynamics and psychology perception - gestalt therapy. The validity of the project was

verified by the self-evaluation by the end of the work. We applied the technical in 27 elderly: only women were applied, ranging from 50 to 89 years old with subjective memory complains. It was observed a direct relationship between short term memory capacity and emotional aspect. Therefore, the analysis of data obtained in theoretical and practical activities as well in self-evaluation, returned to proof the need for training using the interaction between neuroscience and existentialist pedagogy as a tool improvement and cognitive health in the elderly.

Keywords: Memory, Elderly, Existentialist Pedagogy, Neuroscience.

INTRODUÇÃO

A longevidade é uma das grandes conquistas do século XX que, juntamente com a queda da natalidade, vem ocasionando um drástico envelhecimento da população mundial. O envelhecimento das populações começou em épocas diferentes, em países diferentes e vem evoluindo em proporções variantes. No Brasil, de acordo com o IBGE, a população de idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (8,6% da população brasileira). Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final desse período. Entre as capitais, o Rio de Janeiro se destaca com a maior pro-

porção de idosos, que correspondem a 12,8% da sua população total (Censo 2000).

A população está envelhecendo devido às conseqüências “do desenvolvimento social, tecnológico e científico, do processo de urbanização e industrialização de uma sociedade” (VIEIRA, 2004, p. 94). Mas este crescimento ainda não é com qualidade de vida. Com o aumento da expectativa de vida (72,24 anos no Brasil, segundo o IBGE) aumentam, também, as chances de aquisição de doenças degenerativas – como a Doença de Alzheimer – que afetam as funções cognitivas, principalmente a memória. Segundo Guerreiro, “Os distúrbios demenciais são a principal causa da incapacidade e dependência na velhice”. (GUERREIRO, 2001, p.32).

A memória é a função cognitiva mais estudada porque forma a base de nosso conhecimento, estando envolvida com nossa orientação no tempo e no espaço e nossas habilidades intelectuais (aprendizagem) e mecânicas. O declínio ou comprometimento dessa função é responsável pela maioria das queixas e preocupações que levam os indivíduos a buscarem ajuda.

Na literatura mundial denotam-se evidências da eficácia do treinamento cognitivo. Kyriazis estudou a “aplicabilidade de vários exercícios de estimulação cognitiva específicos para idosos, e concluiu que a estimulação cerebral de indivíduos idosos saudáveis am-

plia a sensação de bem-estar mental, devendo ser rotineiramente recomendada”. (GUERREIRO, 2001, p.27).

Na tentativa de minimizar os efeitos da perda cognitiva da memória com o avançar da idade, buscou-se implantar um projeto privado – Memória em Movimento – que oferecesse um programa de treinamento em memória promovendo o aprimoramento das habilidades cognitivas na velhice e uma melhor qualidade de vida na terceira idade, contribuindo para a melhoria e a oferta de serviços de atendimento a essa população que vem crescendo vertiginosamente.

Objetivou-se com esse trabalho comprovar a aplicabilidade da pedagogia existencialista aliada à neurociência no treinamento de estimulação da memória em idosos.

2. DAS INTENÇÕES À AÇÃO

O projeto Memória em Movimento visa trabalhar o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem consolidando a capacidade cognitiva da memória, aprofundando a compreensão sobre como manter a saúde mental e a memória ativa, diminuir o estresse, aumentar a energia para concentração equilibrando corpo e mente, respiração, relacionamentos e atividades físicas. Os instrumentos para tal são técnicas de estimulação da memória, pedagogia

existencialista, psicologia da percepção (gestalt-terapia), técnicas de relaxamento, adotando-se uma abordagem interdisciplinar da neurociência e da pedagogia existencialista.

3. PEDAGOGIA EXISTENCIALISTA

Na concepção de Pinto, a pedagogia existencialista é qualificada como “uma tecnologia educacional para o modo-ser no ensino-aprendizagem” (PINTO, 1984, p.15), se insere no contexto da reflexão pedagógica e propõe aos profissionais da educação parâmetros para o desenvolvimento de um estado de equilíbrio entre o movimento intencional da mente em sair de si para o contato com o outro e voltar a si, com algum sentido. Trata-se de uma visão de totalidade que se revela pelo permanente processo de integração das três instâncias que compõem o ecossistema mental: o conhecimento, a sensibilidade e a ação. Propõe ao educador a construção de uma sólida base compreensiva existencial, que dará significação aos seus saberes e fazeres.

Ainda com fundamentação em Pinto, essa prática pedagógica se expressa e se nutre na vivência de cinco pontos básicos: conhecimento de si; habilidade de redução; disposição para o cuidar; repouso e alerta sobre o cotidiano; e referência absoluta à compreensão. Tais pontos devem servir de marcos de referência para a reflexão na ação e sobre a ação do educador.

4. TREINAMENTO COGNITIVO DA MEMÓRIA EM IDOSOS

Nos últimos anos muitos estudos foram realizados para medir a atividade cerebral em idosos comparando com a atividade cerebral em adultos jovens. Buckner (2002) pesquisou através de imagem de ressonância magnética funcional (fMRI) – que pode mapear precisamente o fluxo de sangue no cérebro – áreas do cérebro de pessoas idosas comparando-as às de adultos jovens, ativadas quanto solicitadas a utilizar a memória.

Foram conduzidos dois experimentos: primeiro era pedido que tanto jovens como idosos memorizassem um número de palavras para lembrá-las posteriormente. No cérebro jovem o fluxo sanguíneo era mais intenso na região correspondente à memorização efetiva do conteúdo verbal (córtex pré-frontal esquerdo); já nos idosos essa região teve pouca atividade sanguínea. Em seguida, foi fornecida aos participantes uma estratégia para auxiliar o processo de memória. Por exemplo, as palavras foram apresentadas uma de cada vez e os participantes deveriam classificá-las em abstrata ou concreta. Os idosos demonstraram maior atividade na região responsável pela memorização efetiva do conteúdo verbal (córtex pré-frontal esquerdo) e seus desempenhos de memória melhoraram.

Os pesquisadores observaram que um tipo de deficiência do processo de memória

geralmente observado na idade avançada poderia ser melhorado através de treinamento. Segundo Le Poncin-Lafitte (1987), “é cabível que haja um meio de interferir para evitar certas degenerescências: modificar as condições psíquicas o mais cedo possível”³. Percebe-se que a autora aborda a necessidade de treinamento mental diário como forma de otimização cognitiva da memória.

5. METODOLOGIA

Para a execução desse projeto, foi utilizada a prática da metodologia da compreensão existencial, através de diálogos no decorrer do processo de aprendizagem, auto-avaliação, observação das atividades propostas e avaliação de desempenho nas atividades práticas.

Foram tomados como substrato teórico pressupostos da filosofia fenomenológica de Husserl, da fenomenologia existencial de Heidegger, da psicologia humanista e da psicologia da percepção (gestalt-terapia). Aplicaram-se os seguintes procedimentos metodológicos:

- Seleção de idosos acima de 50 anos que apresentavam alteração subjetiva de memória;
- Aula expositiva apresentando o projeto

³ Le Poncin-Lafitte, 1987 (apud Guerreiro, 2001, p.24).

“Memória em Movimento” e “Como o nosso cérebro absorve o conhecimento”;

- Dinâmica de grupo “Conhecendo melhor o colega” como forma de socialização e motivação de estímulo à memória;
- Utilização de texto reflexivo “Artimanhas da Memória” como ferramenta de informação e reforço sobre o assunto “Memória”;
- Aplicação da psicologia da percepção da forma por meio da gestalt-terapia, “Imagem do Bebê”;
- Avaliação através do exercício do auto-conhecimento e reflexão sobre o que foi aprendido;
- Avaliação pela observação dos idosos em ação nas diferentes atividades propostas.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram selecionadas 27 mulheres idosas, na faixa de 50 a 89 anos, com alteração subjetiva de memória. Todas pertenciam a uma instituição ecumênica, situada no Rio de Janeiro (RJ), no bairro de Vila Isabel, denominada Instituição Religiosa Perfect Liberty, no Núcleo de Integração e Expressão da Mulher, onde a aula foi ministrada.

Como resultado da observação em sala de aula, foi possível avaliar a necessidade emocional dos idosos e o contexto psicológico em

que se encontram inseridos. Durante a dinâmica de grupo “Conhecendo Melhor o Colega” foi pedido que a primeira integrante dissesse seu nome, seu hobby e fizesse um movimento. A colega do lado a imitaria – dizendo o nome, o hobby e fazendo o gesto da outra. Depois dizia seu nome, hobby e fazia um movimento. Todas fizeram o mesmo, seguindo a seqüência. Até o último integrante do grupo, que falou de todas as anteriores.

Inicialmente, houve resistência e medo de errar, de não ser capaz de lembrar o que era pedido e se frustrar com a dificuldade. Estes são sentimentos comuns em adultos idosos que passam pela insegurança decorrente da alteração da memória. Nesse momento delicado a conduta do profissional educador é muito importante. Com base na metodologia compreensiva existencialista – aplicada pela pedagogia existencialista – construiu-se um ambiente motivacional, permitindo o trabalho em equipe. Com ajuda mútua dos colegas os que tinham maiores dificuldades ganharam confiança em suas potencialidades e sentiram-se estimulados a participar de todas as atividades propostas – o que gerou bem-estar coletivo.

Em decorrência do resultado da auto-avaliação utilizou-se a técnica de autoconhecimento aplicada em um ambiente de confraternização e trocas ao final do trabalho. As idosas colocaram em pauta experiências em relação aos sentimentos percebidos diante

das suas práticas como sujeito social, cultural, emocional e existencial. O exercício do autoconhecimento supõe reflexão sobre o que o indivíduo conhece acerca dos parâmetros epistemológicos que o cercam. Permite sentir o próprio corpo, a vida afetiva – muitas ficaram extremamente emocionadas –, situar as raízes de seus questionamentos e, conseqüentemente, desenvolver-se em direção à maturidade qualitativa e multidimensional. Moraes (1997, p.167) refere-se a esse processo como uma “análise de sua própria natureza, que lhe permitirá saber quem é, qual o seu mais alto potencial, quais os talentos e as qualidades que possui...”

Os dados para essa experiência foram fundamentados nos trabalhos de Guerreiro (2001), Morin (1999), Vieira (2004), Gerdiman (2008). Para aplicação com base na pedagogia existencialista buscou-se suporte teórico em Pinto (1984), Boff (1999) e Freire (1997), entre outros.

Observou-se, também, a relação direta entre os treinamentos de estimulação da memória, a psicologia humanista e a gestalt-terapia. À medida que as idosas avançavam nos exercícios, houve aumento da percepção, concentração e atenção, o que levou, em conseqüência, ao aumento da auto-estima e da segurança em suas ações. Assim o resultado obtido mostrou que a pedagogia existencialista aplicada aos treinamentos de estimu-

lação da memória gera um esforço reflexivo contínuo, um estado de alerta com vistas a manter a consciência do estado de equilíbrio mental capaz de superar o sistema impessoal e de fazer com que se arrisquem e se comprometam com o enfrentamento de suas dúvidas, questionamentos e crenças.

7. CONCLUSÃO

Esse estudo demonstra que profissionais da educação e da saúde atuam no âmbito das relações entre sujeitos que se encontram sob sua orientação, sendo desafiados a darem respostas tanto no processo ensino-aprendizagem como nas mudanças de hábitos de vida. Tais respostas podem vir permeadas de agressividade, indiferença ou passividade. Em tais situações, o educador precisa adquirir a habilidade de pôr de lado esses elementos ligados à emoção adversa, conscientizando-se de suas resistências contra determinadas reações de seus alunos ou pacientes.

Aliando a pedagogia existencialista à neurociência permite-se aos alunos idosos refletirem sobre suas vivências, suas emoções e desenvolverem um estado de alerta e aprimoramento de suas capacidades mentais através da percepção de si mesmo, de seu estado psíquico e físico e, em relação aos sujeitos com os quais interagem.

Portanto, comprovou-se, pela análise dos dados obtidos nas atividades práticas e teóricas e pela auto-avaliação, a necessidade de treinamento em memória utilizando a interação entre essas duas ciências como forma de otimização da memória em idosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BUCKNER, Randy. *Brain areas active during visual perception of biological motion*. *Neuron*, 2002, **35**:6:1167-1175

CARVALHO, R. *Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GERDIMAN, Corinne. *Deixe seu cérebro em forma*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

GUERREIRO, Tânia; CALDAS, Célia Pereira. *Memória e demência: (re) conhecimento e cuidado*. Rio de Janeiro: UERJ, UNATI, 2001.

MORAES, M. C. *O paradigma da educação emergente*. Campinas/São Paulo: Papirus, 1997.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1999.

PINTO, L. C. *Uma tecnologia educacional para o “modo-ser” no ensino aprendizagem*. Fortaleza, Imprensa Universitária/UFC. Documentos Universitários, 1984, 15.

VIEIRA, Eliane Brandão. *Manual de gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.

Recebido em agosto de 2008
Aprovado em outubro de 2008

ENVELHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Gabriel Azevêdo Costa Lima¹

Resumo. A idéia deste artigo consiste em discutir a gênese dos conceitos modernos de categorização da vida na *velhice*, que em si já é um constructo, que apresenta diversas facetas e contextos singulares. Esses conceitos (terceira idade, idoso, melhor idade, dentre outros) apresentam-se enquanto símbolos trabalhados no cerne da *luta política* da dita *categoria* (idosos), a partir da segunda metade do século XX, que constituíram um verdadeiro arcabouço simbólico para as permutas das constituições identitárias dos indivíduos, reconhecidos como possuidores de *idades avançadas*. No desenrolar do artigo será feita uma reflexão, concomitante com a questão da construção dos conceitos, acerca da relação existente entre aposentadoria e terceira idade, no que concerne às suas interlocuções históricas. A perspectiva teórica adotada trabalha com o princípio de que é preciso desnudar o caráter sócio-histórico das categorias (identidades), que são naturalizadas e *corporificadas* pelos sujeitos, mediante um processo que estabelece padrões normativos hierarquizados. Nesta configuração da sociedade, que define os sujeitos ideais (normais) em detrimento dos sujeitos perigosos (anormais), a sociedade moderna foi organizada, pautada nos discursos refletores dos valores burgueses e cristãos. Tomando estas prerrogativas como referência da discussão, a noção de *idoso*

¹ Mestre em Sociologia, Especialista em Psicologia Social. Professor de Filosofia e Sociologia

representa a forma como a sociedade contemporânea busca redefinir e instituir o que é ser hoje um *velho aceitável*, ideal.

Palavras-chave: sociedade, aposentadoria, idoso, terceira idade.

Abstract. The idea for this article consists in discussing the genesis of modern concept of categorization of life in old age, concept that introduce single contexts. These concepts (elderly, elder, better age, and others) introduce symbols worked in the center of political fight of the named elder category from the half second of XX century, that have built a true symbolic universe to genesis of identities of the people, recognized as old ages owners. In the development of this article a reflexion will be made about the connections between retirement and elderly, in their historicals interlocutions. This theoretic perspective works in the principle that is necessary to understand the social-historical character of categories (identities), which are naturalized and corporified by the subjects in a process that establishes prescriptive standards. In this configuration of society that determine the subjects ideal (normal) in detriment of dangerous subjects (abnormal), the modern society was organized with base in the discuss that reflects the capitalists and christians principles. The notion of elder represents the way how the contemporary society wants to redefine what is to be an acceptable, ideal old person.

Key Words: society, retirement, elderly, elder.

Desde Ariés (1981), cujos estudos sobre a historicidade da *construção social da infância*, nos anos 60, se tornaram referências

para situar as discussões das ciências humanas acerca da organização e construção das *fases etárias* no âmbito da vida social, tornou-se premente a necessidade destes estudos para se compreender importantes nuances das estruturas de funcionamento e da reprodução socio-cultural das sociedades. Desde então, vem sendo reiterada a importância de pesquisas que busquem investigar as relações existentes entre a sociedade e as *fases da vida*, considerando que estas *fases* são dotadas de papéis sociais e capitais simbólicos específicos, conforme os contextos socio-culturais vão circunscrevendo².

Ao longo das décadas, as discussões sobre as *fases da vida* foram se sofisticando, por conta do fomento que foram tendo nos meios de investigação acadêmica e das contribuições interdisciplinares, uma vez que os problemas levantados mobilizam os saberes das mais diversas áreas (medicina, psicologia, sociologia, antropologia, demografia, políticas públicas, geriatria, gerontologia, etc).

Ariés (1981) aponta para o século XVIII como o período em que surge o modelo da *fa-*

2 "A infância e a velhice são universos que a sociedade moderna e seus esquemas de poder intentam colocar sob controle e adequação de seus próprios interesses, mas que escapam com freqüência a essa opressão ou, permanentemente ameaçam escapar, pois que não estão inteiramente subsumidos aos ditames da ordem social objetiva, como de resto, nem os adultos estão, embora não o percebam claramente." (GUSMÃO, 2003, p.25)

mília moderna, uma família configurada como o *espaço da intimidade*, distinta do espaço público, pois é o ambiente do afeto, onde a criança tem as atenções ao seu dispor, a mulher adulta tem a função de garantir um ambiente propício a essa intimidade, e ao homem adulto é reiterada a obrigação de ser o provedor das necessidades materiais. Deste modo, há uma clara ordenação das *temporalidades* etárias dos indivíduos, um processo de socialização neste contexto de demandas históricas específicas (Revolução Industrial), que instituiu hierarquizações e papéis distintos para as *fases da vida*. As demarcações estabelecidas passam a fazer parte da *experiência dóxica*³, enraizando-se culturalmente, como por exemplo: a definição da *infância* como fase da escolarização, da *vida adulta* como a época de se produzir no trabalho e para se constituir a família, e da *velhice* como momento de reclusão social gradativa (aposentadoria) para *ceder espaço* às gerações mais novas.

Faz-se pertinente aqui mencionar os estudos de Foucault (1998) acerca das formas de controle aperfeiçoadas no século XIX, através

3 A experiência dóxica, na definição de Bourdieu, é a constituição da naturalização da percepção do mundo social, o que o torna legítimo de uma forma instituída e corporificada (*habitus*), abolindo qualquer possibilidade de reflexão crítica, lutas cognitivas, do que é apresentado por sua conformação. (BOURDIEU, 1999)

dos saberes das ciências, que objetivavam reproduzir um eficiente *funcionamento* social, condizente com a lógica industrial, uma *lógica positiva* (produtiva). A constituição ou aperfeiçoamento de instituições reguladoras e reprodutoras da conduta social, nesta perspectiva, é a grande marca da modernidade. As instituições em questão (escolas, governos, igrejas, asilos, hospitais, pedagogia, psiquiatria, etc) são lócus sociais que também adquirem a característica de trabalharem os seus campos de atuação como *laboratórios de poder*, espaços cuja ação visa observar, medir, categorizar, etc, para aprimorar a racionalização de sua gestão, tendo a finalidade de tornar mais eficiente a sua potencialidade de exercer controle na esfera de poder a que se destina. Falando-se em *velhos*, pois ainda tratamos do século XIX, período em que o conceito de *idoso* ainda está fora de cena, as instituições a eles destinadas neste período (asilos e instituições psiquiátricas) refletem a concepção reinante no período acerca da velhice, fase de ostracismo planejado para não perturbar a ordem vigente.

A forma de organização social constituída na *sociedade disciplinar, século XIX* (FOUCAULT, 1998), se apóia na classificação dos indivíduos, definindo perfis de normalidade impostos, criando categorias opostas cuja polaridade é indispensável ao *sistema de institucionalização das regras normativas: o doen-*

te e o saudável, o feio e o bonito, o civilizado e o selvagem, a mulher decente e a prostituta, o jovem e o velho, etc. Os possuidores dos *corpos abjetos, queers*, em contraste com os *corpos que importam* (BUTLER, 2002) – jovens, do sexo masculino, brancos, heterossexuais, burgueses, cristãos, dentre outros ideais de padrão - devem ser mantidos *sob controle*, para que se mantenha conservado, ao máximo, o padrão de funcionalidade e organização social idealizado pela demanda da sociedade moderna. Os devidos *diagnósticos científicos e estéticos*, utilizados para classificá-los, marcam os contornos da aceitação social dos indivíduos, assim como determina os *estigmas* (GOFFMAN, 1988) que dificultam essa aceitação, *ferramentas* da construção da identidade dos sujeitos⁴.

Ainda no século XIX, com a consolidação do processo histórico da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, as mudanças acarretadas por este contexto marcam profundamente a relação da sociedade com o velho. Poderíamos elencar estas transformações em fundamentalmente: o êxodo rural, o aparecimento do operariado, o desenvolvimento da

4 "En este sentido, pues, el sujeto se constituye a través de la fuerza de la exclusión y la abyección, una fuerza que produce un exterior constitutivo del sujeto como su propio repudio fundacional." (BUTLER, p.20, 2002)

ciência, o crescimento demográfico e a ampliação da perspectiva de vida⁵.

Tais fenômenos fizeram com que a *produtividade*, atrelada à *acumulação de capital*, passasse a ser reconhecida como valor primordial para o sustento e crescimento qualitativo da civilização ocidental. Neste contexto, a população de velhos cresce consideravelmente, em detrimento de sua importância. A ideologia liberal deste período prega a igualdade de chances, não estabelecendo nenhum compromisso dos poderes públicos para com os menos abastados, para assegurar essa condição de igualdade na luta pela sobrevivência e no reconhecimento social, numa perspectiva ampla (HOBSBAWM, 1981). Diante disso, a situação do velho torna-se ainda mais grave, já que ele neste momento não acompanha as exigências preestabelecidas pelo sistema capitalista, a fim de assegurar a sua meta de desenvolvimento. Leis e estatutos, criados a partir desta época, legitimaram e institucionalizaram o *aumento*

5 "A expectativa média de vida aumentou muito ao longo do século XIX. Em 1801, era de trinta anos. Em 1850 é de 38 anos para os homens e de 41 para as mulheres; em 1913, de 48 anos para os homens e de 52 para as mulheres. Mas os ricos têm uma probabilidade bem maior de viver mais que os pobres. Na França de 1870 a 1914, "para os homens de quarenta anos, a morte atingia noventa patrões, 130 empregados e 160 operários entre 10 mil franceses de cada categoria". Em Bordeaux, em 1823, a idade média no momento da morte é de 49 anos entre os burgueses, para 33 entre o povo." (PERROT, 2003, p.255)

da produção como objeto social mais importante, decretando, desta forma, a *morte social* do velho, por considerá-lo improdutivo, do ponto de vista mais imediato, em relação às exigências sociais instituídas⁶.

Na sociedade europeia do século XIX as políticas de aposentadoria ainda eram muito restritas, não havendo políticas públicas que atingissem a vasta variedade de categorias profissionais existentes. Em geral, era um privilégio de poucos setores mais organizados, com poderes tanto políticos quanto econômicos. Os profissionais liberais, por exemplo, se organizavam por conta própria, sem o aparato do Estado, para garantir os seus proventos para o momento em que se *retirassem* do exercício sistemático em seu campo profissional. Entre os poucos que usufruíam o direito de receber a pensão, assegurado por uma legislação, destacavam-se

6 "A análise feita há cem anos por Tocqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. Sob o monopólio privado da cultura a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós." Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído da atividade industrial (grifo nosso), ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes." (ADORNO; HORKHEIMER, 1985: 125)

os funcionários públicos. Quanto aos operários, raríssimos eram os casos em que gozavam da aposentadoria, à exceção daqueles ligados aos serviços promovidos pelo Estado, companhias ferroviárias, indústrias de grande porte, etc. Os camponeses, em geral, ficavam na velhice a mercê da boa vontade de seus familiares.

A partir da *lei de 1910*, na França, passa-se a discutir o problema das *aposentadorias rurais e operárias*. Embora tenha sido (a lei) um tanto evasiva e muito questionada, tornou-se um marco, por trazer à tona tais discussões. Essas discussões são produtos de uma realidade nova, já que a solidariedade entre gerações tende a diluir-se no mundo industrial. As casas operárias minúsculas, os salários insuficientes, a inexistência das pensões em muitos casos, contribuíam para que as famílias passassem, cada vez mais, a recorrer ao confinamento dos seus velhos em asilos públicos (no contexto europeu). Esses exemplos dão mostras da tensão criada entre a sociedade civil e os poderes públicos, no que toca ao destino a se dar na gerência pública e privada, ambas imbricadas na vida das pessoas na velhice⁷ (PERROT, 2003).

7 "O fato de que a velhice se transforme num "risco" que deve ser coberto por um seguro, como a doença e os acidentes, mostra a distorção das solidariedades familiares e, ao mesmo tempo, uma alteração nas percepções do tempo de vida. Essa consciência da

A partir do período do pós-guerra, século XX, o conhecimento das características etárias das populações, em destaque na Europa e nos Estados Unidos, tornam-se objetos de pesquisa por parte das instituições públicas, com o intuito de subsidiar o planejamento das políticas de gestão das populações e do espaço público e privado. Por conseguinte, essa época marca a gênese das políticas mais *abrangentes* da aposentadoria, assim como, entrona o *envelhecimento* como problema de caráter político, tirando-o do confinamento social, em termos de discussão pública (DEBERT, 2004).

A consolidação das políticas de seguridade social na velhice estabelece a possibilidade do velho experimentar novos modelos sociais, levando-se em conta a maior independência material adquirida que, conseqüentemente, confere-lhe maior mobilidade para transitar nos espaços sociais. Nos anos 60 essa conjuntura torna o campo político e social propício ao aparecimento do movimento da Terceira Idade. O movimento surge inicialmente na França, num período em que emergem novos parâmetros para se determinar os padrões ideais para os estilos de vida na velhice, florescem as *universidades da Tercei-*

velhice, que, segundo a avó de George Sand, foi criada pela Revolução, corresponde a uma mutação de grande porte, a ser estudada." (PERROT, 2003, p.172)

ra Idade. A pretensão inicial do movimento é apontar o caminho mais viável e digno para o velho trilhar no momento do seu *afastamento da vida produtiva*.

Em reforço às novas concepções e posturas frente ao fenômeno da velhice, a escrita norte-americana sobre o tema nos anos 70, sobretudo a dos gerontólogos, irá abarcar o postulado da *velhice bem sucedida*. Esse novo conceito confronta o arraigado paradigma que alia a velhice com a idéia de senescência e decrepitude. O ideal envelhecimento, neste caso, está associado à busca da preservação da autonomia física e mental, ao saudável envolvimento social (sair da clausura) e ao bem-estar subjetivo (equilíbrio emocional) (SILVA, 1999).

A Terceira Idade constitui-se como uma importante nomenclatura moderna para a conceituação oficial da velhice, sendo os *idosos* (seus membros), cidadãos a partir de sessenta anos de idade, aqueles que estão nessa fase da vida. A definição dos sessenta anos como referência da entrada na velhice pelo indivíduo, sua condição de *idoso*, foi instituída pela ONU em 1985⁸. A palavra *Terceira*

⁸ Os estudos dos especialistas engajados na questão, mediante seus estudos sobre população e políticas sociais, adotaram a referência da idade de 60 anos como referência para a velhice, considerando: uma idade estimada em que os indivíduos passam a sofrer de modo contundente as transformações biológicas e o desengajamento do mundo do trabalho nas sociedades ocidentais. Ver Mascaro (1996).

Idade, tende a se referir ao segmento social que abarca os *jovens velhos*, ainda dinâmicos e ativos, do ponto de vista social vigente, que são aqueles que se envolvem com esportes, bailes, movimentos sociais, etc (CARDOSO, 2003). Para Debert (2004) a terceira idade é uma construção social que institucionalizou e categorizou a velhice, construiu a idéia de um *novo velho*, o *idoso*, amparada em constructos conceituais da gerontologia da segunda metade do século XX, que gradualmente foi cedendo espaço para discussões interdisciplinares. Basicamente, a Terceira Idade passa a demarcar um conjunto de posturas e objetivos legítimos para a velhice, dentre eles, a busca pelas atividades que retardem os efeitos (biológicos) do envelhecimento e pelo incentivo da participação cidadã do idoso em seu meio social.

A construção dos discursos da terceira idade, discursos que categorizam *um velho* e *uma velhice ideal* a ser buscada por todos, tem tido uma repercussão crescente nas últimas décadas, tanto nos países desenvolvidos como nos países emergentes, o caso do Brasil, cuja população de *idosos* vem aumentando. Muito dos aspectos convencionados nestes discursos, fazem referência às virtudes da juventude como a perspectiva ideal para se construir o estilo de vida dos velhos. A apropriação desses discursos pelo mercado, ávido em capturar os *vovôs* detentores de poder

aquisitivo, com seus pacotes de excursões, cosméticos, planos de saúde e etc, reforçam e desvirtuam os saberes em construção sobre o envelhecimento. Essa dinâmica modela, em certo ponto, um *mundo fictício* para a velhice, que exclui uma considerável população de velhos, que não têm como atingir, ou mesmo manter, o estilo de vida *idealizado e cobrado*. Tal processo, além de tudo, ignora e repreende, em certo ponto, as escolhas dos sujeitos, como as de não se sujeitarem às intervenções que ditam as formas de se viver e de se sentir a velhice.

A tentativa de se buscar *jovializar* o velho a partir de sua *mudança* para a condição de *idoso* incide em dificuldades consideráveis. É pertinente refletir que as dificuldades existentes nas relações dos idosos com a sociedade têm como uma de suas causas cruciais a recusa de identificação dos indivíduos de outras faixas etárias com os indivíduos dito *velhos*, e também dos próprios indivíduos *velhos* em aceitarem seus próprios *processos de envelhecimento*. Há de se considerar que a realidade de *fragilização* do indivíduo nos processos de envelhecimento e morte soa para a nossa cultura como algo tenebroso, que deve ser, dentro de certos limites, maquiada ou banida do cenário social público, para não perturbar a *estética padrão* concebida pela indústria cultural que divulga o

ideal do hedonismo e da assepsia⁹.

Essa fuga da nossa *realidade biológica*, da perda de vitalidade do corpo e da morte, e as conseqüentes limitações sociais que a estende, está presente no nosso cotidiano nas mínimas coisas, pois temos que parecer sempre robustos, dispostos e alegres, não há lugar para se baixar a guarda e demonstrar as nossas frustrações e desânimos refletidos no corpo. O ideal a se perseguir deve ser as virtudes da juventude, como se não houvesse outras possibilidades de reconhecimento social. Assim, mediante esta reflexão, pode-se arriscar dizer que a *proposta política* da Terceira Idade para o *indivíduo de idade avançada*, o *idoso*, é a antítese, a desconstrução dos símbolos que a *velhice* acumulou ao longo dos tempos. A proposta da Terceira Idade, pelo menos em sua forma mais genérica de divulgação, aponta para o objetivo implícito de *afastar o velho da velhice*. Em suma, *fazê-lo idoso*.

Neste contexto, a designação *idoso* apresenta contornos de significações políticas trabalhadas pelos discursos da terceira ida-

9 "A maneira como as pessoas dão conta, quando envelhecem, de sua maior dependência dos outros, da diminuição de sua força potencial, difere amplamente de uma para outra. Depende de todo o curso de suas vidas e, portanto, da estrutura de sua personalidade. Mas também será útil lembrar que algumas das coisas que os velhos fazem, em particular as coisas estranhas, estão relacionadas a seu medo de perder a força e a independência, e especialmente de perder o controle de si mesmo." (ELIAS, 2001, p.82)

de, idealizadora de um *velho ideal*. O seu uso acadêmico deve estar sempre atento para sua plasticidade, conforme os diversos contextos e a historicidade do campo a que se insere¹⁰.

Debert (2004) chama a atenção para as deturpações, ou mesmo superficialidade, da forma como o discurso gerontológico é apropriado e difundido pela mídia contemporânea. Nas veiculações de massa dos *prognósticos* do envelhecimento, por exemplo, se reitera a todo instante a idéia chave de que um saudável e profícuo envelhecimento deve-se, em principal, à responsabilidade e postura individual do idoso. Tratando-se de uma nação como o Brasil, cujas estruturas jurídicas, políticas e sociais ainda estão *engatinhando*, no que toca aos idosos essa forma de discurso é no mínimo desarticuladora. Trabalha-se, deste modo, uma perspectiva que mascara para a sociedade a complexidade da questão, já que dentre uma gama de fatores, está a relevância da responsabilidade de or-

10 "Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos." (CAMARANO; PASINATO; 2004, p.5)

dem pública (civil e governamental)¹¹.

A Europa Ocidental e os Estados Unidos vivem a partir da década de 80, sendo agravada nos anos 90, a crise do Welfare State, adoção de políticas econômicas no pós-guerra que se voltam para o *bem estar social*, incluindo-se aí as políticas de aposentadoria. O Brasil, no período da crise do Welfare State, teve a peculiaridade, em seu contexto de país subdesenvolvido da América Latina, de estar passando pelo processo de *redemocratização*, reformulação de suas leis e instituições, após duas décadas do poder político da nação ter ficado nas mãos dos militares. Há neste período, em meio ao contexto político e econômico, um reforço da vinculação da imagem do idoso enquanto *peso social*, que drena os recursos públicos, em detrimento de outros grupos sociais também vulneráveis, principalmente nos países onde atuou o Welfare State (EUA e Europa Ocidental). Delineia-se o debate da *equi-*

11 Lopes, em seus estudos sobre tratamento de saúde e uso de medicamentos na velhice tece nas considerações finais de sua pesquisa um comentário que culmina neste ponto: "Com este estudo confirma-se que não é apenas o Ministério da Saúde que deveria se ocupar do direito às condições de saúde. Não há dúvida de que afetam diretamente a saúde e nutrição inadequada e insuficiente, a moradia inadequada e anti-higiênica, o trabalho em ambiente insalubre, a deficiência de tratamento sanitário para água e esgoto, o valor irrisório da aposentadoria para os ditos inativos e a escassez de lazer. É o poder público como um todo que deve assumir a adoção de políticas que propiciem as condições econômicas e sociais para a saúde da população envelhescente." (LOPES, 2000, p. 175)

dade geracional, cujos esforços voltavam-se de modo veemente ao intuito de desarticular os argumentos básicos que legitimizam as políticas sociais em prol da velhice. Esse ataque, feito por este discurso, foi bastante enfático nos Estados Unidos, uma vez que rechaçava os modelos de seguridade social em prol de uma maior dinamização destas políticas para toda a sociedade civil (SIMÕES, 2004).

Em razão do prejuízo histórico do Brasil, devido a negligência e repressão dos militares para com os direitos civis, ao longo dos anos sessenta e setenta, os aposentados nos anos 80 tomam visibilidade a partir de movimentos reivindicatórios em prol de uma profunda reformulação da previdência nacional. Neste período a justiça brasileira fica abarrotada com os processos das categorias de aposentados, que se aproveitam da abertura política para cobrar os reajustes, as reposições e os pagamentos de benefícios. A mídia brasileira cobre a efervescência das contestações dos aposentados, contribuindo juntamente com as lideranças do movimento na elaboração de uma auto-imagem dos idosos brasileiros como *provedores*, pais de família ainda cheios de energia, verdadeiros *agentes políticos*. Esse novo perfil veiculado dos idosos abalava a idéia de que seriam estorvos, *pesos sociais*, onerosos aos cofres públicos; afinal, representavam o eixo econômico de mui-

tas famílias brasileiras¹².

Observamos aqui uma inversão na realidade social, se compararmos com a realidade do século XIX, já comentada, em que a velhice é claramente uma realidade dispendiosa para as famílias não burguesas arcarem. Com a *universalização* da aposentadoria, outra realidade se configura: a *velhice* transforma-se em *meio de sustento*. Tal afirmação não pode ser radicalizada, uma vez que os proventos, na maioria dos casos, não cobrem as necessidades demandadas por um indivíduo idoso (cuidados especializados com a saúde, alimentação, etc). Porém num país como o Brasil, cuja realidade da má distribuição de renda e do fantasma do desemprego ainda são presentes, a aposentadoria de pelo menos um dos integrantes da família pode tornar-se uma espécie de *salvação*.

Em meio a essa agitação política, com o idoso reconstituindo a sua imagem enquanto *agente político*, a Terceira Idade vai despontar no país a partir da década de 80, embora desde os anos 60 o SESC (Serviço Social do Comércio) e a LBA (Legião Brasileira de Assistência) já

12 "Em linhas gerais, tratava-se de mostrar que esses aposentados ainda eram arrimos de família: que sua experiência de aposentadoria não os livraria da necessidade de assegurar o sustento de suas famílias. Ao contrário, muitas vezes, aumentava-lhes a responsabilidade, pois tinham de fazer frente às despesas pessoais crescentes, ligadas principalmente ao cuidado com a saúde, e às despesas do lar, o que incluía com freqüência ser solidário com os apuros das gerações mais jovens." (SIMÕES; 2004, p. 33-34)

tivesse lançado programas exclusivos aos idosos, promovendo atividades de lazer (DEBERT, 2004). Só a partir da década de 80 que tanto os programas da Terceira Idade se multiplicaram, como também, passaram a ter uma postura mais engajada politicamente, que poderíamos assim dizer, mais comprometida com uma *causa*, passando a se organizarem, em certos termos, como parte de um *movimento social*, embora sejam reflexos de políticas públicas em muitos casos. Esses espaços tornam-se os catalizadores, instrumentos político-educacionais, para se colocar em prática os saberes dos especialistas da velhice, sobretudo geriatras e gerontólogos, além de divulgar as novas *técnicas de como envelhecer*, ou *como não envelhecer*, para toda a sociedade.

Simões (2004), em seu artigo, menciona a resistência de muitos ativistas aposentados, no início dos anos 80, que encaravam com ressalvas os idosos participantes dos programas de Terceira Idade. Defendiam a idéia de que essas ações fossem elas governamentais ou privadas, tinham um caráter eminentemente assistencialista, que maculava a imagem do idoso como cidadão ativo e transformador da realidade social. Temiam o reforço de uma visão infantilizadora da velhice, já que a ênfase dos programas era o lazer, atividades para ocupar o tempo dito *ocioso* dos idosos, o que desfigurava, assim acreditavam, o perfil de agente político do *indivíduo aposentado*.

O discurso gerontológico atual tende a dissociar a Terceira Idade da *aposentadoria*, por esta última estar fortemente ligada, em termos de representação, à idéia de *envelhecimento*. Em outras palavras, arriscaria a dizer que é feita também, em termos conceituais difundidos pela militância da Terceira Idade, uma separação da Terceira Idade do *mundo produtivo*, no qual a *aposentadoria* está diretamente associada. É separada do *mundo* onde é feita uma distinção entre o produtivo e o improdutivo. A Terceira Idade busca assumir o estatuto de um mundo ativo, onde se conjuga prazer e ação, lazer e cidadania. Uma nova dinamização da vida, dentro de um *campo social* onde a medida não é em absoluto a *produção*, nos termos do capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade ocidental ao longo dos dois últimos séculos (séc. XIX e XX) passou por transformações profundas que acarretaram na consolidação de um sistema social pautado na *produção*, tendo padrões normativos de classificação dos indivíduos e de conduta instituídos como instrumentos de *coesão* para o funcionamento de seus mecanismos de reprodução social.

A questão do envelhecimento e seu trato pela sociedade, ao longo deste período, tam-

bém passaram por mutações consideráveis, tendo formas interessantes de reagir a essa nova sociedade. O velho que no século XIX é condenado ao ostracismo social e estereotipado como improdutivo, passou a conquistar por meio das políticas de seguridade social, em conjunto com a invenção social da Terceira Idade no século XX, novos capitais sociais que estão até os dias atuais recriando e redefinindo a sua posição e a sua permeabilidade política nos espaços sociais.

O velho, em meio a esses fenômenos socio-históricos, transformou-se em idoso, um tipo de categorização dos indivíduos *de mais idade* mais adequada para o sistema social e cultural vigente, que persegue os valores da juventude, ainda que de forma adaptada.

A Terceira Idade instaura um ideal de vida que tem como eixo o exercício da cidadania e a busca pelo bem-estar pessoal, que passam a ser encarados como valores em si para o grupo etário dos idosos, assim como o valor para os mais jovens é a capacidade produtiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª edição. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1981.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos Del "sexo"*. Buenos Aires:Piados, 2002.

CARDOSO, Doris de Moraes. *O significado e a percepção de ser idoso*. 2003. 77 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos sessenta*. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p.1-22.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2004.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de "Envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). *Infância e Velhice: pesquisa de idéias*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789:1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LOPES, Ruth Galehrter da Costa. *Saúde na velhice: as interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento*. São Paulo: EDUC, 2000.

MASCARO, Sonia de Amorim. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (coleção Primeiros Passos).

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (orgs.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.121-186.

SILVA, Flávia Pereira da. *Crenças em relação à velhice: bem-estar subjetivo e motivos para freqüentar a Universidade da Terceira Idade*. 1999. 77f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GABRIEL AZEVEDO COSTA LIMA

SIMÕES, Júlio Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.25-56.

Recebido em agosto de 2008
Aprovado em outubro de 2008

UESC - REVISTA MEMORIALIDADES
NÚCLEO DE ESTUDOS DO
ENVELHECIMENTO

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

ORIENTAÇÕES PARA OS AUTORES

A Revista MEMORIALIDADES aceita colaborações de trabalhos originais relacionados com a temática do envelhecimento, como resultados de pesquisas e relatos de experiências educativas de interesse do público idoso e de estudiosos na temática, além de ensaios e resenhas de publicações divulgadas no último ano, no Brasil e fora dele. As colaborações devem representar trabalhos originais e de preferência inéditas, aceitando-se traduções de artigos publicados no último ano, fora do Brasil.

O material enviado será apreciado pelo Conselho Editorial, que poderá fazer uso de Consultores *Ad hoc*. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos seus escritos. Aqueles que não forem aceitos não serão devolvidos. O autor receberá três exemplares da Revista em que for publicado o seu trabalho.

Os escritos deverão ser encaminhados em três vias impressas, duas delas sem identificação, incluindo resumos e palavras-cha

ve. Devem estar digitados em espaço 1,5 letra Arial, fonte 12, com máximo de vinte e cinco laudas. O artigo também deverá ser encaminhado em CD devidamente identificado com título do artigo, nome do autor, endereço completo, inclusive número de telefone e endereço eletrônico para contatos.

Os resumos (com até 250 palavras) devem ser escritos sem parágrafos e em espaço simples entre linhas, com mínimo de três e máximo de cinco palavras-chave, ambos traduzidos para o inglês. Gráficos, tabelas, deverão ser limitados ao espaço da Revista, como anexos, devidamente numerados e titulados, com indicação de fonte e data. A nitidez é indispensável.

Os escritos devem ser encaminhados para:

UESC - NÚCLEO DE ESTUDOS DO ENVELHECIMENTO
REVISTA MEMORIALIDADES
Km 16 RODOVIA ILHEUS-ITABUNA- 1º andar/Torre Administrativa
45 662-000 ILHEUS, BAHIA
Fone: 0xx73 3680 5257 - e-mail: nuenv@yahoo.com.br



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Luiz Henrique Farias

DESIGNER GRÁFICO: Cristovaldo C. da Silva

IMPRESSÃO: Davi Macêdo e André Andrade

FOTOMECÂNICA: Antônio Vitor

ACABAMENTO: Nivaldo Lisboa

IMPRESSO NA GRÁFICA DA **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ** - ILHÉUS-BA